A HISTÓRIA DE ISRAEL
NO ANTIGO TESTAMENTO

ÍNDICE

• Introdução 5
• Capítulo 1: O período dos princípios 9
• Capítulo 2: A Idade Patriarcal 14
  Esquema 1: Civilizações dos tempos patriarcais * 14
  Mapa 1: O mundo antigo 15
• Capítulo 3: A emancipação de Israel 28
  Esquema 2: O calendário Anual 34
  Mapa 2: A rota do Êxodo 35
• Capítulo 4: A religião de Israel 36
• Capítulo 5: Preparação para a nacionalidade 47
  Esquema 3: Estabelecimento de Israel em Canaã 54
• Capítulo 6: A ocupação de Canaã 56
  Mapa 3: A conquista de Canaã 61
  Mapa 4: As divisões tribais 66
• Capítulo 7: Tempos de transição 73
• Capítulo 8: União de Israel sob Davi e Salomão 80
  Mapa 5: Palestina em tempos de 2 Samuel e 1 Crônicas 81
  Esquema 4: Monarquia na Palestina 97
• Capítulo 9: O reino dividido 98
• Capítulo 10: A secessão setentrional 106
  Mapa 6: O Reino Dividido 107
• Capítulo 11: Os realistas do sul 114
• Capítulo 12: Revolução, recuperação e ruína 119
• Capítulo 13: Judá sobrevive ao imperialismo assírio 124
  Mapa 7: O Império Assírio (cerca de 700 a.C.) 131
  Mapa 8: O reino de Josias (cerca de 625 a.C.) 134
• Capítulo 14: O desvanecimento das esperanças dos reis davídicos 135
• Capítulo 15: Os judeus entre as nações 141
  Esquema 5: Tempos do Exílio 141
  Mapa 9: Império Persa 147
  Mapa 10: Palestina depois do Exílio – cerca de 450 ac 156
• Capítulo 16: A boa mão de Deus 157
• Capítulo 17: Interpretação da vida 171
• Capítulo 18: Isaias e sua mensagem 183
  Esquema 6: Tempos de Isaias 183
• Capítulo 19: Jeremias, um homem de fortaleza 197
  Esquema 7: Tempos de Jeremias 197
• Capítulo 20: Ezequiel, a atalaia de Israel 211
  Esquema 8: Tempos de Ezequiel 211
• Capítulo 21: Daniel, homem de estado y profeta 223
• Capítulo 22: Em tempos de prosperidade 230
• Capítulo 23: As nações estrangeiras nas profecias 239
• Capítulo 24: Depois do exílio 243

• INTRODUÇÃO

O Antigo Testamento

O interesse no Antigo Testamento é universal. Milhões de pessoas voltam a suas páginas para rastejar os princípios do judaísmo, o cristianismo, ou o Islã. Outras pessoas, sem número, o fizeram procurando sua excelência literária. Os eruditos estudam diligentemente o Antigo Testamento para a contribuição arqueológica, histórica, geográfica e lingüística que possui, conducente a uma melhor compreensão das culturas do Próximo Oriente e que precedem à Era Cristã.

Na literatura mundial, o lugar que ocupa o Antigo Testamento é único. Nenhum livro — antigo ou moderno— teve tal atração a escala mundial, nem foi transmitido com tão cuidadosa exatidão, nem foi tão extensamente distribuído. Aclamado por homens de estado e seus súbditos, por homens de letras e pessoas de escassa ou nula cultura, por ricos e pobres, o Antigo Testamento nos chega como um livro vivente. De forma penetrante, fala a todas as gerações.

Origem e conteúdo

Desde um ponto de vista literário, os trinta e nove livros que compõem o Antigo Testamento, tal e como é utilizado pelos Pastores, pode dividir-se em três grupos. Os primeiros dezessete —Gênesis até Ester— dão conta do desenvolvimento histórico de Israel até a última parte do século V a.C. Outras nações entram na cena somente quando têm relação com a história de Israel. A narração histórica se interrompe muito antes dos tempos do Cristo, pelo que há um intervalo de separação de quatro séculos entre o Antigo e o Novo Testamento. A literatura apócrifa, aceita pela Igreja Católica, se desenvolveu durante este período, porém nunca foi reconhecida pelos judeus como parte de seus livros aceitados ou"cânon".

Cinco livros —Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e o Cântico dos Cânticos—, se classificam como literatura de sabedoria e poesia. Sendo de natureza bastante geral, não serão relacionados intimamente com algum incidente particular da história de Israel. Como muito, somente uns poucos salmos podem ser associados com acontecimentos relatados nos livros históricos.

Os dezessete livros restantes registram as mensagens dos poetas, que apareceram em Israel de tempo em tempo para declarar a Palavra de Deus. o fundo geral e freqüentemente os detalhes específicos dados nos livros históricos, servem como chave para a adequada interpretação de tais mensagens proféticas. Reciprocamente, as declarações dos profetas contribuem em grande medida com a compreensão da história de Israel.

A disposição dos livros do Antigo Testamento tem sido uma questão de desenvolvimento histórico. Na Bíblia hebraica moderna os cinco livros da Lei estão seguidos por oito livros chamados "Profetas": Josué, Juízes, 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis, Isaias, Jeremias, Ezequiel e os Doze (os profetas menores). Os últimos onze livros estão designados como "Escritos" ou hagiógrafos: Salmos, Jó, Provérbios, Rute, Cântico dos Cânticos, Lamentações, Ester, Daniel, Esdras-Neemias e 1 e 2 Crônicas. A ordem dos livros tem variado durante vários séculos após ter sido completado o Antigo Testamento. O uso do códice, em forma de livros, introduzido durante o século segundo da Era Cristã, necessitava uma ordem definida de colocação. Em tanto foram conservados em rolos individuais, a ordem dos livros não foi de importância fundamental; porém, segundo o códice foi substituindo o rolo, a colocação normal, tal e como se reflete em nossas Bíblias hebraicas e de línguas modernas, chegou gradativamente a fazer-se de uso comum.

De acordo com a evidência interna, o Antigo Testamento foi escrito durante um período de aproximadamente mil anos (de 1400 a 400 a.C.) por, pelo menos, trinta autores diferentes. A paternidade literária de certo número de livros é desconhecida. A língua original da maior parte do Antigo Testamento foi o hebraico, uma rama da grande família das línguas semíticas, incluindo o fenício, o assírio, o babilônico, o árabe e outras línguas. Até o tempo do exílio, o

hebraico se converteu na língua franca do Fértil Crescente, pelo que partes de Esdras (4.8 -6.18; 7.12-26), Jeremias (10.11) e Daniel (2.4 – 7.28) foram escritas nesta língua.

Transmissão do texto hebraico

O pergaminho ou vitela, que se prepara com peles de animais, era o material mais freqüente empregado nos escritos do Antigo Testamento hebraico. A causa de sua durabilidade, os judeus continuaram seu uso através dos tempos de gregos e romanos, embora o papiro resultava mais plena e comercialmente aceitável em quanto à classe de material de escritura. um rolo de pele de tamanho corrente média uns dez metros de comprimento por vinte e oito centímetros de largo, aproximadamente. Peculiar aos textos antigos, é o fato de que no original somente se escreviam as consoantes, aparecendo numa linha contínua com muito pouca separação entre as palavras. Com o começo da Era Cristã, os escribas judeus ficaram extremamente cônscios da necessidade da exatidão na transmissão do texto hebraico. Os eruditos dedicados particularmente a esta tarefa nos séculos subseqüentes se conheciam como os massoretas. Os massoretas copiavam o texto com grande cuidado, e com o tempo, inclusive numeravam os versículos, palavras e letras de cada livro [1]. Sua maior contribuição foi a inserção de signos vogais no texto como uma ajuda para a leitura.

Até 1448, em que apareceu em Soscino, Itália, a primeira Bíblia hebraica impressa, todas as Bíblias eram manuscritas. Apesar de terem aparecido exemplares privados em vitela e em forma de livro, os textos da sinagoga eram limitados usualmente a rolos de pele e copiados com um extremo cuidado.

Até o descobrimento dos Rolos do Mar Morto, os mais antigos manuscritos existentes datavam de aproximadamente o 900 a.C. Nos rolos da comunidade de Qunrã, que foi dispersada pouco antes da destruição de Jerusalém em 70 d.C., todos os livros do Antigo Testamento estão representados, exceto o de Ester. Evidências mostradas por estes recentes descobrimentos têm confirmado o ponto de vista de que os textos hebraicos preservados pelos massoretas foram transmitidos sem mudanças de consideração desde o século I a.C.

As versões [2]

A Septuaginta (LXX), uma tradução grega do Antigo Testamento, começou a circular no Egito nos dias de Ptolomeu Filadélfio (285-246 a.C.). existia uma grande demanda entre os judeus de fala grega de exemplares do Antigo Testamento, acessíveis para uso privado e na sinagoga, na língua franca da área mediterrânea oriental. Muito provavelmente uma cópia oficial foi colocada na famosa biblioteca de Alexandria.

Esta versão não foi usada somente pelos judeus de fala grega, senão que também foi adotada pela igreja cristã. Muito provavelmente, Paulo e outros apóstolos usaram um Antigo Testamento grego ao apoiar sua afirmação de que Jesus era o Messias (Atos 17.2-4).

Contemporaneamente, o Novo Testamento foi escrito em grego e veio fazer parte das Escrituras aceitas pelos cristãos. Os judeus, alegando que a tradução grega do Antigo Testamento era inadequada e estava afetada pelas crenças cristãs, se aferraram tenazmente ao texto na língua original. Este texto hebraico, como já indicamos, foi transmitido cuidadosamente pelos escribas e massoretas judeus em séculos subseqüentes.

Em virtude destas circunstâncias, a igreja cristã veio ser a custódia da versão grega. Aparte de eruditos tão destacados como Orígenes e Jerônimo, poucos cristãos concederam atenção alguma ao Antigo Testamento em sua língua original até o Renascimento.

Contudo, havia várias traduções gregas em circulação entre os cristãos.

Durante o século II, a forma de códice —nossa moderna forma de livro com folhas ordenadas para a encadernação— começou a entrar em uso. O papiro era já o principal material de escritura utilizado em todo o Mediterrâneo. Substituindo os rolos de pele, que tinham sido o meio aceito para a transmissão do texto hebraico, os códices de papiro se converteram nas cópias normais das Escrituras na língua grega. Para o século IV o papiro foi substituído pela vitela (o pergaminho). As primeiras cópias que atualmente existem, datam da primeira metade do século IV. Recentemente, alguns papiros, da notável coleção de Chester Beatyy, têm proporcionado porções da Septuaginta que resultam anteriores aos códices em vitela anotados anteriormente.

A necessidade de outra tradução se desenvolveu quando o latim substituiu o grego como a língua comum e oficial do mundo mediterrâneo. Embora uma antiga versão latina da

[1] Dado que a divisão em versículos aparece no texto hebraico no século décimo d.C., a dúvidas do Antigo Testamento em versículos foi feita, segundo parece, pelos massoretas. Nossa dúvida em capítulos começou com o bispo Stephen Langton no século XIII (faleceu em 1228).

[2] Para o relato de como as Escritura chegaram a nós, veja "Nossa Bíblia e os Antigos Manuscritos", de Sir Frederic Kenyon, revisada por A. W. Adams (Nova Iorque, Harper &Brothers, 1958).

Septuaginta tinha já circulado na África, foi, não obstante, através dos esforços eruditos de Jerônimo, quando apareceu uma tradução latina do Antigo Testamento perto de finais do mencionado século IV. Durante o seguinte milênio, esta versão, mais conhecida como a Vulgata, foi considerada como a mais popular edição do Antigo Testamento. A Vulgata, até nossos dias, com a adição dos livros apócrifos que Jerônimo descartou, permanece como a tradução aceita pela Igreja Católica Romana.

O Renascimento teve uma decisiva influência na transmissão e circulação das Escrituras. não somente o reavivamento de seu estudo estimulou a multiplicação de cópias da Vulgata, senão que despertou um novo interesse no estudo das línguas originais da Bíblia.

Um novo ímpeto se produziu com a queda de Constantinopla, que obrigou a numerosos eruditos gregos a refugiar-se na Europa Ocidental. Emparelhado com este renovado interesse no grego e no hebraico, surgiu um veemente desejo de fazer a Bíblia acessível ao laicato, como resultado do qual apareceram traduções na língua comum. Antecedendo de Martinho Lutero em 1522, havia versões alemãs, francesas, italianas e inglesas. De importância principal na Inglaterra foi a tradução de Wycliffe para o final do século XIV. Por achar-se reduzida à condição de Bíblia manuscrita, a acessibilidade desta precoce versão inglesa estava bastante limitada. Com a invenção da imprensa no século seguinte, amanheceu uma nova era para a circulação das Escrituras.

Willian Tyndale é reconhecido como o verdadeiro pai da Bíblia em língua inglesa.

Em 1525, o ano do nascimento da Bíblia impressa em inglês, começou a aparecer sua tradução.

A diferença de Wycliffe, que traduziu a Bíblia do latim, Tyndale acudiu às línguas originais para sua versão das Sagradas Escrituras. em 1536, com sua tarefa ainda sem acabar, Tyndale foi condenado a morte. Em seus últimos momentos, envolvido pelas chamas, elevou sua última oração: "Senhor, abre os olhos do Rei da Inglaterra". A súbita mudança de acontecimentos justificou logo a Tyndale e sua obra. Em 1537, foi publicada a Bíblia de Matthew, que incorporava a tradução de Tyndale suplementada pela versão de Coverdale (1535). Obedecendo ordens de Cromwell, a Grande Bíblia (1541) foi colocada em todas as igrejas da Inglaterra.

Ainda que esta Bíblia era principalmente para o uso das igrejas, alguns exemplares se fizeram acessíveis para o estudo privado. Como contrapartida, a Bíblia de Genebra entrou em circulação em 1560 para converter-se na Bíblia do lar, e durante meio século foi a mais popular para a leitura privada em inglês.

A Versão Autorizada da Bíblia Inglesa foi publicada em 1611. sendo esta o trabalho de eruditos do grego e do hebraico interessados em produzir a melhor tradução possível das Escrituras, esta "Versão do Rei Tiago" ganhou um lugar indiscutível no mundo de fala inglesa a meados do século XVII. Revisões dignas de serem notadas, aparecidas desde então, são a Versão Inglesa Revisada, 1881-1885, a Versão Standard Americana de 1901, a Versão Standard Revisada de 1952 e a Versão Berkeley em inglês moderno de 1959.

Significado

Chegou o Antigo Testamento a nós como um relato de cultura ou história secular? Tem somente valor como a literatura nacional dos judeus? O Antigo Testamento mesmo manifesta ser mais que o relato histórico da nação judaica. Tanto para judeus como para cristãos, é a História Sagrada que descobre a Revelação que Deus faz de Si mesmo ao homem; nele se registra não só o que Deus fez no passado, senão também o plano divino para o futuro da humanidade.

Através das venturas e desventuras de Israel, Deus, o Criador do Universo, tanto como do homem, dirigiu o curso de seu povo escolhido na arena internacional das culturas antigas. Deus não é somente o Deus de Israel, senão o supremo governador que controla o afazer de todas as nações. Conseqüentemente, o Antigo Testamento registra acontecimentos naturais, que além disso, entretecidas através de toda esta história, se encontram as atividades de Deus em forma sobrenatural. Esta característica distintiva do Antigo Testamento —o descobrimento de Deus em acontecimentos e mensagens históricas— o eleva sobre o nível da literatura e história seculares. Somente como História Sagrada pode ser o Antigo Testamento entendido em sua significação plena. O reconhecimento de que tanto o natural como o sobrenatural são fatores vitais em toda a Bíblia, é indispensável para uma compreensão integral de seu conteúdo.

Único como História Sagrada, o Antigo Testamento reclama distinção como Sagrada Escritura: assim foi para os judeus, a quem estes escritos foram confiados, como foi para os cristãos (Romanos 3.2). Vindo através dos meios naturais de autores humanos, o produto final escrito teve o selo da aprovação divina. Sem dúvida o Espírito de Deus usou a atenção, a

investigação, a memória, a imaginação, a lógica, todas as faculdades dos escritores do Antigo Testamento. Em contraste com os meios mecânicos, a direção de Deus se manifestou por meio das capacidades histórica, literária e teológica do autor. A obra escrita como a receberam os judeus e cristãos constituiu um produto divino-humano sem erro na escritura original. Como tal, continha a verdade para toda a raça humana.

Esta foi a atitude de Jesus Cristo e dos apóstolos. Jesus, o Deus-Homem, aceitou a autoridade do corpo inteiro de literatura conhecido como o Antigo Testamento e usou livremente estas Escrituras como base de apoio de seu ensino (comparar João 10.34-35; Mateus 22.29, 43-45; Lucas 16.17, 24.25). de igual forma fizeram os apóstolos no período inicial da igreja cristã (2 Timóteo 3.16, 2 Pedro 1.20-21). Escrito por homens sob a direção divina, o Antigo Testamento foi aceito como digno de toda confiança.

Em nossos dias, é tão essencial considerar o Antigo Testamento como autoridade final, como o foi em tempos do Novo Testamento para judeus e cristãos. Como um registro razoavelmente confiável, dando margem a erros de transmissão que necessitam consideração cuidadosa mediante o uso cientifico dos corretos princípios do criticismo atual, o Antigo Testamento fala com autoridade na linguagem do laico de faz dois ou mais milênios. O que anuncia o declara com toda a verdade, já use linguagem figurada ou literal, já trate de questões de ética ou do mundo natural da ciência. As palavras dos escritores bíblicos, adequadamente interpretadas em seu contexto total e em seu sentido natural de acordo com o uso de seu tempo ensinam a verdade sem erro. Assim, fale ao leitor o AntigoTestamento.

Este volume oferece uma perspectiva de todo o Antigo Testamento. Dado que a Arqueologia, a História e outros campos de estudo estão relacionados com o conteúdo do Antigo Testamento, podem ser médios para conseguir um melhor entendimento da mensagem da Bíblia; todavia, somente em tanto o leitor deixe a Bíblia falar por si mesma, alcançará este livro seu propósito.

• CAPÍTULO 1: O PERÍODO DOS PRINCÍPIOS

Os interrogantes acerca da origem da vida e das coisas sempre tiveram um espaço no pensamento humano. Os descobrimentos do passado, tais como os dos Rolos do Mar Morto, não somente são um desafio para o estudioso, senão que também fascinam o laico.

O Antigo Testamento provê uma resposta ao interrogante do homem no que diz respeito ao passado. Os primeiros onze capítulos do Gênesis expõem os fatos essenciais respeito da Criação deste Universo e do homem. No registro escrito do proceder de Deus com o homem, estes capítulos penetram no passado além do que tem sido estabelecido ou corroborado definitivamente pela investigação histórica. Com razoável seguridade, contudo, o evangélico aceita inequivocamente esta parte da Bíblia como o "primeiro" (e o único autêntico) relato da Criação do Universo por Deus [3]. Os capítulos iniciais do cânon são fundamentais para toda a revelação exposta no Antigo e Novo Testamento. Em toda a Bíblia há referências [4] à criação e precoce história da humanidade tal como se expõe nestes capítulos introdutórios.

Como deveremos interpretar esta narração do princípio do homem e seu mundo? É mitologia, alegoria, uma combinação contraditória de documentos, ou a idéia de um único homem acerca da origem das coisas? Outros escritores bíblicos a reconhecem como uma narração progressiva da atividade de Deus ao criar a terra, os céus e o homem. Porém o leitor moderno deve guardar-se de ler além da narração, interpretando-a em termos científicos, ou assumindo que se trata de um armazém de informação sobre ciências recentemente desenvolvidas. Ao interpretar esta seção da Bíblia —ou qualquer outro texto a tal objeto—, é importante aceitá-la em seus próprios termos. Sem dúvida, o autor fez uso normal de símbolos, alegorias, figuras da linguagem, poesia e outros recursos literários. Para ele, ao parecer, constituiu um registro sensível e unificado do princípio de todas as coisas, tal como lhe tinham sido dadas a conhecer por Deus mediante médios humanos e divinos.

O tempo compreendido por este período dos princípios não se indica em nenhum lugar das Escrituras. em tanto o ponto terminal —o tempo de Abraão— se relaciona com a primeira metade do segundo milênio, os outros acontecimentos desta era não podem ser datados com exatidão. Tentativas de interpretar as referências genealógicas como uma cronologia completa e exata, não parecem razoáveis à luz da história secular. Embora a narrativa segue, em geral, uma ordem cronológica, o autor do Gênesis não sugere em forma alguma uma data para a criação.

Tampouco nos são conhecidos os detalhes geográficos deste período. É improvável que cheguem a ser identificadas as situações do Éden e alguns dos rios e nações mencionados.

Não se indicam as mudanças geográficas acontecidas com a expulsão do homem do Éden e com o diabo. Segundo parece, estão além dos limites da pesquisa humana.

Ao ler os onze capítulos do Gênesis, podem suscitar-se questões que a narrativa deixa sem resposta. estes interrogantes merecem um estudo mais extenso. De maior importância, contudo, é a consideração do que se afirma; porque este material provê o fundamento e fundo para uma maior e mais completa revelação de Deus, como se manifesta de forma progressiva em capítulos subseqüentes.

A primeira parte do Gênesis encaixa distintivamente nas seguintes divisões:

1. O relato da Criação	Gn 1.1 – 2.25
a) O universo e seu conteúdo	Gn 1.1 – 2.3
b) O homem e sua habitação	Gn 2.4-25
2. A queda do homem e suas conseqüências	Gn 3.1 – 6.10
a) Desobediência e expulsão do homem	Gn 3.1-24
b) Caim e Abel	Gn 4.1-24
c) A geração de Adão	Gn 4.25 – 6.10

[3] A maior parte dos acontecimentos no Gênesis 1-11 precedem a civilização suméria, na que apareceu a escritura por volta do final do quarto milênio a.C.

[4] Comparar Isaias 40-50; Romanos 5.14; 1 Coríntios 15.45; 1 Timóteo 2.13-14, e outros.

3. O Dilúvio: Juízo de Deus sobre o homem	Gn 6.11 – 8.19
a) Preparação para o dilúvio	Gn 6.11-22
b) O dilúvio	Gn 7.1 – 8.19
4. O novo principio do homem	Gn 8.20 – 11.32
a) A aliança com Noé	Gn 8.20 – 9.19
b) Noé e seus filhos	Gn 9.20 – 10.32
c) A torre de Babel	Gn 11.1-9
d) Sem e seus descendentes	Gn 11.10-32

O relato da Criação

Gn 1.1 – 2.25

"No princípio" introduz o desenvolvimento na preparação do Universo e a criação do homem. Se este tempo sem data se refere à criação original [5] ou ao ato inicial de Deus na preparação do mundo para o homem, é questão de interpretação [6]. Em todo caso, o narrador começa com Deus como criador, neste breve parágrafo introdutório (1.1-2) em relação com a existência do homem e do Universo.

Ordem e progresso marcam a era da criação e organização (1.3 – 2.3). no período designado como de seis dias prevaleceu a ordem no Universo relativa à terra [7]. No primeiro dia foram ordenadas a luz e as trevas para proporcionar períodos de dia e de noite. No segundo dia foi separado o firmamento para ser a expansão da atmosfera terrestre. Segue-se na ordem, a separação da terra e a água, assim a vegetação apareceu a seu devido tempo. O quarto dia começaram a funcionar as luminárias no céu em seus respectivos lugares, para determinar as estações, anos e dias para a terra. O quinto dia trouxe à existência a criaturas vivas para povoar as águas de baixo e o céu acima. Culminante nesta série de acontecimentos criativos foi o dia sexto [8]. Foram ordenados os animais terrestres e o homem para a ocupação da terra. O último dia foi distinguido dos primeiros confiando-lhe a responsabilidade de ter domínio sobre toda vida animal. A vegetação foi a provisão de Deus para seu mantimento. No sétimo dia Deus terminou seus atos criativos e o santificou: como período de descanso.

O homem é imediatamente distinguido como o mais importante de toda a criação de Deus (2.4b-25). Criado a imagem de Deus, o homem se converte no ponto central de seu interesse ao continuar o relato. Aqui se dão mais detalhes de sua criação: Deus o formou do pó da terra e soprou nele o fôlego da vida, fazendo-o um ser vivente. Ao homem, não só lhe foi confiada a responsabilidade de cuidar dos animais, sena que também lhe foi encomendado que lhes colocasse nome. A distinção entre o homem e os animais se faz mais evidente pelo fato de que não se achou companhia satisfatória, até que Deus criou a Eva como sua ajuda idônea.

Como habitação do homem, Deus preparou o jardim do Éden. Encarregado do cuidado deste jardim, ao homem foi confiado o desfrute completo de todas as coisas que Deus tinha provido abundantemente. Havia unicamente uma restrição: o homem não devia comer da árvore do conhecimento do bem e do mal.

A queda do homem e suas conseqüências

Gn 3.1 – 6.10

O ponto mais crucial na relação do homem com Deus é a mudança drástica que se precipitou pela desobediência do primeiro (3.1-24). Como o mais trágico desenvolvimento na história da raça humana, constitui um tema recorrente na Bíblia.

Enfrentada com uma serpente que falava, Eva começou a duvidar da proibição de Deus e deliberadamente desobedeceu [9]. Por sua vez, Adão cedeu à persuasão de Eva.

Imediatamente se acharam cônscios de sua decepção e do engano produzido pela serpente e de sua desobediência a Deus. com folhas de figueira tentaram cobrir suas vergonhas. Face a face com o Senhor Criador, todas as partes implicadas nesta transgressão foram julgadas solenemente. A serpente foi amaldiçoada por acima de todos os animais (3.14). a inimizade

[5] As estimações para a idade do universo variam tanto que é impossível sugerir uma data aceitável. Einstein sugeriu dez mil milhões de anos como idade da terra. Cálculos da idade das galáxias variam desde dois a dez mil milhões de anos.

[6] A construção hebraica em Gênesis 1.1 é um nome relacionado com um verbo pessoal. Note-se a tradução literal: "No princípio de Deus criando os céus e a terra quando o espírito de Deus cobria a face das águas, Deus disse: Haja luz".

[7] Não se estabelece a duração destes dias criativos. Alguns sugerem dias de 24 horas baseando -se em Gênesis 1.14, Êxodo 20.11 e outras referências. Estes dias podem ter sido prolongados em eras, já que "dia" se usa nest e sentido em Gênesis 2.4. neste caso, tarde e amanhã seriam usados em sentido figurado. Este relato nos proporciona dados para a asseveração conclusiva deste período de dias criativos.

[8] Usando as genealogias de Gênesis 5 e 11 para calcular o tempo, o bispo Ussher (1654) datou a criação do homem em 4004 a.C. esta data é insustentável, já que as genealogias não representam uma cronologia completa.

[9] Note-se que a única outra ocasião na Escritura de um animal que fala, está na asna de Balaão (Números 22.28).

seria colocada como relação perpétua entre a semente da serpente, que representava mais que o réptil presente, e a semente da mulher [10]. A respeito de Adão e de Eva, o juízo de Deus tem um caráter de misericórdia, ao assegurar a definitiva vitória para o homem através da semente da mulher (3.15) [11]. Todavia, a mulher foi condenada ao sofrimento de criar seus filhos e o homem sujeito a uma terra maldita. Deus proveu peles para suas vestes, que implicava matar animais como conseqüência de ser homem pecador. Conscientes do conhecimento do bem e do mal, Adão e Eva foram imediatamente expulsados do jardim do Éden, por medo a que comessem da árvore da vida e assim ficassem para sempre. perdido o habitat da eterna felicidade, o homem encarou as conseqüências da maldição, com a só promessa de um eventual consolo através da semente da mulher, que mitigaria seu destino.

Dos filhos nascidos a Adão e Eva, somente três são mencionados por seu nome, as experiências de Caim e Abel revelam a condição do homem em seu novo estado mudado.

Ambos adoravam a Deus trazendo-lhe ofertas. Enquanto que o sacrifício de um animal de Abel era admitido, a oferta de vegetais de Caim era rejeitada. Irritado por isso, Caim matou a seu irmão.

Já que tinha sido advertido por Deus, Caim adotou uma atitude de deliberada desobediência, convertendo-se assim no primeiro assassino da humanidade. Não é falto de razão chegar à conclusão de que esta mesma atitude prevaleceu quando levou sua oferta, que Deus tinha rejeitado.

A civilização de Caim e seus descendentes se reflete numa genealogia que sem dúvida alguma representa um muito longo período de tempo (4.17-24). O próprio Caim fundou uma cidade.

Uma sociedade urbana na antigüidade, certamente, implicava o crescimento de rebanhos e manadas de animais. As artes se desenvolveram com a invenção e produção de instrumentos musicais. Com o uso do ferro e do bronze chegou a ciência da metalurgia. Esta avançada cultura deu aparentemente ao povo um falso senso de segurança. Isto se vê numa atitude de despreocupação e fanfarronaria ostentada por Lameque, o primeiro polígamos. Teve o orgulho de utilizar armas superiores para destruir a vida. Caracteristicamente ausente, por contraste, esteve qualquer reconhecimento de Deus pela progênie de Caim.

Depois da morte de Abel e sua perda e da decepção a respeito de Caim como assassino, os primeiros pais tiveram uma nova esperança com o nascimento de Sete (4.25ss).

Foi nos dias do filho de Sete, Enos, que os homens começaram a voltar-se para Deus. Com o passar de numerosas gerações e muitos séculos, outro signo de aproximação a Deus foi exemplificado em Enoque. Esta notável figura não experimentou a morte; sua vida de piedade filial com Deus terminou com sua ascensão. Com o nascimento de Noé, a esperança reviveu mais uma vez.

Lameque, um descendente de Sete, antecipou que através de seu filho, o gênero humano seria consolado da maldição e relevado dela, pela qual tinha sofrido desde a expulsão do homem do Jardim do Éden.

Em dias de Noé, o crescente ateísmo da civilização alcançou uma verdadeira crise.

Deus, que tinha criado o homem e seu habitat, estava decepcionado com sua prevalecente cultura.

Os matrimônios entre os filhos de Deus e as filhas dos homens o haviam desgostado [12]. A corrupção, os vícios e a violência se incrementaram até o extremo de que todos os planos e ações dos homens estavam caracterizados pelo mal. A atitude de lamentação de Deus em ter criado o gênero humano resultava aparente no plano de retirar seu espírito do homem. Um período de cento e vinte anos de aviso precedeu o juízo que pendia sobre a raça humana. Somente Noé encontrou favor aos olhos de Deus. Justiceiro e sem mácula, se manteve numa aceitável relação com o Deus Criador.

O Dilúvio: Juízo de Deus sobre o homem

Gn 6.11 – 8.19

Noé era um homem obediente. Quando lhe foi ordenado que construísse a arca, ele seguiu as instruções (6.11-22). As medidas da arca ainda representam as proporções básicas utilizadas na construção de embarcações. Não sendo desenhada para navegar a velocidade, a

[10] Comparar a interpretação do Novo Testamento em João 8.44; Romanos 16.20; 2 Coríntios 11.3; Apocalipse 12.9; , etc.

[11] Note-se a esperança baseada nesta promessa em Gênesis 4.1, 25; 5.29 e as promessas messiânicas no Antigo Testamento.

[12] "Filhos de Deus" pode referir-se aos angélicos seres ou a linha de Sete. Para a última interpretação, as "filhas dos homens" se refere à linha de Caim. Para esta discussão, ver Albertus Pieters, "*Notes on Gênesis*" (Grand Rapids, Ferdmans, 1943), pp. 113-116. estes matrimônios cruzados, seja o que for o que representassem, desgostaram a Deus.

arca foi construída para albergar e acomodar nela todas as formas de vida que deveriam ser conservadas durante a crise do juízo do mundo. Foi provido amplo lugar para albergar a Noé, sua esposa e seus três filhos e suas esposas, uma representação de cada animal básico e ave, e alimento para todos eles [13]. Durante aproximadamente um ano, Noé ficou confinado na arca, enquanto o mundo estava sujeito ao juízo divino [14]. O propósito de Deus de destruir a pecadora raça humana se cumpriu. Tanto se o dilúvio foi local ou a escala mundial, resulta de importância secundaria, pelo fato de que o dilúvio se estendeu o bastante para incluir toda a raça humana. Chuvas incessantes e águas procedentes de fontes subterrâneas elevaram o nível das águas por acima dos cumes das mais altas montanhas. A seu devido tempo, a água foi cedendo. A arca acabou descansando sobre o monte Ararate. Uma vez que o homem abandonasse a arca, enfrentou-se com uma nova oportunidade num mundo renovado [15].

O novo principio do homem

Gn 8.20 – 11.32

A civilização após o dilúvio começou com oferecimentos sacrificiales. Em resposta, Deus fez um convenio com Noé e seus descendentes. Jamais o mundo voltaria a ser destruído com um novo dilúvio. O arco-íris no céu se converteu no sinal perpétuo da aliança eterna de Deus com o homem. Abençoando a Noé, Deus o comissionou para povoar a apropriar-se de toda a terra. Os animais, devidamente sacrificados, igual que a vegetação, ficaram como fontes de alimento vivente. O homem, contudo, ficava estritamente a disposição de Deus, a cuja imagem tinha sido criado, para evitar o derramamento de seu sangue.

Voltando a um propósito agrário, Noé semeou uma vinha. Sua indulgência com a ingestão do vinho obtido deu como resultado que Cão e provavelmente seu filho Canaã lhe faltassem o respeito que lhe deviam. Este incidente deu ocasião aos pronunciamentos paternais de maldições e bênçãos feitas por Noé (9.20-28). O veredicto de Noé foi profético em seu alcance. Antecipou a pecaminosa atitude de Cão refletida na linha de Canaã, um dos quatro filhos de Cão [16]. Séculos mais tarde, os ímpios cananeus foram objeto do severo juízo com a ocupação de suas terras pelos israelitas. Sem e Jafé, os outros filhos de Noé, receberam as bênçãos de seu pai.

Sendo uma só, racial e lingüisticamente, a raça humana permaneceu num lugar por um período indefinido (11.1-9). Sobre a planície de Sinar, empreendeu o projeto de construir um tremendo edifício. A construção da Torre de Babel representava o orgulho nos logros humanos ao mesmo tempo em que um desafio do mandado de Deus para povoar a terra. Deus, que continuamente tinha demonstrado interesse pelo homem, constantemente, desde sua criação, não podia ignorá-lo então. Aparentemente a torre não foi destruída, porém Deus terminou com a tentativa por meio da confusão das línguas. Isto deu como resultado a dispersão da raça humana.

A distribuição geográfica dos descendentes de Noé se dá num breve sumário (10.1-32). Esta genealogia, que representa uma longa era, sugere áreas para as quais emigraram as diversas famílias. Jafé e seus filhos situaram-se nas proximidades dos mares Negro e Cáspio, estendendo-se para o oeste na direção da Espanha (10.2-5). Muito verossimilmente os gregos, os povos indo-germânicos e outros grupos relacionados por parentesco entre si, descendem de Jafé.

Os três filhos de Cão desceram para a África (10.6-14). Subseqüentemente, se espalharam para o norte e para as terras de Sinar e da Assíria, construindo cidades tais como Nínive, Calá, Babel, Acade e outras. Canaã, o quarto filho de Cão, se estabeleceu ao longo do Mediterrâneo, estendendo-se desde Sidom a Gaza a para o leste. Embora camitas de origem racial, os cananeus utilizavam uma língua muito relacionada de perto com a dos semitas.

Cão e seus descendentes ocuparam a área norte do Golfo Pérsico (10.21-31). Elão, Assur, Arã, e outros nomes de cidades estavam associados com os semitas. Depois de 2000 anos a.C. tais cidades como Mari e Naor se fizeram centros sobressalentes de cultura dos semitas.

Para concluir o período dos princípios, o fim dos desenvolvimentos se reduz para os semitas (11.10-32). Por meio de uma estrutura genealógica que utiliza dez gerações, o registro

[13] Fazendo um calculo de 45 cm por côvado, as medidas da arca eram de aproximadamente 132 x 22 x 13 metros. As cobertas permitiam um deslocamento de aproximadamente 40.000 a 50.000 toneladas.

[14] Para uma cronologia deste ano, ver E. F. Kevan, "Gênesis", The New Bible Commentary, pp. 84-85.

[15] A data dada por Ussher para o Dilúvio foi a do ano 2348 a.C. Driver, em seu comentário sobre o Gênesis (1904), alega o ano de 2501ac como a data bíblica para o Dilúvio. À luz de uma contínua civilização no Egito desde 3000 anos a.C., estas datas resultam insustentáveis. Também não podem manter-se pela própria exegese da Escritura. o Dilúvio pôde ter acontecido 10.000 anos a.C. para cronologias relativas, ver R. W. Enrich, "*Chronologies in Old World Archaology*" (U. of Chicago Press), 1965. Para a cultura continuada na América, ver R. M. Undcrhill, "*Red Man's América*" (Chicago, 1953), pp. 8-9.

[16] H. C. Leupold, "*Exposition of Genesis*" (Grand Rapids, Baker, 1950), Vol I, pp. 349-352.

finalmente se enfoca sobre Taré, que emigrou desde Ur a Harã. O clímax é a apresentação de Abrão, depois conhecido como Abraão (Gn 17.5), que encarna o começo de uma nação escolhida, a nação de Israel, que ocupa o centro de interesse em todo o resto do Antigo Testamento [17].

[17] Em nenhuma parte indicam as Escrituras quanto tempo se passou em Gênesis 1-11. Em conseqüência, isto fica como um problema para sua investigação. Byron Nelson coloca de relevo que sem tomar em consideração qual data pode dar-se, aproximadamente, para o começo da raça humana, isso ainda continua estando dentro do alcance do relato bíblico. Para esta "visão sem limites", ver seu livro "*Icone Abraham: Prehistoric Man in Biblical Light* (Mineapolis, Augsburg Publishing House, 1948). A respeito de uma recente discussão do antigo Próximo Oriente, ver R. K. Harrison, "*Introduction to the Old Testament*" (Grand Rapids, W. Bem. Ferdmans Publishing Co., 1969), pp. 145-198.

• CAPÍTULO 2: A IDADE PATRIARCAL

O mundo dos patriarcas tem sido por ponto focal do intensivo estudo das recentes décadas. Novos descobrimentos iluminaram as narrações bíblicas, ao subministrar um extenso conhecimento das culturas contemporâneas do Próximo Oriente.

Geograficamente, o mundo dos patriarcas está identificado como o do Crescente Fértil. Estendendo-se para o norte desde o Golfo Pérsico, ao longo das correntes do Tigre e do Éufrates e suas bacias, e depois para o sudoeste através do Canaã para o fértil Nilo e seu vale, esta zona foi o berço das civilizações pré-históricas. Quando os patriarcas surgem na cena, no segundo milênio a.C., as culturas da Mesopotâmia e o Egito já ostentavam de um passado milenar. Com Canaã como o centro geográfico dos começos de uma nação, o relato do Gênesis está inter-relacionado com o ambiente de duas precoces civilizações que começam com Abraão na Mesopotâmia e terminam com José no Egito (Gn 12 – 50).

O mundo dos patriarcas

Os começos da história coincidem com o desenvolvimento da escritura no Egito e na Mesopotâmia (por volta de 3500-3000 a.C.). os descobrimentos arqueológicos nos proporcionaram uma perspectiva que diz respeito às culturas que prevaleceram durante o primeiro milênio a.C. o período 4000-3000 a.C., ou a chamada idade Calcolitica, está usualmente considerado como civilização com escassez de materiais escritos. As cidades estratificadas de tais tempos indicam a existência de uma sociedade organizada. Conseqüentemente, o quarto milênio a.C., que revela a primeira criação de grandes edifícios, estabelece os limites da história em termos aceitáveis para o historiador. O que se conhece das civilizações precedentes é denominado, com freqüência, como pré-histórico.

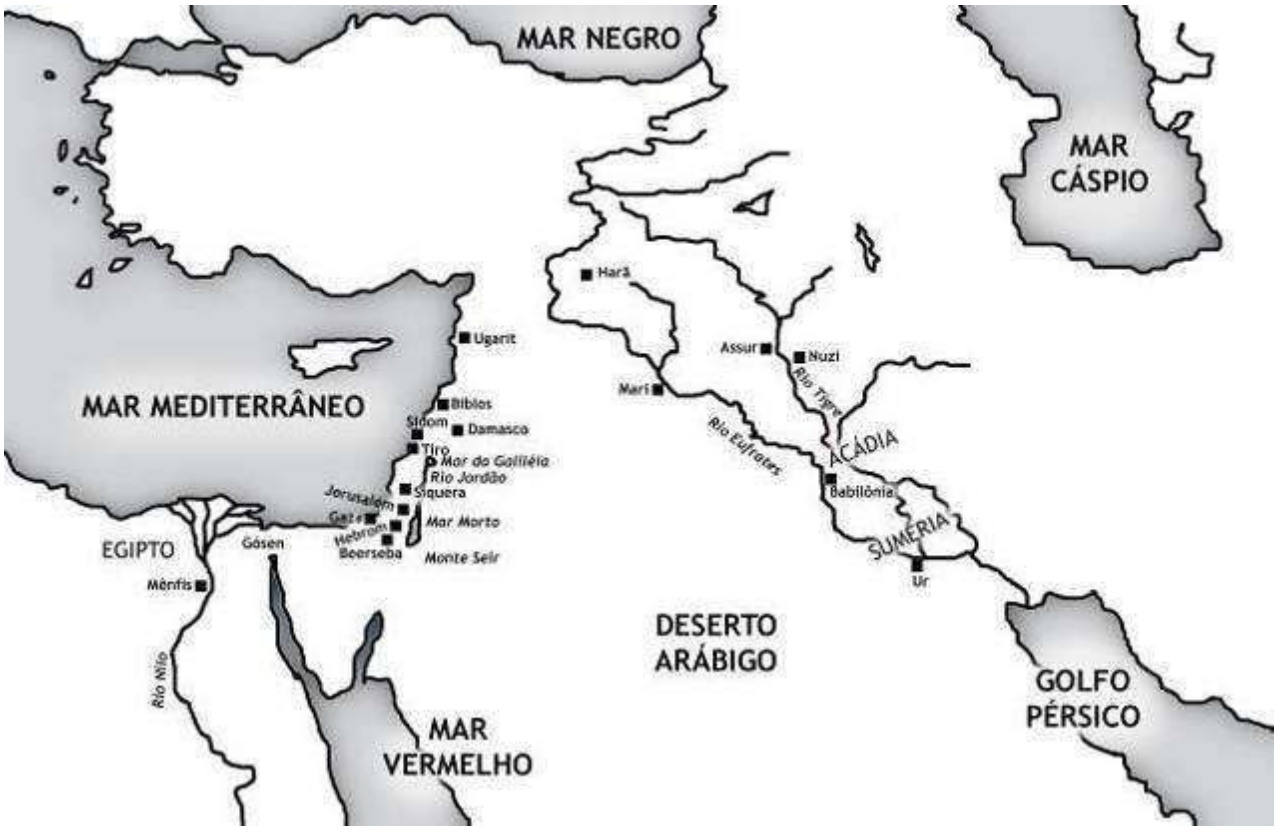
ESQUEMA 1: CIVILIZAÇÕES DOS TEMPOS PATRIARCAIS *

Egito Vale do Nilo	Palestina e Síria	Vale do Tigre-Eufrates e Ásia Menor
Pré-histórico - antes do 3200		
Período primitivo - 3200-2800 Egito unido sob as I y II dinastias.		
Antigo Reino - 2800-2250 Dinastias IV-VI - grandes pirâmides - textos religiosos		Cultura suméria - 2800-2400 - primeira literatura na Ásia - tumbas reais - o poder estendido até o Mar Mediterrâneo
Declive y ressurgimento - 2250-2000 Dinastias VII-X Dinastia XI - poder centralizador em Tebas	2100 a.C.	Supremacia Acádia - 2360-2160 - Sargão, o grande rei - invasão gutiana - pt. 2080
Reinado Médio - 2000-1780 Dinastia XII - governo central poderoso com capital em Mênfis y em Faijun Literatura clássica	Patriarcas em Canaán	Terceira dinastia de Ur - 2070-1950 - pressão hurriana desde o norte

(Dinastias X-XII) Decadência y ocupação - 1780-1546 Dinastias XIII-XIV - escuridão Dinastias XV-XVI - os hicsos como invasores ocupam Egito com cavalos e carros de guerra Dinastia XVII - os hicsos são expulsos pelos reis tebanos Novo Reino - 1546-1085 Dinastias XVIII-XX (Idade Amarna - 1400-1350)	1700 a.C Os israelitas estão no Egito	Primeira dinastia babilônica - 1800-1500 (Amorreus ou semitas ocidentais, 1750) Zimri-Lim, rei em Mari (Shamshi-Adad I em Nínive) Hamurabi – o maior dos reis - 1700 Declive de Babilônia a. Antigo Império Hitita - 1600-1500 b. Reino Mitanni - 1500-1370 c. Novo Império Hitita - 1375-1200 d. Ressurgimento de Assíria - 1350-1200

* Todos estes dados devem ser considerados como aproximados à realidade.

MAPA 1: O MUNDO ANTIGO



Mesopotâmia

Os sumérios, um povo não semita, controlava a zona mais baixa do Eufrates, ou Sumer, durante o período da Primitiva Dinastia, 2800-2400 a.C. Estes sumérios nos proporcionariam a primeira literatura da Ásia, já que o mundo cuneiforme sumério se converteu ma língua clássica e floresceu na escritura das culturas da totalidade da Babilônia e a Assíria, até aproximadamente o primeiro século a.C., ainda que fosse falada de forma descontinuada até aproximadamente 1800 a.C. A origem da escrita suméria permanece ainda sumida na

escuridão [18]. Pôde muito bem ter sido tomada emprestada de um povo anterior, mais primitivo, embora letrado, a respeito do qual, desafortunadamente, não se dispõe de textos inteligíveis.

A avançada cultura suméria da Primeira Dinastia de Ur, a última fase do período da Primitiva Dinastia, foi desenterrada num cemitério escavado por C. Leonard Woolley [19]. Os ataúdes de madeira das pessoas comuns, onde se encontraram alimentos, bebidas, armas, utensílios, colares, objetos de adorno em caixinhas e braceletes, sugerem a idéia de que aquelas pessoas já antecipavam uma vida após a morte. Os túmulos reais continham uma ampla provisão de objetos para o além, incluindo instrumentos musicais, jóias, roupas, veículos e inclusive serventes, que aparentemente beberam sem violência da droga que lhes foi subministrada ao efeito, ficando sumidos no último sono. no túmulo do rei Abargi foram achadas sessenta e cinco vítimas. Evidentemente, era considerado essencialmente religioso o sacrificar seres humanos no enterramento das pessoas sagradas, tais como reis oi rainhas, esperando, em conseqüência, assegurar-se servidão no além.

No campo da metalurgia, igual que nas obras artesanais dos joalheiros e cortadores de pedras preciosas, os sumérios não tiveram rival na antigüidade. Informes comerciais preservadas nas tábuas de argila, revelaram um detalhado analise de sua vida econômica. Um painel de madeira (56x26 cm) num dos sepulcros, representam cenas tanto da guerra como da paz. A falange, que tão efetivamente foi utilizada por Alexandre Magno, muitas centúrias mais tarde, era já conhecida pelos sumérios. Os princípios básicos para a construção, utilizados pelos modernos arquitetos, também lhes resultavam familiares.

Com êxito nos cultivos agrícolas e prósperos no comércio geral, a civilização suméria alcançou um avançado estádio de cultura (2400 a.C.), e indubitavelmente foi desenvolvido ao longo de um período de vários séculos. Seu último grande rei, Lugal-zaggisi, estendeu o poder sumério longe para o oeste, e alcançou o Mediterrâneo.

Nesse ínterim, um povo semítico, conhecido como acádio, fundou a cidade de Acad ao norte de Ur, sobre o Eufrates. Começando com Sargão, esta dinastia semítica ultrapassou à suméria, e desta forma mantiveram a supremacia por quase dois séculos. Após ter derrocado a Lugal-zaggisi, Sargão nomeou sua própria filha como a grande sacerdotisa de Ur, em reconhecimento ao deus-lua Nannar. Assim estendeu seu domínio por toda a Babilônia, de tal forma que Finegan fala dele como "o mais poderoso monarca" que jamais tiver governado a Mesopotâmia [20]. Seu domínio se estendeu até a Ásia Menor.

Que os acádios não tivessem nenhuma hostilidade cultural, parece estar refletido no fato de que adotaram a cultura dos sumérios. Sua escrita foi adotada pela língua semítica babilônica. Tabuinhas descobertas em Gasur, que mas tarde foi conhecida como Nuzu ou Nuzi em tempo dos humanos, as séries bíblicas, indicam que este antigo período acádio foi um tempo de propriedade, no qual o plano de instalação foi utilizado comercialmente por toda a extensão do império. Um mapa de argila, entre o extraído das escavações, é o mapa mais antigo conhecido pelo homem [21]. Sob o domínio de Naram-Sin, o neto de Sargão, o poder acádio alcançou seu ponto culminante. Sua Estela de vitórias pode admirar-se no Louvre de Paris. Contém o testemunho de suas triunfais campanhas nas montanhas Zagros. A supremacia de seu grande reino semítico declinou sob os governantes que lhe sucederam.

A invasão gutiana procedente do norte (por volta de 2080 a.C.), acabou com o poder da dinastia acádia. Embora se saiba muito pouco destes invasores caucásicos, ocuparam a Babilônia durante quase um século. Um governante em Erech em Sumer acabou com o poder dos gutianos e preparou o caminho para um ressurgimento da cultura suméria, que chegou a seu máximo esplendor sob a Terceira Dinastia de Ur. O fundador da dinastia, Ur Nammu, erigiu um grande zigurate em Ur. Tijolo por tijolo, foram escavados desta grande estrutura (61x46 m na base e alcançando uma altura de 24 m), têm escrito o nome do rei Ur-Nammu com o título de "Rei de Sumer e Acad". Aqui, Nannar, o deus-lua e seu consorte Nin-Galiléia, a deusa lua, foram adorados durante a idade dourada de Ur.

Após um século de supremacia, esta dinastia neo-suméria foi colapsada e a terra de Sumer reverteu no antigo sistema das cidades-estado. Isto permitiu aos amorreus, ou semitas ocidentais, que se tinham gradualmente infiltrado na Mesopotâmia, uma oportunidade para ganhar ascendência na questão. Virtualmente toda a Mesopotâmia foi logo absorvida pelos semitas. Zimri-Lim, cuja capital era Mari, sobre o Eufrates, estendeu sua influência (1750 a.C.) desde o curso médio do Eufrates em Canaã, como o governante do estado mais importante. O magnífico palácio de Mari teve logo quase trezentas habitações construídas numa extensão de

[18] Samuel N. Krammr "*From tablets of Sumer*" (Indian Hills, Colo.: The Falcon's Wing Press, 1856).

[19] Leonard Woolley "*Ur of the Chaldees*" (Nova Iorque, Charles Scribner's Son, 1930), pp. 45-68. "*Ur excavation of the Royal Cemetery*", p. 42.

[20] Jack Finegan, "*Light from the ancient past*" (Princeton University Press, 1956).

[21] Para os relatos da vida de Nuzu, ver Edward Chiera, "*They wrote on clay*" (University of Chicago Press, 1956).

60.000 m^2 de terreno; dos desperdícios, os arqueólogos têm recuperado algo assim como 20.000 tabuinhas cuneiformes. Estes documentos de argila que revelam os interesses políticos e comerciais dos governantes amorreus, demonstram uma eficiente administração de um império de altos vôos.

Por volta do 1700 a.C. Hamurabi, que fizera evoluir a pequena cidade de Babilônia num grande centro comercial, esteve em condições de conquistar Mari com seus extensos domínios [22]. Não somente dominou o alto Eufrates, senão que também subjugou o reino de Sami-Adad I, cuja capital estava em Assur, sobre o rio Tigre. Marduk, o rei-deus da Babilônia, ganhou uma proeminente posição no reino. O mais significativo dos logros de Hamurabi foi seu Código da Lei, descoberto em 1901 em Suas, que tinha sido tomado pelos elamitas quando caiu o reinado de Hamurabi. Já que os antigos costumes sumérios estavam incorporados nessas leis, resulta muito verossímil que elas representassem a cultura que prevaleceu na Mesopotâmia nos tempos patriarcais. Muitas das cartas de Hamurabi que foram descobertas indicam que foi um eficiente governante, emitindo suas ordens com claridade e atenção ao detalhe. A Primeira Dinastia de Babilônia (1800-1500 a.C.) se encontrava em seu apogeu, sob o mando de Hamurabi. Seus sucessores foram perdendo gradativamente prestigio até a invasão dos cassitas, que conquistaram Babilônia em 1500 a.C.

Egito

Quando Abraão chegou ao Egito, esta terra podia presumir de uma cultura de mais de um milênio de antigüidade. O *começo* da história do Egito se inicia usualmente com o rei Menes (3000 a.C.), quem uniu dois reinos, um do Delta do Nilo e outro do Vale [23]. Os governantes do primeiro e segundo período dinastia, tiveram sua capital no Alto Egito, perto de Tebas [24]. Os túmulos reais escavados em Abydos mostraram vasos de pedra, jóias, vasilhas de cobre e outros objetos enterrados com os reis, refletindo assim uma elevada civilização durante aquele primitivo período. Foi a primeira era do comércio internacional em tempos históricos.

A idade clássica da civilização egípcia, conhecida como o período do Antigo Reino (2700-2200 a.C.), e que compreende as dinastias III-VI, testemunha um número de notáveis logros.

Gigantescas pirâmides, as maravilhas dos séculos que seguiriam, provêem um amplo testemunho da avançada cultura destes primitivos governantes. A Pirâmide escalonada de Saqqara, a mais primitiva grande estrutura feita em pedra, foi construída como um mausoléu real por Inhotep, um arquiteto que também ganhou renome como sacerdote, autor de provérbios e mágico.

A Grande Pirâmide em Gizeh alcança um teto de 147 m por uma base de quase 40.000 m² de base. A gigantesca esfinge que representa o Rei Kefrén da Quarta Dinastia é outra obra que não teve comparação. Os "Textos das Pirâmides", inscritos durante a Quinta e Sexta Dinastias sobre os muros das câmaras e salões, indicam que os egípcios em sua adoração ao sol se anteciparam à posteridade. Os provérbios de Pathotep, que serviu como Grande Vizir sob um Faraó da Quinta Dinastia, são realmente notáveis por seus conselhos práticos [25]. As seguintes cinco dinastias que governaram o Egito (2200-200 a.C.), surgiram num período de decadência. Decresceu o governo centralizado. A capital foi trasladada de Mênfis a Herakleópolis. A literatura clássica deste período reflete um governo débil e mutável.

Para o final deste período, a Undécima Dinastia, sob o agressivo Intefs e Mentuhoteps, se construiu um estado forte em tebas.

O Reino Médio (2000-2780 a.C.) marca a reaparição de um poderoso governo centralizado. Embora nativa para Tebas, a Dinastia Décimo Segunda estabeleceu sua capital perto de Mênfis. A riqueza do Egito aumentou de valor por um projeto de irrigação que abriu o fértil Fajum com seu vale para a agricultura. Simultaneamente uma enorme atividade em construir grandes edifícios se produziu em Karnak, perto de Tebas, e em outros lugares do país. Além de promover operações de mineração para a extração do cobre na península do Sinai, os governantes também construíram um canal que conectava o Mar Vermelho com o Nilo; isto os capacitou para manter melhores relações comerciais com a costa somali da África oriental.

Para o sul, Núbia foi anexada até a terceira cachoeira do Nilo, e ali se manteve uma colina comercial fortificada. Os objetos egípcios encontrados pelos arqueólogos na Síria, Palestina e

[22] Para a datação de Hamurabi, ver Finegan, op. p. 47. Para uma mais recente discussão consultar M. R. Rowton, *"The date ofício Hamurabi", Journal of Near Eastern Studies*, XVII, número 2 (abril, 1958), pp. 97-111.

[23] O nome hebraico de Egito é Mizraim, que indica dois reinos por seu conceito dual.

[24] Manetho, um sacerdote do Egito, sob Ptolomeu Filadélfio (285-246), realizou um estudo e uma analise da história do Egito. Sua divisão da história do Egito em trinta dinastias se preserva nos escritos de Josefo (9 5 a.C.), Sextus Julius Africanus (221 a.C.) e Eusebius. Para uma lista completa de dinastias, ver Steindorf & Steele, "*When Egypt ruled the east*" (rev. Ed. University of Chicago Press, 1957), pp. 274-275.

[25] Para a história do Egito anterior a 1600 a.C., ver W. C. Hayes, "*The Scepíer of Egypt,* parte I (Nova Iorque, Harper and Brothers, 1953).

Creta, testemunham as poderosas atividades comerciais dos egípcios na esfera do Mediterrâneo oriental.

Enquanto que o Antigo Reino é lembrado por sua originalidade e seu gênio na arte, o Reino Médio fez sua contribuição na literatura clássica. As escolas de Palácio treinavam oficiais em ler e escrever durante o próspero reinado dos Amenhemets e Sen-userts da Décimo Segunda Dinastia. Embora a massa permanecia na pobreza, resultava possível para o indivíduo médio naquela época de feudalismo entrar no serviço do governo por meio da educação, treinamento, e especial capacidade. Os textos de instrução escritos nos ataúdes de pessoas alheias à realeza, indicam que muitas pessoas então gozavam da possibilidade de entrar "na outra vida". "A história de Sinhué" é o mais fino exemplo da literatura procedente do antigo Egito destinado a entreter. "O Canto do Harpista" é outra obra mestra do Reino Médio, enriquece os homens para que gozem dos prazeres da vida [26]. Dois séculos de desintegração, declive e invasão, seguiram ao Reino Médio; conseqüentemente este período é bastante escuro para o historiador. As débeis dinastias XIII e XIV deram passo aos hicsos ou povo amurito. Estes intrusos, que provavelmente chegaram desde a Ásia Menor, destruíram os egípcios por meio de carros guerreiros tirados por cavalos e do arco composto, ambas armas desconhecidas para as tropas egípcias. Os hicsos estabeleceram Avaris no Delta como sua capital. Contudo, os egípcios foram autorizados para manter uma espécie de autoridade em Tebas. Pouco depois do 1600 a.C., os governantes de Tebas se fizeram poderosos o bastante como para expulsar aquele poder estranho e estabelecer a Dinastia XVIII, introduzindo assim o Novo Reino.

Canaã

O nome de "Canaã" se aplica à terra que existe entre gaza ao sul e Hamã no norte, ao longo da costa oriental do Mediterrâneo (Gn 10.15-19). Os gregos, em seu comércio com Canaã, durante o primeiro milênio a.C. se referem a seus habitantes como fenícios, um nome que provavelmente teve origem na palavra grega para designar a "púrpura" [27], uma tintura têxtil de cor avermelhada desenvolvida em Canaã. Já no século XV a.C. o nome "Canaã" se aplicava em geral à província egípcia na Síria ou pelo menos à costa fenícia, um centro da industria da púrpura. Conseqüentemente, as palavras "cananeu" e "fenício" têm a mesma origem cultural geográfica e histórica. Mais tarde, esta zona se conheceu como Síria e Palestina. A designação "Palestina" tem sua origem no nome "filisteu".

Com a emigração de Abraão para o Canaã, esta terra chegou a ser o ponto focal do interesse no desenvolvimento histórico e geográfico dos tempos da Bíblia. Estando estrategicamente localizado entre os dois grandes centros que ninavam as primitivas civilizações, Canaã serviu como uma ponte natural que agia de ligação entre o Egito e a Mesopotâmia.

Conseqüentemente, não é surpreendente achar uma população misturada naquela terra [28]. Cidades de Canaã, tais como Jericó, Dotã e outras, foram ocupadas séculos antes dos tempos patriarcais [29]. Com o primeiro grande movimento semítico (amorreu) na Mesopotâmia, parece provável que os amorreus estenderam seus estabelecimentos para a Palestina. Durante o Reino Médio os egípcios avançaram seus interesses políticos e comerciais até chegar na Síria pelo norte [30]. Muito antes de 1500 a.C., o povo de Caftor ficou estabelecido sobre a Planície Marítima [31]. Não menos entre os invasores, foram os hititas, que penetraram no Canaã procedentes do norte e apareceram como cidadãos bem estabelecidos quando Abraão comprou a cova de Macpela (Gn 23). Os refains, um povo algo escuro além das referências escriturais, tem sido recentemente identificados na literatura ugarítica [32]. Se conhece muito pouco a respeito dos outros habitantes que se anotam no relato do Gênesis. A designação "cananeu" muito verossimilmente abraça a mistura composta de gentes que ocupavam a terra na época patriarcal.

---

[26] Para sua tradução ver James B. Pritchard, "*Ancient Near Eastern texts relating to the Old Testament*" (Princeton University Press, 1955), p. 467.

[27] Ver Merrill F. Unger, "*Israel and the Arameans of Damascus*" (Londres, James Clarke & Co., 1957), p. 19.

[28] Comparar Gn 12.6; 14.13; 15.16,19-21; 21.34; 23.3, e outros. Aqui estão anotados os cananeus, amorreus, queneus, quenezeus, jebuseus, filisteus, e outros.

[29] Para su traducción ver James B. Pritchard. "*Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*" (Prmceton University Press, 1955), p. 467.

[30] Sinuhé, um oficial egípcio durante o Reino Médio, reflete o contato com os comerciantes egípcios e residentes na Palestina. Para uma tradução deste clássico egípcio, feita por John A. Wilson, ver James Bem. Pritchard, "*Ancient Near Eastern Texts*", op. cit. pp. 18-22.

[31] Cyrus H. Gordon, "*The world of the Old Testament*" (Garden City, Doubleday & Co., 1958), pp. 121-122. Este povo não semita incluía também os filisteus.

[32] Ibidem, pp. 97-98.

Geografia [33]

Estendendo-se numa longitude de 241 quilômetros desde Berseba pelo norte rumo a Dã, Palestina tem uma área de 9656 km² entre o mar Mediterrâneo e o rio Jordão.

A largura média é de 64 quilômetros, com um máximo de 87 desde Gaza até o mar Morto, estreitando-se até os 45 quilômetros no mar da Galiléia. Com a adição de 6437 km² ao leste do Jordão, cuja zona era chamada com freqüência a Transjordânia, esta terra compreende aproximadamente 16.093 km².

Além de ter uma situação central e estratégica relativa aos centros de civilização e grandes nações dos tempos do Antigo Testamento, Palestina tem também uma variada topografia que teve um efeito significativo sobre o desenvolvimento histórico dos acontecimentos.

Por causa dessa situação, Palestina esteve sujeita aos invasores, e sua neutralidade em mãos do poder mais forte. Os acontecimentos locais com freqüência surgem de fatores de topografia.

Para uma analise destas características físicas, a Palestina pode ser dividida em quatro áreas principais: a Planície Marítima, o País das Colinas, o Vale do Jordão e o Planalto Oriental.

A Planície Marítima costeira consiste na zona litorânea do mar Mediterrâneo. A linha da costa é pouco aproveitável para facilidades portuárias; conseqüentemente o comércio, em sua totalidade, era dirigido para Sidom e Tiro, no norte. Inclusive Gaza, que foi um dos maiores centros de comércio da antiga Palestina e situada somente a cinco quilômetros do Mediterrâneo, não teve tampouco facilidades portuárias. Esta rica terra ao longo da costa, pode facilmente ser dividida em três áreas: a *Planície de Acor, ou Acre*, que se estende ao norte desde o pé das colinas de monte Carmelo por quase 32 quilômetros, com uma largura que varia de 3 a 16 quilômetros.

Ao sul do monte Carmelo está a *Planície de Saram*, de aproximadamente 80 quilômetros de longitude, alcançando um máximo de largura de 19 quilômetros. A *Planície Filistéia* começa a 8 quilômetros ao norte de Jope, se estende por 113 quilômetros para o sul e se expande por uns 40 quilômetros de largura em direção a Berseba.

O *País das Colinas*, ou a *Comarca Montanhosa*, situada entre o Jordão e seu vale e a Planície Marítima, é a mais importante seção da Palestina. As três zonas mais importantes, Galiléia, Samaria e Judéia, têm uma elevação aproximada que varia desde 610 a 1220 metros sobre o nível do mar. Galiléia se estende ao sul desde o rio Orantes, imediatamente ao leste da Fenícia e da planície de Acre. Está dotada de um solo fértil, onde se cultivam as uvas, as oliveiras, as nozes e outras colheitas, igual que algumas áreas de pastoreio. Um dos vales mais pitorescos e produtivos para o cultivo das terras na Palestina separa as colinas da Galiléia e a Samaria. Conhecido como o vale de Jizreel, ou Esdraelon, esta zona é vitalmente importante em sua localização estratégica através dos tempos da Bíblia, igual que acontece hoje em nossos dias. Ao sudeste do monte Carmelo, esta fértil planície se estende aproximadamente por 64 quilômetros, em longitude para o monte More, desde onde se divide em dois vales e continua até o Jordão.

Em tempos do Antigo Testamento, os hebreus distinguiam entre as zonas oriental e ocidental, conhecidas respectivamente como os vales de Jizreel e Esdraelon. A cidade de Jizreel, a uns 24 quilômetros do rio Jordão, marcava a entrada a este famoso vale. A seção ocidental era também conhecida como planície de Megido, já que o famoso passo entre montanhas de Megido era de crucial importância para os invasores. Desde a colina de More no vale de Jizreel, esta fértil planície pode ver-se com o monte Carmelo no oeste, monte Tabor para o norte e monte Gilboa para o sul. O centro geográfico de Palestina, a cidade colina de Samaria, surge abruptamente, começando com monte Gilboa e continua ao sul para Betel. As quebradas colinas e vales desta fértil elevação ofereciam um paraíso para os pastores, o mesmo que para ao que trabalham a terra em agricultura. Siquem, Dotã, Betel e outros povoados desta zona eram freqüentados pelos patriarcas. As terras altas da Judéia se estendem ao sul desde Betel, aproximadamente a 97 quilômetros para Berseba, com uma elevação de uns 762 metros em Jerusalém, alcançando um topo mais elevado de quase 914 metros perto do Hebrom. Começando nas vizinhanças de Berseba, as colinas da Judéia se estendem e espalham em ondeantes planícies no grande deserto, com freqüência mencionado, do Negueve, ou terás do Sul, com Cades-Barnéia marcando o extremo sul. Para o leste das colinas da Judéia está a grande extensão que se designa como "o deserto de Judá". Para o

[33] Para um excelente estudo sobre geografia histórica, ver Dennis Baly, "*The Geografy of the Bible*" (Nova Iorque, Harper & Brothers, 1957). Comparar também George Adam Smith, "*The historical geography ofício the Holy Land*" (Londres, Hodder & Stoughton, 1931), e G. E. Wright & F. V. Nelson, "Atlas Historico Westminster de la Bíblia" (El Paso, Texas, Casa Bautista de Publicaciones), pp. 17-20.

oeste deste ocidente geográfico está o Siquem, conhecido também pelas terras baixas. Nesta área estrategicamente importante para a defesa e valiosa economicamente para os cultivos agrícolas estavam situadas as cidades fortificadas de Laquis, Debir e Libna.

O vale do Jordão representa uma das mais fascinantes zonas do mundo. Além dele, a uns 64 quilômetros para o norte do mar da Galiléia, se fecha na altura do monte Hermom com uma altitude de 2793 metros. Ao sul, o vale do Jordão alcança seu ponto mais baixo no mar Morto, a uns 389 metros por debaixo do nível do mar. Quatro correntes de água, uma procedente da planície ocidental e três do monte Hermom, se combinam para formar o rio Jordão a uns 16 quilômetros ao norte do lago Hule. Desde o lago Hule [34], que estava a uns 6 quilômetros de longitude e a 2 metros por acima do nível do mar, o rio Jordão desce num curso de 32 quilômetros a 209 metros por debaixo do nível do mar, rumo ao mar da Galiléia. Esta massa liquida de aproximadamente 24 quilômetros de longitude, era também conhecida como o mar de Cinerete, em tempos do Antigo Testamento. Numa distância de 97 quilômetros, o Jordão, com uma largura média de 27 a 30 metros, serpenteia ao sul num curso de 322 metros rumo ao mar Moro, caindo 183 metros mais por debaixo do nível marítimo. A zona do vale, que é atualmente um grande passo natural entre duas fileiras de montanhas, é às vezes conhecida como Ghor. Começando com uma largura de 6 quilômetros, no mar da Galiléia, se abre até 11 quilômetros em Betsão, estreitando-se até uns 3 quilômetros, antes de expandir-se a 23 quilômetros em Jericó, dentro de 8 quilômetros do mar Morto. Em tempos bíblicos este lago era chamado de Mar Salgado, já que suas águas têm o conteúdo de um 25% de sal. Muito verossimilmente o vale de Sidim, no extremo meridional deste mar de 74 quilômetros de longitude, era o lugar onde estavam localizadas as cidades de Sodoma e Gomorra nos dias de Abraão [35]. Ao sul do Mar Morto, se estende a região desolada e desértica conhecida como Araba. Nos 105 quilômetros distância até Petra, este deserto se eleva a 600 metros, descendo depois até o nível do mar a 80 quilômetros de distância, no golfo de Ácaba.

O Planalto Oriental, ou da Transjordânia, pode geralmente ser dividida em quatro áreas principais: Basã, Gileade, Amom e Moabe. Basã, com seu rico solo, estende-se ao sul do monte Hermom para o rio Jarmute, numa largura de 72 quilômetros, e a uma elevação de quase 610 metros por acima do nível do mar. Sob ele, está o bem conhecido território chamado de Gileade, com seu principal rio, o Jaboque. Estendendo-se ao nordeste do Mar Morto e até onde o Jaboque alcança sua máxima altura, está o território de Amom. Diretamente ao leste do Mar Morto e ao sul do rio Arnom está Moabe, sujos domínios se estenderam muito para o norte em várias ocasiões.

O relato bíblico – Gênesis 12 – 50

O atual consenso dos eruditos concede aos patriarcas um lugar na história do Crescente Fértil, na primeira metade do segundo milênio a.C. A asserção de que o relato bíblico consiste em nada mais que uma lenda fabricada, tem sido substituída por um respeito geral para a qualidade histórica do Gênesis 12 – 50 [36]. Em grande medida, o responsável desta revolucionária mudança, foi o descobrimento e publicação das tabuinhas Nuzu, o mesmo que outras informações arqueológicas que saíram à luz desde 1925. embora não haja uma evidência concreta para identificar qualquer nome específico ou acontecimentos procedentes de fontes externas ao mencionado nos relatos do Gênesis, resulta fácil reconhecer que o médio cultural é o mesmo para ambos. A sola evidência para a existência de Abraão procede da narrativa hebraica, mas muitos eruditos do Antigo Testamento reconhecem agora sua pessoa pelo lugar que ocupa nos princípios da história hebraica [37]. A cronologia dos patriarcas ainda permanece como um ponto discutível. Dentro deste período especial, a data sugerida para

[34] O lago Hule foi recentemente drenado e utilizado com fins agrícolas.

[35] Ver Nelson Glueck, "*The Other Side of the Jordan*" (New Haven: American Society of Oriental Research, 1940), p. 114.

[36] J. Wellhausen, "*Prolegomeno to the History of Israel*" (3ª edição, Edimburgo), p. 331. De acordo com a teoria de Graf-Wellhausen, Abraão, Isaque e Jacó não existiram realmente como indivíduos históricos, senão que foram personagens mitológicas criadas por gênios literários entre o 950 e 400 a.C. Moisés pôde ter sido um indivíduo histórico com o qual começa a história de Israel. (Ver H. Pfeiffer, "*Introduction to the Old Testament*", Nova Iorque, Harper & Brothers, 1941), Elmer W. K. Mould, "*Essentials of Bible History*" (Nova Iorque, Ronald Press Co., 1951), p. 32; representa o registro patriarcal como histórias tribais: que não contêm senão uma "pequena história em moderna terminologia". De acordo com Mould, somente as tribos de Raquel emigraram ao Egito e mais tarde entraram na Palestina para unir-se com as tribos que nunca emigraram ao Egito.

[37] H. H. Rowley "*Recent discoveries ansiedade the Patriarcal Age*", em "*The Servant of the Lord and other Essays on the Old Testament*" (Londres, Luterworth Press, 1952) pp. 269-305. Ver também W. F. Albright "*The biblical period*" (Pittsburgh, 1950), p. 6: "Porém, como num todo, a descrição do Gênesis é histórica e não há razão para duvidar da geral precisão dos detalhes bibliográficos e bosquejos de personalidade que fazem que a idade dos patriarcas surja de vidas".

Abraão varia desde o século XXI ao XV. Com as cronologias para esta era num estado de fluxo, será preciso tomar nota de várias apreciações a respeito da data dos patriarcas.

Sobre a base de certas anotações cronológicas dadas nas Escrituras, a entrada de Abraão em Canaã se calcula que teve lugar no ano 2091 a.C. Isto permite 215 anos para a vida patriarcal em Canaã, 430 anos para o cativeiro no Egito e uma adiantada data para o Êxodo do Egito (1447 a.C.) [38]. A correlação entre os acontecimentos seculares e bíblicos baseados sobre esta cronologia foi sujeitada a um novo ajuste de cálculo. A teoria, identificando a Anrafel (Gn 14) com Hamurabi, exige uma reinterpretação dos dados bíblicos com a aceitação de uma cronologia babilônica mais baixa [39]. Embora Gordon sugere uma data mais tardia, a Idade Patriarcal parece encaixar melhor no período aproximado de 2000-1750 a.C., de acordo com Kenneth A. Kitchen [40]. Ressalta que os principais acontecimentos e história externa, tais como a densidade da população, os nomes dos Reis Orientais (ver Gn 14) e o sistema de alianças mesopotâmicas e egípcias deste período. Foi também durante esse tempo que o Negueve foi ocupado temporalmente.

Uma data razoável para a emigração de Abraão a Canaã é a princípios do século XIX a.C. em vista da cronologia reajustada recentemente para o Crescente Fértil, esta data parece permitir uma melhor correlação entre os sucessos bíblicos e os seculares. Isto igualaria a entrada de Jacó e José em Egito com o período dos hicsos e levaria o tempo de Abraão, Isaque e Jacó a uma mais próxima associação com a era de Hamurabi e a cultura refletida em Nuzu e nos documentos Mari. Os documentos Mari revelam a situação política na Mesopotâmia por volta de 1750-1700 a.C. Enquanto que as tabuinhas de Nuzu refletem as instituições sociais entre os humanos (os horeus bíblicos), por volta de 1500 a.C., se conhece que alguns desses costumes provavelmente prevaleceram na cultura da Mesopotâmia do norte, já para o ano 2000 a.C. A presença de uma colônia hitita nos dias de Abraão, também aponta a uma data posterior ao 1900 a.C. (Gn 23) [41]. Embora não se encontra resposta a nenhum problema na data do século XIX para Abraão, esta perspectiva parece ter o mais importante a seu favor.

Sobre a base dos personagens importantes da narrativa da idade patriarcal, pode convenientemente ser dividida como segue: Abraão, Gn 12.1-25.18; Isaque e Jacó, Gn 25.19-36.43; José, Gn 37.1-50.26.

Abraão (Gn 12.1-25.18)

I. Abraham estabelecido em Canaán	**12.1-14.24**
Transição desde Harã a Siquem, Betel e o País do Sul	12.1-9
Permanência em Egito	12.10-20
Separação de Abraão e Ló	13.1-13
A terra prometida	13.14-18
Ló resgatado	14.1-16
Abraão abençoado por Melquisedeque	14.17-24
II. Abraão espera o filho prometido	**15.1-22.24**
O filho prometido	15.1-21
O nascimento de Ismael	16.1-16
A promessa renovada – A aliança e seu filho	17.1-27
Abraão, o intercessor – Ló resgatado	18.1-19.38
Abraão liberado de Abimeleque	20.1-18
Nascimento de Isaque – Expulsão de Ismael	21.1-21
Abraão habita em Berseba	21.22-34
A aliança confirmada em obediência	22.1-24
III. Abraão provê pela posteridade	**23.1-25.18**
Abraão adquire um local de sepultamento	23.1-20
A noiva para o filho prometido	24.1-67
Isaque designado como herdeiro – Morte de Abraão	25.1-18

Mesopotâmia, a terra entre dois rios, foi o lar e a pátria de Abraão (Gn 12.6; 24.10 e At 7.2). situada sobre o rio Balik, um tributário do rio Eufrates, Harã constituiu o centro de

[38] Para um cálculo representativo das referências bíblicas e interpretações, ver Merrill F. Unger, "*Archeology and the Oíd Testamen"* (Giand Rapids: Zondervan 1954) pp. 105-107).

[39] A nova baixa cronologia data a Hamurabi em 1700 a.C., em vez de 2100 a.C. (Ver nota ao pé, número 5).

[40] Gordon, op. cit., pp. 113-133, data de nascimento de Abraão na última parte do século XV a.C. Embora Gordon reconhece que o enorme material do Gênesis pode ser reconhecido como confiável, assume que muitos dês números e anos nos relatos hebraicos são esquemáticos e não poder ser tomados literalmente. Para uma extensiva bibl iografia sobre a data da Idade Patriarcal, ver K. Kitchen, "*Anclent Orient and Oíd Testament".* (Chicago-Inter-Varsity Press), 1966, p. 41.

[41] G. Ernest Wright, "*Biblical Arqueaology"* (Filadélfia: Westminster Press, 1957), p. 50. Cf. Albright, *op. cit..* pp. 3-6.

cultura onde viveu com seus parentes. Os nomes da parentela de Abraão, Taré, Nacor, Peleg, Serug e outros, estão testemunhados nos documentos Mari e assírios como nomes de cidades nesta zona [42]. Em obediência ao mandado de Deus, de deixar a terra e parentela, Abraão deixou Harã para estabelecer-se com um novo lar na terra de Canaã.

Abraão tinha vivido em Ur dos caldeus antes de chegar a Harã (Gn 11.28-31). A identificação mais geralmente aceitada de Ur é a moderna Tell el-Muqayyar, que está situada a 14 quilômetros a oeste de Nasiriyeh, sobre o rio Eufrates, ao sul do Iraque. Foram dadas algumas considerações para as notações geográficas modernas nos tempos de Abraão a uma cidade chamada Ur, localizada no norte da Mesopotâmia [43]. O lugar meridional de Ur (Uri) foi escavado em 1922-34, conjuntamente pelo Museu Britânico e o Museu da Universidade de Filadélfia, sob a direção de Sir Leonard Wooley. Traçou a história de Ur desde o quarto milênio a.C. até o ano 3000 a.C., quando esta cidade foi abandonada. Neste lugar foram encontradas as ruínas do zigurate que tinha sido reconstruído pelo próspero rei sumério Ur Nammu, quem governou por pouco tempo antes do 2000 a.C. Esta cidade continua sendo a grande capital da Terceira Dinastia de Ur. A deusa-lua Nannar que foi adorada em Ur foi também a principal deidade em Harã [44]. A vida de Abraão conduz por si mesma a uma variedade de tratamentos.

Geograficamente se podem traçar seus movimentos começando com a cidade altamente civilizada de Harã. Deixando seus parentes, embora acompanhado de Ló, seu sobrinho, viajou por volta de 647 quilômetros até a terra de Canaã, onde se deteve em Siquem, aproximadamente a 48 quilômetros ao norte de Jerusalém. Além de uma excursão ao Egito obrigado pela fome, Abraão se deteve em lugares tão bem conhecidos como Betel, Hebrom, Gerar e Berseba. Sodoma e Gomorra, as cidades da planície para as quais emigrou Ló, estavam diretamente espalhadas ao leste do País do Sul ou Negueve, onde se estabeleceu Abraão.

Freqüentes referências indicam que Abraão foi um homem de considerável riqueza e prestigio. Longe de ser um nômade errabundo no sentido beduíno, Abraão dispunha de interesses mercantis. Embora a valoração de seus possessões seja modestamente resumida e expressada numa simples declaração "todas as coisas que haviam reunido e as almas que haviam conseguido em Harã" (12.5) é muito verossímil que esta riqueza sua estivesse representada por uma grande caravana quando emigrou à Palestina. Uma força de 318 servos utilizada para liberar a Ló (14.14) e uma caravana de dez camelos (24.10) não significa senão uma indicação dos recursos com que contava Abraão [45]. Os servos estavam acumulados por compra, doação e nascimento (16.1; 17.23; 20.14). Seus rebanhos e manadas de gado em constante crescimento, a prata e o ouro, e os servos para cuidar tão extensas possessões, indicam que Abraão foi um homem de grandes médios. Os líderes palestinos reconheceram a Abraão como a um príncipe com quem podiam fazer alianças e concluir tratados (Gn 14.13; 21.22; 23.6).

Desde o ponto de vista das instituições sociais, o relato do Gênesis de Abraão resulta um estudo fascinante. Os planos de Abraão para fazer de Eliézer herdeiro de suas possessões, já que não tivera um filho (Gn 15.2) refletem as leis de Nuzu, que determinavam que um casal sem filhos podia adotar como filho um servo fiel, que pudesse ostentar direitos legais e quem podia ser recompensado com a herança, como pagamento por seus cuidados constantes e o enterro em cãs de falecimento. Os costumes maritais de Nuzu, o mesmo que o código de Hamurabi, proviam que, se a esposa de um homem casado não tinha filhos, o filho de uma criada podia ser reconhecido como legítimo herdeiro. A relação de Agar com Abraão e Sara é algo típico dos costumes que prevaleciam na Mesopotâmia. A preocupação de Abraão pelo bem-estar de Agar pode também ser explicada pelo fato de que legalmente uma criada que parisse um filho não podia ser vendida para a escravidão.

Um estudo devocional de Abraão pode resultar altamente proveitoso. A promessa sêxtupla feita ao patriarca tem um grande alcance nas implicações da história. A promessa de Deus de fazer dele uma grande nação se realiza subseqüentemente nos acontecimentos do Antigo Testamento. "Eu te abençoarei", logo se tornou uma realidade em sua experiência pessoal.

O nome de Abraão se fez grande não somente como pai dos israelitas e maometanos, senão também como o grande exemplo de fé para os crentes cristãos, segundo os escritos do Novo

[42] Esta terra era também conhecida como Padã-Harã, de tal forma que o nome "aramaico" foi aplicado a Abraão e a seus familiares. Ver Gn 25.20, 28.5, 31.20,24 e Dt 26.5. Também Labão falava aramaico. Gn 31-47.

[43] Gordon, *op. cit.,* p. 1?2. Ver também as citas de Nuzu numa tese não publicada por Loren Fisher na Universidade de Brandeis, "*Nuzu Geographical Names*".

[44] G. E. Wrght, *op. cit ,* p. 41, observa: "De qualquer modo, estamos seguros ao dizer que o lar com o qual os patriarcas estiveram mais intimamente relacionados foi Harã, existindo muito poucas evidências de qualquer influencia do sul da Mesopotâmia sobre suas tradições".

[45] Gordon, *op. cit.,* p. 124.

Testamento, em Romanos, Gálatas, Hebreus e Tiago. Além disso, a atitude do homem para Abraão e seus descendentes teria uma direta influência na bênção ou maldição sobre o gênero humano; isto assegurou a Abraão um lugar único no desígnio providencial para a raça humana. Certamente, a promessa de que Abraão seria bendito foi literalmente cumprida durante sua vida, o mesmo que nos tempos subseqüentes. Finalmente, a promessa de abençoar todas as famílias da terra se descobre em seu alcance a escala mundial quando Mateus começa seu relato da vida de Jesus Cristo, estabelecendo que Ele é o "filho de Abraão".

A aliança joga um papel importante na experiência de Abraão. Notem-se as sucessivas revelações de Deus após a promessa inicial à qual Abraão responde com obediência. A medida que Deus acrescenta sua promessa, Abraão exerceu a fé, que lhe foi reconhecida como justiça em Gênesis 15. nesta aliança, a terra de Canaã foi especificamente dada em prenda aos descendentes de Abraão. Com a promessa do filho, a circuncisão se converte no sinal do pacto (Gn 17). Esta promessa da aliança foi selada finalmente no ato de obediência de Abraão, quando esteve disposto a executar o sacrifício de seu único filho Isaque (Gn 22).

A religião de Abraão é um tema vital nos relatos bíblicos, patriarcais. Procedente de um fundo politeísta onde a deusa-lunar Nannar era reconhecida como o deus principal na cultura de Babilônia, Abraão chega a Canaã. Que sua família serviu a outros deuses fica claramente estabelecido em Josué 24.2. em Canaã, e em meio de um entorno idólatra e pagão, a meta de Abraão foi a de "construir um altar ao Senhor". Depois de resgatar a Ló e ao rei de Sodoma, recusou uma recompensa, reconhecendo que ele estava por completo dedicado por devoção única a Deus, o "fazedor dos céus e da terra". A íntima comunhão e camaradagem existente entre Deus e Abraão estão belamente retratadas no capítulo 18, onde ele intercede por Sodoma e Gomorra. Talvez seja sobre a base de Is 41.8 e Tg 2.23 que a Septuaginta inseriu as palavras "meu amigo" em 18.17. Através dos séculos, a porta meridional de Jerusalém, que conduz a Hebrom e Berseba, tem sido sempre citada como a "porta da amizade", em memória da relação íntima entre Deus e Abraão.

Isaque, o filho prometido, foi o herdeiro de tudo o que Abraão possuía. Outros filhos de Abraão, tal como Ismael, de onde descendem os árabes e Midiã, o pai dos midianitas, receberam presentes quando partiram de Canaã, deixando o território a Isaque. Antes de sua morte, Abraão deixou a Rebeca por esposa de Isaque. Abraão também comprou a cova de Macpela [46], que se converteu no sepulcro de Abraão, Isaque e Jacó, assim como o de suas esposas.

Isaque e Jacó (Gn 25.19-36.43)

I. A família de Isaque	**25.19-34**
Rebeca, a mãe dos gêmeos	25.19-26
Esaú e Jacó intercambiam os direitos de primogenitura	25.27-34
II. Isaque estabelecido em Canaã	**26.1-33**
A aliança confirmada a Isaque	26.1-5
Dificuldades com Abimeleque	26.6-22
A bênção de Deus sobre Isaque	26.23-33
III. A bênção patriarcal	**26.34-28.9**
Isaque favorece a Esaú	26.34-28.9
A bênção roubada: imediatas conseqüências	27.5-28.9
IV. As aventuras de Jacó com Labão	**28.10-32.2**
O sonho em Betel	28.10-22
Família e riqueza	29.1-30.43
A separação com Labão	31.1-32.2
V. Jacó volta a Canaã	**32.3-35.21**
Reconciliação de Esaú e Jacó	32.3-33.17
Dificuldades em Siquem	33.18-34.31
Adoração em Betel	35.1-15
Raquel enterrada em Belém	35.16-21
VI. Descendentes de Isaque	**35.22-36.43**
Os filhos de Jacó	35.22-26
Enterramento de Isaque	35.27-29
Esaú e seu clã em Edom	36.1-43

[46] A compra de Abraão de tal propriedade (Gn 23) reflete a lei hitita. Efrom insistiu em vendê -lhe o campo inteiro, e assim Abraão se fez responsável pela tributação e outros impostos que desejava evitar, ao interesar-se somente pela cova. Ver J. F. Lehman, "*Bulletin of ihe American Schools of Oriental Research",* nº 129 (1953), pp. 15-18. Ver Gordon, *op. cit., p.* 124 e Wright, *op. cit.,* p. 51.

O caráter de Isaque, segundo se descreve no Gênesis, está em certa forma escurecido pelos acontecimentos da vida tanto do pai como do filho. Com o anúncio da morte de Abraão, o leitor fica imediatamente apresentado a Jacó, quem emerge como o elo da sucessão patriarcal. Pode ser que muitas das experiências de Isaque fossem similares às de Abraão, pelo que haja pouco que narrar ao respeito.

Embora Isaque herdou a riqueza de seu pai e continuou a mesma pauta de vida, é interessante notar que se comprometeu em questões de agricultura perto de Gerar (26.12).

Abraão em certa ocasião tinha-se detido em Gerar, em território filisteu, mas passou muito tempo nas redondezas de Hebrom. Quando Isaque começou a cultivar a terra, obteve colheitas que lhe proporcionaram o cento por um. Aquele êxito tão pouco comum nas lavouras do campo excitou a inveja dos filisteus de Gerar, de forma que Isaque teve de deslocar-se, por considerá-lo necessário, rumo a Berseba, com objeto de manter relações pacíficas.

A presença dos filisteus em Canaã durante os tempos patriarcais tem sido considerada um anacronismo. O estabelecimento caftoriano em Canaã por volta de 1200 a.C. representou uma migração tardia do Povo do Mar, que previamente tinham-se estabelecido em outras ocasiões durante um longo período de tempo. Os filisteus se haviam estabelecido em pequenos grupos muito antes de 1500 a.C. Com o passar do tempo se misturaram com outros habitantes do Canaã, porém o nome de "Palestina" (Filistéia) continua levando o testemunho de sua presença em Canaã. A cerâmica caftoriana por todo o sul e a parte central da Palestina, ao igual que as referências literárias, testemunham a superioridade dos filisteus nas artes e habilidades manuais. Nos dias de Saul monopolizaram os trabalhos metalúrgicos na Palestina [47].

Polemico em conduta, Jacó surgiu como herdeiro da aliança. De acordo com os costumes de Nuzu, negociou com Esaú para assegurar-se a herança e seus direitos. Sua capacidade de negociador fica logo aparente em sua aquisição dos direitos de primogenitura pelo escasso preço de um prato de lentilhas. O irreal sentido de Esaú do valor das coisas pôde ter sido provocado pela fatiga temporária e à exaustão de uma expedição de caça que não teve recompensa alguma. Além disso, Jacó ganhou a bênção no leito de morte, usando um truque e a decepção, instigado por Rebeca, sua mãe. O significado desta aquisição se compreende melhor por comparação com as leis contemporâneas que faziam tais bênçãos orais legalmente válidas. Deve notar-se, contudo, o fato que o relato bíblico coloque a ênfase no lugar que ocupa a chefia familiar por acima das bênçãos materiais.

Temendo o provável matrimônio de Jacó com mulheres hititas, tanto como a vingança de Esaú, Rebeca concebeu e instrumentou um plano para enviar a seu filho favorito a Padã-Harã. De caminho, Jacó responde a um sono em Betel com uma promessa condicional para servir a Deus e uma tentativa de dar o dizimo de suas rendas. Tendo recebido uma cordial acolhida em seu lar ancestral, Jacó entra num acordo com Labão, irmão de Rebeca. De acordo com os costumes de Nuzu, isto poderia ter sido mais que um simples contrato para o matrimônio. Aparentemente, Labão não tinha um filho naquela época, pelo que Jacó foi instituído como herdeiro legal. Típico da época foi o presente de Labão de uma criada a cada uma de suas filhas, Raquel e Lia. A esposa de Labão deu a luz mais tarde a outros filhos, pelo que Jacó deixou de ser o herdeiro principal. Aquela mudança nos assuntos não foi do agrado de Jacó; desejou ir embora, porém foi dissuadido por um novo contrato que lhe abria a possibilidade de obter riqueza mediante os rebanhos de Labão. Com o passar do tempo, Jacó chegou a ser tão próspero, apesar do reajuste de contrato de Labão, que a relação existente entre o pai e o genro se alterou.

Alentado por Deus para voltar à terra de seus pais, Jacó reuniu todas suas possessões e partiu no momento oportuno, quando Labão estava ausente num negócio de gado. Três dias mais tarde Labão soube da partida de Jacó e mandou em sua busca. Após sete dias lhe deu alcance nas colinas de Gileade. Labão estava profundamente perturbado pela desaparição de seus deuses-lar. O terafim, que Raquel tinha escondido com êxito enquanto Labão buscava nas possessões de Jacó, pôde ter sido mais legal que de significação religiosa para Labão [48]. De acordo com a lei Nuzu, um genro que tiver em seu poder os deuses-lar poderia reclamar a herança da família ante um tribunal. Dessa forma Raquel tentava obter certa vantagem para seu marido, ao roubá-lhe os ídolos. Porém Labão anulou qualquer benefício dessa índole por um convenio com Jacó antes de separar-se.

Continuando rumo a Canaã, Jacó antecipou o terrível encontro com Esaú. O temor o venceu, ainda que toda crise do passado tivesse acabado com vantagem para ele. A ponto de não voltar, Jacó encarou-se com uma crucial experiência (32.1-32). Dividindo todas suas

[47] Gordon, *op. cit.,* pp. 121-123.

[48] Labão distinguia entre os deuses de Nahor e o Deus de Abraão (Gn 31.29-30). Enquanto que Jacó era monoteísta, Labão era politeísta.

possessões nem rio, Jacó, em preparação para o encontro com Esaú, se voltou a Deus em oração.

Reconheceu humildemente que era imerecedor de todas as bênçãos que Deus lhe havia outorgado. Mas de face para o perigo, suplicou por sua liberação. Durante a solidão da noite, lutou a braço partido com um homem. Nesta estranha experiência, na qual reconheceu um encontro divino, seu nome foi mudado pelo de "Israel" em lugar de continuar chamando-se Jacó. Depois disso, Jacó não foi o impostor; em seu lugar esteve sujeito à decepção e aos sofrimentos por seus próprios filhos.

Quando chegou Esaú, Jacó se prostrou sete vezes —outra antiga tradição mencionada nos documentos ugaríticos e de Amarna—, e recebeu a seguridade do perdão de seu irmão.

Declinando cortesmente a generosa ajuda oferecida por Esaú, Jacó continuou lentamente para o Sucote, enquanto Esaú voltava ao Seir.

A caminho para o Hebrom, Jacó acampou em Siquem, Betel e Belém. Embora adquiriu algumas terras em Siquem, o escândalo e a perfídia de Levi e Simeão tornaram impossível continuar vivendo naquela região (34.1-31). Este incidente, o mesmo que o ofensivo de Rubem (35.22), teve a ver com a bênção de Jacó para seus filhos (49).

Quando recebei instruções de Deus para trasladar-se a Betel, Jacó se preparou para sua volta àquele lugar sagrado suprimindo a idolatria de seu lar. Em Betel erigiu um altar. Ali, Deus renovou a aliança com a seguridade de que não só uma nação, senão um grupo de nações e reis surgiriam de Israel (35.9-15).

Enquanto viajavam para o sul, Raquel morreu ao dar a luz a Benjamim. Foi enterrada na vizinhança de Belém, num lugar chamado Efrata. Seguindo sua viagem com seus filhos e possessões, Jacó chegou finalmente ao Hebrom, ao lar de seu pai Isaque. Quando morreu Isaque, Esaú voltou desde Seir para reunir-se com Jacó no sepultamento de seu pai.

Os edomitas, aparentemente, contavam com uma ilustrativa história. Pouco se conhece a respeito deles, além do relato sucinto relatado em Gn 36.1-43, o que indica que tinham diversos reis inclusive antes que qualquer rei reinasse em Israel. Neste aspecto, a narrativa do Gênesis dispõe de linhas colaterais antes de resumir o relato patriarcal.

José (Gn 37.1-50.26)	
I. José, o filho favorito	**37.1-36**
Odiado por seus irmãos	37.1-24
Vinda ao Egito	37.25-36
II. Judá e Tamar	**38.1-30**
III. José: escravo e governante	**39.1-41.57**
José em prisão	39.1-20
Interpretação dos sonhos	39.21-41.36
Governante perto do Faraó	41.37-57
IV. José e seus irmãos	**42-.1-45.28**
A primeira viagem – Simeão tomado como refém	42.1-38
Segunda viagem com Benjamim –José se identifica a si mesmo	43.1-45.28
V. A família de José se estabelece no Egito	**46.1-50.26**
Gósen distribuído aos israelitas	46.1-47.28
As bênçãos patriarcais	47.29-49.27
O sepultamento de Jacó em Canaã	49.28-50-14
A esperança de José para Israel	50.15-26

Numa das mais dramáticas narrações da literatura mundial, as experiências de José entretecem a vida patriarcal no Egito. Enquanto os contatos anteriores tinham sido primariamente com o ambiente da Mesopotâmia, a transição ao Egito resultou numa mistura de costumes, conseqüência daquelas duas formas tão adiantadas de civilização. Nesta narrativa, percebemos a continuidade da antiga influência, a adaptação ao ambiente egípcio e, acima de tudo, toda a guia protetora e o controle de Deus nas fascinantes fortunas de José e seu povo.

José, o filho de Raquel, foi o orgulho e a alegria de Jacó. Para mostrar seu favoritismo, Jacó o engalanou com uma túnica, aparentemente a marca externa de um chefe de tribo [49]. Seus irmãos, que já estavam ressentidos contra José pelos maus informes que lhes concerniam,

[49] "Manto de muitas cores", de acordo com a Septuaginta e Targum Jonathan, ou uma túnica que lhe chegava aos tornozelos. Das pinturas do túmulo de Bcne Ilassam, mostrando os líderes das tribos semitas que apa recem no Egito em 1500 a.C., com mantos de diversas cores, ver J. B. Pritchard, "*Ancient New Eastern Texts in Pictures*" (Princeton University Press, 1954), fig. 3.

foram incitados por este fato a um ódio extremo. A questão chegou a um ponto álgido quando José lhes relatou dois sonhos prognosticando sua exaltação [50]. Os irmãos mais velhos deram liberdade a seu rancor jurando tirar-se de cima a José na primeira ocasião.

Enviado por seu pai a Siquem, José não pôde achar a seus irmãos até que entrou em Dotã, aproximadamente a 130 quilômetros ao norte do Hebrom [51]. Após submetê-lo ao ridículo e ao abuso, os irmãos o venderam aos mercadores midianitas e ismaelitas, em quem conseqüência, dispuseram dele como de um escravo para Potifar no Egito. Ao mostrar-lhe a capa que vestia José, suja de sangue, Jacó chorou e se enlutou pela perda de seu filho favorito na crença de que tinha sido morto pelas bestas selvagens.

O leitor fica em suspense pelo bem-estar de José com o episódio de Judá e Tamar (38.1-30). Este relato tem significação histórica, já que subministra o passado genealógico da linha davídica (Gn 38.29; Rt 4.18-22; Mt 1.1). Além disso, a despeito da conduta pouco exemplar de Judá, a prática do levirato [52] é mantida no matrimônio. A demanda de Judá de que Tamar fosse queimada pelo delito de prostituição, pode refletir um costume levado a Canaã pelos indo-europeus, tais como os hititas e os filisteus. As fontes ugaríticas e mesopotâmicas testemunham o uso de três artigos para significar a identificação pessoal. Tamar estabeleceu a culpabilidade de Judá por sua impregnação ao utilizar seu selo, seu cordão e seu cajado como prova. Já que a lei hitita permitia a um pai fazer cumprir as obrigações do levirato ao casar uma nora viúva, Tamar não foi submetida ao castigo sob a lei local por seu estratagema em enrolar o plano de Judá ao ignorar seus direitos de matrimônio.

Na legislação mosaica, a estipulação foi feita para o matrimônio do levirato (Dt 25) [53]. As experiências de José na terra do Nilo foram demonstradas como autênticas em muitos detalhes (39-50). Os nomes egípcios e títulos aconteceram, como podia esperar-se. Potifar é designado como "capitão da guarda" ou "chefe dos executores", que era usado como o título que se dava à guarda pessoal do rei. Azenate (nome egípcio), a filha de um sacerdote de Om (Heliópolis), se converteu na esposa de José.

Oficiais importantes da corte egípcia estão apropriadamente identificados como "chefe de mordomos" e "chefe dos padeiros". Os costumes egípcios estão igualmente refletidos.

Sendo José um semita, levava barba; porém para sua presença ante o Faraó, teve de ser raspado de conformidade com as formas egípcias. A fina roupa de linho, o colar de ouro e o anel com o selo enfeitaram a José na típica forma egípcia quando assumiu o mando administrativo sob a divina autoridade do Faraó. "Abrek", provavelmente uma palavra egípcia que significa "tomar nota", é a ordem para todos os egípcios ao produzir-se a designação de José (Gn 41.43) [54]. O embalsamamento de Jacó e a mumificação de José também seguiam as normas egípcias do cuidado próprio dos falecidos.

São também de grande valor os paralelos na vida de José e na literatura egípcia. A transição de José desde ser um escravo a converter-se num governante, tem um grande parecido com o clássico egípcio, "O camponês eloqüente". Os sete anos de abundância, nos sonhos do Faraó, comportam igualmente uma grande similitude com uma velha tradição egípcia [55]. A todo o longo desses anos de adversidade, sofrimentos e êxito, a relação humano-divina é claramente aparente. Tentado pela esposa de Potifar, José não cedeu. Não queria pecar contra Deus (Gn 39.9). Em prisão, José confessou abertamente que a interpretação dos sonhos somente correspondia a Deus (40.8). quando apareceu frente ao Faraó, José reconheceu que Deus se valia dos sonhos para revelar o futuro (41.25-36). Inclusive no fato de dar nome a seu filho, Manassés, José reconheceu a Deus como a fonte de sua promoção e o alívio de suas dores (41.51). Também tomou a Deus em consideração em sua interpretação da história: ao revelar sua identidade a seus irmãos, humildemente deu crédito a Deus por levá-lo a ele ao Egito. Não

---

[50] Embora a duplicidade de sonhos era típica da literatura do Próximo Oriente, estes tiveram e agregaram uma importância divina na vida de José.

[51] Inclusive hoje, os pastores levam seus rebanhos desde o sul da Palestina ao poço de Jotão, de acordo com J. P. Free, que esteve escavando Dotã desde 1953. sobre a ladeira superior do outeiro, os níveis 3 e 4 representam cidades da época do Bronze Médio (1000-1600 a.C.). Ver "*Bulletin of the American Schools of Oriental Research",* nº 135 e 139. Durante a temporada de 1959, o nível superior, somente 15 cm por debaixo da superfície, mostrava indícios de uma reconstrução, após a destruição executada pelos assírios em 722 (ver 2 Rs 17.5-6). Um segundo nivel pode ser a restauração feita após a invasão assíria do 733, enquanto que um terceiro nível sugere uma devastação anterior, provavelmente pelos assírios. Ver BASOR, dezembro, 1959.

[52] Levirato (lat. *levir*, cunhado): preceito da lei mosaica, que obriga o irmão do que morreu sem filhos a casar com a viúva (N. da T.).

[53] Para mais detalhes, ver Cirus H. Gordon, *op. di.,* 136-137. Também seu artigo "*Épica indoeuropea y hebraica*". *Erelz-Israel,* V. (1958), 10-15.

[54] Nas versões portuguesas, esta palavra é traduzida como "Ajoelhai-vos". Isto concordaria com o que J. Vergote sugere: éø.brk, 'irendei homenagem!', 'iajoelhai-vos!', imperativo egípcio de um termo emprestado semítico, ("*Joseph in Egypte*", 1959, pp. 135–141, 151). (N. da T. – Fonte: Nuevo Diccionario Bíblico Certeza – e-Sword).

[55] Para tradução feita por John A. Wilson, ver. J. B. Pritchard, "*Ancíent Near Eastern Texts",* pp. 31-32.

disse em nenhum momento que eles o haviam vendido como escravo (41.4-15). Depois da morte de Jacó, José voltou, mais uma vez, a dá-lhes a segurança de que não buscaria vingança. Deus tinha ordenado os eventos da história para o bem de todos (50.15-21).

O engrandecimento feito de Deus por José através de muitas vicissitudes, foi recompensado por sua própria elevação. Na casa de Potifar, foi tão fiel e tão notável e eficiente que foi elevado à categoria de superintendente. Lançado na prisão por falsas acusações, José logo foi considerado com responsabilidades de supervisão que utilizou sabiamente para ajudar a seus companheiros de encarceramento. Através do mordomo, quem por dois anos falhou em lembrar sua ajuda, José foi levado subitamente na presença do Faraó para interpretar os sonhos do rei. Foi certamente um momento oportuno: o governante do Egito tinha a necessidade de contar com um homem como José, que provou sua valia. Como chefe administrador, não somente guiou o Egito através dos anos cruciais da abundância e da fome, senão que foi o instrumento adequado para salvar a sua própria família. A posição de José e seu prestígio fizeram possível o distribuir a terra do Gósen aos israelitas quando emigraram ao Egito.

Aquilo foi uma enorme vantagem para eles, a causa de seus interesses como pastores.

As bênçãos de Jacó formam uma conclusão que encaixa na idade patriarcal do relato do Gênesis. Em seu leito de morte, pronunciou sua última vontade e seu testamento. Ainda se achasse no Egito, suas bênçãos refletem o costume da Mesopotâmia, o lar original, onde os pronunciamentos orais eram reconhecidos como fiel testemunho de fé ante um tribunal.

Mantendo as promessas divinas feitas aos patriarcas, as bênçãos de Jacó, dadas em forma poética, tiveram uma significação profética.

• CAPÍTULO 3: A EMANCIPAÇÃO DE ISRAEL

Os séculos se passaram em silêncio desde a morte de José, até o amanhecer da consciência nacional, sob Moisés. A História Sagrada, não obstante, se refere a novas e excitantes dimensões com a única transição dos israelitas desde as garras faraônicas da escravidão à situação de uma nação independente como povo escolhido de Deus. em menos do que pareceu uma eternidade, superaram e obtiveram uma miraculosa libertação do imperador mais poderoso da época, receberam uma divina revelação que os fez conscientes de serem o povo da aliança de Deus, e lhes foi transmitido um código de leis em preparação para ocupar a terra da promessa dos patriarcas. Não é surpreendente que esta notável experiência fosse recordada e volta a viver anualmente na observância da Páscoa dos judeus. Repetidamente os profetas e salmistas aclamam a libertação de Israel do poder do Egito como o mais significativo milagre de sua história.

Tão cheia de significado foi aquela emancipação e tão vital foi aquela interpretação entre Deus e Israel para as gerações vindouras, que quatro quintas partes do Pentateuco, ou mais de um sexto da totalidade do Antigo Testamento está dedicado a este curto período na história de Israel. Depois dos anos da opressão egípcia, que recebe uma breve consideração nos capítulos introdutórios, os acontecimentos destes quatro livros. Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio, estão confinados a menos de cinco décadas. No bosquejo seguinte se lembra sumariamente o material de referência:

Desde o Egito até o Monte Sinai	Êx 1-18
Acampamento no Sinai	Êx-19-Nm 10
Recorridos pelo deserto	Nm 10-21
Acampamento ante Canaã	Nm 22-Dt 34

Acontecimentos contemporâneos

Não existe desacordo entre os eruditos, que aceitam a historicidade do cativeiro de Israel no Egito e que o Êxodo teve lugar durante a era do Novo Reino. Já que os capítulos que encerram o Gênesis já relatam a imigração de Israel para o Gósen, os acontecimentos contemporâneos no Egito são de primordial importância.

A invasão dos hicsos

A poderosa Décimo Segunda Dinastia do Reino Médio no Egito foi seguida (1790 a.C.) por duas outras fracas dinastias sob as quais o governo ficou desintegrado. Os invasores semitas procedentes da Ásia, conhecidos como os hicsos, povo que já utilizava o cavalo e o carro de guerra, desconhecidos pelos egípcios, ocuparam Egito aproximadamente por volta do 1700 a.C. é muito pouco o que se conhece acerca do povo, embora Manetho atribui às XV e XVI Dinastias a estes governantes estrangeiros que controlaram o Baixo Egito durante quase um século e meio. No transcurso do tempo, rivais de Tebas dominaram a utilização do cavalo e o carro de guerra, e sob Amosis, da XVII Dinastia, estiveram em condições de expulsar os hicsos do país (1500 a.C.). Aquela circunstância deu a oportunidade para o ressurgimento de um governo poderoso conhecido como o Novo Reino. É compreensível que os egípcios não deixassem testemunhos escritos de tão grande humilhação perpetrada pelos hicsos durante a dominação destes. Portanto, nosso conhecimento deste período e, desafortunadamente, muito limitado.

O novo reino (1546-1085 a.C.)

Neste período reinaram no Egito três dinastias. Sob os três primeiros governantes da XVIII Dinastia, Amenofe e Tutmose I e II (1550-1500 a.C.), Egito ficou estabelecido com a força e a grandeza de um Império. Embora Tutmose III foi o supremo governante desde 1504 a 1450 a.C., seu poderio ficou escurecido durante os primeiros vinte e dois anos de seu reinado pela rainha Hatshepute, que obteve o controle completo de todo o governo. Como conseqüência de seu poderoso e brilhante liderança, foi reconhecida tanto pelo Baixo como pelo Alto Egito.

Entre os impressionantes edifícios construídos, não foi o menor o projeto de um templo branco de pedra calcaria. Este mortuário foi construído em terraços sustentados por colunas, com o imponente maciço rochoso de Deir-el-Bahri como fundo. Um de seus grandes obeliscos (contendo 130 m³ de granito, e que alcançava quase 30 metros de altura), ainda se mantém em pé em Karnak.

Tutmose III, cujas ambições tinham sido neutralizadas durante muitos anos, ganhou a possessão completa e sem disputa da coroa Hatshepute ao morrer esta. Estabeleceu o poder absoluto no Egito, afirmando-se como o maior líder militar na história do Egito. Em dezoito campanhas, estendeu o alcance de seu reinado até o Eufrates, marchando seus exércitos através da Palestina ou navegando pelo Mediterrâneo até a costa fenícia. Como militar e construtor de impérios, tem sido freqüentemente comparado com Alexandre Magno e Napoleão. Devido a que tais campanhas eram executadas durante o verão, costumava promover a construção de grandes edifícios durante o inverno, embelezando e ampliando o grande templo de Karnak, que tinha sido erigido para Amom durante o Reino Médio. Os obeliscos que erigiu podem ser contemplados em nossos dias em Londres, Nova Iorque, o Lateralense e Constantinopla.

Tutmose III foi seguido por Amenofe II (1450-1425, que foi um grande esportista; Tutmose IV (1425-1417), que escavou a esfinge e casou com uma princesa mitanni, e Amenofe III (1417-1379). Amenofe IV, ou Akh-en-Aton (1379-1362) é melhor conhecido pela revolução efetuada em matéria religiosa. É muito provável que os Faraós fossem progressivamente enfastiando-se do crescente poder dos sacerdotes de Amom, em Tebas. Tutmose IV tinha subscrito previamente sua real descendência ao antigo deus solar Ra, antes que a Amom; porém Amenofe IV foi além disso, tentando negar o opressivo poder dos sacerdotes tebanos. Ele foi o campeão da adoração de Aton, que estava representado pelo disco solar. Construindo um templo a seu novo deus em Tebas, enquanto que era co-regente com seu pai, se proclamou a si mesmo o primeiro sacerdote de Aton. Não satisfeito com erigir templos em várias cidades por todo seu império, escolheu o novo emprazamento de Amarna para a localização de seu deus. desde esta capital, situada aproximadamente a meio caminho entre Tebas e Mênfis, estabeleceu a adoração de Aton como a religião do Estado. Tomou as medidas precisas para que se adorasse e servisse somente a este deus. Tão dedicado esteve a Aton que ele e seus devotos esqueceram as demandas de ajuda procedentes de várias partes do reino. Os arquivos de Amarna, descobertos em 1887, proporcionam um testemunho a este respeito [56]. Quando Akh-en-Aton morreu, a capital novamente estabelecida foi abandonada. Seu genro, Tut-ank-Amon, assegurou o trono renunciando a Aton e restaurando a antiga religião dos deuses de Tebas. O túmulo de Tut-ank-Amon, descoberto em 1929, subministrou abundante evidência de sua devoção a Amon. Com a curta vida e o breve reinado de Ay, a XVIII dinastia terminou em 1348 a.C.

Os dois grandes reis da seguinte dinastia, que durou até 1200 a.C., foram Seti I (1318-1304) e Ramsés II (1304-1237). O primeiro começou a reconquista do império asiático, que tinha sido perdido durante os dias de Akh-en-Aton, e levou a capital à parte oriental do Delta. O último continuou sua tentativa de reconquistar a Síria, mas eventualmente assinou um tratado de paz com o rei hitita, que selou seu acordo ao dar sua filha em matrimônio a Ramsés II. Este é o primeiro dos pactos de não-agressão entre nações conhecido até hoje. Além do extenso plano de construções em ou perto de Tebas, Ramsés II também embelezou Tânis, a capital do Delta, que os governantes hicsos tinham utilizado séculos antes.

Durante o resto das dinastias XIX e XX, os governantes egípcios lutaram para reter seu reinado. Conforme foi decrescendo o poder central, o sacerdócio local de Amom ganhou bastante força para estabelecer a XXI Dinastia por volta de 1085 a.C., e o Egito nunca mais tornou a recuperar, como resultado do declive que sofria, sua posição como potencia mundial.

A religião no Egito [57]

Egito era um país politeísta. Com deidades locais como base da religião, os deuses egípcios se fizeram numerosos. Os deuses da Natureza foram comumente representados por animais e pássaros. Eventualmente, as divindades cósmicas, personificadas nas forças da Natureza, foram elevadas por acima dos deuses locais e foram teoricamente considerados como deidades

[56] A maior parte destas cartas foram escritas em acádio pelos escribas cananeus na Palestina, Fenícia e a Síria Meridional a Amenofe III e a Akh-en-Aton. Para uma tradução de alguns desses textos cuneiformes por W. F. Albright, ver Pritchard, "*Ancient Near Eastern,* pp. 483-490.

[57] Ver W. C. Hayes, "*The Scepler of Egvpt";* Vol. I (Nova Iorque: Harper & Brothers, 1953), capítulo VI, "A religião e crenças funerárias do Antigo Egito", pp. 75-83.

nacionais ou universais. Havia uma tal quantidade, que chegaram a ser agrupados em famílias de tríades e novenários [58].

De igual forma, os templos foram numerosos por todo o Egito. Com a provisão de um lar ou templo para cada deus, chegou o sacerdócio, as ofertas, os festivais, ritos e cerimônias, para sua adoração e culto. Como resposta a tais circunstâncias, o povo considerava a seus deuses como seus benfeitores. A fertilidade da terra e dos animais, a vitória ou a derrota, a enchente do Vale do Nilo e de fato, qualquer fator que afetasse seu bem-estar, estava indiciado a qualquer deus.

A proeminência nacional acordada a respeito de qualquer deus estava intimamente relacionada com a política. O deus falcão, Hórus, surgiu como uma deidade local e depois passou a ter caráter de deidade estatal quando o rei Menes uniu o Baixo e o Alto Egito nos começos da história egípcia. Quando a Quinta Dinastia patrocinou o deus-sol de Heliópolis, Ra se converteu na cabeça do panteão egípcio. A mais achegada aproximação a um deus nacional no Egito foi o reconhecimento dado a Amom durante o Médio e Novo Reino. Os magníficos templos erigidos em Karnak e Lúxor, nas proximidades de Tebas, ainda mostram o real patrocínio deste deus. na cidade de Tebas, com a XVIII dinastia, o culto de Amom com seu sacerdócio tebano se fez tão forte que o desafio feito aos Faraós teve êxito no poder com a morte de Akh-en-Aton. A despeito da proeminência dos deuses nacionais, em nenhuma ocasião foram adotados pela população egípcia. Para um camponês egípcio, o deus local foi sempre o da maior importância.

Os egípcios acreditavam numa vida após a morte. Uma conduta irrepreensível sobre a terra conduzia à imortalidade do homem. Isto é válido também para os sepultamentos reais representados pelas pirâmides e outros túmulos, nos quais se depositava toda classe de provisões, tais como alimentos, bebidas e objetos de luxo com a intenção de sua utilização na vida do além. Nos primeiros tempos, inclusive os servos eram mortos e guardavam junto o corpo de seus amos. Como Osíris, o símbolo divino da imortalidade, o egípcio morto antecipava assim o juízo de um tribunal do outro mundo com a esperança de estar moralmente destinado à felicidade de uma vida eterna.

A extrema tolerância da religião egípcia se explica pela existência sem fim e o reconhecimento de tantísimos deuses. Nenhum deles foi nunca eliminado por completo. Já que o moderno estudioso encontra difícil fazer uma analise lógica de tão incontáveis elementos misturados de sua religião, é difícil também pensar que o fizesse qualquer egípcio nativo.

A confusão resulta de qualquer tentativa de relacionar entre si a hoste de deidades existentes com seus respectivos cultos e rituais. Tampouco pode ser racionalizado tão enorme conjunto de crenças e mitos.

A data do Êxodo

Que Israel abandonasse a escravidão durante a última metade do segundo milênio a.C. é algo que está sujeito sem dúvidas e discussões. Muito poucos eruditos poderiam datar o Êxodo além de uma duração de tempo de dois séculos e meio (1450-1200). Dado que não há referências ou incidentes no livro do Êxodo que possam ser definitivamente relacionados com a história do Egito, poder datar o momento demanda ulteriores pesquisas.

A respeito de uma data mais específica da era mosaica, duas classes de evidências podem garantir uma cuidadosa investigação e minucioso exame: a arqueologia e a bíblica. Até agora, nenhuma tem proporcionado uma conveniente resposta que obtenha o apoio dos eruditos do Antigo Testamento.

A queda de Jericó, que aconteceu dentro do meio século seguinte ao Êxodo, está ainda sujeita a uma datação arqueológica que se balanceia entre aproximadamente dois séculos (1400-1200).

As recentes escavações confirmaram antigos achados e conclusões para seu re-exame.

Garstang, quem escavou Jericó (1930-36), arrazoou que a invasão de Josué está melhor datada por volta de 1400ac [59]. Miss Kathleen Kenyon mantém que os achados sobre os quais estavam baseadas estas conclusões procedem da primitiva Idade do Bronze (terceiro milênio), e que virtualmente não resta nada dos séculos durante os quais se datam a ocupação israelita (1500-1200). Em conseqüência, ela afirma que sua recente escavação (1952-56) não brinda luz alguma sobre a destruição de Jericó. Enquanto que Garstang datou a última cerâmica

[58] Novenário: espaço de nove dias que se dedica à memória de um defunto, e as exéquias celebradas geralmente no nono dia após um óbito (N. da D.).

[59] John Gastang Joshua "*Judges*" (Londres: Constable, 1931), p. 146. Ver., também "*The Story of Jericho*" (Nova ed. Rev. Londres; Marshall, Morgan y Scott), 1948, pp. XIV, 126-127.

procedente da Idade do Bronze não mais tarde de 1385 a.C., Kenyon prefere uma data mais tardia (1350-1325 a.C.) [60]. já que isto representa a ocupação da Idade do Bronze, ela data a destruição de Jericó pelos israelitas no terceiro quarto do século XIV [61]. Albright, Vincent e Vaux, e Rowley estão a favor da última metade do século XIII para a queda de Jericó sob Josué [62]. Os exames da superfície da cerâmica na Arábia e na Transjordânia, indicam que os reinos moabitas, amonitas e edomitas não foram estabelecidos até o século XIII [63]. Tudo isto não tem sido confirmado pelas extensas escavações, pelo que essa cerâmica que corresponde a essa zona ainda pode estar sujeita a posteriores reajustes cronológicos [64]. Comparativamente se conhece pouco a respeito das condições de vida do povo a quem os israelitas acharam em seu caminho rumo o Canaã. Embora Glueck não achou evidência de habitantes na Transjordânia para o período anterior ao século XIII, é possível que esse povo estivesse vivendo em cidades feitas com tendas, mas cujo caso, naturalmente, não restariam ruínas [65]. Tampouco tem a identificação de Píton e Ramsés uma resposta conclusiva para evidenciar a data da partida de Israel do Egito [66]. Essas cidades poderiam ter sido construídas pelos israelitas, porém construídas novamente, e assim terem recebido novos nomes por Ramsés durante seu reinado. Em conseqüência, a evidência arqueológica, que de momento está sujeita a várias interpretações, não oferece uma prova conclusiva para a precisa datação cronológica do Êxodo.

Os informes bíblicos provêm dados limitados para o estabelecimento de uma data definitiva para a época da escravidão de Israel. Somente uma referência cronológica, especificamente, liga a era salomônica [67] — que tem datas bem estabelecidas— com o Êxodo. A suposição de que os 480 anos anotados em 1 Rs 6.1 provêm uma base para a datação exata, proporciona uma data para o Êxodo, aproximadamente no 1450 a.C. [68] embora outras referências [69] e o relato de outros acontecimentos apontem a uma longa era entre a entrega do Egito e a era do reinado de Israel, nenhuma das passagens bíblicas implicam a garantia de uma datação precisa.

Mais numerosas são as anotações bíblicas que aproximam o período que precedeu o Êxodo. Apesar de que os problemas de interpretação estejam ainda sem resolver-se, tudo conduz à impressão de que os israelitas passaram vários séculos no Egito [70]. As referências genealógicas podem sugerir um período comparativamente curto de tempo entre José e Moisés; porém o uso de uma genealogia como base para uma aproximadamente de tempo está ainda sujeito a discussão [71]. As genealogias com freqüência têm amplas lagoas que as fazem inutilizáveis para a fixação de uma cronologia [72]. O crescimento dos israelitas desde setenta até uma grande multidão, que ameaçava a ordem egípcia, favorece igualmente o lapso de séculos para a residência de Israel na terra do Nilo.

---

[60] Ver Ernest Wright, "*Biblical Archaeology*" (Filadelfia: Westminster Press, 1957), pp. 78-80, Wright e Albright independentemente concluíram que a última cerâmica procedente da "era Josué" de Garstang está melhor datada na segunda metade do século XIV. Ambos, contudo, datam a queda de Jericó no século XIII.

[61] Kathleen Kenyon, "*Digging Up Jericho*" (Londres: Emest Benn. 1957), pp. 262-263.

[62] Vincent e Vaux sugerem 1250-1200 a.C. para um estudo exploratório deste dilema, com uma conclusão que favorece esta última data, ver H. H. Rowley, "*From Joseph to Joshua*" (Londres: Oxford University Press,1950).

[63] Nelson Glueck, "*The Other Side of the Jordán".* (New Haven, 1940), pp. 125-147.

[64] Tal foi o caso com a cerâmica e sua cronologia na Palestina. Ver Free, *op. cit*. p.99.

[65] Dwight Wayne Young, da Universidade de Brandeis, ressalta que tal foi o caso concernente aos midianitas nos dias de Gideão (Jz 6-7).

[66] Este nome, Pi-Ramsés, entra em uso na XIX dinastia para o lugar previamente conhecido como Avaris. Desde a XXII dinastia em diante, esta cidade foi conhecida pelo nome de Tânis. O uso em Gn 47.11 e Êx 1.11 pode representar a modernização do nome geográfico no texto hebraico.

[67] Datas aceitáveis para o final do reino de Salomão estão agora confinadas a um período variável de dez anos. as datas representativas são: Albright: 922; Thiele: 931.

[68] De acordo com Thiele, Salomão começou a construir o Templo em 967 a.C. a data para o Êxodo sobre este cálculo é a de 967 + 480, ou 1447 a.C. para uma discussão de diversas teorias, ver Rowley, *op. cit*., pp. 74-98. utilizando números redondos e permitindo 25 anos em lugar de 40 para uma geração, Wright, *op. cit*., pp. 83-84, reduz 480 a aproximadamente 300 anos, datando o Êxodo depois do 1300 a.C.

[69] comparar Jz 11.26 e At 13.19; certamente a última se obtém pela adição de números redondos. Fazendo-o para Moisés, Josué, Juízes, Saul e Davi, aponta a um período mais longo que a última data sugere para o Êxodo.

[70] Comparar Êx 12.40-41 (o texto hebraico diz 430, LXX, 215), Gn 15.13 e Gl 3.17, mencionam 400 anos. estes parecem números redondos e deixam aberto o alcance deste período em questão. Começou este período com Abraão, o nascimento de Isaque, ou com a migração de Jacó e seus filhos para o Egito? A tradição rabínica data os 400 anos desde o nascimento de Isaque. Ver "*The Soncino Chumash",* ed. A. Cohen. (Hinhead, Surrey: The Soncino Press, 1947), p. 397.

[71] Ver Rowley, *op. cit.,* pp. 71 y ss. Ver sua discussão em Nm 26.59 e outras passagens.

[72] Por exemplo, em Mt 1, onde se omitem alguns reis muito conhecidos. Ver o estudo de W. H. Green, em "Biblioteca Sacra", abril, 1890.

As considerações bíblicas indicam cronologias mais extensas antes e depois do Êxodo. Sobre esta base, é razoável considerar 1450 como uma data apropriada para o Êxodo e permite a migração de Jacó e seus filhos na era dos ossos e de sua supremacia no Egito.

O relato bíblico

A dramática fuga da escravidão egípcia está vividamente retratada em Êx 1.1-19.2. começando com uma breve referência a José e à adversa fortuna de Israel, os histriônicos acontecimentos centrados por volta de Moisés culminam na emancipação de Israel. A narrativa, em si mesma, conduz às seguintes subdivisões:

I. Israel livre da escravidão	Êx 1.1-13-19
Condições no Egito	Êx 1.1-22
Moisés, nascimento, educação, chamamento	Êx 2.1-4.31
Enfrentamento com o Faraó	Êx 5.1-11.10
A Páscoa dos judeus	Êx 12.1-13.19
II. Desde o Egito ate o Monte Sinaí	Êx 13.20-19.2
Libertação divina	Êx 13.20-15-.21
A caminho do acampamento do Sinai	Êx 15.22-19.2

Opressão sob o Faraó

Nos dias de José, os israelitas, que tinham interesses pastoris, receberam permissão de desfrutar a terra mais fértil do Delta do Nilo. O invasores hicsos, povo também de pastores, muito verossimilmente estiveram favoravelmente dispostos para os israelitas. Com a expulsão dos hicsos, os governantes egípcios assumiram mais poder e com o tempo, começou a opressão dos israelitas. Um novo governante, não familiar a José, não tinha interesse pessoal em Israel; senão que introduziu uma série de medidas que tinham como fim aliviar o temor de uma rebelião israelita. Conseqüentemente, o povo escolhido foi destinado a uma dura lavoura construindo cidades, tais como Píton e Ramsés (Êx 1.11). Um édito real ordenou aos egípcios que matassem, a seu nascimento, a todos os varões nascidos aos israelitas. Este foi o desígnio do Faraó para frear a bênção de Deus sobre Israel conforme o povo crescia e aumentava e prosperava (Êx 1.15-22). Anos depois, quando Moisés desafiou o poder do Faraó, a opressão foi intensificada, retendo aos escravos israelitas a palha tão útil na produção de tijolos (Êx 5.1-21).

A preparação de um líder

Moisés nasceu em tempos perigosos. Foi adotado pela filha do Faraó e lhe deram facilidades e vantagens para sua Ec no mais importante centro daquela civilização.

Embora não esteja mencionado no Êxodo, Estevão, dirigindo-se ao Sinédrio em Jerusalém, se refere a Moisés como tendo sido instruído na sabedoria egípcia (Atos 7.22). Uma extensa facilidade educacional na corte egípcia foi efetuada durante o Novo Reino e seu período, para treinar os reais herdeiros dos príncipes tributários. Embora retidos como reféns para assegurar-se a percepção dos tributos, eram magnificamente tratados em sua principesca prisão. Se um distante príncipe morria, um filho que tinha estado submetido à cultura egípcia era designado para o trono com a esperança de que seria um leal vassalo do Faraó [73]. É altamente provável que Moisés recebesse sua educação egípcia juntamente com os herdeiros reais da Síria e de outras terras.

O corajoso intento de Moisés de ajudar a seu povo finalizou no fracasso. Temendo a vingança do Faraó, fugiu para a terra de Midiã, onde passou os seguintes quarenta anos.

Ali foi favoravelmente acolhido no lar de Reuel, um sacerdote de Midiã, que era também conhecido como Jetro [74]. Com o passar do tempo, Moisés tomou por esposa a filha de Zípora, e se estabeleceu dedicando-se à vida dos pastores no deserto de Midiã. Através da experiência adquirida do pastoreio na zona que rodeava o Golfo de Ácaba, Moisés indubitavelmente adquiriu um grande conhecimento daquele território. Sem estar ciente de sua importância, recebeu uma excelente preparação para conduzir a Israel através daquele deserto muitos anos mais tarde.

O chamamento de Moisés é certamente significativo à luz do passado e seu treinamento (Êx 3-4). Na corte do Faraó percebeu que haveria de contender com a autoridade. Não sem razão solicitou a liberdade dos israelitas. Deus assegurou a Moisés a divina ajuda, e que proveria sua

[73] Steinhoff y Secle, "*When Egypt Ruled the East",* p. 105.

[74] A pronunciação em hebraico é Reuel (Êx 2.18), e em grego é Reguel (Nm 10.29). em outras partes do Êxodo, é chamado Jetro. Ver "*The New Bible Comentary*" para uma discussão sobre Nm 10.29.

atuação com três milagres que lhe dariam crédito ante os israelitas: a vara que se converteu em serpente, a mão do leproso e a água que se converteria em sangue. Isto proporcionou uma base razoável para que os israelitas acreditassem que Moisés estava comissionado pelo Deus dos patriarcas. Tendo recebido a certeza de que Arão seria seu porta-voz, Moisés cumpriu com a chamada de Deus e voltou ao Egito.

A confrontação com o Faraó

Durante o período do Novo Reino, o poder do Faraó era soberano e não ultrapassado por nenhuma nação contemporânea. Seu domínio, às vezes, se estendia tão longe como o Eufrates.

A aparição de Moisés na corte real, demandando a liberação de seu povo de Israel, significava um desafio ao poder de Faraó.

As pragas, que aconteceram durante um período relativamente curto, demonstraram o poder do Deus de Israel, não só ao Faraó e aos egípcios, senão também aos próprios israelitas. A atitude do Faraó desde o princípio é a do desafio expressado na pergunta: "Quem é esse Senhor cuja voz eu deveria obedecer para deixar a Israel ir embora?" (Êx 5.2). quando se enfrentou com a oportunidade de dar cumprimento à vontade de Deus, o Faraó se resistiu, endurecendo seu coração no curso daquelas circunstâncias que com tal motivo se desenvolveram [75]. As três diferentes palavras hebraicas advertindo a Faraó sua atitude —como se estabelece por dez vezes em Êx 7.13-13.15— denota a intensificação de uma condição já existente. Deus permitiu viver ao Faraó dotando-o com a capacidade de resistir as divinas ofertas (Êx 9.16). Deste modo Deus endureceu seu coração como está indicado em duas proféticas referências (Êx 4.21 e 7.23), igual que na narrativa (9.12-14.17). o propósito das pragas —claramente estabelecidas em Êx 9.16— é mostrar ao Faraó o poder de Deus em nome de Israel. O governador do Egito era assim desafiado pelo poder sobrenatural.

De que modo foram afetados os egípcios pelas pragas, não está totalmente declarado.

A última praga consistia em levar a juízo a todos os deuses do Egito (Êx 12.12). a incapacidade do Faraó e de seu povo para repelir aquelas pragas deve ter demonstrado aos egípcios a superioridade do Deus de Israel em comparação com os deuses que eles adoravam.

Aquilo foi a causa de que alguns egípcios chegassem ao conhecimento do Deus de Israel (Êx 9.20).

Israel se fez consciente, do mesmo modo, da divina intervenção. Tendo permanecido na escravidão e o cativeiro por diversas gerações, os israelitas não tinham sido testemunhos de uma demonstração do poder de Deus em sua época. Cada praga triunfante aportava uma maior manifestação do sobrenatural, de modo tal que com a morte do primogênito, os israelitas comprovaram que estavam sendo liberados por Um que era onipotente.

As perigosas estão melhor explicadas como uma manifestação do poder de Deus, através de fenômenos naturais. Nem o elemento natural, nem o sobrenatural, deveriam ser excluídos. Todas as pragas tinham elementos comumente conhecidos pelos egípcios, tais como as rãs, os insetos e as enchentes do Nilo. Porém, a intensificação daquelas coisas que eram naturais, a exata predição da chegada e desaparição das mesmas, o mesmo que a discriminação mediante a qual os israelitas foram excluídos de certas pragas, foram sucessos que devem ter causado o reconhecimento do sobrenatural.

A Páscoa dos judeus

Os israelitas receberam instruções específicas por Moisés a respeito da última praga (Êx 12.1-51). A morte do primogênito não afetou àqueles que cumpriram com os divinos requerimentos.

Um cordeiro ou cabrito, sem mácula, foi escolhido no décimo dia de Abibe. O animal foi morto no dia décimo quarto perto do pôr-do-sol e seu sangue aplicado nas ombreiras e na verga das portas de cada casa. Com a preparação para a partida completada, os israelitas comeram o alimento da Páscoa que consistia em carne, pão sem fermento e ervas amargas. Abandonaram o Egito imediatamente após que o primogênito de cada lar egípcio tiver morrido.

Para os israelitas o Êxodo da terra do Egito foi o maior dos acontecimentos do Antigo Testamento e sua época. Quando o Faraó comprovou que o primogênito de cada lar tinha morrido, ficou conforme com a partida dos israelitas. A observância da Páscoa foi uma rememoração anual de que Deus os tinha deixado em liberdade do cativeiro

O mês de Abibe, mas tarde conhecido como Nisã, marcou desde então o começo de seu ano religioso.

A rota para o monte Sinai

[75] Ver Free, *op. cit.,* pp. 93-94, para ulteriores considerações

A viagem de Israel para o Canaã por via da península do Sinai foi divinamente ordenada.

Não havia dúvida do caminho direto —um caminho em bom uso utilizado para propósitos comerciais e militares— e que os deveria levar a terra prometida numa quinzena. Para uma desorganizada multidão de escravos liberados, o desvio sinaítico não só tinha uma vantagem militar, senão que também os provia de tempo e oportunidade para sua organização.

O incrementado conhecimento arqueológico e topográfico tem dissipado as antigas disputas a respeito da historicidade [76] deste caminhar rumo ao sul, inclusive apesar de que algumas identificações geográficas sejam ainda incertas. A imprecisa significação de nomes de lugares tais como Sucote, Etã, Pi-Hairote, Baal-Zefom e Migdol, dá margem a diversas teorias que concernem à rota exata [77]. Os Lagos Amargos podem ter estado relacionado com o Golfo de Suez, pelo que este canal lamacento poderia ser "mar das Canas" (Yam Suph) [78]. É muito provável que os egípcios tivessem uma linha de fortificações mais ou menos parecidas com o Canal de Suez para protegê-los dos invasores asiáticos.

O ponto exato da passagem das águas por Israel é de importância secundária, pólo fato que esta massa de água, além de ter afogado os egípcios perseguidores, subministrou uma infranqueável barreira entre os israelitas e a terra do Egito. Um forte vento do leste abre as águas para a passagem das gentes de Israel. Embora isto possa ter similar em algum fenômeno natural [79], o elemento tempo claramente indica uma intervenção sobrenatural realizada em seu favor (Êx 14.21). A proteção divina foi aparente também quando a coluna em forma de nuvem os ocultou dos egípcios e evitou que estes os atacassem antes que as águas se abrissem. Após esta triunfal libertação, Israel tinha razão para dar graça a Deus (Êx 15).

Uma jornada de três dias através do deserto de Sur levou Israel a Mara onde as águas amargas se converteram em águas doces. Avançando rumo ao sul, os evadidos acamparam no Elim, onde desfrutaram da comodidade de doze mananciais de água e de setenta palmeiras. No deserto de Sim, Deus miraculosamente os proveu de maná, que lhes serviu de alimento diário até que entraram no Canaã. As codornas também foram subministradas em abundância quando os israelitas tiveram necessidade de carne. Em Refidim aconteceram ter coisas significativas: a água que brota da rocha quando Moisés a toca com sua vara, Amaleque foi rejeitado pelo exército israelita sob o mando de Josué enquanto Moisés orava, e Moisés delegando seus deveres de administração aos anciãos, de acordo com o conselho de Jetro [80].

Em menos de três meses, os israelitas chegaram ao Monte Sinai (Horebe). Ali permaneceram acampados por aproximadamente um ano.

ESQUEMA 2: O CALENDÁRIO ANUAL

Ano Sagrado	Meses Hebraicos	Ano Civil	Equivalência moderna	Mês Babilônico	Estação Agrícola
1	**Abibe (Nisã)** 1-Lua nova 14-Páscoa 15- Sábado–santa convocatória 16- Semana do pão sem fermento 21-santa convocação	7	Março Abril	Nisanu	Chuvas fim primavera Começo da colheita da cevada
2	**Iyar (Zif)** 1-Lua nova	8	Abril Maio	Aiaru	Colheita da cevada
3	**Siván** 1-Lua nova 6-7-Festa das Semanas	9	Maio Junho	Simanu	Colheita do trigo
4	**Tamuz** 1-Lua nova	10	Junho Julho	Duzu	

[76] Albright ressalta que o egiptólogo Alan Gardiner, que rejeitou a historicidade da rota do Êxodo, retirou suas objeções em 1953. ver "*From Stone Age to Christianity",* p. 1.

[77] Sucote significa "tabernáculos", e é usada mais de uma vez como nome de um lugar. Etã se refere a "muros", Pi - Hairote significa "casa das marismas" (terreno baixo e alagadiço nas beiras do mar ou dos rios); Migdol quer diser "fortaleza". Ver L. H. Grollenberg "*Atlas of the Bible"* (Nova Iorque: Nelson & ES, 1956), p. 48.

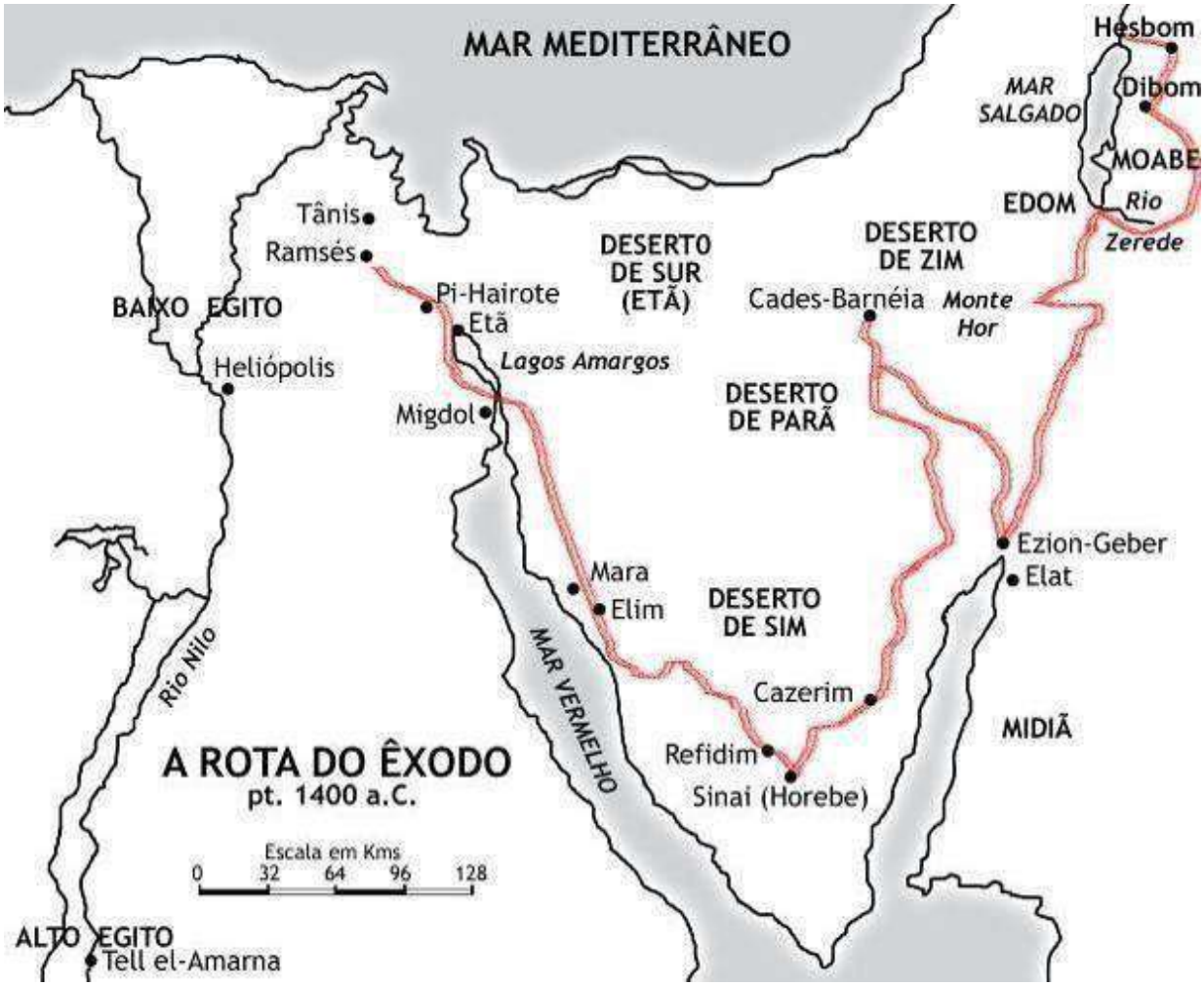
[78] M. F. Unger, "*Archaeology and Old Testament*", pp. 137-138.

[79] Como referência a subseqüentes observações de sucessos similares, ver Free, *cit.,* pp. 100-101.

[80] Ver Êx 17-18.

5	**Abrão** 1-Lua nova	11	Julho Agosto	Abu	Maturação de figos e palmeiras
6	**Elul** 1-Lua nova	12	Agosto Setembro	Ululu	Estação das vindimas
7	**Tishri (Etanim)** 1-Lua nova Dia do Ano Novo Festa das Trombetas 10-Dia da expiação 15-22-Festa de Tabernáculos	1	Setembro Outubro	Tashritu	Antigas primeiras chuvas Tempo de arar
8	**Marcheshvan (Bul)** 1-Lua Nova	2	Outubro Novembro	Arahsamuu	Tempo de semear cevada e trigo
9	**Chislev (Kisleu)**	3	Novembro Dezembro	Kislimu	
10	**Tebet**	4	Dezembro Janeiro	Tebetu	
11	**Sebat**	5	Janeiro Fevereiro	Shabatu	
12	**Adar**	6	Fevereiro Março	Addaru	Floração das amendoeiras

MAPA 2: A ROTA DO ÊXODO



• CAPÍTULO 4: A RELIGIÃO DE ISRAEL

O acampamento no monte teve um propósito. Em menos de um ano, o povo da aliança com Deus se converteu numa nação. A aliança estabeleceu com o Decálogo as leis para uma vida santificada, a construção do Tabernáculo, a organização do Sacerdócio, a instituição das ofertas e as observâncias das festas e estações do ano, todo o qual capacitava a Israel para servir a Deus de uma forma efetiva (Êx 19.1 e Nm 10.10).

A religião de Israel foi uma religião revelada. Durante séculos, os israelitas tinham sabido que Deus fez um pacto com Abraão, Isaque e Jacó, ainda que experimentalmente não tivessem sido conscientizados de seu poder e manifestações feitas em seu nome. Deus realizou um propósito deliberado com esta aliança ao liberar a Israel do cativeiro egípcio e da escravidão (Êxodo 6.2-9). E foi no monte Sinai onde o próprio Deus se revelou a si mesmo ao povo de Israel.

A experiência de Israel e a revelação de Deus naquele acampamento estão registradas em Êxodo 19 e até Levítico 27. As seguintes subdivisões podem servir como uma guia para ulteriores considerações:

I. Aliança de Deus com Israel	**Êx 19.3-24.8**
Preparação para o encontro com Deus	Êx 19.3-25
O Decálogo	Êx 20.1-17
Ordenanças para Israel	Êx 20.18-23.33
Ratificação da aliança	Êx 24.1-8
II. O lugar para a adoração	**Êx 24.9-40-38**
Preparação para sua construção	Êx 24.10-31.18
Idolatria e juízo	Êx 32.1-34.35
Construção do Tabernáculo	Êx 35.1-40.38
III. Instruções para um viver santo	**Lv 1.1-27.34**
As ofertas	Lv 1.1-27.34
O sacerdócio	Lv 8.1-10.20
Leis de purificação	Lv 11.1-15.33
O dia da expiação	Lv 16.1-34
Proibição de costumes pagãos	Lv 17.1-18.30
Leis da santidade	Lv 19.1-22.33
Festas e estações	Lv 23.1-25.55
Condições para as bênçãos	Lv 26.1-27.34

A aliança

Tendo permanecido em cativeiro e num entorno idolátrico, Israel a partir de então seria um povo totalmente devotado a Deus. por um ato sem precedentes na história, nem repetido desde então, foi repentinamente mudado desde uma situação de escravidão à de uma nação livre e independente. Ali, no Sinai, sobre a base de sua liberação, Deus fez uma aliança pela qual Israel seria sua nação sagrada.

Israel foi instruído para preparar três dias para o estabelecimento desta aliança. Através de Moisés, Deus revelou o Decálogo, outras leis e instruções para a observação de festas sagradas. Sob a liderança de Arão, dois de seus filhos e setenta anciãos, o povo adorou a Deus com oferendas de fogo e de paz. Após de Moisés ter lido o livro da aliança, eles responderam aceitando seus termos. A aspersão do sangue sobre o altar e sobre o povo selou o acordo. Israel teve a seguridade de que seria levado à terra de Canaã a seu devido tempo. A condição da aliança era a obediência. Os membros individuais da nação podiam perder seus direitos à aliança pela desobediência. Sobre as planícies de Moabe, Moisés conduziu os israelitas a um ato público de renovação de tudo aquilo antes de sua morte (Dt 29.1).

O Decálogo [81]

As dez palavras ou dez mandamentos constituem a introdução à aliança. As enumerações mais comuns do Decálogo, como se consideram no presente, são:

A maior parte dos protestantes e a Igreja Católica Grega (Ordem de Josefo)	**Luteranos e a Igreja Católica Romana (Ordem de Agostinho)**
1. Deuses estranhos Êx 20.2-3.1	1. Deuses estranhos e imagens Êx 20.2-6.2
2. Imagens Êx 20.4-6-2	2. Nome de Deus
3. Nome de Deus	3. Sábado
4. Sábado	4. Pais
5. Pais	5. Matar
6. Matar	6. Adultério
7. Adultério	7. Roubar
8. Roubar	8. Falso testemunho
9. Falso testemunho	9. Desejar a casa do próximo
10. Ambicionar	10. Ambicionar a casa, a propriedade ou a mulher do próximo

Os judeus diferem de Josefo ao utilizar Êx 20.2 como o primeiro mandamento e os versículos 3-6 como o segundo. A divisão usada pelos judeus desde os primeiros séculos do cristianismo, coloca o versículo 2 aparte como o primeiro mandamento, e combina os versículos 3-6 como o segundo. A enumeração agostiniana diferia ligeiramente da lista citada anteriormente, em que o nono mandamento se refere à avareza e ao desejo pela esposa do próximo, enquanto que a propriedade estava agrupada sob o décimo mandamento, seguindo a ordem estabelecida no Deuteronômio.

Distribuindo os dez mandamentos em duas tábuas, os judeus desde Filo até o presente, as dividem em dois grupos de cinco cada. Já que a primeira tabuada é quatro vezes tão longa como a segunda, esta divisão pode estar sujeita a discussão. Agostinho designou três à primeira tábua e sete à segunda, começando a última com o mandamento de honrar pai e mãe. Calvino e muitos outros, que seguiram a enumeração de Josefo, utilizam a mesma divisão em duas partes, com quatro na primeira tábua e seis na segunda. Esta divisão em duas partes por Agostinho e Calvino, assina todos os deveres para com Deus na primeira tábua. Os deveres para com os homens ficam consignados na segunda. Quando Jesus reduziu os dez mandamentos em dois, em Mateus 22.34-40, pôde ter aludido a tal divisão.

A característica distintiva do decálogo é evidente nos primeiros dois mandamentos.

No Egito eram adorados muitos deuses. As pragas foram dirigidas contra os deuses egípcios. Os habitantes de Canaã também eram politeístas. Israel ia a ser distinto e único como o próprio povo de Deus, caracterizado por uma singular devoção a Deus e somente a Deus.

Conseqüentemente, a idolatria era uma das piores ofensas na religião de Israel.

Deus entregou a Moisés a primeira cópia do decálogo no monte Sinai. Moisés rompeu aquelas tábuas de pedra sobre as quais foram escritos os dez mandamentos pelo dedo de Deus, quando comprovou que seu povo estava rendendo culto ao bezerro de ouro fundido. Após que Israel fosse devidamente castigado, porém salvado do aniquilamento mediante a oração intercessora de Moisés, Deus lhe ordenou que proporcionasse duas tábuas de pedra (Dt 10.2-4).

Sobre tais tábuas, Deus escreveu mais uma vez o decálogo. Aquelas tábuas foram mais tarde colocadas na Arca da Aliança.

As leis para um viver santo

A expansão das leis morais e suas normas adicionais para um viver santo foram instituídas para guiar os israelitas em sua conduta como "povo santificado por Deus" (Êx 20-24, Lv 11-26). A simples obediência a essas leis morais, civis e cerimoniais, os distinguiriam de todas as nações que os circundavam.

Essas leis para Israel podem ser entendidas melhor à luz das culturas contemporâneas de Egito e Canaã. O matrimônio entre irmão e irmã, que era coisa comum no Egito, ficava proibido. As ordenações concernentes à maternidade e ao nascimento dos filhos, não somente

[81] Para detalhes a respeito do Decálogo, a lei, o Tabernáculo, o sacerdócio e as ofertas, festas e estações, ver o comentário sobre o Êxodo e Levítico de Keil e Delitzsch.

lembravam que o homem é uma criatura pecadora, senão que se erigia contra a perversão sexual como contraste, contra a prostituição e o sacrifício de crianças, associados com seus rituais religiosos e com as cerimônias dos cananeus. As leis do alimento purificado e as restrições concernentes ao sacrifício de animais, tinham como finalidade evitar que os israelitas se conformassem com os costumes egípcios, associados com rituais idolátricos. Os israelitas, tendo vivido e conservando frescas as memórias e lembranças da escravidão, deviam ser instruídos em deixar algo para os pobres em tempos das colheitas, prover para os sem ajuda, honrar os anciãos, e render um constante exemplo de justiça em todas suas relações humanas. Conforme se dispunha de um maior conhecimento relativo ao médio religioso contemporâneo do Egito e Canaã, resulta verossímil que muitas das restrições para os israelitas parecessem mais razoáveis para a mente moderna.

As leis morais eram permanentes, porém muitas das civis e cerimoniais eram temporárias em natureza. A lei que limitava o sacrifício de animais para alimento destinado ao santuário central, foi ab-rogada quando Israel entrou em Canaã (comparar Lv 17 e Dt 12.20-24).

O santuário

Até aquele momento, o altar tinha sido o lugar do sacrifício e do culto. Um dos costumes dos patriarcas era que deveriam erigir um altar ali onde fossem. Lá no monte Sinai, Moisés construiu um altar, com doze pilares representando as doze tribos, sobre o qual os jovens de Israel ofereciam sacrifícios para a ratificação da aliança (Êx 24.4ss). um "Tabernáculo de Reunião" que se menciona em Êx 33, foi erigido "fora do acampamento".

Aquilo servia temporariamente somente como o lugar de reunião para todo o Israel, mas também como o lugar da divina revelação. Já que nenhum sacerdócio tinha sido organizado, Josué foi o único ministro. Seguindo imediatamente a ratificação da Aliança, Israel recebeu a ordem de construir um tabernáculo de forma tal que Deus pudesse "habitar em meio dele" (Êx 25.8). Em contraste com a proliferação de templos no Egito, Israel tinha um único santuário. Os detalhes se dão explicitamente em Êx 25-40.

Bezaleel, da tribo de Judá, foi nomeado chefe responsável da construção.

Trabalhando junto a ele estava Aoliabe, da tribo de Dã. Esses homens estavam especialmente insuflados com o "Espírito de Deus" e capacidade e inteligência" para supervisionar o edifício do lugar do culto (Êx 31, 35-36). Assistindo-os, se encontravam muitos outros homens que estavam divinamente motivados e dotados com capacidade para executar suas tarefas particulares. Os oferecimentos pela livre vontade do povo subministravam material mais que suficiente para o logro proposto.

O espaço fechado destinado ao tabernáculo era comumente conhecido e chamado o átrio (Êx 27.9-18; 38-9-20). Com um perímetro de 300 côvados (14m), aquele receptáculo estava marcado por uma cortina de fino tecido retorcido pendurada sobre pilares de bronze com ganchos de prata. Aqueles pilares eram de dois metros de altura e distanciados dois metros um do outro. A única entrada (de 9 metros de largo) se encontrava a final da face leste.

A metade oriental deste átrio constituía o quadrado dos adoradores. Ali, o israelita fez suas oferendas no altar do sacrifício (Êx 27.1-8; 38.1-7). Este altar de bronze (três metros quadrados e quase dois de altura), com chifres em cada esquina, foi construído com madeira de acácia recoberta de bronze. O altar era portátil, equipado com degraus e argolas. Além do altar surgia a pia (Êx 30.17-21; 38.8; 40.30), que também foi construída em bronze. Ali os sacerdotes se lavavam os pés em preparação para seu ofício no altar dos sacrifícios ou no tabernáculo.

Na metade ocidental do átrio, aparecia o tabernáculo propriamente dito. Com uma longitude de 13,50 metros e uma largura de 4,80 metros, estava dividido em duas partes. A única entrada aberta para o oriente, que dava acesso ao lugar sagrado, tinha 9 metros de largura, e era acessível aos sacerdotes. Além do véu estava o Lugar Santíssimo (4,5 metros x 4,5 metros), onde o Sumo Sacerdote tinha permissão para entrar no Dia da Expiação.

O tabernáculo em si mesmo estava construído de 48 tábuas de 4,5 metros de altura e quase 70 cm de largura, com 20 a cada lado e 8 no extremo ocidental. Feito tudo com madeira de acácia recoberta em ouro (Êx 26.1-37; 36.20-38), as tábuas estavam sujeitas por meio de barras e encaixes de prata. O teto consistia numa cortina de linho fino torcido em cores azul, púrpura e carmesim com figuras de querubins. A coberta externa principal estava fabricada com pêlos finos de cabras, que serviam como proteção para o lenço. Duas cobertas mais, uma feita com peles de carneiro e outra de peles de texugo, tinham como finalidade proteger as duas primeiras.

Dois véus do mesmo material da primeira coberta eram usados para os lados oriental e ocidental do tabernáculo, e também para a entrada do lugar santo. A exata construção do

tabernáculo não pode ser determinada, contudo, já que não se subministram detalhes no relato escriturístico.

No lugar santo havia colocadas três peças de mobília: a mesa dos pães da proposição ao norte, o candelabro de ouro para o sul e o altar do incenso ante o véu, separando o lugar santo do lugar santíssimo.

A mesa dos pães da proposição estava feita de acácia, recoberta de ouro puro, tendo uma coroa de ouro ao redor, rodeada de uma moldura de quatro dedos, coroado tudo de ouro. Se fizeram quatro argolas de ouro para os quatro pés em seus cantos. As argolas estão por defronte da moldura, para passar por elas as varas para levá-la (Êx 25.23-30; 37.10-16). Além disso, pratos, colheres e tigelas para as libações, todo de ouro puro. Sobre a mesa se colocavam cada sábado doze pães para a proposição, que eram comidos pelos sacerdotes (Lv 24.5-9).

O candelabro de ouro puro todo ele em sua base e em seu pé era trabalhado a cinzel (Êx 25.31-39; 37.17-24). A forma e medidas do pedestal aparecem incertas. De seus lados saiam seis braços, três de um lado e três do outro. Três copos a modo de amêndoa, um botão e uma flor, numa haste, e outros três copos iguais na outra. E no candelabro mesmo havia também quatro copos em forma de amêndoas, com seus botões e flores. Um botão debaixo filhas duas primeiras hastes que saem do candelabro, outro embaixo das outras duas, e um terceiro embaixo das duas últimas hastes que saiam também do candelabro. Todo em ouro puro batido a cinzel. Cada tarde os sacerdotes enchiam as lâmpadas com azeite de oliva subministrado pelos israelitas, para prover a luz durante toda a noite (Êx 27.20-21; 30-7.8) [82].

O altar dourado, primeiramente usado para a queima do incenso, ficava no lugar santo ante a entrada no lugar santíssimo. Feito de acácia recoberto de ouro, este altar tinha quase 1 m de altura e 46 cm². Tinha uma borda de ouro em volta da parte superior e uma ponta e uma argola sobre cada canto, de forma que pudesse ser convenientemente transportada com varas (Êx 30.1-10, 28.34-37). Cada manhã e cada tarde, ao chegar os sacerdotes ao candelabro, queimavam incenso utilizando fogo procedente do altar de bronze.

A arca da aliança ou testemunho era o objeto mais sagrado na região de Israel. Esta, e somente esta, tinham seu lugar especial no lugar santíssimo. Feita de madeira de acácia recoberta de ouro puro por dentro e por fora, este cofre tinha 1,15 m de comprimento, com um profundidade e largura de 70 cm (Êx 25.10-22; 37.1-9). Com argolas de ouro e varas a cada lado, os sacerdotes podiam facilmente transportá-la. A coberta da arca era chamada de propiciatório. Dois querubins de ouro permaneciam sobre a tampa, de frente um ao outro, com suas asas cobrindo o centro do propiciatório. Este lugar representava a presença de Deus.

A diferença dos pagãos, não existia nenhum objeto material para representar o Deus de Israel no espaço que mediava entre os querubins. O Decálogo claramente proibia nenhuma imagem ou semelhança de Deus. não obstante, o propiciatório era o lugar onde Deus e o homem se encontravam (Êx 30.6), onde Deus falava ao homem (Êx 25.22, Nm 7.89), e onde o sumo sacerdote aparecia no dia da expiação para aspergir o sangue para a nação de Israel (Lv 16.14). dentro da arca propriamente dita, estava depositado o Decálogo (Êx 25.21; 31.38, Dt 10.3-5), um pote de maná (Êx 16.32-34) e a vara de Arão que florescera (Nm 17.10).

Antes de que Israel entrasse em Canaã, o livro da Lei foi colocado perto da Arca (Dt 31.26).

O sacerdócio

Anterior aos tempos de Moisés, as ofertas eram usualmente feitas pelo cabeça da família, que oficialmente representava a sua família no reconhecimento e a adoração a deus. exceto pela referência de Melquisedeque como sacerdote de deus em Gn 14.18, não se menciona oficialmente o ofício ou cargo de sacerdote. Mas já que Israel tinha sido redimido do Egito, o Ef de sacerdote teve uma significativa importância.

Deus desejou que Israel fosse uma nação santa (Êx 19.6). para uma ministração adequada e uma adoração e culto efetivos, Deus designou a Arão para servir como sumo sacerdote durante a permanência de Israel no deserto. Assistindo-o, estavam seus quatro filhos: Nadabe, Abiú, Eleazar e Itamar. Os dois primeiros mas tarde serão castigados em juízo por levar fogo não sagrado ao interior do tabernáculo (Lv 8.10; Nm 10.2-4). Em virtude de ter escapado da morte no Egito, o primogênito de cada família pertencia a Deus. escolhidos como substitutos pelo filho mais velho de cada família, os levitas auxiliavam os sacerdotes em seu ministério (Nm 3.5-13; 8.17). Desta forma, a totalidade da nação estava representada no ministério sacerdotal.

As funções dos sacerdotes eram várias. Sua primeira responsabilidade era mediar entre Deus e o homem. Oficiando nas ofertas prescritas, eles conduziam o povo assegurando-lhe a

[82] No final do livro, o leitor pode aceder ao Apêndice 1, onde encontrará uma série de desenhos realizados acerca do Tabernáculo e suas partes, a fim de ter uma idéia mais clara desses objetos (Adição da Tradutora).

expiação pelo pecado (Êx 28.1-43; Lv 16.1-34). O discernimento da vontade de Deus para o povo era a mais solene obrigação (Nm 27.21; Dt 33.8). sendo custódios da lei, também estavam comissionados para instruir os laicos. O cuidado e a administração do tabernáculo também ficava sem embargo sua jurisdição. Conseqüentemente, os levitas estavam facultados para assistirem os sacerdotes na execução das muitas responsabilidades designadas a eles.

A santidade dos sacerdotes é aparente nos requerimentos para um viver santo, igual que ns pré-requisitos para o serviço (Lv 21.1-22.10). A exemplaridade na conduta era especialmente aplicada pelos sacerdotes como obrigação de ter um especial cuidado em questões de matrimônio e de disciplina da família. Enquanto que as taras físicas os excluíam permanentemente do serviço sacerdotal, a falta de limpeza cerimonial resultante da lepra, ou de contatos proibidos, os desqualificava temporariamente do ministério. Os costumes pagãos, a profanação das coisas sagradas, e a contaminação eram coisas que deviam ser evitadas pelos sacerdotes em todas as ocasiões. Para o sumo sacerdote as restrições eram ainda muito mais exigentes (Lv 21.1-15).

A santidade peculiar para os sacerdotes também estava indicada pelos ornamentos que tinham instruções de vestirem. Feitos de materiais escolhidos e da melhor lavor artesanal, tais vestiduras enfeitavam os sacerdotes em beleza e dignidade. O sacerdote vestia uma túnica, um cinto, uma tiara, e calções de linho, tudo isso fabricado com linho fino (Êx 28.40-43; 39.27-29). A túnica era comprida, sem costuras e com mangas de linho fino, que chegavam quase até os pés. O cinto, embora não esteja particularmente descrito, se colocava por acima da túnica. De acordo com Êx 39.29, o azul, a púrpura e o carmesim eram trabalhados no linho branco torcido do cinto, com lavor de bordado, correspondendo aos materiais e cores utilizados no véu e ornamentos do tabernáculo. O manto do sacerdote terminava numa mitra.

Sob a túnica devia usar os calções de fino linho quando entrava no santuário (Êx 28.42).

O sumo sacerdote se distinguia por ornamentos adicionais que consistiam numa túnica bordada, um éfode, um peitoral e uma mitra para a cabeça (Êx 28.4-39). O vestido, que se estendia Deus o pescoço até embaixo dos joelhos, era azul e liso, exceto por umas campainhas e umas romãs aderidas nas bordas. O primeiro, de cor azul, púrpura e carmesim, tinha um propósito ornamental. As campainhas, feitas de ouro, estavam desenhadas para conduzir a congregação que esperava em qualquer momento a entrada do sumo sacerdote no lugar santíssimo, no dia da expiação.

O éfode consistia em duas peças de ouro, de azul, de púrpura, carmesim e linho fino torcido, unidas entre si com fitas nos ombros. Nos quadris, uma peça estendida em forma de banda, na cintura, afirmava ambas em seu lugar. sobre cada peça dos ombros do éfode, o sumo sacerdote vestia uma pedra preciosa com os nomes de seis tribos gravadas pela ordem de seu nascimento. para igualar a conta, os levitas eram omitidos, já que eles assistiam os sacerdotes, ou talvez José contava por Efraim e Manassés. Desta forma, o sumo sacerdote representava a totalidade da nação de Israel em seu ministério de mediação. Adornando o éfode, levava duas bordas douradas e duas pequenas correntes de ouro puro.

No peitoral, numa espécie de sacola quadrada, de 25 cm, estava o mais luxuoso, magnífico e misterioso complemento do vestido do sumo sacerdote. Cadeiazinhas de ouro puro trançado o uniam ao ombro do éfode. O fundo estava amarrado com um cordão de azul à banda da cintura. Todo de pedras gravadas com os nomes tribais, estavam montadas em ouro sobre a lâmina peitoral, servindo como uma visível lembrança de que o sacerdote representava a nação ante Deus. O Urim e o Tumim, que significavam "luzes" e "perfeição" estavam colocados numa dobra da citada lâmina do peito (Êx 28.30, Lv 8.8). Se conhece pouco a respeito de sua função ou do procedimento prescrito do sacerdote oficiante; porém o fato importante permanece, aquilo que provia um médio de discernir a vontade de Deus.

Igualmente significativa era a vestidura da cabeça ou turbante do sumo sacerdote.

Estendido por toda a testa e aderido ao turbante, levava uma lamina de ouro puro sobre a qual estava escrito "Santidade ao Senhor". Isso constituía uma permanente lembrança de que a santidade é a essência da natureza de Deus. mediante um preceito expiatório, o sumo sacerdote apresentava a seu povo como santo ante Deus. por meio dos sagrados ornamentos o sumo sacerdote, igual que os sacerdotes ordinários, manifestava não somente a glória deste ministério de mediação entre Deus e Israel, senão também a beleza no culto pela mistura do colorido da ornamentação corporal com o santuário.

Numa elaborada cerimônia de consagração, os sacerdotes estavam colocados aparte para seu ministério (Êx 29.1-37; 40.12-15; Lv 8.1-36). Após uma lavagem com água, Arão e seus filhos eram vestidos com os ornamentos sacerdotais e ungidos com óleo. Com Moisés oficiando como mediador, se oferecia um boi jovem como oferta pelo pecado, ao somente para Arão e seus filhos, senão para a purificação do altar dos pecados associados com seu serviço. Isto costumava ir seguido por um holocausto onde se sacrificava um carneiro de acordo com o

ritual usual. Outros destes animais eram então apresentados como oferta pacífica numa cerimônia especial. Moisés aplicava o sangue ao dedo polegar da mão direita, a orelha direita e o polegar do pé direito de cada sacerdote. Depois tomava "a gordura, a cauda, e toda a gordura que está na fressura, e o redenho do fígado, e ambos os rins, e a sua gordura e a espádua direita" (Lv 8.25, ACF), e os apresentava a Arão e a seus filhos, os quais faziam com eles certos sinais e movimentos antes de ser consumido sobre o altar. Após ser apresentado como oferta, o peito era fervido e comido por Moisés e os sacerdotes. Precedendo esta comida sacrificial, Moisés aspergia o azeite da unção e o sangue sobre os sacerdotes e suas vestes. Esta impressionante cerimônia de ordenação era repetida um de cada setembro dias sucessivos, santificando os sacerdotes por seu ministério no tabernáculo. Desta forma, a totalidade da congregação se conscientizava da santidade de deus quando o povo chegava até os sacerdotes com suas ofertas.

As ofertas

As leis sacrificiales e instruções dadas no Monte Sinai não implicavam a ausência das ofertas anteriormente a este tempo. Se pode ou não ser discutida a questão das várias classes de ofertas no sentido de que fosse claramente distinguidas e conhecidas pelos israelitas, a prática de realizar sacrifícios era indubitavelmente familiar, o que se deduz do registrado acerca de Caim, Abel, Noé e os patriarcas. Quando Moisés apelou a Faraó para deixar em liberdade o povo de Israel, já havia antecipado as ofertas e sacrifícios, fazendo-o assim antes de sua partida do Egito (Êx 5.1-3; 18.12, 24.5).

Agora que Israel era uma nação livre e em eleição da aliança com Deus, se deram instruções específicas que concerniam às várias classes de ofertas. Levando-as como estavam prescritas, os israelitas tinham a oportunidade de servir a Deus de maneira aceitável (Lv 1.7).

Quatro classes de ofertas implicavam o espargir do sangue: a oferta que devia ser queimada, a oferta pacífica, a oferta pelo pecado e a oferta pela expiação da culpa. Os animais estimados como aceitáveis para o sacrifício eram animais limpos de manchas cujo carne podia ser comido, tais como cordeiros, cabras, bois ou vacas, velhos ou jovens. Em caso de extrema pobreza, estava permitida a oferta de rolas ou pombinhos.

As regras gerais para realizar o sacrifício eram como se segue:

1) Apresentação do animal no altar.
2) A mão do oferente se colocava sobre a vítima.
3) A morte do animal.
4) A aspersão do sangue sobre o altar.
5) Queima do sacrifício.

Quando um sacrifício era oferecido para a nação, oficiava o sacerdote. Quando o indivíduo sacrificava por si mesmo, levava o anima, colocava sua mão sobre ele e o matava. O sacerdote, então, aspergia o sangue e queimava o sacrifício. O que oferecia não podia comer a carne do sacrifício, exceto no caso de uma oferta pacífica. Quando se produziam vários sacrifícios ao mesmo tempo, a oferta do pecado precedia sempre ao holocausto e à oferta pacífica.

Holocausto

A característica distintiva a respeito do holocausto era o fato de que a totalidade do sacrifício era consumido sobre o altar (Lv 1.5-17; 6.8-13). Não estava excluída a expiação, já que esta era parte de todo sacrifício de sangue. A completa consagração do oferente a Deus ficava significada pela consumação da totalidade do sacrifício. Talvez Paulo fizesse referência a esta oferta em seu chamamento para a completa consagração (Rm 12.1). Israel tinha ordenado o manter uma contínua oferenda de fogo dia e noite, por meio desse fogo sobre o altar de bronze. Um cordeiro era oferecido cada manhã e cada tarde, e daí a recordação de Israel de sua devoção para com Deus (Êxodo 29.38-42; Nm 28.3-8).

A oferta pacifica

A oferta pacífica era totalmente voluntária. Embora a representação e a expiação estavam incluídas, a característica primeira desta oferta era a comida sacrificial (Lv 3.1-17; 7.11-34; 19.5-8; 22.21-25). Isto representava uma comunicação vivente e uma camaradagem e amizade entre o homem e Deus. Era permitido à família e aos amigos unir-se ao oferente nesta comida sacrificial (Dt 12.6-7,17-18). Já que era um sacrifício voluntário, qualquer animal, exceto uma ave, resultava aceitável, sem levar em conta a idade ou o sexo. Após a morte da vítima e a aspersão do sangue para fazer a expiação pelo pecado, a gordura do animal era queimada sobre o altar. Através dos ritos dos movimentos das mãos do oferente, que mexia a coxa e o peito, o sacerdote oficiante dedicava estas porções do animal a Deus.

O resto da oferta servia como festa para o oferente e seus hóspedes convidados. Esta alegre camaradagem significava o laço de amizade entre deus e o homem.

Existiam três classes de oferendas pacificas, e variavam segundo a motivação do oferente.

Quando o sacrifício se fazia em reconhecimento de uma bênção inesperada ou imerecida, se chamava de oferta de ação de graças. Se a oferta se realizava em pagamento de um voto ou uma promessa, era chamada oferta votiva. Se a oferta tinha como motivo uma expressão de amor a deus, era chamada de oferta voluntária. Cada uma de tais ofertas era acompanhada por uma comida de oferenda prescrita. A oferta de agradecimento durava um dia, enquanto que as outras duas se estendiam a dois, com a condição de que qualquer coisa que restasse devia ser consumida pelo fogo ao terceiro dia. Desta forma, o israelita gozava do privilégio de entrar no gozo prático de sua relação de aliança com Deus.

A oferta pelo pecado

Os pecados de ignorância cometidos inadvertidamente, requeriam uma oferta (Lv 4.1-35; 6.24-30). A violação da negativa de ordens puníveis por dissensão podia ser retificada por um sacrifício prescrito. Embora Deus tinha somente uma pauta de moralidade, a oferta variava com a responsabilidade do indivíduo. Nenhum líder religioso ou civil era tão proeminente que seu pecado fosse condenado, nem nenhum homem tão insignificante que seu pecado puder ser ignorado. Existia uma gradação nas ofertas requeridas: um bezerro para o sumo sacerdote ou para a congregação, um bode para um governante, uma cabra para um cidadão privado.

O ritual variava também. Para o sacerdote ou a congregação, o sangue se aspergia sete vezes ante a entrada do lugar santíssimo. Para o governante e o laico, o sangue era aplicado nas pontas do altar. Já que se tratava de uma oferta de expiação, a parte culpável carecia do direito de comer da carne do animal, em nenhuma de suas partes. Conseqüentemente, este sacrifício ou bem era consumido sobre o altar, ou queimado no exterior, no campo, com uma exceção: o sacerdote recebia uma porção quando oficiava em nome de um governante ou secular.

A oferta pelo pecado era requerida também para pecados específicos, tais como se recusar a testemunhar, a profanação do cerimonial ou um juramento em falso (Lv 5.1-13). Inclusive, ainda que esta classe de pecados podiam ser considerados como intencionais, não representavam um desafio calculado a deus castigado pela morte (Nm 15.27-31). A expiação alcançava a qualquer pecado arrependido, sem levar em conta sua situação econômica. Em casos de extrema pobreza, incluso uma pequena porção de farinha de flor fina —o equivalente de uma ração diária de alimento— assegurava à parte culpada a aceitação por parte de Deus. (Para outras ocasiões que requeiram uma oferta pelo pecado, ver Lv 12.6-8; 14.19-31; 15.25-30, Nm 6.10-14).

A oferta de expiação

Os direitos legais de uma pessoa e de sua propriedade, em situação que implicasse a deus ao igual que a um amigo, estavam claramente estabelecidos nos requerimentos pelas ofertas da transgressão (Lv 5.14-6.7; 7.1-7). O falho no reconhecimento de Deus ao descuidar em levá-lhe os primeiros frutos, o dizimo, ou outras oferendas requeridas, necessitava não somente a restituição, senão também um sem sacrifício. Além disso, era preciso pagar seis quintos das dívidas requeridas, e o ofensor também sacrificava um carneiro com objeto de obter assim o perdão.

Este custoso sacrifício lembrava-lhe o preço do pecado. Quando a má ação era cometida contra um amigo, o quinto era também preciso para fazer a pertinente emenda. Se a restituição não podia ser feita para o ofendido ou um parente próximo, estas reparações eram pagas a um sacerdote (Nm 5.5-10). O infringir dos direitos de outras pessoas, também representava uma ofensa contra Deus. portanto, era necessário um sacrifício.

A oferta de cereal [83]

Essa é a única oferta que não implicava a vida de um animal, senão que consistia primeiramente nos produtos da terra, que representavam os frutos do trabalho do homem (Lv 2.1-16; 6.14-23). Esta oferta podia ser apresentada de três diferentes formas, sempre misturadas com azeite, incenso e sal, mas sem fermento nem mel. Se uma oferta consistia nos primeiros frutos, as espigas do novo grão eram tostadas no fogo. Após moer o grão, podia

[83] A oferta de grão está identificada como a "oferta da carne", na versão inglesa, a "oferta da comida" na versão americana, "a oferta dos grãos" na revista inglesa, e a "oferta do alimento" na versão de Berkley. Nas versões portuguesas aparece como "a oferta doa alimentos das primícias" (ACF), a "oferta de cereais de primícias" (PJFA), e a "oferta dos primeiros frutos" (NVI).

apresentar-se ao sacerdote como farinha fina ou pão sem fermento, tortas, ou ainda em forma de folhas preparadas no forno.

Parece que uma parte destas ofertas era acompanhada de uma quantidade proporcional de vinho para suas libações (Êx 29.40; Lv 23.13, Nm 15.5-10). Uma justificável inferência é que a oferta do cereal não era nunca levada sozinha. primeiramente existia o acompanhamento das ofertas de paz e de fogo. Para estas duas parecia ser o necessário adequado complemento (Nm 15.1-13). Tal era o caso da oferta diária do fogo (Lv 6.14-23; Nm 4.16). A totalidade da oferta era consumida quando estava oferecida pelo sacerdote para a congregação. No caso de uma oferta individual, o sacerdote oficiante apresentava somente um punhado ante o altar do holocausto e retinha o resto para o tabernáculo. Nem na oferta mesma nem no ritual há nenhuma sugestão de que provesse expiação pelo pecado. Por meio destas ofertas, os israelitas apresentavam os frutos de seu trabalho, significando assim a dedicação de seus presentes a Deus.

As festas e estações

Por meio das festas e estações designadas, os israelitas lembravam constantemente que eles eram o povo de Deus. Na aliança com Israel, que este ratificou no Monte Sinai, a fiel observância dos períodos estabelecidos era uma parte do compromisso adquirido.

O Sabbath

O primeiro, e muito principalmente, era a observância do Sabbath. Ainda que o período de sete dias esteja mencionado no Gênesis, o sábado (dia de repouso) foi primeiramente mencionado em Êx 16.23-30. No Decálogo (Êx 20.8-11), os israelitas têm que "lembrar" do dia do descanso, indicando que este não era o princípio de sua observância. Para descansar ou cessar de seus trabalhos, os israelitas lembravam que Deus descansou de sua obra criativa no sétimo dia. A observância do sábado era uma lembrança de que Deus havia remido a Israel do cativeiro egípcio e santificado como seu povo santo (Êx 31.13, Dt 5.12-15). Tendo sido liberado do cativeiro e da servidão, Israel dispunha de um dia de cada semana para dedicá-lo a Deus, o que sem dúvida não havia sido possível enquanto seu povo tinha servido seus amos egípcios. Inclusive seus servos estavam incluídos na observação do dia de descanso. Se prescrevia um castigo extremo para qualquer que deliberadamente desprezasse o sábado (Êx 35.3; Nm 15.32-36). Enquanto que o sacrifício diário para Israel era um cordeiro, no sábado se ofereciam dois (Nm 28.9-19). Este era também o dia em que doze tortas de pão eram colocadas sobre a mesa no lugar santo (Lv 24.5-8).

A lua nova e a festa das trombetas

O som das trombetas proclamava oficialmente o começo de um novo mês (Nm 10.10). Se observava também a lua nova sacrificando ofertas ao pecado e ao fogo, com provisões apropriadas de carne e bebida (Nm 28:11-15). O mês sétimo, com o dia da expiação e a festa das semanas, marcava o clímax do ano religioso, ou o fim de ano (Êx 34.22). no primeiro dia deste mês da lua nova, era designado como o da festa das trombetas e se apresentavam ofertas adicionais (Lv 23.23-25; Nm 29.1-6). Este também era o começo do ano civil.

O ano sabático

Intimamente relacionado com o sábado estava o ano sabático, aplicável aos israelitas quando entraram em Canaã (Êx 23.10-11; Lv 25.1-7). Observando-0 como um ano festivo para a terra, deixavam os campos sem cultivar, o grão sem semear e os vinhedos sem cuidados cada sete anos. qualquer coisa que recolhessem nesse ano devia ser partilhada pelos proprietários, os servos e os estranhos, igual que as bestas. Os que tinham créditos a seu favor, tinham instruções de cancelar as dívidas nas que tivessem incorrido os pobres durante os seis anos precedentes (Dt 15.1-11). Já que os escravos eram liberados a cada seis anos, provavelmente tal ano era também o ano de sua emancipação (Êx 21.2-6; Dt 15.12-18). Desta forma, os israelitas lembravam sua liberação do cativeiro egípcio.

As instruções mosaicas também previam para a leitura pública da lei (Dt 31.10-31). Desta forma, o ano sabático teve sua específica significação para jovens e velhos, para os amos e para os servos.

Ano de jubileu

Depois da observância do ano sabático, chegava o ano de jubileu. Se anunciava pelo clamor das trombetas no décimo diz de Tishri, o mês sétimo. De acordo com as instruções dadas em Lv 25.8-55, este marcava um ano de liberdade no qual a herança da família era restaurada

àqueles que tiveram a desgraça de perdê-la, os escravos hebraicos eram libertados e a terra era deixada sem cultivar.

Na possessão da terra o israelita reconhecia a Deus como o verdadeiro proprietário dela. Conseqüentemente, devia ser guardada pela família e passava como se fosse uma herança. Em caso de necessidade, podiam vender-se só os direitos aos produtos da terra.

Já que a cada cinqüenta anos esta terra revertia a seu proprietário original, o preço estava diretamente relacionado com o número de anos que havia antes do ano de jubileu. A qualquer momento, durante este período, a terra estava sujeita a rendição, pelo proprietário ou um parente próximo. As casas existentes nas cidades amuralhadas, exceto nas cidades levíticas, não estavam incluídas sob tais princípios do ano de jubileu.

Os escravos eram deixados em liberdade durante este ano, sem levar em conta a duração de seu serviço. Seis anos era o período máximo de servidão para qualquer escravo hebreu sem a opção da liberdade (Êx 21.1). Em conseqüência, não podia ficar reduzido à condição de perpétuo estado de escravidão, embora pudesse considerar necessário vendê-lo a outro como servo alugado, quando financeiramente for preciso. Inclusive os escravos não hebreus não podiam ser considerados como de propriedade absoluta. A morte como resultado da crueldade por parte do amo estava sujeita a castigo (Êx 21.20-21). Em caso de evidentes maus-tratos pessoais, um escravo podia reclamar sua liberdade (es 21.26-27). Pelo periódico sistema de deixar em liberdade os escravos hebreus e a demonstração de amor e amabilidade aos estrangeiros na terra (Lv 19.33-34), os israelitas lembravam que eles também tinham sido escravos na terra do Egito.

Inclusive quando o ano do jubileu era seguido pelo ano sabático, os israelitas não tinham permissão para cultivar o solo durante esse período. Deus tinha-lhes prometido que receberiam tal abundante colheita no sexto ano que teriam suficiente para o sétimo e o oitavo anos seguintes, que eram tempo para o descanso da terra. Deste modo, os israelitas lembravam também que a terra que possuíam, igual que as colheitas que delas recebiam, eram um presente de deus.

Festas anuais

As três observações anuais celebradas como festas eram:

1) A Páscoa e festa dos pães ázimos,
2) A festa das semanas, primícias ou ceifa,
3) A festa dos tabernáculos ou colheita.

Tinham tal significação estas festas que todos os israelitas varões eram requeridos para sua devida atenção e celebração (Êx 23.14-17).

A Páscoa e a festa dos pães ázimos

Historicamente, a Páscoa foi primeiramente observada no Egito quando as famílias de Israel foram excluídas da morte do primogênito, matando o cordeiro de Páscoa (Êx 12.1-13.10). o cordeiro era escolhido no décimo dia do mês de Abibe e matado no décimo quarto.

Durante os sete dias seguintes somente podiam comer-se os pães ázimos. Este mês de Abibe, mas tarde conhecido por Nisã, era designado como "o começo dos meses", ou o começo do ano religioso (Êx 12.2). A segunda Páscoa era observada no décimo quarto dia de Abibe, um ano depois de que os israelitas abandonassem Egito (Nm 9.1-5). Já que nenhuma pessoa incircuncisa podia partilhar a Páscoa (Êx 12.48), Israel não observou este festival durante o tempo de sua peregrinação pelo deserto (Js 5.6). não foi senão até que o povo entrou em Canaã, quarenta anos depois de deixar a terra do Egito, em que se observou a terceira Páscoa.

O propósito da observância da Páscoa era lembrar aos israelitas, anualmente, a miraculosa intervenção de deus em seu favor (Êx 13.3-4; 34.18; Dt 16.1). Isso marcava a inauguração do ano religioso.

O ritual da Páscoa sofreu sem dúvida algumas mudanças de sua primitiva observância, quando Israel não tinha sacerdotes nem tabernáculo. Os ritos de caráter temporário eram: o sacrifício de um cordeiro pelo cabeça de cada família, a aspersão do sangue nas portas e ombreiras, e possivelmente também a forma em que partilhavam o cordeiro. Com o estabelecimento do tabernáculo, Israel dispunha de um santuário central onde os homens deviam congregar-se três vezes por ano começando com a estação da Páscoa (Êx 23.17; Dt 16.13). Os dias quinze e vinte e cinco eram dias de sagrada convocação. Em toda a semana, os israelitas só podiam comer-se o pão sem fermento. Já que a Páscoa era o principal acontecimento da semana, aos peregrinos era-lhes permitido voltar na manhã seguinte desta festa (Dt 16.7). enquanto isso, durante toda a semana se realizavam ofertas adicionais diárias para a nação, consistentes em dois bezerros, um carneiro e sete cordeiros machos para uma oferta de fogo, com a comida de oferta prescrita e um bode para a oferta do pecado (Nm

28.19-23; Lv 23.8). acompanhando o ritual no qual o sacerdote mexia um feixe ante o Senhor, estava a apresentação de uma oferta de fogo consistente em um cordeiro macho além de uma comida de oferenda de flor de farinha misturada com óleo, e uma oferta de vinho. Nenhum grão devia ser usado da nova colheita, até o público reconhecimento de que eram matérias de bênção que procediam de deus. portanto, em observância da semana da Páscoa, os israelitas eram não somente conscientes de sua histórica liberação do Egito, senão também reconheciam a bênção de Deus, que era continuamente evidente em provisões materiais.

Tão significativa era a celebração da Páscoa, que era feita uma especial provisão para aqueles que estavam impossibilitados de participar no tempo indicado, a fim de observá-la um mês depois (Nm 9.9-12). Qualquer que recusasse observar a Páscoa ficava reduzido ao ostracismo no Israel. Inclusive o estrangeiro era bem-vindo para participar naquela celebração anual (Nm 9.13-14).

Assim, a Páscoa era a mais significativa de todas as festas e observâncias no Israel.

Comemorava o maior de todos os milagres que o Senhor tinha evidenciado em favor do povo de Israel. Isto está indicado por muitas referências nos Salmos e nos livros proféticos. Embora a Páscoa era observada no tabernáculo, cada família tinha uma vivíssima lembrança de sua significação, comendo os pães ázimos. Não havia nenhum israelita isentado de sua participação nela. Isto servia como lembrança anual de que Israel era a nação escolhida de Deus.

Festa das semanas

Enquanto que a Páscoa e a festa dos pães ázimos era observada a começos da colheita da cevada, a festa das semanas tinha lugar cinqüenta dias depois, após a colheita do trigo (Dt 16.9) [84]. Embora fosse uma ocasião verdadeiramente importante, a festa era observada somente um dia. Neste dia de descanso, se apresentava uma comida especial e uma oferta consistente em duas peças de pão com fermento que se apresentava ao Senhor para o tabernáculo, significando com isso que o pão de cada dia era proporcionado por obra do Senhor (Lv 23.15-20). Os sacrifícios prescritos eram apresentados com esta oferta. Nesta alegre ocasião, o israelita não esquecia nunca do menos afortunado, deixando alimentos nos campos para os pobres e os necessitados.

A festa dos tabernáculos

O último festival anual era a festa dos tabernáculos [85], um período de sete dias durante o qual os israelitas viviam em tendas (Êx 23.16; 34.22; Lv 23.40-41). Esta festa não só marcava o fim da estação das colheitas, senão que quando estiveram estabelecidos em Canaã, servia de lembrança de sua permanência no deserto no qual deviam viverem tendas de campanha.

As festividades desta semana encontravam sua expressão nos maiores holocaustos jamais apresentados, sacrificando um total de setenta bois. Oferecendo treze no primeiro dia, que se considerava como uma convocação sagrada, o número ia decrescendo diariamente de a um.

Cada dia, além disso, se realizava uma oferta de fogo adicional. Esta oferta consistia em quatorze cordeiros e dois carneiros com suas respectivas ofertas, igualmente de carne e bebida. Uma convocatória sagrada celebrada no oitavo dia levava à conclusão das atividades do ano religioso.

Cada sétimo ano era peculiar na celebração da festa dos tabernáculos. Era o ano da leitura pública da lei. Embora aos peregrinos se pedia que observassem a Páscoa e a festa das semanas durante um dia, eles normalmente utilizavam a totalidade da semana na festa dos tabernáculos, dando ocasião de uma ampla oportunidade para a leitura da lei de acordo com o mandamento de Moisés (Dt 31.9-13).

Dia da expiação

A mais solene ocasião a totalidade do ano era o dia da expiação (Lv 16.1-34; 23.26-32; Nm 29.7-11). Era observada no décimo dia de Tishri com uma sagrada convocatória e jejum. Naquele dia não era permitido nenhum trabalho. Este era o único jejum requerido pela lei de Moisés.

O principal propósito desta observância era realizar uma verdadeira expiação. Em sua elaborada e singular cerimônia, a propiciação foi realizada por Arão e sua casa, o santo lugar, a tenda da reunião, o altar das ofertas de fogo e pela congregação de Israel.

---

[84] Também era conhecida como Festa das Primícias (Nm 28.26), ou Festa da Sega (Êx 23.16). baseada na palavra grega para designar o número "cinqüenta", esta festa foi chamada "Pentecoste" em tempos do Novo Testamento.

[85] Também conhecida como Festa da Colheita ou da Sega (Êx 23.16; 34.22, Lv 23.39; Dt 16.13-15). Era observada no dia décimo quinto de Tishri com as olivas, as uvas e o grão, cujas colheitas já se haviam completado.

Somente o sumo sacerdote podia oficiar naquele dia. Aos outros sacerdotes nem sequer estava permitido permanecer no santuário, senão que deviam identificar-se com a congregação. Para esta ocasião, o sumo sacerdote luzia seus especiais ornamentos e vestia com linho branco. As ofertas prescritas para o dia eram, como se segue: dois carneiros como holocausto para si mesmo e para a congregação, um bezerro para sua própria oferta de pecado, e dois bodes como uma oferta de pecado pelo povo.

Enquanto que as duas cabras permaneciam no altar, o sumo sacerdote realizava sua oferta pelo pecado, fazendo expiação por si mesmo. Sacrificando uma cabra no altar, fazia expiação pela congregação. Em ambos os casos, aplicava o sangue ao propiciatório. De forma similar, santificava o santuário interior, o lugar sagrado e o altar das ofertas de fogo. Daquele jeito as três divisões do tabernáculo eram adequadamente limpadas no dia da expiação para a nação. Depois, a cabra era levada ao deserto para que com ela se fossem os pecados da congregação [86]. Tendo confessado os pecados do povo, o sumo sacerdote voltava ao tabernáculo para limpar a si mesmo e trocar-se em suas vestes oficiais. Mais uma vez voltava para o altar no pátio externo. Ali concluía o dia da expiação e seu ritual com dois holocaustos, um para si mesmo e outro para a congregação de Israel.

As distintivas características da religião revelada de Israel formavam um contraste com o ambiente religioso do Egito e de Canaã. Em lugar da multidão de ídolos, eles adoravam um do deus. em vez de um grande número de altares e nichos de adoração, eles tinham só um santuário. Por meio das ofertas prescritas e dos sacerdotes consagrados, tinha-se realizado a provisão para que o laicato pudesse aproximar-se de Deus sem temor. A lei os conduzia numa pauta de conduta que distinguia a Israel como a nação da aliança com dd., em contraste com as culturas pagãs do entorno. Em toda a extensão na que os israelitas praticavam esta religião divinamente revelada, se asseguravam o favor de Deus, como se expressava na fórmula sacerdotal para abençoar a congregação de Israel (Nm 6:24-26):

"O SENHOR te abençoe e te guarde"

"O SENHOR faça resplandecer o seu rosto sobre ti, e tenha misericórdia de ti"

"O SENHOR sobre ti levante o seu rosto e te dê a paz"

[86] A pessoa encarregada de conduzir a cabra para o deserto somente podia voltar ao acampamento após ter -se lavado e limpado as próprias roupas.

• CAPÍTULO 5: PREPARAÇÃO PARA A NACIONALIDADE

Nas redondezas do Monte Sinai, Israel celebrou o primeiro aniversário de sua emancipação. Aproximadamente um mês mais tarde, o povo levantou acampamento, buscando a imediata ocupação da terra prometida. Uma marcha de onze dias os levou até Cades-Barnéia, onde uma crise precipitou o divino veredicto da marcha errabunda pelo deserto. Não foi senão até passados trinta e oito anos mais tarde que o povo chegou às planícies do Moabe (Nm 33.38), e dali ao Canaã.

Organização do Israel [87]

Enquanto ainda estavam estacionados no Monte Sinai, os israelitas receberam detalhadas instruções (Nm 1.1-10.10), muitas das quais estavam diretamente relacionadas com sua preparação para continuar a jornada até o Canaã. Na Bíblia este material está apresentado de uma forma e numa disposição lógica antes que cronológica, como pode ver-se pelo seguinte esquema:

I. A enumeração de Israel	**Nm 1.1-4.49**
O censo militar	Nm 1.1-54
Designação do acampamento	Nm 2.1-34
Levitas e seus deveres	Nm 3.1-4.49
II. Normativas do acampamento	**Nm 5.1-6.21**
Restrições de práticas do mal	Nm 5.1-31
Votos nazireus	Nm 6.1-21
III. A vida religiosa de Israel	**Nm 6.22-9.14**
A adoração instituída do tabernáculo	Nm 6.22-8.26
A segunda Páscoa	Nm 9.1-14
IV. Provisões para a condução do povo	**Nm 9.15-10.10**
Manifestações divinas	Nm 9.15-23
Responsabilidade humana	Nm 10.1-10

As instruções expostas nos primeiros capítulos pertencem em grande medida à questões e matérias de organização. Muito verossimilmente, o censo datado no mês da partida de Israel ao Monte Sinai representa uma tabulação da conta tomada previamente (Êx 30.11ss; 38.26). enquanto que em princípio Moisés teve como primordial preocupação a coleção do necessário para a construção do tabernáculo, depois deve ser instruído no concernente ao serviço militar. Excluídas as mulheres, crianças e levitas, o conjunto era de uns 600.000 homens. Quase quatro décadas mais tarde, quando a geração rebelde tinha perecido no deserto, a cifra era aproximadamente a mesma (Nm 26).

O passo de tão grande hoste de gente através do deserto transcende a história ordinária [88]. Não só o fato em si deve ter requerido um subministro sobrenatural de provisões matérias de maná, codornas e água, senão uma cuidadosa organização. Tanto se estava acampado ou em marcha, a lei e a ordem eram necessárias para o bem-estar nacional do Israel .

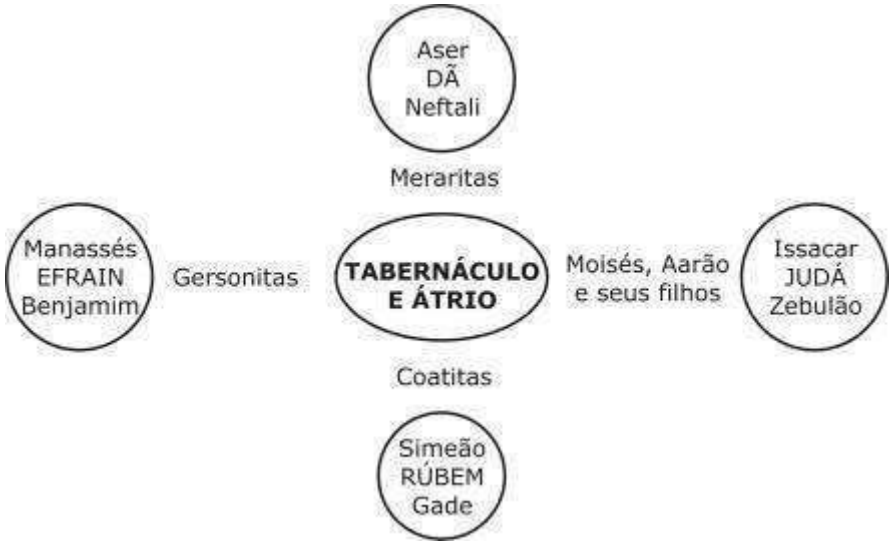
Os levitas estavam numerados separadamente. Substituídos pelo primogênito em cada família, os levitas tinham como missão servir sob a supervisão de Arão e seus filhos, que já tinham sido designados como sacerdotes. Como assistentes aos sacerdotes aarônicos, tiveram designadas certas responsabilidades. Os levitas maduros, entre as idades de trinta e cinqüenta anos, exerciam missões especiais no próprio tabernáculo. A idade limite mínima, dada como a

[87] Para um excelente comentário sobre o Livro de Números, ver A. A. MacRae, "*Numbers*", em *The New Bible Comentar*y (Londres, 1953), pp. 162-194.

[88] Num recente estudo dos costumes contemporâneos e o exame das listas do censo em Números, G. E. Mendenhall, sugere que "*elef*", a palavra hebraica usualmente traduzida como "mil", é uma designação de uma subseção tribal. De acordo com esta teoria, Israel tinha aproximadamente 600 unidades, proporcionando um exército de uns 5500 homens. Ver George E. Mendenhall "*Las listas el Censo de Números 1 y 26*". *Journal of Biblical Literature,* LXXVII (março de 1958), 52-56.

de vinte e cinco anos em Números 8-23-26, pode ter previsto um período de aprendizado de cinco anos.

O acampamento de Israel foi cuidadosamente planejado, com o tabernáculo e seu átrio ocupando o lugar central. Rodeando o átrio, estavam os lugares destinados aos levitas, com Moisés e os sacerdotes de Arão colocados na parte oriental ou frente à entrada. Depois dos levitas, havia quatro acampamentos encabeçados por Judá, Rubem, Efraim e Dã. A cada acampamento foram indicadas outras duas tribos adicionais. O cuidado e a eficiência na organização do acampamento estão indicados pelas designações realizadas nas várias famílias dos levitas: Arão e seus filhos tinham a supervisão sobre a totalidade do tabernáculo e seu átrio; os gersonitas tinham sob seu cuidado as cortinas e cobertas, os coatitas estavam encarregados da mobília, e os meraritas eram responsáveis das colunas e das mesas. O seguinte diagrama indica a posição de cada grupo no acampamento de Israel:



Os problemas peculiares de um acampamento de tão populosa nação, requeriam normativas especiais (5.1-31). Desde o ponto de vista higiênico e cerimonial, se tomavam medidas de precaução necessárias para os leprosos e outras pessoas enfermas, existindo os que cuidavam dos que morriam. O roubo requeria uma oferta e a restituição. A infidelidade marital estava sujeita a severo castigo, após uma comprovação fora do usual, o que implicava um milagre e que tiver revelado a parte culpável. Sem ter subseqüentes referências para tais procedimentos, é razoável considerar isto como um método temporal usado somente durante a longa jornada no deserto.

O voto nazireu pode ter sido uma prática comum que requeria de normalização (6.1-21).

Ao realizar este voto, uma pessoa se consagrava voluntariamente a si mesma para o serviço especial de Deus. Três em número eram as obrigações de um nazireu: negar a si mesmo o uso dos produtos da videira, inclusive o suco de uvas e a própria fruta, deixar-se crescer o cabelo como sinal público de que havia tomado um voto, e abster-se do contato de qualquer corpo morto. Impunha-se um severo castigo quando se quebrantava um de tais votos, inclusive acontecendo sem intenção. O voto costumava terminar com uma cerimônia pública na conclusão do período prescrito.

Uma das ocasiões mais impressionantes durante o acampamento de Israel no Monte Sinai, era o princípio do segundo ano. Naquela ocasião, o tabernáculo com todos seus ornamentos e acessórios era erigido e dedicado (Êx 40.1-33). Proporciona-se informação adicional a respeito deste acontecimento, quando o tabernáculo se converteu no centro da vida religiosa de Israel, no livro de Números 6.22-9.14. Moisés, que oficiava na iniciação do culto no tabernáculo, comunicava ao povo e aos sacerdotes as diretivas procedentes do Senhor, a respeito de seu serviço religioso (ver 6.22; 7.89; 8.5).

Os sacerdotes recebiam uma fórmula para abençoar a congregação (Nm 6.22-27). Esta oração, bem conhecida, assegurava aos israelitas não somente o cuidado de Deus e sua proteção, senão também a prosperidade e o bem-estar.

Quando o tabernáculo tinha sido totalmente dedicado, os chefes das tribos apresentavam suas ofertas. Antecipando os problemas práticos do transporte para o tabernáculo, havia doze carros cobertos e doze bois dedicados para este propósito. Disso estavam encarregados os levitas de serviço. Para a dedicação do altar, cada chefe aportava uma série de elaborados sacrifícios, que eram oferecidos em doze dias sucessivos. Tão significativos eram aqueles

presentes e oferendas, que cada uma delas era, diariamente, colocada numa lista (Nm 7.10-88). Arão recebia também instruções à luz das lâmpadas do tabernáculo (8.1-4).

Os levitas eram publicamente apresentados e dedicados para seu serviço em assistir os sacerdotes (8.5-26). Quando Moisés tinha oficiado sozinho, Arão e seus filhos eram santificados para o serviço sacerdotal e estava assistido por Arão na instalação dos ritos e cerimônias para os levitas.

A Páscoa, que marcava o primeiro aniversário da partida do Egito, era observada durante o primeiro mês do segundo ano (9 1-14). O que se registra sobre esta festiva celebração é breve, porém se realizava uma especial ênfase em que participassem todos, inclusive os estrangeiros [89] que se encontrassem no acampamento. Existia uma especial provisão para aqueles que não podiam participar por causa de alguma contaminação, de modo que pudessem observar a Páscoa no segundo mês. Já que os israelitas não levantavam o acampamento até o vigésimo dia, todos estavam em condições de tomar parte na celebração da primeira Páscoa, depois do Êxodo.

Antes que Israel levantasse o acampamento do Monte Sinai, se fez a adequada provisão para a condução em sua viagem para Canaã (9.15-10.10). com a dedicação do tabernáculo, a presença de Deus era visivelmente mostrada na coluna da nuvem e o fogo que podiam observar-se dia e noite. A mesma divina manifestação tinha provido proteção e guia quando o povo escapou do Egito (Êx 13.21-22; 14.19-20). Quando Israel acampava, a nuvem pairava sobre o Lugar Santíssimo. Estando em caminho, a nuvem marcava a senda a seguir.

A contrapartida da condução divina era a eficiente organização humana. O sinal que subministrava a nuvem era interpretado e executado por homens responsáveis da liderança. A Moisés foi-lhe ordenado que provesse duas trombetas de prata. O som de uma trombeta levava os chefes tribais para o tabernáculo. O som de ambas chamava a pública assembléia de todo o povo. Um longo e prolongado toque de ambas trombetas ("som de alarme") era o sinal para os vários acampamentos se disporem a avançar numa ordem pré-estabelecida. Assim, a adequada coordenação do humano e o divino possibilitavam que tão grande nação pudesse seguir sua rota de uma forma ordenada através do deserto.

Peregrinação no deserto

Após ter acampado no Monte Sinai por quase um ano, os israelitas continuaram rumo ao norte, em direção à terra prometida. Quase quatro décadas mais tarde chegaram à margem oriental do rio Jordão. Comparativamente breve é a narração de sua viagem em Nm 10.11-22.1.

Pode ser conveniente considerá-la sob as seguintes subdivisões:

I. Desde o Monte Sinai até Cades-Barnéia	**Nm 10.11-12.16**
Ordem de procedimento	Nm 10.11-35
Murmurações e juízos	Nm 11.1-12.16
II. A crise de Cades	**Nm 13.1-14-45**
Os espias e seus informes	Nm 13.1-33
Rebelião e juízo	Nm 14.1-45
III. Os anos de peregrinação	**Nm 15.1-19.22**
Leis – futuro e presente	Nm 15.1-41
A grande rebelião	Nm 16.1-50
Vindicação dos chefes nomeados	Nm 17.1-19.22
IV. Desde Cades às planícies de Moabe	**Nm 20.1-22.1**
Morte de Miriã	Nm 20.1
Pecados de Moisés e Arão	Nm 20.2-1.3
Edom recusa o passo a Israel	Nm 20.14-21
Morte de Arão	Nm 20.22-29
Israel vinga a derrota pelos cananeus	Nm 21.1-3
A serpente de bronze	Nm 21.4-9
Marcha em volta de Moabe	Nm 21.10-20
Derrota em Siom e Ogue	Nm 21.21-35
Chegada às planícies de Moabe	Nm 22.1

[89] Um estrangeiro, em contraste com um residente temporal conhecido como forasteiro, era um homem que deixava seu próprio povo e buscava residência permanente entre outro grupo de pessoas (Êx 12.19; 20.10; Dt 5.14; 10.18; 14.29; 23.8). Ver Ludwig Kbolet, "*A Dictionary of The Hebrew Old Testament in English and German*" (Grand Rapids: Eerdmans, 1951). Vol. 1, p. 192.

Após onze dias Israel alcançou Cades-Barnéia no deserto de Parã (Dt 1.2). marchando como uma unidade organizada, o acampamento de Judá abria a marcha, seguido pelos gersonitas e os meraritas, que tinham a seu cargo o transporte do tabernáculo. O seguinte, na ordem combinada, era o acampamento de Rubem. Depois seguiam os coatitas, que carregavam os ornamentos da Arca e outros do tabernáculo. Completando a procissão estavam os acampamentos de Efraim e Dã. Além da divina guia, Moisés solicitou a ajuda de Hobabe [90], cuja familiaridade com o deserto o qualificava para proporcionar um serviço de exploração para a marcha de Israel. Aparentemente esteve conforme em acompanhá-los, já que seus descendentes mais tarde residiram em Canaã (Juízes 1.16-; 4.11).

Rumo ao seu destino, os israelitas se queixaram e se rebelaram. Perplexo e preocupado, Moisés acudiu a Deus em oração. Em resposta, lhe foram dadas instruções para escolher setenta pessoas anciãs as quais Deus tinha dotado para partilhar suas responsabilidades. Além disso, Deus enviou um forte vento que lhes aportou uma abundante quantidade de codornas para os israelitas [91]. A intemperança e o desordem fez que a gente as comesse sem cozinhar, e assim, sua gula se converteu numa praga que causou a morte de muitos. Apropriadamente este lugar se chama "*Kibrot-hataava*", que significa "os túmulos da cobiça".

A insatisfação e a inveja se estenderam até os chefes. Inclusive Arão e Miriã discutiram a posição de liderança de seu irmão [92]. Moisés foi vindicado quando Miriã foi afetada pela lepra. Arão se arrependeu imediatamente, nunca mais desafiou a autoridade de seu irmão e através da oração intercessora de Moisés, Miriã foi curada.

Desde o deserto de Parã, Moisés enviou doze espias à terra de Canaã. Quando voltaram, estavam acampados em Cades-Barnéia, aproximadamente a 80 km ao sul e um pouco ao oeste de Berseba. Os homens, unanimemente, informaram da excelência da terra e da força potencial e ferocidade de seus habitantes. Porém não estiveram de acordo com seus planos de conquista. Dez declararam que a ocupação era impossível e manifestaram publicamente seu desejo de voltar ao Egito, imediatamente. Dois, Josué [93] e Calebe afirmaram confiadamente que com a ajuda divina a conquista seria possível. O povo, não querendo crer que o Deus que os havia recentemente liberado da escravidão do Egito fosse também capaz de conquistar e ocupar a terra prometida, promoveu um insolente motim, ameaçando apedrejar a Josué e a Calebe. Em desespero, inclusive consideraram o fato de escolher um novo líder.

Deus, em seu juízo da situação, contemplava a aniquilação de Israel em rebelião.

Quando Moisés percebeu aquilo, fez a necessária intervenção e obteve o perdão para seu povo. Contudo, os dez espias sem fé morreram numa praga, e toda a gente com idade de vinte anos e mais, excetuando Josué e Calebe, ficaram sem o direito de entrar em Canaã.

Comovidos pela morte dos dez espiões e o veredicto de outro prolongado período de peregrinação no deserto, confessaram seu pecado. Que seu arrependimento não é genuíno é aparente em sua tentativa de rebelião para entrar na Palestina imediatamente. Nisto foram derrotados pelos amalequitas e os cananeus.

Enquanto os israelitas passavam o tempo no deserto (15.1-20.13), morreu uma geração inteira. As leis em Nm 15, talvez dadas logo após este punitivo veredicto anunciado, mostram o contraste entre o juízo pelo pecado voluntário e a misericórdia pelo arrependimento individual de quem havia pecado na ignorância. Além disso, as instruções para sacrificar em Canaán subministravam uma esperança para a geração mais jovem em sua antecipação de viver realmente na terra que lhes tinha sido prometida.

A grande rebelião liderada por Coré, Datã e Abirão, representava dois grupos de amotinados, mutuamente reforçados pelo seu esforço cooperativo (Nm 16.1-50) [94]. A liderança eclesiástica da família de Arão, aos que foi reduzido e restringido o sacerdócio, foi desafiado por Coré e os levitas que o apoiaram. Se apelou à autoridade polca de Moisés na qst por Datã e Abirão, que aspiravam a tal posição em virtude de serem descendentes de Rubem, o filho mais velho de Jacó.

---

[90] A palavra hebraica *echothenn*, que se traduz usualmente por sogro, pode ser aplicada também como cunhado, e isso pode ser feito somente depois de Jetro (Reuel) ter morrido, e Hobabe ter-se convertido no chefe da família. Ver MacRae, op. cit., p. 175.

[91] Estas codornizes, uma espécie de perdiz pequena, emigram duas vezes no ano e algumas vezes são capturadas em grande abundância nas costas e ilhas do Mediterrâneo.

[92] Esta oposição foi velada em sua desaprovação pelo matrimônio. É improvável que esta queixa fo sse contra Zípora, a quem Moisés tinha desposado mais de 40 anos antes. Provavelmente Zípora morreu —sua morte não está registrada na Bíblia— e Moisés se casou com uma mulher da Etiópia.

[93] Ao notar a lista de espias, se faz menção de "Josué", o nome antigo de Oséias. Ver Nm 13.8, 16; Dt 32.44. Josué foi distinguido como um líder militar (Êx 17) e servo de Moisés (Nm 11.28).

[94] Para um analise detalhado, ver MacRae, op. cit., pp. 182-183.

Em juízo divino, tanto Moisés como Arão foram vindicados. A terra abriu-se para tragar a Datã e Abirão junto com suas famílias. Coré desapareceu com eles [95]. Antes que esta rebelião cedesse, no acampamento de Israel tinham perecido 14.000 pessoas.

Após a morte dos insurretos, Israel recebeu um sinal miraculoso evitando qualquer posterior desejo de pôr em dúvida a autoridade de seus chefes (17.1-11). Entre doze varas, cada uma representando uma tribo, a de Levi produziu brotos, flores e amêndoas. Além de confirmar a Moisés e a Arão em suas nomeações, a inscrição do nome de Arão em sua vara especificamente o designou como sacerdote de Israel. A preservação daquela vara no tabernáculo servia como permanente evidência da vontade de Deus.

Para aliviar o temor do povo de aproximar-se ao tabernáculo, as responsabilidades dos sacerdotes e levitas foram reafirmadas e claramente delineadas (17.12-18.32). o sacerdócio foi restringido para Arão e sua família. Os levitas foram designados como assistentes do sacerdotes. A provisão para sua manutenção se fez através do dizimo entregue pelo povo. Os levitas davam um dizimo também de sua renda aos sacerdotes. Por esta razão, os levitas não foram incluídos no reparto da terra, quando os israelitas se assentaram em Canaã.

A poluição resultante da praga e o sepultamento de tanta gente ao mesmo tempo fez necessária uma cerimônia especial para a profecia do acampamento (19.1-22).

Eleazar, um filho de Arão, oficiou. Este ritual, que de forma impressionante lembrou aos israelitas a natureza da morte (5.1-4) e proporcionou uma higiênica proteção, foi ordenado como um estatuto permanente.

As experiências dos israelitas enquanto viajavam por Eziom-Geber e Elate rumo às planícies do Moabe, estão resumidas em Nm 20.1-22-1. Antes de sua partida de Cades-Barnéia, Miriã morreu. Quando o povo se enfrentou com Moisés a causa da escassez de água, recebeu instruções de ordenar que uma rocha subministrasse o líquido elemento. Irado e impaciente, Moisés bateu na rocha e a água surgiu em abundância. Porém, pela sua desobediência, foi-lhe negado o privilégio de entrar em Canaã.

Desde Cades-Barnéia, Moisés enviou mensageiros ao rei do Edom solicitando permissão para marchar através de suas terras pelo Caminho Real. Não só lhe foi negada a permissão, senão que o exército edomita foi enviado a vigiar a fronteira. Esta inamistosa atitude foi freqüentemente denunciada pelos profetas [96]. Antes que Israel deixasse a fronteira edomita, Arão morreu na cima do monte Hor.

Eleazar foi revestido com os ornamentos de seu pai e nomeado sumo sacerdote em Israel. E antes de continuar a viagem, Israel foi atacado por um rei cananeu, mas Deus lhes deu a vitória.

Aquele lugar foi chamado Horma.

Percebendo que se moviam rumo ao sul rodeando o Edom, o povo se impacientou e se queixou contra Deus tanto como contra Moisés. O castigo divino chegou em forma de uma praga de serpentes, causando a morte de muitos israelitas [97]. Em penitência, o povo se tornou a Moisés, quem aportou o consolo mediante a ereção de uma serpente de bronze.

Qualquer um que for mordido por uma serpente, era curado com só dirigir o olhar à serpente de bronze. Jesus utilizou este incidente como um símbolo de sua morte sobre a cruz, aplicando o mesmo princípio: qualquer que se voltasse a ele não pereceria, senão que teria a vida eterna (João 3.14-16).

Israel continuou seu caminho rumo ao sul pela senda de Elate e Eziom-Geber, rodeando o Edom, e também o Moabe, e continuando para o norte pelo vale de Amom. Os três relatos, tal e como se apresentam em Números 21 e 33 e em Deuteronômio 2, referem vários lugares não identificados até o dia de hoje. Israel tinha proibido lutar contra os moabitas e os amonitas, os descendentes de Ló. Contudo, quando os dois governantes amorreus, Siom, rei de Hesbom e Ogue, rei de Basã, recusaram o passo de Israel e responderam com um exército, os israelitas os derrotaram e ocuparam a terra que havia ao norte do vale do Arnon. Ali, nas planícies do Moabe, recentemente tomadas dos amorreus, os israelitas estabeleceram seu acampamento.

Instruções para entrar em Canaã

Enquanto permaneceram acampados ao nordeste do Mar Morto, a nação de Israel recebeu as instruções finais para a conquista e ocupação total da terra prometida. O cuidado providencial de Israel nas sombras de Moabe e a cuidadosa preparação do povo na véspera da

[95] As diferenças entre as atitudes dos dois grupos podem destacar-se pelo fato de que a família de Coré não pereceu com ele. Seus descendentes ocupam um honroso lugar em tempos posteriores. Samuel alcança uma categoria talvez próxima a Moisés como um grande profeta. Hemã, um neto de Samuel, foi um notável cantor durante o reinado de Davi. Um certo número de salmos é atribuído aos "filhos de Coré".

[96] Ver Is 34.1-16; Jr 49.7:22; Ez 25.12-14; 35.1-15.

[97] Para referências modernas de pragas similares, ver T. F. Lawrence. "*The Seven Pillars of Wisdom*", pp. 269-270.

entrada em Canaã, estão registrados em Nm 22-36. os vários aspectos desta provisão podem ser observados no seguinte esquema:

I. Preservação do povo escolhido de Deus	**Nm 22.2-25.18**
O desígnio de Balaque para amaldiçoar o Israel	Nm 22.2-40
Bênçãos de Balaão	Nm 22.41-24.24
Sedução e juízo	Nm 24.25-25.18
II. Preparação para a conquista	**Nm 26.1-33.49**
A nova geração	Nm 26.1-65
Problemas de herança	Nm 27.1-11
Um novo chefe	Nm 27.12-33
Sacrifícios e votos	Nm 28.1-30-16
Vingança sobre os midianitas	Nm 31.1-54
Reparto e divisão da Transjordânia	Nm 32.1-42
Revisão da marcha de Israel	Nm 33.1-49
III. Antecipação da ocupação	**Nm 33.50-36-13**
A terra sem conquistar	Nm 33.50-34.15
Os chefes nomeados para distribuir a terra	Nm 34.16-29
As cidades levíticas e seu refúgio	Nm 35.1-34
Normativas sobre a herança	Nm 36.1-13

Os sutis desígnios dos moabitas sobre a nação escolhida de Deus, foram mais formidáveis que uma guerra aberta (22.2-25.18). dominado pelo medo quando os amorreus foram derrotados, Balaque, o rei moabita, ideou planos para a destruição de Israel. Em cooperação com os anciãos de Midiã, comprometeu ao profeta Balaão da Mesopotâmia para amaldiçoar o povo acampado através do rio Arnon.

Balaão recusou o primeiro convite, sendo explicitamente advertido de não ir e não amaldiçoar Israel. Os honorários para a adivinhação foram tão incitantes, porém, que arrastaram Balaão a aceitar o repetido convite do rei. Balaão teve a surpreendente experiência de ser audivelmente admoestado por sua própria burra. Foi-lhe lembrado de forma impressionante que ia para Moabe para falar somente da mensagem de Deus [98]. Balaão declarou fielmente a mensagem de Deus quatro vezes. Sobre três diferentes montanhas, Balaque e seus príncipes prepararam oferendas para proporcionar uma atmosfera de maldição, porém cada vez o profeta pronunciou palavra de bênção. Profundamente decepcionado, o rei moabita o recriminou e lhe ordenou que cessasse. Embora Balaque o despediu sem nenhuma recompensa, Balaão proferiu uma quarta profecia antes de ir embora. Nela, delineou claramente a futura vitória de Israel sobre Moabe, Edom e Amaleque [99]. Balaque teve mais êxito em seu seguinte plano contra Israel. Em lugar de regressar a seu lar na Mesopotâmia, Balaão permaneceu com os midianitas e ofereceu um mau conselho a Balaque (31.16).

Os moabitas e midianitas seguiram seu conselho e seduziram a muitos israelitas para caírem na imoralidade e a idolatria. Mediante o culto de Baal-peor com ritos imorais, os participantes incorreram na ira divina. Com objeto de salvar um grande número de pessoas do juízo, os chefes israelitas culpáveis foram imediatamente enforcados. Finéias, um filho de Eleazar, demonstrou um grande zelo e se revoltou contra aqueles que precipitaram a praga na qual morreram milhares.

Subseqüentemente, os descendentes de Finéias serviram como sacerdotes em Israel. A ordem de castigar os midianitas por sua desmoralizadora influência sobre Israel, foi executada sob a liderança de Moisés (31.1-54). Não escapou do castigo dos chefes notáveis o próprio Balaão, filho de Beor.

Depois desta crise, Moisés fez a necessária preparação para condicionar a seu povo na conquista de Canaã. O censo tomado sob a supervisão de Eleazar foi em parte uma apreciação militar do potencial em homens de Israel (26.1-65). A conta total foi realmente em certo modo mais baixa que a que se havia realizado quase quarenta anos antes. Josué foi nomeado e publicamente consagrado como o novo líder (27.12-23). A solução dada ao problema da herança, surgido pelas filhas de Zelofeade, indicou a vontade de Deus de que a terra prometida seria conservada em pequenas posses que passariam a seus herdeiros. Se deram

[98] Macltae op. cit., p. 188, sugere que Balaque preparou uma festa para celebrar a chegada de Balaão, Nm 22.40. a palavra hebraica "*zabah*", traduzida por "oferecido" em AV e "sacrificado" em ASV, RSV, tem melhor aceitação que "matar", "matou" ou "degolou", como em Dt 12.15-21; 1 Sm 28.24; 1 Rs 1.9,19,25; 2 Cr 18.2 e Ez 34.4, ou ainda "muerto", como em 2 Rs 23.20.

[99] Em Nm 24.7, Agague talvez fosse um nome geral para um rei amalequita, similar a Faraó para um governante egípcio.

também outras instruções adicionais concernentes às oferendas regulares, festivais, e o mantimento dos votos, uma vez assentados na terra prometida (28.1-30.16).

Vendo que o terreno oriental do Jordão era um excelente território para pastoreio, as tribos de Rubem e Gade apelaram a Moisés para assentar-se nelas permanentemente. Ainda com certo desgosto, o permitiu, acedendo a sua demanda. Para ficarem seguros de que a conquista de Canaã não seria colocada em perigo por falta de cooperação, exigiu uma prenda para garanti-lo. Aquela promessa verbal foi pronunciada duas vezes. A terra de Gileade foi então outorgada a Rubem e a Gade, e à metade da tribo de Manassés (32.1-42).

Moisés preparou também um informe escrito sobre sua jornada através do deserto (Nm 33.2). A causa de seu treinamento e experiência, parece razoável assumir que ele conservou detalhados informes e registros daquela marcha cheia de incidentes desde o Egito até o Canaã, para consideração da posteridade (33.1-49).

Pensando no futuro, Moisés se antecipou às necessidades dos israelitas quando entrassem no Canaã (33.50-36.13). Os advertiu claramente de destruírem os idólatras habitantes e possuir suas terras. Além disso, aparte de Josué e Eleazar, dez líderes tribais foram designados para a responsabilidade de dividir a terra às restantes nove tribos e meia. Nenhum dos príncipes, mencionados em Nm 1, nem nenhum de seus filhos, estão neste novo grupo. Em lugar de terras, quarenta e oito cidades situadas por todo Canaã são designadas para os levitas. Cidades de refúgio, designadas para prevenir o começo das dissensões sangrentas, foram descritas por Moisés. Antes de sua morte, deixou três cidades ao leste do Jordão para este propósito (Dt 4.41-43) [100]. No capítulo final de Números, Moisés trata do para da herança, limitando às mulheres a herdarem terra por matrimônio com membros de sua própria tribo.

Passado e futuro

Moisés estava advertido de que seu ministério estava quase completado. Embora não lhe foi permitido entrar na terra prometida, pediu a Deus bênçãos para os israelitas, antecipando o privilégio de sua conquista e possessão. Como chefe fiel, entregou diversas diretrizes a seu povo, admoestando-o a serem fiéis a Deus. o livro do Deuteronômio, que consiste principalmente nestes discursos de Moisés, pode ser considerado sob as seguintes subdivisões:

I. A história e sua significação	**Dt 1.1-4.43**
Revisão dos fracassos de Israel	Dt 1.1-3.29
Admoestação à obediência	Dt 4.1-40
As cidades de refúgio na Transjordânia	Dt 4.41-43
II. A lei e sua significação	**Dt 4.44-28.68**
A Aliança e o Decálogo	Dt 4.44-11.32
Leis para a vida em Canaã	Dt 12.1-26.19
Bênçãos e maldições	Dt 27.1-28.68
III. Preparação final e adeus	**Dt 29.1-34.12**
Eleição de Israel entre bênção e maldição	Dt 29.1-30-20
Josué comissionado	Dt 31.1-29
O canto e a bênção de Moisés	Dt 31.30-33.29
A morte de Moisés	Dt 34.1-12

Ninguém esteve mais familiarizado com as experiências de Israel que Moisés. Tinham se passado quarenta anos desde que escapara das garras do Faraó e conduzira com êxito o povo escolhido fora do Egito. Após a única revelação de Monte Sinai feita por Deus, a ratificação da aliança, e quase um ano de preparação para ser nação, Moisés conduzira sua nação à terra de Canaã. Em lugar de avançar sobre a conquista e a ocupação da terra prometida, o tempo tinha se passado no deserto até que a geração irreligiosa e revolucionária houvesse morrido. Então Moisés dirige a nova geração que está a borda de tomar possessão da terra prometida aos patriarcas e seus descendentes.

Em seu primeiro discurso público revisa a história (1.6-4.40). começando com seu acampamento e partida do Monte Horebe, ele lembra a seus ouvintes que através da dúvida e da rebelião, seus pais perderam o direito à terra prometida e morreram no deserto.

Também os lembrou das recentes vitórias sobre os amorreus e o reparto de sua terra a diversas tribos que se haviam comprometido a ajudar o resto dos israelitas na conquista da terra além do Jordão. Embora por si mesmo não podia conservar o privilégio de continuar como chefe, lhes assegurou que Deus lhes garantiria a vitória sob o mandato de Josué.

[100] Nm 35.9-34 é a descrição mais completa para as cidades de refúgio; a suplementaria informação se dá em Dt 19.1 - 13. Josué designou três cidades ao oeste do Jordão para o mesmo propósito (Js 20.1-9).

Em vista do acontecida à precedente geração, Moisés adverte a seu povo de evitar que se cometam os mesmos erros. As condições para obter os favores de Deus são: obediência à lei e uma total devoção realizada com toda a alma e o coração para o único Deus. Se desobedecerem e se conformam com as formas idolátricas dos cananeus, os israelitas somente podem esperar o cativeiro.

Moisés começa seu segundo discurso com uma revisão da lei (4.44ss). Os lembra que Deus fez uma aliança com eles e que estão sob a obrigação de guardar a lei, se têm verdadeiros desejos de manter sua relação. Repete o Decálogo, que é básico para uma vida aceitável aos olhos de Deus. chamado a ser um povo separado e santo, eles só podem continuar assim mediante um genuíno amor a Deus e a diária obediência a Sua vontade, como está expressado na revelação feita no Sinai. Moisés também lhes adverte contra os perigos de falhar em tais propósitos.

Antecipando-se à residência do povo em Canaã, Moisés os instrui a respeito de sua conduta em seu estado de assentamento da terra prometida (12.1ss). A idolatria deve ser absolutamente suprimida, assim como os idólatras. Devem render culto somente a Deus, nos lugares divinamente designados, advertindo-lhes também acerca do culto que façam os habitantes da terra. Algumas das leis, tal como a de restrição de matar animais em uma praça pública (Lv 17.3-7), é revisada de novo e adaptada a novas condições. Para guiá-los em sua vida doméstica, civil e social, Moisés promulga leis e ordenanças para sua guia e ânimo. Revisa brevemente muitas das leis já dadas, e se pronuncia sobre numerosas instruções que os ajudarão a conformar-se aos desejos de Deus. em todo seu discurso, os exorta à mais completa obediência.

Finalmente, Moisés especifica certas bênçãos e maldições (27.11.20). Pela obediência Israel prosperará, porém com a desobediência atrairá sobre si a maldição do exílio e do cativeiro, dos quais foi liberada como nação. Para impressionar mais vividamente o povo, Moisés dá instruções de que se leiam essas bênçãos e maldições antes que a inteira congregação entre no Canaã.

Ao delegar Moisés sua liderança em Josué e seu ministério de ensinar aos sacerdotes, os provê de uma cópia da lei. Não se conhece o completo conteúdo do existente naquela cópia escrita. Familiarizado com os acontecimentos instáveis da história de Israel, Moisés sem dúvida deve ter provido uns extensos informes desde que Israel trocou seu estado de escravidão pelo de nação livre. O mais provável é que tivesse sido assistido e ajudado pelos escribas [101]. Com arranjos finais para a liderança contínua de seu povo, Moisés expressa seu louvor a Deus pelo cuidado providencial (32.1-43). Ele faz uma contagem do nascimento e da infância da nação. Os israelitas foram castigados por sua ingratidão e apostasia, porém foram depois restaurados na graça. Prevaleceu a justiça e a misericórdia de Deus, demonstrando-se em amoroso cuidado para com seu povo escolhido. Em uma declaração profética de oração e louvor, Moisés apresenta as bênçãos para cada tribo individualmente (33.1-29). Antes de sua morte, ele teve o privilégio de ver a terra prometida desde o monte Nebo.

ESQUEMA 3: ESTABELECIMENTO DE ISRAEL EM CANAÃ

EGITO *		CANAÃ		OUTRAS NAÇÕES	
1417	Amenofis III				
		1406	Josué como líder - Conquista - Divisão - Últimos dias	O avanço dos hititas desde o norte neutraliza a influência egípcia	
1379	Amenofis IV Akh-en-Aton				
		1376	Ancião de Israel		
		1366	Opressão pelos mesopotâmicos	1366	Cusã-Risataim na Mesopotâmia
1361	Tut-ank-Amon	1358	Otniel – libertação e permanência por	1358	Eglom, rei de Moabe

[101] Para uma discussão dos estudos do Antigo Testamento sobre o Pentateuco e uma razoável delineação da autoridade mosaica do mesmo, ver R. K. Harrison, "*Introduction to the Old Testament*" (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing C., 1969), pp. 1-662.

			quarenta anos		
1348	Harmhab				
1318	Seti I – Expedição de castigo à Palestina	1318	Opressão por Moabe		
		1301	Eúde - libertação e paz por oitenta anos		
1304 - 1237	Ramsés II Mer-ne-Ptah E outros			1286	Batalha de Cades-Barnéia
				1280	Pacto de não-agressão hitita-egípcio
		1221	Opressão pelos cananeus	1221	REINO CANANEU (Hazor) Rei Jabim
		1201	Débora e Baraque – libertação e quarenta anos de paz		
1200	Ramsés XXI-XI				
		1161	Opressão pelos midianitas	1161	Os midianitas oprimem o Israel; ocupação do vale de Jizreel
		1154	Gideão – libertação e quarenta anos de paz		
				1128	Avance amonita e opressão ao leste do Jordão
		1114	Abimeleque – rei por 3 anos		
		1111 - 1105	Jefté – 6 anos de governo, fim da opressão	1105	Opressão filistéia
				1100	Tiglate-Pileser I na Assíria
1085 - 945	XXI Dinastia		Magistratura de Sansão, aproximadamente 20 anos durante este período		
	XXII Dinastia	1066	Eli (?)		
		1046	Samuel (?)		
		1026	Saul (?)		
		1011	Davi		
				1000	Assur-rabin na Assíria
		971	Salomão	969- - 936	Hiram na Fenícia
945	Sisaque				
		931	Divisão do Reino		

** Para os dados revisados sobre os governantes egípcios, ver o artigo sobre "Cronologia", preparado pelo falecido William Christopher Hayes para a revista Cambridge Ancient History I, capítulo VI. Foi publicado pelos Syndies of the Cambridge University Press em 1964, como uma sinopse do volume I, capítulo VI. Cf. também o artigo de M. B. Rowton "The Material from Western Asia and the Chronology of the Nineteenth Dynasty", no Journal of Eastern Studies. Vol. 25, n.° 4, 1966, pp. 240-258.*

• CAPÍTULO 6: A OCUPAÇÃO DE CANAÃ

O dia tão longamente esperado chegou ao fim. Com a morte de Moisés, Josué foi comissionado para conduzir a nação de Israel à conquista da Palestina. Tinham transcorrido séculos desde que os patriarcas receberam a promessas de que seus descendentes herdariam a terra de Canaã. Nesse ínterim, cada geração sucessiva do povo palestino tinha sido influenciada por vários outros povos procedentes do Crescente Fértil.

Motivados por interesses econômicos e militares, atravessaram Canaã de vez em quando.

Memórias do Canaã

No apogeu dos êxitos militares, a poderosa XII Dinastia (2000-1780 a.C.) estendeu espasmodicamente o controle egípcio através da Palestina, inclusive até chegar tão o norte como até o Eufrates. Nas subseqüentes décadas, o Egito não só declinou em seu poderia, senão que foi ocupado pelos poderosos hicsos, que governaram desde Avaris, no Delta. Pouco antes do 1550 a.C., o governo dos hicsos, como invasores e intrusos, tinha acabado na terra do Nilo.

O reino hitita teve seus princípios na Ásia Menor ao começar o século XIX a.C. referidos no Antigo Testamento como os "filhos de Hete" os hititas se mencionam freqüentemente como ocupantes do Canaã. Lá por volta do 1600 seu poder tinha-se incrementado tanto na Ásia Menor que chegaram a estender seus domínios até a Síria e inclusive destruíram Babilônia sobre o Eufrates por volta do 1550 a.C. Dentro da seguinte centúria, a expansão hitita foi detida pelos dois reinos que então surgiram.

Na época em que os hicsos invadiram o Egito e a Babilônia, estava florescendo sob a I Dinastia, exemplarmente representada por Hamurabi, e o novo reino de Mitanni que emergiu nas altas terras da Média. Este povo indo-ário estava composto de dois grupos: a classe comum, conhecida como hurrianos, e a nobreza, ou classe governante, chamada arianos. Procedente do território ao leste de Harã, essas gentes de Mitanni continuamente estenderam seu reino para o oeste, de forma tal que em 1500 a.C. alcançaram o mar Mediterrâneo. O principal esporte do povo ário ou ariano, era o das carreiras de cavalos. Foram descobertos tratados escritos acerca da criadagem e treinamento dos cavalos, a princípios do presente século, em Boghazköy, onde foram preservados os hititas que conquistaram o povo mitanni. Por volta do 1500 a.C., o poder mitanni deteve o avanço dos heteus por quase um século.

Os egípcios enviaram freqüentemente seus exércitos através de Canaã para desafiar o poder mitanni. Tutmose III executou dezessete u dezoito campanhas na região da Síria, e além dela. Durante as primeiras tentativas para a conquista asiática, uma confederação síria, apoiada pelo rei de Cades (localizado no rio Orontes), resistiu o avanço egípcio. Muito verossimilmente a terra da Síria —uma terra de prósperas qualidades, férteis planícies ricas em minerais e outros recursos naturais, e com vitais rotas de comércio, que uniam os florescentes vales do Nilo e do Eufrates— tinha permanecido sob a hegemonia mitanni. Após a derrota dos sírios em Megido, o poder do Egito se estendeu até a Síria. Durante um certo tempo os mitanni pareciam apoiar a Cades como um estado-tampão, mas eventualmente Tutmose marchou com seus exércitos através do Eufrates e temporariamente acabou com o domínio mitanni na Síria.

À morte de Tutmose, virtualmente toda a Síria estava sob o governo do Egito.

A fricção continuou entre o poder egípcio e o mitanni durante os reinos de Amenofis II (1450-1425) e Tutmose IV (1425-1417), pelo que a Síria vacilou em sua fidelidade e acatamento.

Embora Saussatar, rei de Mitanni, estendeu seu poder até o leste, chegando até Assur e além do rio Tigre, seu filho Artatama parece que foi refreado a causa do poder hitita. Esta ameaça parece ter sido a causa de que Artatama I realizasse um convênio de paz com Tutmose IV.

Sob os termos desta política, as princesas mitânias casaram com os Faraós durante três reinados sucessivos. Naquele tempo, Damasco estava sob a administração egípcia. As cartas

de Amarna (por volta de 1400 a.C.) refletem as condições na Síria, indicando que as relações diplomáticas e fraternais existiam entre as famílias reais de Mitanni e o Egito.

O poder hitita logo se incrementou e desafiou este controle mitanni-egípcio do Crescente Fértil. Sob o reinado do rei Suppiluliune (1380-1346) os hititas cruzaram o Eufrates até Wasshugani, reduzindo Mitanni à situação de um estado-tampão entre o reino hitita e o crescente império assírio no vale do Tigre. Este, naturalmente, eliminou Mitanni como fator político na Palestina. Embora o reino Mitanni estava completamente absorvido pelos assírios (1250 a.C.), os hurrianos —conhecidos como horeus no Antigo Testamento—, estavam no Canaã quando entraram os israelitas. Provavelmente os heveus fossem também de origem mitanni.

Com a eliminação da ameaça mitanni, os hititas dirigiram suas intenções para o sul. Durante quase um século, os hititas desde sua capital em Boghazköy e os egípcios rivalizaram pelo controle da vacilante fronteira da Síria. Durante este período, Cades se converteu no centro de um reino amorreu revivido. Muito verossimilmente adotaram a política de acomodação, mantendo amizade com o mais poderoso.

Quando Ramsés II (1304-1237) chegou ao trono, os egípcios renovaram seus esforços para eliminar os hititas da Palestina do norte, com o objeto de recobrar suas possessões asiáticas.

Mutwatallis, o rei hitita, se entrincheirou firmemente na cidade de Cedes e, ajudados por exércitos procedentes de cidades da Síria, igual que de Carquemis, Ugarite e outras cidades da zona. Ramsés estendeu sua fronteira até Beirute a expensas dos fenícios e depois marchou pelo Orontes até Cedes, enfrentando-se com um inimigo que tinha comprometido os egípcios numa situação de guerra desde fazia já duas décadas. Esta batalha de Cedes no ano 1286 a.C. esteve longe de resultar decisiva para os egípcios. Após outras numerosas conquistas de cidades em Canaã e na Síria, Ramsés II e Hattusilis, o rei hitita, concluíram um tratado em 1280 a.C., um proeminente pacto de não-agressão na história. Cópias deste famoso acordo tem sido encontradas na Babilônia, Boghazköy e no Egito. Embora não se mencionam fronteiras no tratado, é muito possível que o estado amorreu formasse uma influência neutralizadora entre os egípcios e os hititas.

Nos dias de Merneptah, uns invasores procedentes do norte, conhecidos como os ários, destruíram o império hitita e debilitaram o amorreu, destruindo Cedes e outras praças fortes.

Embora o império hitita se desintegrou, este povo é freqüentemente mencionado no Antigo Testamento. Ramsés III repeliu estes invasores procedentes do note, numa grande batalha por terra e mar, e uma vez minguado seu poder, unificou a Palestina sob o controle egípcio. Após Ramsés III, declinou também o poder egípcio, permitindo a infiltração dos arameus na área da Síria, que chegou a ser uma poderosa nação, aproximadamente dois séculos mais tarde.

O povo de Canaã não estava organizado em forte unidades políticas. Os fatores geográficos, igual que a pressão das nações vizinhas que a rodeavam do Crescente Fértil, e que utilizavam Canaã como um estado-tampão, fala muito a respeito do fato de que os cananeus nunca formassem um império fortemente unido. Numerosas cidades-estado controlavam tanto território local como lhes era possível, com a cidade bem fortificada para resistir um possível ataque do inimigo. Quando os exércitos marcharam sobre Canaã, estas cidades com freqüência impediam o ataque mediante o pagamento de um tributo. Não obstante, quando o povo chegou para ocupar a terra, como Israel fez mandada por Josué, tais cidades formaram ligas e se uniram opondo-se ao invasor. Isto está, certamente, bem ilustrado no livro de Josué.

A localização da Palestina no Crescente Fértil e a configuração geográfica da terra em si mesma, com freqüência afetaram seu desenvolvimento político e cultural. Sobre as planícies pluviais do Tigre e do Eufrates, igual que no vale do Nilo, numerosas diminutas cidades-reino, e pequenos principados ou distritos, estiveram mais de uma vez unidos numa grande nação. Isto não se efetuou facilmente na Síria-Palestina, já que a topografia era oposta à fusão. Como resultado, Canaã estava numa posição debilitada, já que nenhuma de suas cidades-reino igualava em poder as forças invasoras que vinham procedentes dos reinos mais poderosos estabelecidos ao longo do Nilo ou do Eufrates. Al mesmo tempo, Canaã era o prêmio cobiçado por essas nações mais fortes. Achando-se situada entre dois grandes centros de civilização, Canaã com seus férteis vales estava freqüentemente sujeita à invasão de forças mais poderosas. Pequenos reis não o suficientemente fortes como para enfrentar uma invasão inimiga, encontravam a solução, momentaneamente, em humilhar-se e pagar um tributo a grandes reinos como o do Egito. Com freqüência, porém, quando o invasor se retirava, os "presentes" terminavam. Embora aquelas cidades-reino eram facilmente conquistadas, resultava difícil para os vencedores retê-las como possessões permanentes.

A religião de Canaã era politeísta [102]. "El" era considerado como a principal entre as deidades cananéias. Parecido a um touro com uma manada de vacas, o povo se referia a ele como "o

[102] Para mais informação, ver G. E. Wright, Biólical *Archaeology, pp. 98-119.*

pai touro", e o consideravam como seu criador. Asera era a esposa de El. Nos dias de Elias, Jezabel patrocinou quatrocentos profetas de Asera (1 Reis 18.19). O rei Manassés colocou sua imagem no templo (2 Reis 21.7). Como chefe principal entre setenta deuses e deusas que eram considerados como filhos de El e Asera, estavam Hadade, mais comumente conhecido como Baal, que significativa "senhor". Reinava como rei dos deuses e controlava o céu e a terra.

Como deus da chuva e da tormenta, era responsável da vegetação e da fertilidade. Anate, a deusa que amava a guerra, era irmã e ao mesmo tempo, sua esposa. No século IX, Astarté, deusa da estrela da manhã, era adorada como sua esposa. Mot, o deus da morte, era o chefe inimigo de Baal. Jom, o deus do mar, foi derrotado por Baal. Esses e muitos outros formam a introdução do panteão cananeu.

Já que os deuses dos cananeus não tinham caráter moral, no deve surpreender que a moralidade do povo fosse extremamente baixa. A brutalidade e a imoralidade nas histórias e relatos a respeito de tais deuses é com muito a pior de qualquer outra achada no Próximo Oriente. Visto que tudo isso se refletia na sociedade cananéia, os cananeus, nos dias de Josué, praticavam o sacrifício de crianças, a prostituição sagrada, e o culto da serpente em seus rituais e cerimônias com a religião. Naturalmente, sua civilização degenerou sob tão desmoralizadora influência.

As Escrituras testemunham esta sórdida condição por numerosas proibições dadas como aviso aos israelitas [103]. Esta degradante influência religiosa era já aparente nos dias de Abraão (Gn 15.16; 19.5). séculos mais tarde, Moisés encarregou solenemente a seu povo o destruir os cananeus, e não só castigá-los por sua iniqüidade, senão para prevenir o povo escolhido de Deus da contaminação (Lv 18.24-28; 20-23; Dt 12.31; 20.17-18).

A era da conquista

A experiência e o treinamento tinham preparado a Josué para a missão desafiadora de conquistar Canaã. Em Refidim conduziu o exército israelita, derrotando Amaleque (Êx 17.8-16).

Como espia, obteve o reconhecimento de primeira mão das condições existentes na Palestina (Nm 13-14).

Sob a tutela de Moisés, Josué foi treinado para o mando e a direção da conquista e ocupação da terra prometida.

Como foi o caso no relato da peregrinação no deserto, o registro da atividade de Josué está incompleto. Não se faz menção da conquista da zona de Siquem entre monte Ebal e monte Gerizim; mas foi ali onde Josué reuniu a todo Israel para escutar a leitura da lei de Moisés (Js 8.30-35). Muito possivelmente, muitas outras zonas locais foram conquistadas e ocupadas, mesmo que não sejam mencionadas no livro de Josué. Durante a vida de Josué a terra de Canaã foi possuída pelos israelitas; contudo de jeito nenhum todos seus habitantes foram expulsos. Assim, o livro de Josué deve ser considerado somente como um relato parcial da empresa empreendida por Josué. Isso conduz a considerar as seguintes subdivisões:

I. Entrada em Canaã	**Js 1.1-4-24**
Josué assume a liderança	Js 1.1-18
Envio de dois espias a Jericó	Js 2.1-24
Passo sobre o Jordão	Js 3.1-17
Comemorações	Js 4.1-24
II. derrota das forças oponentes	**Js 5.1-12.24**
Preparação para a conquista	Js 5.1-15
Campanha central – Jericó e Ai	Js 6.1-8.35
Campanha do sul – Liga amorrea	Js 9.1-10.43
Campanha do norte – Liga cananéia	Js 11.1-15
Tabulação da conquista	Js 11.16-12.24
III. Reparto de Canaã	**Js 13.1-24.33**
Plano para a divisão	Js 13.1-14.15
Reparto tribal	Js 15.1-19.51
Cidades levitas e de refúgio	Js 20.1-21.45
Despedida e morte de Josué	Js 22.1-24.33

[103] Até 1930, a única fonte secular concernente a esta condição religiosa dos cananeus era Filo, de Biblos, um erudito fenício que escreveu uma história dos fenícios e dos cananeus. Ver Merrill F. Unger, "*Archaeology and the Old Testament",* pp. 167 e ss.

Não se declara a duração do tempo empregado para a conquista e divisão de Canaã. Assumindo que Josué tivesse a idade de Calebe, os acontecimentos registrados no livro de Josué aconteceram num período de vinte e cinco a trinta anos [104].

Entrada em Canaã

Ao assumir Josué a chefia de Israel, se assegurou por completo do total apoio das forças armadas de Rubem, dos gaditas e da tribo de Manassés, que se haviam assentado ao leste do Jordão na herança que se haviam atribuído antes da morte de Moisés. Parece completamente razoável o assumir que a petição de apoio, em Js 1.16-18, é a resposta da totalidade da nação de Israel ao ditame das ordens de Josué para a preparação da passagem do rio Jordão. Dois espias foram então enviados para Jericó, a ver a terra. Por Raabe, quem escondeu aqueles espias, soube-se que os habitantes de Canaã eram cientes do Deus do Israel e que tinha intervindo de uma forma sobrenatural em favor de Israel. Os dois homens voltaram assegurando a Josué e a Israel que o Senhor tinha preparado o caminho para uma vitoriosa conquista (Josué 2.1-24).

Como uma visível confirmação da promessa de Deus de que estaria com Josué como tinha estado com Moisés, e a certeza adicional da vitória na Palestina, Deus procurou um milagroso passo através do Jordão. Isto constituiu uma razoável base para que todos os israelitas exercessem sua fé em Deus (Js 3.7-13). Com os sacerdotes que portavam a Arca abrindo o caminho e permanecendo em meio do Jordão, os israelitas passaram por um terreno seco. De que forma as águas se detiveram para realizar esta passagem e torná-la possível, não é estabelecido no relato.

O lugar da passagem está identificado como "perto de Jericó", que estaria aproximadamente a 8 km ao norte do Mar Morto. As águas se cortaram ou se detiveram em Adão, hoje identificada com ed-Damieh, localizada a 32 km do Mar Morto ou aproximadamente a 24 km desde onde Israel cruzou realmente [105]. O Jordão segue um curso de 322 km por uma distância de 97 km, entre o mar da Galiléia e o Mar Morto, descendo 183 metros. Em Adão, os recifes de pedra caliça salpicam os bancos da correnteza. Recentemente, em 1927, um recife de 46 m caiu no Jordão, bloqueando a água durante 22 horas. Tanto se Deus causou que isto acontecesse ou não quando Israel passou o rio, é algo que não está claramente determinado, mas já que o Senhor empregou meios naturais para fazer cumprir sua vontade em outras ocasiões (Êx 14.21), existe a possibilidade de que um terremoto possa ter sido a causa da obstrução em semelhante ocasião.

Também foi feita a provisão para que Israel não esquecesse do acontecido. Foram elevados dois memoriais para este propósito. Sob a supervisão de Josué, doze grandes pedras empilhadas uma sobre a outra, marcam o lugar onde o sacerdócio, com a arca da aliança, permaneceu em pé no meio do rio enquanto o povo marchava cruzando-o (Js 4.9). Em Gilgal, se erigiu outro memorial em forma de amontoamento de pedras (Jd 4.3, 8 e 20). Doze homens, representando as tribos de Israel, levaram doze pedras a Gilgal para este memorial que recordava às futuras gerações a provisão miraculosa que se tinha feito para os israelitas no cruzamento do rio Jordão. Assim, as ações de Deus deveriam ser lembradas pelo povo de Israel nos anos vindouros.

A conquista

Acampados em Gilgal, Israel estava realmente preparado para viver em Canaã como a nação escolhida por Deus. durante quarenta anos, enquanto a geração incrédula morria no deserto, a circuncisão, como um sinal da aliança (Gn 17.1-27) não tinha sido observada. Mediante este rito, as novas gerações lembravam dolorosamente a aliança e a promessa de Deus feita para conduzi-los à terra que "manava leite e mel". A entrada naquela terra foi também marcada pela observância da Páscoa e o cesse da provisão do maná. O povo remido se alimentaria desde então dos frutos daquela terra.

O próprio Josué estava preparado para a conquista através de uma experiência similar à que tinha Moisés quando Deus o chamou (Êx 3). Mediante uma teofania, Deus transmitiu a Josué a consciência de que a conquista da terra dependia então não somente de sua pessoa, senão que estava divinamente comissionado e dotado dos poderes necessários. Incluso quando estava a cargo de Israel, Josué não era senão um servidor mais e sujeito ao mando do exército do Senhor (Js 5.13-15).

---

[104] Josué empregou 40 anos no deserto (Js 5.6). Morreu à idade de 110 anos (24.29). Calebe tinha 40 anos quando Moisés enviou a Josué e a Calebe como espias (14.7-10).

[105] Ver J. Garstang, "*Joshua judges*" (Londres: Constable, 1931), pp. 136-137.

A conquista de Jericó foi uma simples vitória [106]. Israel não atacou a cidade de acordo com as normas usuais de estratégia militar, senão simplesmente seguindo as instruções do Senhor. Uma vez por dia, durante seis dias, os israelitas marcharam em torno da cidade. no sétimo dia, quando marcharam sete vezes em volta das muralhas da cidade, estas caíram e os israelitas puderam entrar facilmente e apossar-se dela. Mas não se permitiu aos israelitas apropriar-se do botim nem dos despojos por si mesmos. As coisas que não foram destruídas —objetos metálicos—, foram colocadas no tesouro do Senhor. Exceto Raabe e a casa de seus pais, os habitantes de Jericó foram exterminados.

A miraculosa conquista de Jericó foi uma convincente demonstração para os israelitas de que seus inimigos podiam ser vencidos. Ai foi o próximo objetivo de conquista. Seguindo o conselho de ser reconhecimento prévio, Josué enviou um exército de três mil homens, que sofreram uma grave derrota. Por meio da oração e de uma pesquisa de Josué e os anciãos, se revelou o fato de que Acã tinha transgredido na conquista de Jericó, apropriando-se de um atrativo ornamento de origem mesopotâmico, além de prata e ouro. Por esta deliberada ação de desafio às ordens emanadas do Senhor acerca do botim e dos despojos da vitória, Acã e sua família foram apedrejados no vale de Acor.

Seguro do êxito, Josué renovou seus planos de conquistar Ai. Contrariamente ao procedimento anterior, os israelitas lançaram mão do gado e de outros objetos de propriedade móvel. As forças inimigas foram atraídas para campo aberto, de modo tal que os trinta mil homens que estavam estacionados além da cidade, durante a noite, estivessem em condições de atacar Ai desde atrás e pegá-lhe fogo. Os defensores foram aniquilados, o rei foi enforcado e o lugar reduzido a ruínas.

Wright identifica et-Tell, localizado a uns 25 km ao sudeste de Betel, como a situação de Ai. As escavações executadas indicam que et-Tell floresceu como uma fortaleza cananéia em 3330-24000 a.C. Subseqüentemente foi destruída e ficou em ruínas até aproximadamente o ano 1000 a.C. Betel, contudo, foi uma florescente cidade durante esta época e, de acordo com Albright, que escavou ali em 1934, foi destruída durante o século XIII. Devido a que ns é estabelecido no livro de Josué a respeito de sua destruição, Wright sugere três possíveis explicações:

1) O relato de Ai é uma invenção posterior para justificar as ruínas;

2) O povo de Betel utilizou Ai como posto fronteiriço militar;

3) A teoria de Albright, de que o relato da conquista de Betel foi mais tarde transferido a Ai.

Wright apóia esta última teoria, assumindo a última data do Êxodo e da conquista [107]. Outros não estão tão seguros a respeito da identificação de et-Tell e Ai. O padre H. Vincent sugere que os habitantes de Ai tinham um simples posto de fronteira militar ali, por cuja razão não sobra nada hoje que subministre evidência arqueológica de sua existência na época de Josué. Unger propõe a possibilidade de que a atual localização de Ai possa ainda ser identificada nas redondezas de Betel [108]. Embora nada esteja definitivamente estabelecido a respeito da conquista de Betel, esta cidade, que figura tão preponderantemente em tempos do Antigo Testamento desde os dias da entrada de Abraão em Canaã, se menciona em Js 8.9, 12 e 17. Uma razoável inferência é a de que os betelitas estiveram implicados na batalha de Ai. Não se afirma nada a respeito de sua destruição, porém o rei de Betel está citado como tendo sido morto (Js 12.16). os espias enviados a Ai levaram a impressão de que Ai não era muito grande (Js 7.3). mais tarde, quando Israel realiza seu segundo ataque, o povo de Ai, igual que os habitantes de Betel, abandonaram suas cidades para perseguir o inimigo (Js 8.17). É provável que Ai fosse somente destruída naquela ocasião e que Betel tenha sido ocupada sem destruí-la. A conflagração do século XIII pode ser identificada com o relato dado em Juízes 1.22-26, subseqüente ao tempo de Josué.

Seguindo esta grande vitória, os israelitas erigiram um altar no monte Ebal com objeto de apresentar suas oferendas ao Senhor, de acordo com o ordenado por Moisés. Ali, Josué fez uma cópia da lei de Moisés. Com Israel dividido de forma tal que uma metade do povo permanecesse frente ao monte Ebal e a outra metade frente ao monte Gerizim, de face à arca, a lei de Moisés foi lida ao povo (Js 8.30-35). Desta maneira, os israelitas foram solenemente colocados na lembrança de suas responsabilidades, já que estavam às portas de ocuparem a terra prometida, a não ser que se afastassem do curso que Deus tinha-lhestraçado.

Quando a notícia da conquista de Jericó e de Ai se espalhou por toda Canaã, o povo, em várias localidades, organizou a resistência à ocupação de Israel (Js 9.1-2). Os habitantes de Gabaom, uma cidade situada a 13 km ao norte de Jerusalém, imaginaram astutamente um plano de engano. Fingindo serem de uma longínqua terra, através da evidência de suas vestes

[106] Para a discussão da saída de Jericó, ver o capítulo III deste livro.

[107] Ver Wright, op. cit., pp. 80-81.

[108] Ver Unger, op. cit., p. 162.

rotas e sujas e de seus alimentos estragados, chegaram ao acampamento israelita em Gilgal e expressaram seu temor do Deus de Israel, oferecendo-lhes serem seus servos se Josué fazia um convênio com eles. A causa de ter falhado em procurar a guia divina, os líderes de Israel caíram na armadilha e se negociou um tratado de paz com os gabaonitas. Após três dias, foi descoberto que Gabaom e suas três cidades dependentes estavam nas redondezas. Embora os israelitas murmuraram contra seus chefes, o tratado não foi violado.

MAPA 3: A CONQUISTA DE CANAÃ

Em seu lugar, os gabaonitas foram encarregados de subministrar lenha e água para o acampamento israelita.

Gabaom era uma das grandes cidades da Palestina. Quando capitulou ao Israel, o rei de Jerusalém se alarmou grandemente. Em resposta a seu chamamento, outros reis amorreus de Hebrom, Jarmute, Laquis e Eglom formaram uma coalizão com ele para atacar a cidade de Gabaom.

Tendo feito uma aliança com Israel, a cidade sitiada mandou imediatamente mensageiros em demanda de socorro para aquele lugar. Mediante a marcha de toda uma noite desde Gilgal,

Josué apareceu inesperadamente em Gabaom, onde derrotou e empurrou seu inimigo através do passo de Bete-Horom, também conhecido como vale de Aijalom até Azeca e Maqueda.

A ajuda sobrenatural nesta batalha resultou numa esmagadora vitória para os israelitas.

Além do elemento surpresa e pânico em campo inimigo, as pedras de saraiva provocaram enormes baixas entre os amorreus, mais das que realizaram os combatentes de Israel (Js 10.11). E também aos israelitas foi dado um longo dia para que perseguissem seu inimigo. A ambigüidade da linguagem concernente a este longo dia de Josué tem dado origem a variadas interpretações. Era esta uma linguagem poética? Solicitou Josué uma maior duração da luz do sol ou para descanso do calor do dia? [109] Se for uma linguagem poética, então somente se trata de uma chamada feita por Josué por ajuda e fortaleza [110]. Como resultado, os israelitas estiveram tão cheios de fortaleza e vigor que a tarefa de um dia foi executada em só meio dia.

Aceito como uma prolongação da duração da luz, isto foi um milagre no qual o sol ou a lua e a terra ficaram detidos [111]. Se o sol e a lua detiveram seus cursos regulares, pôde ter sido um milagre de refração ou uma miragem dada sobrenaturalmente, estendendo a luz do dia de forma tal que o sol e a lua pareceram ficar fora de seus cursos regulares. Isto proporcionou a Israel mais tempo para perseguir a seus inimigos [112]. A chamada de Josué em favor da ajuda divina pôde ter sido uma solicitude de alívio para que diminuísse o calor do sol, ordenando que o sol permanecesse silencioso ou surdo, quer dizer, que evitasse brilhar tanto. Em resposta, Deus enviou uma tormenta de saraiva que proporcionou tanto o alívio do calor solar como a destruição do inimigo. Os soldados, refrescados, realizaram um dia de marcha em meio dia de duração desde Gabaom até Maqueda, uma distância de uns 48 km [113], e lhes pareceu um dia completo quando em realidade só havia transcorrido meio dia. Embora o relato de Josué não nos proporcione detalhes de como aconteceu aquilo, resulta aparente que Deus interveio em nome de Israel e a liga amorrea foi totalmente derrotada.

Em Maqueda, os cinco reis da liga amorrea foram capturados numa caverna e subseqüentemente liquidados por Josué. Com a conquista de Maqueda e Libna —esta última situada na entrada do vale de Ela, onde mais tarde Davi venceu a Golias—, os reis daquelas duas cidades igualmente foram mortos. Josué, então, assaltou a bem fortificada cidade de Laquis (a moderna Tell-ed-Duweir), e ao segundo dia de assedio derrotou essa praça forte. Quando o rei de Gezer tentou ajudar Laquis, também pereceu com suas forças; contudo, não se afirma que se conquistasse a cidade de Gezer. O seguinte movimento de Israel foi a vitória ao tomar Eglom, que atualmente está identificada com a moderna Tell-el-Hesi.

Desde ali, as tropas atacaram para o leste na terra das colinas, e bloquearam o Hebrom, que não foi facilmente defendida. Então, dirigindo-se para o sudoeste, caíram como uma tromba e tomaram Debir, ou Quiriate-Sefer. Embora as fortes cidades-estado de Gezer e Jerusalém não foram conquistadas, ficaram isoladas por esta campanha, de forma tal que a totalidade da área meridional, desde Gabaom até Cades-Barnéia e Gaza ficaram sob o controle de Israel quando Josué conduziu sues guerreiros endurecidos pela batalha de novo ao acampamento de Gilgal.

A conquista e ocupação do norte de Canaã está brevemente descrita. A oposição foi organizada e conduzida por Jabim, rei de Hazor, que tinha sob seu mando uma grande força de carros de batalha. Uma grande batalha teve lugar perto das águas de Merom, com o resultado de que a coalizão cananéia foi totalmente derrotada por Josué. Os cavalos e os carros de combate foram destruídos, e a cidade de Hazor queimada até reduzi-la a cinzas. Não se faz menção da destruição de outras cidades na Galiléia.

Hazor, identificada como Tell-el-Quedah, está estrategicamente situada aproximadamente a 24 km ao norte do mar da Galiléia, a uns 8 km ao oeste do Jordão. Em 1926-28, John Gasrtang dirigiu uma escavação arqueológica deste lugar. Mais recentemente, escavações de maior importância foram realizadas em Hazor, dirigidas pelo Dr. Yigael Yadin, em 1955-58 [114]. A

---

[109] Para um resumo de várias opiniões, ver o livro de Bemard Ramm, "*The Christian View of Science and Scripture",* (Grand Rapids: Eerdmans), 1955, pp. 156-161.

[110] Para um discussão representativa, ver o artigo intitulado:"Sun in Davis", *Dictionary of the Bible.* 4.1 rev. ed. (Grand Rapids: Baker Book House, 1954), pp. 748-749.

[111] Ver R. A. Torrey. "*Difficulties in the Bible"* (1971, p. 53); Josefo, "*Antiquities of the* Jews", v. 1:17 e Eccius 46:4.

[112] Ver A. Rendle Short "*Modern Discovery and the Bible"* (Londres: Intervarsity Fellowship of Evangelical Unions, 1943), p. 117, y Lowell Butler *"Mirages are Light Benders", Journal of the American Scientific Affiliation,* dezembro 1951.

[113] Ver D. Maunder, *"The Battle of Beth-Horon" The International Standard Bíble Encyclopedia, I,* 446-449. Ver também Roben Dick Wilson *"What does the sur stood still mean?" Moody Monthly,* 21:67 (octubre, 1920), que interpreta as palavras traduzidas como "o sol se deteve" como significando "escureceu", sobre a base da astronomia babilônica. Hugh J. Blair "Joshua" en *The New Bible Commentary, p. 231,* sugere que Josué fez tal petição na manhã para que a tormenta de saraiva prolongasse a escuridão.

[114] Ver Yigael Yadin *"Excavations at Hazon",* 1955-58, em *The Biblical Archaeologist Reader, 11* (Garlen City, N. .1., 1964), pp. 191-224.

acrópole em si mesma consistia em vinte e cinco acres que alcançavam uma altura de quarenta metros e que aparentemente foi fundada no terceiro milênio a.C. uma área mais baixa para o norte consistente numas sessenta e sete hectares esteve ocupada durante o segundo milênio a.C., e talvez tivesse uma população tão importante como de 40.000 habitantes. Nos registros do Egito e da Babilônia, Hazor é freqüentemente mencionada, indicando sua importância estratégica.

A parte baixa da cidade, aparentemente foi construída durante a segunda metade do século XVIII da era dos hicsos. Depois que Josué destruísse este poderoso centro cananeu, o poder em Hazor deve ter sido restabelecido o suficiente para suprimir a Israel, até que foi novamente esmagada (Jz 4.2), após o qual Hazor foi incorporada pela tribo de Naftali.

Em forma resumida, Js 11.16-12.24 relata a conquista da totalidade da terra de Canaã para Israel. O território coberto pelas forças de ocupação estendia-se desde Cades-Barnéia ou as extremidades do Negueve, e chegava ao norte até o vale do Líbano, embaixo do monte Hermom.

Sobre o lado oriental do Jordão, se divide a área que previamente tinha sido conquistada sob Moisés e que se estendia desde monte Hermom ao norte, até o vale de Arnon, ao leste do Mar Morto.

Existe uma lista de trinta e um reis derrotados por Josué. Com tantas cidades-estado, cada uma com seu próprio rei e tão pequeno território, foi possível para Josué e os israelitas o derrotarem àqueles governantes locais em pequenas federações. Todavia, embora os reis foram derrotados, nem todas as cidades foram realmente capturadas ou ocupadas. Mediante sua conquista, Josué submeteu os habitantes até o ponto de conseguir, no subseqüente período de paz, que os israelitas puderam estabelecer-se na terra prometida.

O reparto de Canaã

Apesar de que os reis líderes tinham sido derrotados, e prevalecesse um período de paz, restaram muitas zonas não ocupadas na terra (13.1-7. Josué foi divinamente comissionado para reparti o território conquistado às nove tribos e meia. Rubem, Gade e a metade de Manassés tinham recebido suas partes ao leste do Jordão, sob Moisés e Eleazar (Js 13.8-33; Nm 32).

Durante o período da conquista, o acampamento de Israel esteve situado em Gilgal, um pouco ao nordeste de Jericó, perto do Jordão. Sob a supervisão de Josué e Eleazar, o reparto foi feito a algumas das tribos, enquanto ainda estavam ali acampadas. Calebe, que tinha sido um homem de fé incomum quarenta e cinco anos antes daquela época, quando os doze espias foram enviados a Canaã (Nm 13-14), então recebeu uma especial consideração, sendo recompensado com a cidade de Hebrom em sua herança (14.6-15). A tribo de Judá se apropriou da cidade de Belém, além da zona existente entre o Mar Morto e o Mar Mediterrâneo.

Efraim e a metade de Manassés receberam a maior parte da zona ao oeste do Jordão, entre o mar da Galiléia e o Mar Morto (Js 16.17-18).

Siló foi estabelecido como o centro religioso de Israel (Js 18.1). Foi ali onde as tribos restantes foram convidadas a possuírem seus territórios já designados. Enquanto se deu a Simeão a terra ao sul de Judá, as tribos de Benjamim e de Dã receberam sua parte imediatamente ao norte de Judá. A posse de Issacar, Zebulom, Aser e Naftali foi repartida ao norte de Manassés, começando do o vale de Megido e monte Carmelo.

As cidades para refúgio foram designadas por toda a terra prometida (20.1-9). Ao oeste do Jordão essas cidades eram Cades em Naftali, Siquem em Efraim e Hebrom em Judá. Ao leste do Jordão, em cada uma das áreas tribais estavam as seguintes: Bezer em Rubem, Ramote de Gileade dentro das fronteiras de Gade e Golã de Basã na área de Manassés. A essas cidades, qualquer podia fugir buscando segurança para caso de vingança de sangue pela morte de um homem.

A tribo de Levi não recebeu reparto territorial, já que era a responsável dos serviços religiosos em toda a nação. As outras tribos tinham a obrigação de proporcionar toda classe de facilidades aos levitas e, dessa forma, a terra de pastoreio de cada uma das quarenta e oito estavam a disposição dos levitas para que pudessem dar alimento a seus rebanhos.

Com uma recomendação por seus fiéis serviços e uma admoestação a permanecerem fiéis a Deus, Josué despediu as tribos transjordanas que haviam servido com o resto da nação, sob seu mando, na conquista do território ao oeste do Jordão. Após seu retorno à Transjordânia, erigiram um altar, uma ação que alarmou os israelitas que se tinham comportado devidamente em Canaã. Finéias, o filho do sumo sacerdote, foi enviado a Siló para encarregar-se da situação. Sua investigação lhe assegurou que o altar levantado na terra de Gileade servia ao propósito de manter um devido culto a Deus.

A Bíblia não estabelece quanto tempo viveu Josué após suas campanhas militares. Uma inferência baseada no livro de Josué, 14.6-12, é que a conquista da Canaã foi executada num período de aproximadamente sete anos. Josué pode ter morrido pouco depois disto ou pode ter vivido uns vinte ou trinta anos, como máximo. Antes de morrer a idade de 110 anos, reuniu a todo o Israel em Siquem e severamente os admoestou a temer ao Senhor. Os lembrou que Deus tinha advertido a Abraão que não servisse nenhum ídolo e tinha verificado o convênio da aliança feito com os patriarcas trazendo Israel à terra prometida. Foi realizada uma aliança pública na qual os chefes asseguraram a Josué que eles serviriam o Senhor.

Depois da morte de Josué, Israel cumpriu esta promessa só até acabar a geração mais velha.

Quando governavam os juízes

Os acontecimentos registrados no livro de Juízes estão intimamente relacionados aos dos tempos de Josué. Uma vez que os cananeus não tinham sido totalmente desalojados e a ocupação de Israel não era completa, similares condições continuaram no período dos Juízes. Em conseqüência, o estado de guerra continuou em zonas locais ou em cidades que foram ocupadas de novo no curso do tempo. Referências tais como as citadas em Juízes 1.1; 2.6-10 e 20.26-28 parecem indicar que os acontecimentos em Josué e Juízes estão intimamente relacionados cronologicamente ou que são, inclusive, sincrônicos.

A cronologia deste período é difícil de discernir. O fato de que tenham sido sugeridos quarenta ou 50 métodos diferentes para medir a era dos Juízes, é indicativo do problema. Os anos conforme estão repartidos para cada Juiz no relato bíblico, são como se segue:

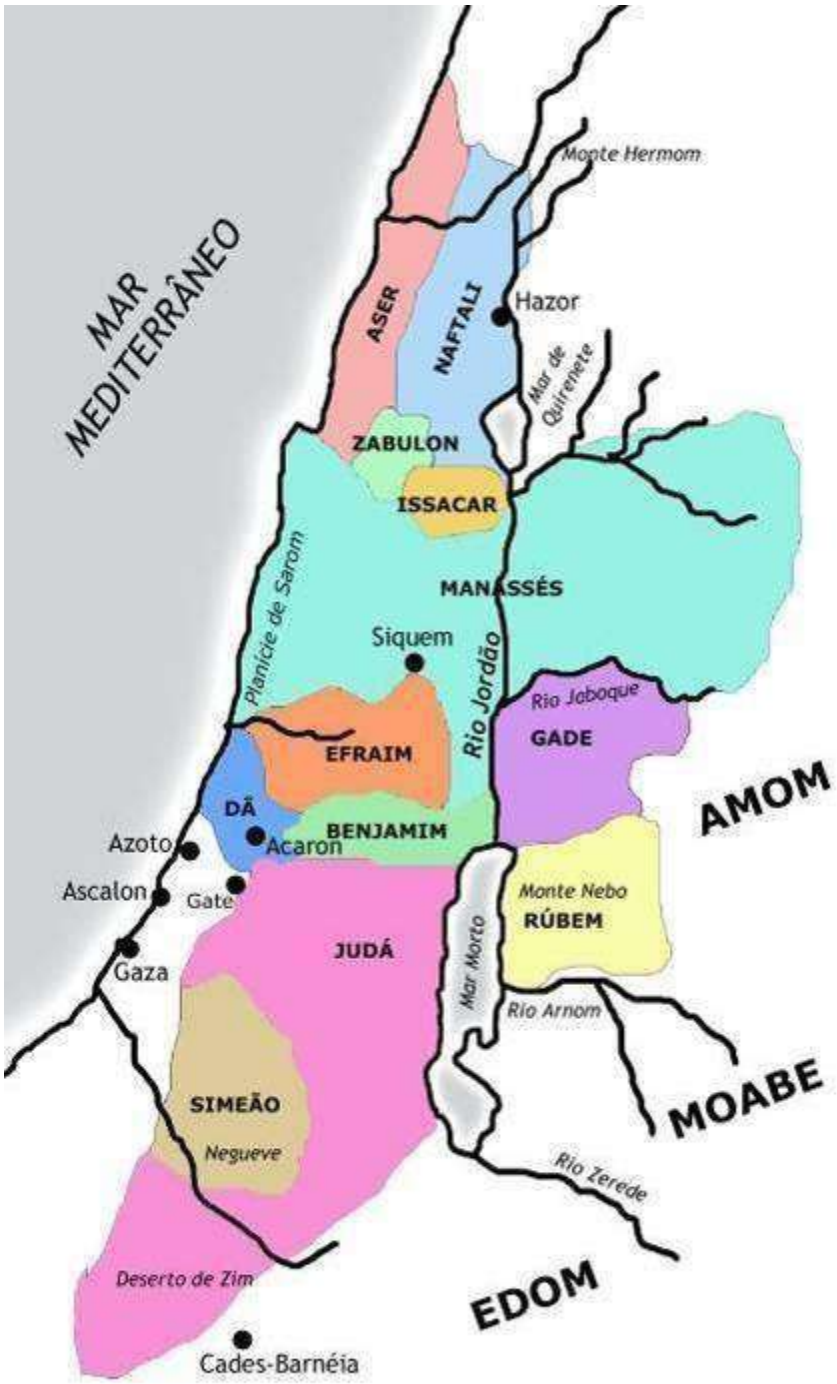
	Anos	**Juízes**
Opressão mesopotâmica	8	3.8
Otniel – liberação e tranqüilidade	40	3.11
Opressão de Moabe	18	3.14
Eúde	80	3.30
Opressão cananéia – Jabim	20	4.3
Débora e baraque – liberação e tranqüilidade	40	5.31
Opressão midianita	7	6.1
Gideão – liberação e tranqüilidade	40	8.28
Abimeleque – o rei marionete	3	9.22
Tola – período de dignidade	23	10.2
Jair – período de dignidade	22	10.3
Opressão amonita	18	10.8
Jefté – liberação e tranqüilidade	6	12.7
Ibsã – magistratura	7	12.9
Elom – magistratura	19	12.11
Abdom – magistratura	8	12.14
Opressão filistéia	40	13.1
Sansão – façanhas e magistratura	20	15.20
TOTAL	**410 anos**	

Sem dúvida, este cálculo de anos e tabulação é o que tem Paulo na mente quando divide o período de Josué até Samuel, incluindo 40 anos para a dignidade de Eli (At 13.20). inclusive com a aceitação da precoce data da ocupação de Canaã sob Josué (1400 a.C.), é impossível permitir uma seqüência cronológica para esses anos, já que Davi estava plenamente estabelecido no trono de Israel por volta do ano 1000 a.C. em 1 Reis 6.1 se calcula um período de 480 anos desde a época do Êxodo até o quarto ano do reinado de Salomão. Inclusive permitindo um mínimo de 20 anos cada um para Eli, Samuel e Saul, 40 anos para Davi, 4 anos para Salomão, 40 para a peregrinação no deserto e um mínimo de 10 anos para Josué e os anciãos, um total de 154 anos deveria ser adicionado a 410, resultando na enorme suma de 566 anos. a obvia conclusão é que o período dos Juízes não corresponde a uma seqüência cronológica.

Garstang leva em conta para este período, considerando a Sangar, Tola, Jair, Ibsã, Elom e Abdom como juízes locais cujos anos são sincrônicos a aqueles dos períodos mencionados [115]. Omitindo isto da tabulação cronológica, o número total de anos entre o Êxodo e o quarto ano do reinado de Salomão aproxima-se da cifra de 480 anos. Em Juízes 11.26 se dão 300 anos como o tempo transcorrido entre a derrota dos amonitas sob Moisés e os dias de Jefté. Restando os anos de Josué e dos anciãos, e agregando 20 para Sansão, o tempo que corresponde aos Juízes desde Otniel a Sansão se aproximaria a três séculos (1360-1060 a.C.).

[115] J. Garstang, op. cit., pp. 516.

MAPA 4: AS DIVISÕES TRIBAIS



A última data para a conquista com Josué (1250-1225 a.C.) limita o período permitido aos Juízes, incluindo os dias de Eli, Samuel e Saul, a dois séculos ou menos. Com este cômputo em 1 Reis 6.1 e Juízes 11.26, se considera estes serem inserções, não fiáveis historicamente. Embora Garstang considere a referência em 1 Reis como uma inserção, ele a data antes e a aceita como confiável. Esta cronologia mais curta necessitaria uma ulterior sincronização de períodos de opressão e permanência nos dias dos Juízes .

Obviamente, qualquer pauta cronológica proposta para esta era dos juízes não é senão uma solução sugerida. Os dados da Escritura são suficientes para estabelecer uma cronologia absoluta. Parece completamente certo que os autores de Josué e Juízes não tentam dar um relato que encaixe numa completa cronologia para o período em questão. A fé nas tradições de 1 Reis 6.1 e Juízes 11.26 exige a cronologia mais longa.

Israel não tinha capital política nos dias dos juízes. Siló, que foi estabelecido como centro religioso nos dias de Josué (Js 18.1), continuou como tal nos dias de Eli (1 Samuel 1.3). já que Israel não tinha rei (Juízes 17.6; 18.1; 19.1; 21.25), não existia uma praça central onde um juiz pudesse oficiar. Aqueles juízes intervinham em lugares de liderança, segundo a situação

local ou nacional pudesse demandar. A influência e o reconhecimento de muitos deles estava indubitavelmente limitado a sua comunidade local ou tribo. Alguns deles eram líderes militares que libertaram os israelitas do inimigo opressor, enquanto que outros foram reconhecidos como magistrados aos que o povo se dirigia para decisões políticas ou de caráter legal. Sem ter um governo central, nem capital, as tribos israelitas foram governadas espasmodicamente sem imediata sucessão, quando um dos juízes falecia. Com alguns dos juízes restringidos a zonas locais, é também razoável supor que várias judicaturas se superpuseram.

Para a representação bíblica e gráfica das condições desta época, como se dá em Juízes e em Rute, considere-se a seguinte análise:

I. Condições prevalecentes	**Jz 1.1-3.6**
Áreas não ocupadas	Jz 1.1-2.5
Ciclos religioso-político	Jz 2.6-3.6
II. Nações oprimidas e libertadores	**Jz 3.7-16.31**
Mesopotâmia – Otniel	Jz 3.7-11
Moabe – Eúde	Jz 3.12-30
Filistéia – Sangar	Jz 3.31
Canaã (Hazor) – Débora e Baraque	Jz 4.1-5.31
Midiã – Gideão (Jerubaal)	Jz 6.1-8.35
Abimeleque – Tola e Jair	Jz 9.1-10.5
Amom – Jefté	Jz 10.6-12.7
Ibsã, Elom e Abdom	Jz 12.8-15
Filistéia – Sansão	Jz 13.1-16.31
III. Condições culturais nos dias dos juízes	**Jz 17.1 – Rt 4.22**
Mica e sua idolatria	Jz 17.1-13
Migração dos danitas	Jz 18.1-31
Crime e guerra civil	Jz 19.1-21.35
A história de Rute	Rt 1.1-4-22

A anotação *"Naqueles dias não havia rei em Israel; porém cada um fazia o que parecia reto aos seus olhos"* (Jz 21.25, ACF) descreve claramente as características que prevaleceram na totalidade do período dos Juízes.

O versículo que serve de apertura a Juízes sugere que este livro tem relação com os acontecimentos que tiveram lugar após a morte de Josué. O relato de Juízes 2.6-10 pode apoiar a idéia de que alguns desses acontecimentos se referem em parte à conquista de certas cidades sob o mando de Josué. A conquista de Hebrom em Jz 1.10-15 pode colocar-se como paralelo ao relato de Josué 15.14-19. outras declarações refletem as mudanças que aconteceram num longo período de tempo. Jerusalém não foi conquistada nos dias de Js (15.63) e, de acordo com Juízes 1.8, a cidade foi queimada pelo povo de Judá, porém no versículo está claramente estabelecido que os benjamitas não desalojaram os jebuseus de Jerusalém. A cidade não foi realmente ocupada pelos israelitas até os dias de Davi. A vitória judaica deve ter sido somente temporária.

Embora Josué havia derrotado as principais forças da oposição quando conduzia Israel rumo a Canaã e dividiu a terra nas diversas tribos, muitos locais permaneceram em mãos dos cananeus e outros habitantes. Em sua mensagem final aos israelitas, Josué advertiu ao povo de não se misturarem ou contraírem matrimônio com os habitantes locais que sobraram, senão que os admoestou a afastar aquelas gentes idolátricas e ocuparem suas terras. Se realizaram ulteriores tentativas para desalojar essas gentes, porém segundo o escrito se deduz que os israelitas só foram parcialmente obedientes.

Enquanto conquistaram algumas zonas, certas cidades fortemente fortificadas, tais como Taanaque e Megido, permaneceram em possessão dos cananeus. Quando Israel foi o suficiente forte, quis forçar aquelas gentes ao trabalho e a pagarem tributos; mas fracassaram em seu propósito de expulsá-los fora da terra. Conseqüentemente, os amorreus, cananeus e outros permaneceram na terra que tinha sido entregue por completo a Israel para sua possessão e ocupação. Teria parecido completamente natural que, quando Israel se tiver debilitado, aquelas pessoas voltassem a tomar possessão de suas terras, cidades e povoados que Israel uma vez tinha conquistado deles (ver Juízes 1.34).

A ocupação parcial da terra deixou Israel em permanentes dificuldades. Mediante a fraternização com os habitantes, os israelitas participaram no culto a Baal, conforme apostatavam do culto a Deus. Os povos particularmente mencionados de serem os culpados de que Israel se afastasse de Deus, foram os cananeus, os heteus, os amorreus, os perizeus, os heveus e os jebuseus. Durante este período de apostasia, os matrimônios mistos conduziram a

maiores abandonos no serviço e verdadeiro culto a Deus. no curso de uma geração, o populacho de Israel chegou a ser tão idólatra que as bênçãos prometidas por Deus através de Moisés e Josué foram retiradas. Ao renderem culto a Baal, os israelitas romperam com o primeiro mandamento do Decálogo.

O juízo chegou em forma de opressão. Nem o Egito nem a Mesopotâmia eram o bastante fortes como para dominar o Crescente Fértil durante esta era. A influência egípcia na Palestina tinha diminuído durante o reinado de Tut-ank-Amon (1360 a.C.). Assíria surgia poderosa (1250 a.C.), mas já não interferia nas questões de Canaã. Isto permitiu aos povos das imediações, assim como as cidades-estado, usurparem as possessões de Israel em Canaã. Os oponentes políticos desta época são os mesopotâmicos, moabitas, filisteus, cananeus, midianitas e amonitas. Estes invasores levaram vantagem dos israelitas, arrebatando-lhes suas propriedades e colheitas. Quando a situação chegou a fazer-se insuportável, se desesperaram o bastante como para voltar-se para Deus.

O arrependimento foi o seguinte passo deste ciclo. Conforme os israelitas perdiam sua independência e se submetiam à opressão, reconheceram que estavam sofrendo as conseqüências de sua desobediência a Deus. quando se conscientizaram de seu pecado, se voltaram para Deus em penitência. Sua chamada não foi em vão.

A libertação chegou através de campeões que Deus enviou para desafiar os opressores.

Chefes militares que conduziram os israelitas a atacar o inimigo, foram, como notáveis, Otniel, Eúde, Sangar, Débora e Baraque, Gideão, Jefté e Sansão. Especialmente dotados com uma divina capacidade, aqueles chefes rejeitaram os inimigos e Israel de novo gozou de um período de paz e tranqüilidade.

Estes ciclos religioso-políticos se sucederam freqüentemente nos dias dos Juízes. O pecado, a tristeza, a súplica e a salvação eram coisa corriqueira. Cada geração, aparentemente, tinha bastante gente que era ciente da possibilidade de assegurar-se o favor de Deus e suas bênçãos, e a idolatria era repelida, restaurando-se a adesão aos preceitos de Deus, que ficavam assim instaurados.

Os juízes e as nações opressoras

A opressão por um período de oito anos por uma força de invasão procedente dos planaltos da Mesopotâmia, deu começo ao primeiro ciclo. Garstang sugere que Cusã-Risataim era um rei heteu que se anexara ao norte da Mesopotâmia, também conhecido como Mitanni, e estendeu seu poder até a terra de Israel [116]. Otniel, da tribo de Judá, tomou a iniciativa em converter-se no campeão da causa de Israel, conforme o Espírito do Senhor caiu sobre ele. Seguiu a isto um período de calma de quarenta anos.

Moabe foi a seguinte nação que invadiu Israel. Apoiados pelos amonitas e os amalequitas, os moabitas ganharam uma posição no território de Israel, e exigiram tributos. Eúde, da tribo de Benjamim, se levantou como libertador nos dezoito anos da dominação moabita. Tendo pagado o tributo, Eúde obteve uma audiência privada com Eglom, o rei de Moabe. Utilizando a espada com a mão esquerda, Eúde o atacou quando estava desprevenido, e o matou, fugindo depois antes que fosse descoberta sua façanha. Os moabitas ficaram desmoralizados, enquanto os israelitas se encorajaram para apoiar Eúde em toda sua ofensiva contra o inimigo. Aproximadamente uns 20.000 moabitas perderam a vida no encontro, o que proporcionou a Israel uma notável vitória. Com a expulsão de Moabe, Israel gozou de um período de tranqüilidade de oito anos. durante esta época, Ramsés II, que governava o Egito (1290-1224 a.C.) e seu filho Merneptah (1224-1214), mantiveram um equilíbrio de poder com os heteus, controlando a Palestina tão longe como até o sul da Síria. A única menção de Israel nas inscrições egípcias procede da fanfarronaria de Merneptah de que Israel era considerada como um ermo [117]. Em sua totalidade as condições de paz prevaleceram por algum tempo.

Somente num versículo se faz menção à carreira de Sangar. Não se indica nada a respeito da opressão, nem existem tampouco detalhes referentes à origem de Sangar nem a seu passado.

Uma lógica inferência parece ser que os filisteus penetraram dentro do território de Israel e que Sangar se levantou para oferecê-lhes resistência, matando a 600 inimigos num valoroso esforço.

O acosso realizado pelos cananeus, seguido de um período de vinte anos, conforme a influência egípcia declinava na Palestina sob Merneptah e outros governantes fracos, aconteceu por volta do século XIII. Enquanto Jabim, rei dos cananeus, perseguiu os israelitas desde Harosete dos Gentios, situada perto do arroio de Quisiom, na entrada noroeste da planície do Esdraelom.

[116] *Ibid., p.* 62. ¿Ou pôde ter sido um grupo aramaico?

[117] Steindorff e Seele, "*When Egypt Ruled the East",* p. 252.

Durante a época desta opressão cananéia, Débora ganhou o reconhecimento como profetisa na terra de Efraim, perto de Ramá e Betel. Tendo enviado por Baraque, não somente o admoestou para que entrasse na batalha, senão que pessoalmente se uniu a ele em Cedes, de Naftali.

Ali, Baraque reuniu uma força combatente e se dirigiu rumo ao sul ao monte de Tabor, situado ao nordeste da planície triangular de Esdraelom. Contudo, devido a que Sísara tinha a vantagem de 900 carros de guerra em sua força combatente, Baraque teve medo de assumir a responsabilidade de combater os cananeus com seus 10.000 infantes. Inclusive ainda quando Débora lhe assegurou a vitória, conforme os cananeus foram atraídos com engano até o Quisiom, Baraque não quis aventurar-se sem sua corajosa acompanhante.

As forças cananéias foram surpreendentemente confundidas. Um cuidadoso exame do relato parece indicar que quando os carros de guerra do inimigo estavam no vale de Quisiom, uma repentina chuvarada reduzia a vantagem dos cananeus. Os carros guerreiros deveram ser abandonados ao ficarem entalados na lama (5.4,20-21; 4.15) [118]. Com as forças cananéias derrotadas e Sísara morto por Jael, os israelitas ganharam uma paz que durou quarenta anos. a vitória foi celebrada num cântico que expressa o louvor pela ajuda divina (Juízes 5).

A reversão de Israel à idolatria foi seguida por incursões procedentes do deserto sírio, por nômades hostis montados em camelos, conhecidos como midianitas, amalequitas e Filhos do Oriente, que chegaram a apossar-se das colheitas e do gado dos israelitas. Sete anos de depredação foi um período excessivo, de tal forma que os israelitas precisaram procurar refúgio seguro nas cavernas e nos lugares montanhosos.

Num povoado chamado Ofra, Gideão estava ocupado secretamente buscando grão para seu pai, quando o anjo do Senhor o comissionou para libertar seu povo. Embora Ofra não possa ser definitivamente identificado, provavelmente estava situado perto do vale de Jizreel na Palestina central, onde a pressão midianita era maior. O primeiro que fez Gideão foi destruir o altar de Baal no estado de seu pai. Apesar que os membros da população se alarmaram diante do fato, o pai de Gideão, Joás, não era partidário da idolatria. Por esta memorável ação, Gideão foi chamado Jerubaal, que significa "Baal contenda contra ele" (Jz 6.32).

Quando as forças do inimigo estavam acampadas no vale de Jizreel, Gideão reuniu um exército. Pelo uso de um velo de lã exposto duas vezes à intempérie, teve a certeza de que Deus certamente o havia chamado para libertar Israel (Jz 6.36-40). Quando Gideão anunciou a seu exército de 32.000 homens reunidos, de Manassés, Aser, Zebulom e Naftali, que qualquer que tiver medo podia voltar para sua casa, viu sair 22.000 homens de suas fileiras. Como resultado de uma nova comprobação, perdeu outros 9700 homens. Com uma companhia de somente 300 homens preparou-se para a batalha, e se dispus a atacar as hordas nômades.

Nas ladeiras do monte Nebo, perto da terminação oriental da planície de Megido, permanecia acampada a grande hoste dos midianitas com seus camelos. Gideão, dividindo seu bando de 300 homens em três companhias, realizou um ataque surpresa durante a noite. No princípio da metade da guarda —após as dez da noite—, quando o inimigo dormia profundamente, os homens de Gideão tocaram as buzinas, e quebraram os cântaros, e deram o grito de batalha, dizendo: "Espada do SENHOR, e de Gideão!" (Jz 7.20). os midianitas sumidos na maior confusão fugiram através do Jordão. Por sua fé em Deus, Gideão pus assim em fuga o inimigo e libertou os israelitas da opressão (ver Hb 11.32).

Na perseguição dos midianitas, a condição sem lei dos dias dos Juízes se reflete de novo (Juízes 8). Após pacificar os ciumentos efrateus, que não haviam partilhado a grande vitória, Gideão encaminhou os midianitas rumo a Transjordânia, tomando uma apreciável quantidade de botim de objetos valiosos, de ouro, colares de camelos, jóias de todo tipo, igual que ornamentos de púrpura, dos que vestiam os reis midianitas. Como resultado, o povo ofereceu a Gideão o reinado hereditário. A rejeição de Gideão reflete sua atitude de resistência à monarquia. Contudo, Gideão se fé um éfode de ouro com os despojos tomados ao inimigo. Se aquilo era um ídolo, um simples memorial de sua vitória, ou uma ação contrária ao éfode com que se ornavam os sumos sacerdotes (Êx 27.6-14), é algo que não fica claro. Em todo caso, o objeto se converteu num símbolo para Gideão e sua família, tanto como para os israelitas, facilitando o caminho à idolatria. Embora Gideão tinha ganho a segurança para Israel contra seus invasores por meio de sua vitória militar, durante quarenta anos, sua influência em religião foi negada. Pouco depois de sua morte, o povo voltou-se abertamente ao culto de Baal, esquecendo-se do Deus que tinha garantido sua liberação.

Abimeleque, um filho da concubina de Gideão, se nomeou rei a si mesmo em Siquem, por um período de três anos após a morte de Gideão.

---

[118] Garstang, *op cit.,* pp. 298-299, ressalta que durante a Primeira Guerra Mundial os movimentos da cavalaria foram bloqueados com o mesmo perigo nessa mesma zona por uma tremenda chuvarada de 15 minutos.

Ganhou a adesão dos habitantes dessa cidade, matando traiçoeiramente a todos os setenta filhos de Gideão, exceto a Jotão. Este último, dirigindo-se aos homens de Siquem, desde o monte Gerizim, por meio de uma parábola, compara a Abimeleque com uma sarça que foi convidada a reinar sobre as árvores. Invocou a maldição de Deus sobre Siquem por sua conduta com a família de Gideão.

A revolta logo explodiu sob Gaal, quem incitou os siquemitas a rebelar-se. No transcurso da luta civil que se seguiu, Abimeleque foi morto finalmente por uma pedra de moinho que uma mulher deixou cair sobre sua cabeça quando se aproximava a uma torre fortificada dentro da cidade.

Isto acabou com todas as tentativas de estabelecer a monarquia em Israel nos dias dos Juízes.

Pouco se conhece a respeito de Tola e de Jair. Já que não se conhecem grandes feitos que lhes concernam, suas responsabilidades foram meramente judiciais. Tola, da tribo de Issacar, parou em Samir, situada em algum lugar do país nas colinas de Efraim. Atribui-se a ele um governo de 23 anos.

Jair realizou seu ofício de juiz no território de Gileade, ao leste do Jordão, durante 22 anos. o fato de que tivesse uma família de 30 filhos indica não só uma ostentosa poligamia, senão também seu nível e sua posição de riqueza na cultura da época.

A apostasia de novo prevaleceu em Israel, voltado ao culto de Baal e outras deidades pagãs. A opressão desta época provém de duas direções: os filisteus pressionavam desde o sudoeste e os amonitas invadiram desde o oriente. A liberação da Transjordânia e sua zona chegou sob a liderança de Jefté.

A causa de ser filho de uma prostituta, Jefté foi condenado ao ostracismo desde sua comunidade familiar em idade precoce. Chegou a ser um chefe de bandoleiros ou capitão de foragidos em Tobe, que provavelmente estava situada ao nordeste de Gileade. Quando os gileaditas buscaram um líder, foi chamado Jefté. Antes de aceitar esta nomeação, se fez um solene pacto mediante o qual os anciãos gileaditas o reconheceram como chefe e líder.

Quando Jefté apelou aos amonitas, estes responderam com a força. Antes de apresentar batalha, fez um voto em que se obrigava a cumpri-lo, caso voltar vitorioso.

Fortificado pelo Espírito do Senhor, Jefté obteve uma grande vitória, de forma que os israelitas foram liberados dos amonitas, que os haviam oprimido durante dezoito anos.

Quando Efraim protestou que não os tinham chamado para tomarem parte da batalha contra os amonitas, Jefté soube responder militarmente com seu exército.

Sacrificou Jefté realmente a sua filha em cumprimento do voto que havia pronunciado? Naquele dilema, não teria agradado certamente a Deus que se realizasse um sacrifício humano, ação que em nenhum lugar da Escritura tem a divina aprovação. De fato, este foi um dos grandes pecados pelos quais os cananeus deviam ser exterminados. Por outra parte, como podia agradar a Deus, não cumprindo seu voto? Embora os votos em Israel eram voluntários, uma vez que uma pessoa fazia um voto, estava sob a obrigação de cumpri-lo (Nm 6.1-21). A clara implicação em Juízes 11 indica que Jefté cumpriu o seu (versículo 39). Sua maneira de fazê-lo está sujeita a várias interpretações.

Que os líderes israelitas não se conformavam com a religião pura nos dias dos Juízes, resulta aparente nos registros bíblicos [119]. Jefté, que tinha um passado metade cananeu, pôde ter-se conformado com a execução do seu voto, prevalecendo os costumes pagãos, sacrificando sua filha [120]. Devido a que as montanhas eram consideradas como símbolos da fertilidade pelos cananeus, sua filha foi às montanhas a guardar luto por sua virgindade com objeto de evitar qualquer possível cessação da fertilidade da terra [121]. Periodicamente, durante cada ano, as donzelas israelitas empregavam quatro dias lembrando o luto da moça sacrificada [122]. Se a familiaridade Jefté com a lei o deixou ciente do desgosto de Deus com os sacrifícios humanos, ele pôde ter dedicado sua filha ao serviço do tabernáculo [123]. Assim fazendo, pôde

[119] Gideão fez um éfode de ouro que conduziu os israelitas à idolatria. A vida de Sansão não foi, de maneira nenhuma, um exemplo de religião pura.

[120] Esta opinião tem sido sustentada por intérpretes judeus e cristãos até o século XII. Para um completa discussão, ver o "*Intemational Critical Commentary of Judges*" por George Foote Moore (New York: Scribner's, 1895), pp. 301-305. Ver também F. F. Bruce, "*Judges*" en *The New Bible Commentary, p.* 250. Ver tambén "*Modern Science and the Christian Faith*" (Wheaton: Van Kampen. 1948), pp. 134-135.

[121] Para a discussão dos ritos da fertilidade, ver J. D. Frazer, "*The Golden Gods*" (Londres: MacMillan & Co. 1890).

[122] O Dr. Dwight W. Young sugere, em apoio desta opinião, que a problemática palavra "shana" é provavelmente um aramaismo que significa "repetir", "refazer", e está relacionada com a palavra hebraica aShana.
Segundo o dicionário Strong, "שנה shaná" significa "ano", como uma revolução de tempo: anualmente, consecutivo (N. da T.)

[123] Para esta questão, ver C. F. Keil, em seu comentário de "*Judges*", pp. 388-395. David Kimchi (siglo XII) e outros rabinos aceitaram este ponto de vista, comparando a Jefté e sua ação com a experiência de Abraão, onde o sacrifício humano não foi realmente executado.

ter cumprido com seu voto e conformado sua atuação à idéia essencial da completa consagração significada na oferta de fogo. Já que sua filha era única, Jefté perdeu todo o direito de suas esperanças na posteridade [124]. Deste modo, pôde ter conjugado suas obrigações do cumprimento do voto pronunciado sem realizar nenhum sacrifício humano, um voto que talvez tivesse sido realizado apressadamente sob uma determinada pressão.

Embora a forma na qual Jefté cumpriu seu voto não está detalhada na narrativa bíblica, enfrentou o desafio de libertar seu povo da opressão e está considerado como um herói da fé (Hb 11.32).

Ibsã julgou em Israel durante sete anos. se ignora se Belém, o lugar de sua atividade e sepultamento, é a bem conhecida cidade de Judá ou um povo de Zebulom. A menção de trinta filhos e trinta filhas indica sua posição, riqueza e influência.

Dez anos como juiz são atribuídos a Elom. Em Aijalom, na terra de Zebulom, teve seu lar e seu lugar de serviço a seu povo.

Abdom, o seguinte juiz na lista, viveu em Efraim. Estando numa posição de proporcionar asnos para os setenta membros de sua família, Abdom deve ter sido um homem de grandes riquezas, e influenciou em seu país. Julgou em Israel durante oito anos.

Israel foi oprimida simultaneamente pelos amonitas e filisteus (Jz 10.6). enquanto Jefté derrotou os primeiros, Sansão é o herói que resistiu e desafiou o poder dos últimos.

Devido a que Sansão nunca aliviou completamente a Israel da dominação filistéia, é difícil datar o período de 40 anos que se menciona em Juízes 13.1. vinte anos é o período que se calcula que Sansão ostentou sua liderança (Jz 15.20).

Sansão foi um grande herói dotado de uma força sobrenatural, recordado em primeiro lugar por suas façanhas militares. Que foi um nazireu, foi anunciado a seus pais danitas antes de seu nascimento. Manoá e sua esposa foram instruídos mediante revelação divina de que seu filho começaria a libertação de Israel da opressão filistéia. Através de numerosos relatos, referências, se conhece o fato de que o Espírito do Senhor estava sobre ele (13.25; 14.5,19; 15.14). Suas atividades estiveram limitadas à planície marítima e ao país das colinas de Judá, onde empreendeu a luta contra a ocupação filistéia do território israelita.

Numerosos relatos que somente podem ser uma amostra de tudo o que Sansão fez, estão registrados no livro dos Juízes. Em seu caminho para Timnate, destrocou um leão com suas próprias mãos. Quando foi obrigado a subministrar trinta ornamentos de festa para os filisteus, que desonestamente obtiveram a resposta da charada que ele colocou em suas bodas em Timnate, matou trinta deles em Ascalom. Em outra ocasião, soltou trezentas raposas com ramas incendiadas para destrocar as colheitas dos filisteus. Em resposta a suas represálias, Sansão matou muitos filisteus perto de Etã. Quando os homens de Judá o entregaram amarrado de mãos ao inimigo, suas amarras ficaram frouxas conforme o Espírito do Senhor chegou sobre ele. Sem outras armas que suas mãos, matou mil homens com a queixada fresca de um asno. Em Gaza arrancou as portas durante a noite e as levou consigo quase a 64 quilômetros ao leste, a uma colina perto do Hebrom.

As relações de Sansão com Dalila, cujas simpatias estavam com os filisteus, o conduziram a sua ruína. Por três vezes repeliu com êxito os filisteus, quando a mulher o traiu; não obstante, quando revelou o segredo de sua colossal força e poder a ela, e cortaram seus cabelos, Sansão perdeu sua força. Os filisteus lhe arrancaram os olhos e o forçaram a trabalhar num moinho como um escravo. Porém Deus restaurou sua força para sua façanha final e pôde derrubar as colunas do templo de Dagom, matando mais filisteus dos que havia matado em seus anteriores encontros.

A despeito de sua fraqueza, Sansão ganhou renome entre os heróis da fé (Hb 11.32).

Dotado de tão grande força, sem dúvida poderia ter feito muito mais; contudo, envolvido no pecado, fracassou em sua missão de libertar Israel. De todos modos, fez o bastante como para fazer desistir os filisteus para que Israel não fosse despojado da terra prometida.

Condições religiosas, políticas e sociais

Os últimos capítulos do livro de Juízes e o livro de Rute descrevem as condições que existiam nos dias dos heróicos chefes, tais como Débora, Gideão e Sansão. Sem referências misturadas com as atividades de qualquer dos juízes particulares mencionados nos capítulos precedentes, é difícil datar estes acontecimentos especificamente. Os rabinos associam a história de Mica e a emigração danita com a época de Otniel; porém, a causa da falta de detalhes históricos, é impossível ficar certos da confiabilidade disto e das tradições similares

[124] A familiaridade de Jefté com a história de Israel, como registrada no livro de Números, fica evidente em Nm 11.12 - 28. O sacrifício humano estava proibido (Lv 20.2). viver sem filhos ou carecer de herdeiros era considerado uma calamidade em Israel: Ana (1 Sm 1) dedicou seu filho ao serviço do Tabernáculo. Para referências incidentais para as mulheres de tais serviços, ver Êx 38.8 e 1 Sm 2.22.

dos rabinos. O mais que pode ser feito é limitar tais acontecimentos aos dias "quando os juízes governavam" e "não havia rei em Israel" (Rt 1.1 e Jz 21.25).

Mica e sua casa de deuses são um exemplo da apostasia religiosa que prevaleceu nos dias dos juízes. Quando Mica, um efraimita, devolveu 1160 siclos roubados a sua mãe, ela deu 200 siclos e um ourives, o qual fez uma imagem gravada em madeira e recoberta em prata, juntamente com outra imagem fundida de prata. Com aqueles símbolos idolátricos, Mica estabeleceu um santuário ao que agregou um éfode e terafins, e fez sacerdote a um de seus filhos. Quando um levita procedente de Belém, por acaso se deteve naquela capela no monte Efraim, Mica fez um acordo com ele, alugando seus serviços como seu sacerdote oficial, com a esperança de que o Senhor faria prosperar sua empresa.

Cinco danitas enviados como grupo de reconhecimento para localizar mais terra para sua tribo, se detiveram no santuário de Mica para pedir conselho a este levita. Após ter-lhes assegurado o êxito de sua missão, continuaram seu caminho e encontraram condições favoráveis para a conquista de mais território em Laís, uma cidade situada na vizinhança do manancial do rio Jordão. Como resultado, seiscentos danitas emigraram para o norte. No caminho, convenceram o levita que era melhor para ele servir como sacerdote para uma tribo, antes que para um único indivíduo. Quando Mica e seus vizinhos objetaram a questão, os danitas, muito mais fortes, se limitaram simplesmente a tomar o levita e os deuses de Mica e levá-los a Laís, desde então chamada Dã. Ali, Jônatas, que indubitavelmente era o levita, estabeleceu um santuário para os danitas como um substituto para Siló. Caso não houver nenhuma omissão na genealogia (18.30) deste Jônatas, é muito verossímil que a emigração tivesse lugar nos primeiros dias do período dos Juízes.

O crime sexual em Gabaá e os acontecimentos que se seguiram conduziram a Israel a uma guerra civil. Um levita das colinas da terra de Efraim e sua concubina, de retorno de uma visita aos pais da mulher em Belém, se detiveram em Gabaá pela noite. Tinham passado por Jebus, esperando receber melhor hospitalidade em Gabaá, que era uma cidade benjamita. Durante a noite, os homens de Gabaá exigiram e obtiveram a concubina do levita. Na manhã ela foi achada morta na porta da casa. Ele tomou o cadáver e a levou a seu lar; e cortando-a em doze peças, a enviou por todo o país. Todo Israel, desde Dã até Berseba, ficou tão horrorizado por semelhante atrocidade, que se reuniram em Mispá. Ali, ante uma reunião de 400.000 homens, o levita falou do que tinham feito com eles os benjamitas.

Quando a tribo de Benjamim recusou entregar os homens de Gabaá que tinham cometido aquele crime, explodiu a guerra civil. Os benjamitas dispuseram de uma força combativa de homens, incluindo uma divisão de homens armados de estilingues. O resto de Israel, então, se reuniu em Betel, onde estava situada a Arca do Senhor, para receber conselho de Finéias, o sumo sacerdote, para a batalha. Por duas vezes as forças israelitas foram derrotadas em seu ataque a Gabaá. A terceira vez, porém, a conquistaram e queimaram a cidade, matando a todos os benjamitas, exceto seiscentos deles que fugiram e acharam refúgio na rocha de Rimom. A destruição e devastação de Benjamim foi completa, até o extremo de que a totalidade da tribo foi arrasada. Após quatro meses, se efetuou uma reconciliação com os seiscentos homens que restavam. Tomaram-se medidas para a restauração e o matrimônio daqueles homens, de forma tal que os benjamitas pudessem ser restaurados na nação de Israel.

A história de Rute subministra uma visão rápida de uma era mais pacífica nos dias em que os Juízes governavam [125]. Esta narrativa fala da emigração de uma família israelita — Elimeleque, Noemi e seus dois filhos— para o Moabe, quando havia fome em Judá. Ali, os dois filhos casaram com duas mulheres moabitas, Rute e Orfa. Após a morte de seu marido e ambos os filhos, Noemi voltou a Belém acompanhada de Rute. No curso do tempo, Rute casou com Boaz e, subseqüentemente, fogueira na linha genealógica davídica da família real de Israel.

[125] Josefo, "*Antiquities*", v. 9.1, datava a história de Rute nos dias de Eli. A referência a Salmom, pai de Boaz, como o marido de Raabe aponta a uma data mais anterior. Como Boaz era bisavô de Davi, esta genealogia em Mateus permite considerar a existência de lacunas.

● CAPÍTULO 7: TEMPOS DE TRANSIÇÃO

Nos séculos X e XI, Israel estabeleceu e manteve a mais poderosa monarquia de toda a sua história. Nem antes nem depois a nação teve tão extensas fronteiras e nutriu tanto respeito internacional. Tal expansão foi possível em grande medida a causa da não interferência que podia ter-lhe chegado desde as extremidades do Crescente Fértil durante esta época de sua história.

As nações vizinhas

Egito tinha declinado a uma posição de fraqueza. Ramsés III (1198-1167 a.C.), o Faraó da Cruz Dinastia que tinha sido o bastante forte como para rejeitar todos os invasores, morreu em mãos de um assassino. Sob Ramsés IV-XII (perto de 1167-1085 a.C.), o poder dos reis egípcios sucumbiu gradativamente à política agressiva da família sacerdotal [126]. Por volta de 1085 a.C. Heri-Hor, o sumo sacerdote, começou a governar Egito desde Karnak em Tebas, enquanto que príncipes da família controlavam Tânis. A perda de prestígio do Egito se reflete no tratamento menosprezível que se permitiu Wen-Amon [127] em sua jornada rumo a Biblos, como enviado egípcio (por volta de 1080 a.C.). não foi senão até o quarto ano de Roboão (927 a.C.), que o Egito esteve em posição de invadir a Palestina (1 Reis 14.25-26).

Os assírios, sob Tiglate-Pileser (113-1074 a.C.), estenderam sua influencia para o oeste, à Síria e à Fenícia. Contudo, antes que transcorresse muito tempo, os próprios assírios sentiram os efeitos da invasão procedente do oeste [128]. Durante o reinado de Assur-Rabi II (1012-975 a.C.), os estabelecimentos assírios ao longo do Eufrates foram descolados pela imigração das tribos aramaicas. Somente depois do ano 875 a.C. a Assíria voltou recuperar o controle do alto vale do Eufrates, para desafiar os poderes ocidentais na Palestina.

O inimigo que tão seriamente ameaçava o crescente poder de Israel eram os filisteus.

Rejeitados em sua tentativa de entrar no Egito, os filisteus se estabeleceram em grande número sobre a planície marítima da Palestina pouco depois do 1200 a.C. [129] Cinco cidades se converteram em praças fortes dos filisteus: Ascalom, Asdode, Ecrom, Gaza e Gate (1 Samuel 6.17). sobre cada uma dessas cidades independentes governava um "senhor" que supervisionava o cultivo da terra anexada. Embora fossem ativamente competitivos com os fenícios no lucrativo negócio do comércio, como registrava Wen-Amon, os filisteus ameaçavam com dominar Israel nos dias de Sansão, Eli, Samuel e Saul. independentes em si mesmas, as cinco cidades e seus governantes se uniam ocasionalmente para propósitos políticos e militares.

A explicação real da superioridade filistéia sobre Israel se encontra no fato de que os filisteus guardavam o segredo do ferro forjado. Os heteus na Ásia Menor tinham sido fundidores de ferro antes do XII a.C., porém os filisteus foram os primeiros que utilizaram o processo na Palestina. Guardando zelosamente seu monopólio, tinham a Israel em seu poder. Isto está claramente refletido em 1 Samuel 13.19-22: *"E em toda a terra de Israel nem um ferreiro se achava, porque os filisteus tinham dito: Para que os hebreus não façam espada nem lança. Por isso todo o Israel tinha que descer aos filisteus para amolar cada um a sua relha, e a sua enxada, e o seu machado, e o seu sacho. Tinham porém limas para os seus sachos, e para as suas enxadas, e para as forquilhas de três dentes, e para os machados, e para consertar as aguilhadas. E sucedeu que, no dia da peleja, não se achou nem espada nem lança na mão de todo o povo que estava com Saul e com Jônatas; porém acharam-se com Saul e com Jônatas seu filho*" (ACF). Não só se encontravam os israelitas sem ferreiros para

[126] De acordo com o papiro Harris, aproximadamente o 18% da terra agricolamente cultivável estava sob o controle dos sacerdotes, enquanto que o 25 da população serviam como escravos.

[127] Para o relativo à viagem de Wen- Amon à Fenícia, ver Pritchard, "Ancient Near Eastern Texts", pp. 25-29.

[128] Merrill F. Unger, *"Israel and the Aramaeans of Damascus",* pp. 38-46.

[129] James H. Breastcd. "*A History of Egypt*" (Nova York, 1912), p 512.

forjar espadas e lanças, senão que inclusive dependiam dos filisteus para a reparação de seus instrumentos de trabalho agrícola.

Com semelhante ameaça pesando sobre Israel, estava à beira de cair numa escravidão sem remissão por parte dos filisteus.

Embora Saul ofereceu alguma resistência, ao inimigo que avançava, não foi senão até os tempos de Davi em que o poderio dos filisteus ficou quebrantado. Pela ocupação do Edom, Davi aprendeu os segredos da utilização do ferro e ganhou acesso aos recursos naturais que existiam na península do Sinai. Em tais condições, se achou capaz de unir firmemente a nação de Israel e de estabelecer uma supremacia militar, que nunca foi seriamente desafiada pelos filisteus.

Do norte, a principal ameaça para Israel e sua expansão procedia do Aram [130]. Já a princípios dos tempos patriarcais, os arameus tinham-se estabelecido no distrito de Khabur [131], na alta Mesopotâmia, conhecido como Aram-Naharaim (ou Naor). A zona sob seu controle pôde muito bem ter-se estendido para o oeste até Alepo e ao sul até Cades-Barnéia, sobre o Orontes. Até onde pode ter-se estendido na zona de Damasco e para o sul durante a época dos juízes, é algo incerto.

O estado aramaico mais poderoso foi Zobá, situado ao norte de Damasco. Hadade-ezer, governador de Zobá, estendeu seus domínios para o Eufrates (2 Sm 8.3-9), e possivelmente tomou pela força algumas colônias assírias de Assur-Rabi II, rei da Assíria (1012-975 a.C.). as dinastias hititas em Hamate e Carquemis foram gradualmente substituídas pelos arameus conforme se expandiram para o norte. Outros estados arameus situados para o sul de Damasco foram Maaca, Gesur e Tobe. Ao leste do Jordão e ao sul do monte Hermom jaz Maaca, com Gesur diretamente ao sul [132]. Já que sua mãe procedia daquela região, Absalão se apressou em acudir a Gesur em busca de segurança depois de ter matado a Amnom [133]. Tobe (Jz 3.11) estava no sudeste do mar da Galiléia, porém ao norte de Gileade [134]. Estes estados, sob a chefia de Hadade-ezer, representavam uma formidável coalizão para a expansão do Israel nos dias de Davi.

Os fenícios ou cananeus ocuparam a costa marítima do Mediterrâneo no norte.

Enquanto os arameus estavam formando um forte reino além da cordilheira do Líbano, os fenícios se concentravam em interesses marítimos. Em tempos de Davi, as cidades de Tiro e Sidom tinham estabelecido um forte estado incluindo o território costeiro imediato. Mediante o comércio e os tratados, estenderam sua influência comercialmente por todo o Mediterrâneo.

Hiram, rei de Tiro, e Davi, rei de Israel, acharam mutuamente proveitoso manterem uma atitude de amizade sem fricções militares.

Os edomitas, que habitavam a zona montanhosa do sul do Mar Morto, foram governados por reis antes do surgimento da monarquia de Israel (Gn 36.31-39). Embora Saul lutou com os edomitas (1 Sm 14.47), foi Davi em realmente os submeteu. A declaração de que se haviam convertido em servos de Davi, quem tinha estabelecido guarnições por todo o país, tem a maior importância (2 Sm 8.14). Das minas de Edom Davi obteve recursos naturais tais como cobre e ferro, que Israel necessitava desesperadamente para acabar com o monopólio filisteu na produção de armamentos.

Os amalequitas, também descendentes de Esaú (Gn 36.12) mantiveram o território ao leste de Edom até a fronteira egípcia. Saul tentou destruir os amalequitas (1 Sm 15), mas fracassou em fazer uma purga completa. Mas tarde, os amalequitas atacaram Ziclague, uma cidade ocupada por Davi quando era um fugitivo do território filisteu, mas apenas se são mencionados.

Os moabitas, situados ao leste do Mar Morto, foram derrotados por Saul (1 Sm 14.47) e conquistados por Davi. Por quase dois séculos permaneceram obedientes a Israel como uma nação tributária.

Os amonitas ocuparam uma franja do território sobre a fronteira oriental do Israel. Saul os derrotou em Jabes-Gileade, quando se estabeleceu por si mesmo (1 Sm 11.1-11). Quando os amonitas desafiaram a amizade de Davi por uma aliança com os arameus, não os venceu (2 Sm 10), mas conquistou Rabá em Amom, sua cidade capital (2 Sm 12.27). Nunca mais desafiaram a superioridade israelita durante o período do reinado.

Sob a liderança de Eli e de Samuel

[130] O nome comum de "Aram" no Antigo Testamento é "Síria". Para mais detalhes, ver Unger, op. cit., pp. 38 -55.
[131] O rio Khabur é um afluente do Eufrates (N. da T.).
[132] Ver Dt 3.14; Js 12.5 y 13.11.
[133] Ver 2 Sm 3.3, 13.37.
[134] Ver 2 Sm 10.8-10.

Os tempos de Eli e Samuel marcam a era de transição desde a esporádica e intermitente liderança dos Juízes até a implantação da monarquia israelita. Os dois homens são mencionados no livro de Juízes, porém os primeiros capítulos de 1 Samuel (1.1-8-22) são considerados como uma introdução à narrativa a respeito do primeiro rei de Israel. Estes capítulos podem ser subdivididos como segue:

I. Eli como sacerdote e juiz	**1 Sm 1.1-4-22**
Nascimento de Samuel	1 Sm 1.1-2-11
Serviço do Tabernáculo	1 Sm 2.12-26
Duas advertências a Eli	1 Sm 2.27-3.21
Juízo sobre Eli	1 Sm 4.1-22
II. Samuel como profeta, sacerdote e juiz	**1 Sm 5.1-8.22**
A arca restituída a Israel	1 Sm 5.1-7.2
Ressurgimento e vitória	1 Sm 7.3-14
Sumário do ministério de Samuel	1 Sm 7.15-8.3
A petição de um rei	1 Sm 8.4-22
III. liderança transferida a Saul	**1 Sm 7.15-8-3**
Samuel unge a Saul privadamente	1 Sm 9.1-10.16
Saul escolhido por Israel	1 Sm 10.17-27
Vitória sobre os amonitas	1 Sm 11.1-11
A inauguração pública de Saul	1 Sm 11.12-12.25

A história de Eli serve como fundo para o ministério de Samuel. Como sumo sacerdote, Eli estava encarregado do culto e sacrifício no tabernáculo em Siló. Foi a ele a quem os israelitas consideraram e buscaram para guia dos assuntos civis e religiosos.

A religião de Israel estava num baixo nível nos dias de Eli. Ele mesmo fracassou em ensinar a seus próprios filhos a reverenciarem a Deus; "não tinham conhecimento de Deus" (1 Sm 2.12), e sob sua jurisdição assumiram responsabilidades sacerdotais tirando vantagem do povo, conforme este se aproximava para o culto e o sacrifício. Não só roubavam a Deus solicitando a porção sacerdotal antes do sacrifício, senão que se conduziam de forma tal que o povo aborrecia levar sacrifícios a Siló. Também profanaram o santuário com as ações pagãs próprias da religião cananéia. Como era de esperar, recusaram ouvir a admoestação e a denúncia de semelhante conduta. Não é de surpreender que Israel continuasse degenerando ao se incrementarem tais práticas religiosas corrompidas.

Em semelhante atmosfera corrupta, Samuel foi levado desde sua infância e deixado ao cuidado de Eli. Dedicado a Deus e alentado por uma santa mãe, Samuel cresceu no entorno do tabernáculo, incorruptível à maléfica influência de carência de religiosidade dos filhos de Eli.

Um profeta cujo nome se ignora reprovou a Eli porque honrava seus filhos mais do que honrava a Deus (1 Sm 2.27). Seu relaxamento tinha provocado o juízo de Deus, daí que seus filhos perdessem suas vidas inutilmente e um fiel sacerdote ministrasse em seu lugar. a reiteração deste decreto chegou a Samuel quando Deus lhe falou durante a noite (1 Sm 3.1-18).

Em breve e de forma repentina aquelas proféticas palavras receberam seu total cumprimento, quando os espantados israelitas viram que estavam perdendo seu enfrentamento com os filisteus, se impuseram sobre os filhos de Eli para levarem a arca da aliança de Deus, o objeto mais sagrado de Israel, ao campo de batalha. A religião tinha chegado a um extremo tal que a arca, que representava o verdadeiro poder de Deus, os salvaria da derrota. Mas não podiam forçar a Deus a que os servisse. Sua derrota foi esmagadora. O inimigo capturou a arca, matando os filhos de Eli. Quando Eli ouviu as surpreendentes notícias de que a arca estava em mãos dos filisteus, sofreu um colapso que lhe custou a vida.

Aquilo foi um dia de catástrofe para Israel. Embora a Bíblia não diz nada a respeito da destruição de Siló, outra evidência respalda que por esse tempo os filisteus reduziram a ruínas o santuário central que tinha sustentado e mantido unidas a todas as tribos. Quatro séculos mais tarde, Jeremias advertiu aos habitantes de Jerusalém para não depositarem sua confiança no templo (Jr 7.12-24; 26.6-9). Da mesma forma que os israelitas tinham confiado na arca para sua própria segurança, assim, a geração de Jeremias assumiu que Jerusalém, como lugar de residência de Deus, não podia cair em mãos das nações gentias. Jeremias sugeriu que prestassem atenção às ruínas de Siló e aproveitassem daquele histórico exemplo. As escavações arqueológicas puseram ao descoberto o aniquilamento de Siló no século XI. Sua destruição naquele tempo conta pelo fato de que pouco tempo depois os sacerdotes oficiavam em Nobe (1 Sm 21.1).

É também digno de perceber em relação a isto que Israel em nenhuma ocasião tentou voltar a levar a arca a Siló.

A vitória filistéia desmoralizou efetivamente os israelitas. Quando a nora de Eli deu a luz um filho, ela lhe deu por nome "Icabode", porque ela sentiu profundamente que as bênçãos de Deus tinham sido retiradas de Israel (1 Sm 4.19-22). O nome do menino significava "Onde está a glória?", e ao mesmo tempo podia demonstrar que a religião cananéia tinha já penetrado no pensamento dos israelitas, já que para um devoto de Baal teria sido como uma alusão à morte do deus da fertilidade [135]. O lugar de Samuel na história de Israel é único. Sendo o último dos juízes, exerceu a jurisdição por toda a terra de Israel. Além disso, ganhou o reconhecimento como o maior profeta de Israel desde os tempos de Moisés. Também oficiou como sumo sacerdote, embora ele não pertencesse à linhagem de Arão, a quem pertenciam as responsabilidades do sacerdócio.

A Bíblia tem conservado comparativamente pouco a respeito do ministério real desde grande líder. Quando Eli morreu e a ameaça da opressão filistéia se fez mais aguda, os israelitas se voltaram naturalmente a Samuel para que lhes servisse de líder. Depois de ter escapado ao despojo e à destruição de Siló, Samuel estabeleceu seu lar em Ramá, onde erigiu um altar. Não há indicação, contudo, de que aquilo se convertesse no centro religioso ou civil da nação. O tabernáculo, que de acordo com o Salmo 78.60 tinha sido abandonado por Deus, não se menciona em relação com Samuel. Israel recuperou a arca de mãos dos filisteus (1 Sm 5.1-7-2), mas a guardou em Quiriate-Jearim, na casa privada de Abinadabe, até os dias de Davi. Aparentemente, não esteve em uso público durante este tempo.

Samuel, não obstante, agiu com seus deveres sacerdotais, ao oferecer sacrifícios em Mispá, Ramá, Gilgal, Belém e onde quer que fossem precisos por todo o país [136]. E continuou cumprindo com este dever e esta função inclusive após ter entregado todos os assuntos de estado a Saul.

Com o passar do tempo, Samuel reuniu a seu redor um grupo profético, sobre o qual teve uma enorme influência (1 Sm 19.18-24). É muito verossímil que Natã, Gade e outros profetas ativos na época de Davi recebessem seus ímpetos procedentes de Samuel.

Para executar suas responsabilidades judiciárias, Samuel ia anualmente a Betel, Gilgal e Mispá (1 Sm 7.15-17), e pode inferir-se que nos primeiros anos, antes que delegasse as responsabilidades em seus filhos Joel e Abias (1 Sm 8.1-5) incluísse pontos tão distantes como Berseba em seu circuito pela nação.

Acredita-se a Samuel o fato de que prevalecesse sobre Israel para purgar o culto cananeu de suas fileiras (1 Sm 7.3ss). Em Mispá o povo se reunia para a oração, o jejum e o sacrifício. A palavra da convocação se divulgou até os filisteus, os que por esta causa levaram vantagem da situação, para realizarem um assalto. Em meio do fragor, uma terrível tormenta de trovoes semeou o medo nos corações dos filisteus mercenários, produzindo a confusão e colocando-os em fuga. Evidentemente, o efeito dos trovoes adquiriu um caráter portentoso em seu significado para os filisteus, já que nunca mais tentaram comprometer os israelitas numa batalha enquanto Samuel esteve ao mando das tribos.

Eventualmente, os chefes tribais sentiram que deviam formar uma resistência contra a agressão filistéia e, de acordo com isso, clamaram por um rei. Como escusa para o estabelecimento da monarquia, ressaltaram que somente já era ancião e que seus filhos não estavam moralmente dotados para assumirem seu lugar. Samuel, astutamente, rejeitou a proposta, implorando-lhes eloqüentemente o "não impor sobre si mesmo uma instituição cananéia, estranha a sua forma de vida" [137]. Quando, a despeito daquilo, persistiram em sua demanda, Samuel aceitou; porém só após a divina intervenção (1 Sm 8).

Quando Samuel consentiu com certa repugnância à inovação do reinado, não tinha idéia de a quem Deus poderia escolher. Um dia, enquanto estava oficiando num sacrifício, foi encontrado por um benjamita que chegou para consultá-lo de algo concernente à localização de uns asnos perdidos de seu pai. Advertido de sua chegada, Samuel advertiu que Saul era o escolhido de Deus para ser o primeiro rei de Israel. Não só Samuel atendeu a Saul como hóspede de honra na festa sacrificial, mas privadamente o ungiu como "príncipe sobre seu povo", indicando mediante aquelas palavras que o reinado era uma questão sagrada de fé. Enquanto voltava a Gabaá, Saul foi testemunha do cumprimento da predição feita por Samuel em suas palavras em confirmação de ser escolhido para aquela responsabilidade. Numa subseqüente convocação em Mispá, Saul publicamente foi escolhido e entusiasticamente

---

[135] C. H. Gordon, *"Urgaritic Manual"* (Roma: Pontificium Institutum Biblicum, 1951. p. 236.

[136] Ver 1 Sm 7.5-9; 7.17; 13.8; 16.2.

[137] Mendelsohn, *"Samuel's Denunciation of Kingship in the Light of the Akkadian Documents from Ugarit",* Basor, 143 (outubro, 1956), p. 22.

apoiado pela maioria em sua aclamação popular de "Viva o rei!" (1 Sm 10.17-24). Devido a que Israel não tinha cidade capital, voltou a sua cidade nativa de Gabaá, em Benjamim.

A ameaça amonita a Jabes-Gileade proporcionou a Saul a oportunidade de afirmar sua chefia [138]. Em resposta a seu chamamento nacional, o povo acudiu em seu apoio, resultando uma impressionante vitória sobre os amonitas. Numa assembléia de todo Israel em Gilgal, Samuel publicamente proclama a Saul como rei. Os lembrou que Deus tinha aprovado seu desejo. Sobre a base da história de Israel, lhes assegurou a prosperidade nacional, sob a condição de que o rei e todos os cidadãos deviam obedecer a lei de Moisés. Esta mensagem de Samuel foi divinamente confirmada aos israelitas com uma súbita chuva, um fenômeno acontecido durante a colheita do trigo [139]. O povo ficou profundamente impressionado e agradeceu a Samuel por aquela continuada intercessão. Embora os israelitas tinham voltado a um rei para seu governo, as palavras de seguridade de Samuel, o profeta que tinha varrido a maré da apostasia e iniciado um efetivo movimento profético em seu ensino e ministério, deixou-os conscientes de seu sincero interesse por seu bem-estar: "Longe de mim que peque eu contra o Senhor cessando de rogar por vós outros" (1 Sm 12.23).

O primeiro rei de Israel

Saul gozou do entusiástico apoio de seu povo, após uma inicial vitória sobre os amonitas em Jabes-Gileade. É verdade que nem todos consideraram seu acesso ao reinado com a mesma satisfação, porém aqueles contrários não puderam suportar sua extraordinária popularidade (1 Sm 10.27; 11.12-13). E assim, mediante uma deliberada desobediência, Saul logo estragou suas oportunidades para obter o êxito desejado. A causa das suspeitas ocasionadas pelo ódio, seus esforços estiveram tão mal dirigidos e a força nacional se desagregou de forma tal que seu reinado acabou num completo fracasso.

O relato bíblico do reinado de Saul que se dá em 1 Sm 13.1-31.13 pode ser convenientemente subdividido na seguinte forma:

I. Vitórias nacionais e fracassos pessoais	**1 Sm 13.1-15.35**
Saul falha em esperar para amém	1 Sm 13.1-15a
Os filisteus derrotados em Micmás	1 Sm 15b-14.46
A submissão das nações vizinhas	1 Sm 14,47-52
Desobediência numa vitória amalequita	1 Sm 15.1-35
II. Saul o rei e Davi o fugitivo	**1 Sm 16.1-26.25**
Ressurgir de Davi à fama nacional	1 Sm 16.1-17.58
Saul buscar implicar com Davi	1 Sm 18.1-19.24
Amizade de Davi e Jônatas	1 Sm 20.1-42
A fuga de Davi e suas conseqüências	1 Sm 21.1-22.23
A perseguição de Saul a Davi	1 Sm 23.1-26.25
III. O conflito filisteu-israelita	**1 Sm 27.1-30.31**
Os filisteus permitem o refúgio de Davi	1 Sm 27.1-28.2
Saul busca ajuda de En-Dor	1 Sm 28.2-25
Davi recupera suas possessões	1 Sm 29.1-30.31
A morte de Saul	1 Sm 31.1-13

Saul foi um guerreiro que conduziu sua nação a numerosas vitórias militares. Em lugar estratégico sobre uma colina a 3 km ao norte de Jerusalém, Saul fortificou Gabaá [140] para contra-atacar a superioridade militar dos filisteus. Aproveitando o vitorioso ataque realizado por seu filho Jônatas, Saul pôs em fuga os filisteus na batalha de Micmás (1 Sm 13-14). Entre outras nações derrotadas por Saul (1 Sm 14.47-48) estavam os amalequitas (1 Sm15.1-9).

O êxito inicial do primeiro rei de Israel não escureceu sua debilidade pessoal. O rei de Israel tinha uma posição única entre os governantes contemporâneos, na qual ele foi o responsável de conhecer o profeta que representava a Deus. A este respeito, Saul falhou por duas vezes. Esperando impacientemente a chegada de Samuel a Gilgal, Saul mesmo oficiou o sacrifício (1 Sm 13.8). em sua vitória sobre os amalequitas, se entregou às pressões do povo, em lugar de executar as instruções de Samuel. O profeta o advertiu solenemente que Deus não se

[138] A brutal humilhação de ter um olho perdido como castigo tinha sido testemunhada em Ugarite como uma maldição. Ver GomSou, "*The World of the Old Testament*" (Garden City, N. J.; Doubleday, 1958), p.158.

[139] Normalmente a Palestina carecia de chuva desde abril até outubro. Receber uma copiosa chuvarada durante a colheita do trigo, entre o 1º de maio e o 15 de junho, foi considerado como um milagre.

[140] Saul pôde ter sofrido uma grave derrota ao princípio, quando reconstruiu Gabaá como uma praça forte. Ver Wright "*Biblical Archaeology",* pp. 121-123.

comprazia mediante sacrifícios, que deviam ser substituídos pela obediência. Mediante uma desobediência, Saul tinha perdido o direito ao trono.

A unção de Davi por Samuel numa cerimônia privada foi desconhecida para Saul [141]. Com a morte de Golias, Davi emerge no cenário nacional. Quando foi enviado por seu pai para levar fornecimentos a seus irmãos que serviam no exército israelita acampado contra os filisteus, ouviu as blasfêmias e as ameaças de Golias. Davi arrazoou que Deus, que o havia ajudado a ele a matar ursos e leões, também seria capaz de matar seu inimigo, quem desafiava os exércitos de Israel. Quando os filisteus comprovaram que Golias, o gigante de Gate, tinha sido morto, fugiram ante Israel. O reconhecimento nacional de Davi como herói foi expressado subseqüentemente no ditado popular: "Saul feriu os seus milhares, porém Davi os seus dez milhares" (1 Sm 18.7, ACF).

Em anteriores ocasiões, Davi tinha ostentado suas dotes musicais na corte do rei, para acalmar o espírito turbado de Saul. tão grave era o desordem mental do rei, que inclusive tentou matar o justiça músico. Após esta heróica façanha, Saul não só tomou consciência do reconhecimento de Davi, possivelmente para premiar sua família com a isenção de tributos, mas também o agregou permanentemente em sua corte real.

Livrado a seus próprios recursos, Saul virou extremamente ciumento de Davi, suspeitando dele. Com numerosas e sutis artimanhas, Saul tratou de suprimir o jovem herói nacional.

Exposto aos lançamentos de javalina de Saul ou aos perigos da batalha, Davi escapou com êxito de todas as manobras concebidas para sua perdição. Inclusive quando Saul foi pessoalmente a Naiote, onde Davi tinha-se refugiado com Samuel, foi influenciado com o espírito dos profetas até o extremo de que resultou difícil danificar ou capturar a Davi [142]. Estando agregado na corte real, resultou vantajoso para Davi em vários aspectos. Em façanhas militares se distinguiu por si mesmo, conduzindo as unidades do exército de Israel em vitoriosos ataques contra os filisteus. Em suas relações pessoais com Jônatas, partilhou uma das amizades mais nobres que se advertem nos tempos do Antigo Testamento. Mediante sua íntima associação com o filho do rei, Davi esteve em condições de captar os malignos desígnios de Saul mais minuciosamente e, desta forma, assegurar-se contra qualquer perigo desnecessário. Quando Davi e Jônatas comprovaram que tinha chegado o momento de que Davi fugisse, ambos selaram sua amizade mediante uma aliança (1 Sm 20.11-23).

Davi fugiu com os filisteus, buscando seguridade. Denegado o refúgio por Aquis, rei de Gate, foi para Adulão, onde quatrocentos companheiros das tribos se reuniram a suavolta.

Estando ao cuidado de semelhante grupo, procurou fazer os arranjos convenientes para algumas de suas gentes que residiam no país moabita. Entre os conselheiros associados com ele estava o profeta Gade.

Quando Saul ouviu que Abimeleque, o sacerdote de Nobe, tinha fornecido a Davi em sua rota rumo aos filisteus, ordenou sua execução com oitenta e cinco sacerdotes. Abiatar, o filho de Abimeleque, escapou e se reuniu ao bando fugitivo de Davi.

Fazia já tempo que Saul dava liberdade a seus maliciosos sentimentos para com Davi mediante uma aberta perseguição. Várias vezes Davi esteve seriamente em perigo. Após socorrer a cidade de Queilá dos ataques filisteus, residiu ali até ser desalojado por Saul.

Escapando a Zife, 6 km ao sul de Hebrom, foi traído pelos zifeus e rodeado pelo exército de Saul. Um ataque dos filisteus impediu a Saul de capturar dessa vez a Davi. Depois, em outra expedição em En-Gedi (1 Sm 24), e finalmente em Haquilá, Saul também foi frustrado em seus esforços para matá-lo.

Davi teve muitas ocasiões para matar o rei de Israel. Em cada ocasião recusou fazê-lo, tendo a consciência e o reconhecimento de que Saul estava ungido por Deus. embora Saul costumava reconhecer temporariamente sua aberração, logo voltava à sua aberta hostilidade.

Enquanto que Davi e seu grupo estavam nos desertos de Parã, rendiam serviços aos residentes daquela zona, protegendo suas propriedades contra os ataques dos bandos de ladrões e bandidos [143]. Nabal, um pastor de Maom que pastoreava suas ovelhas perto do povo de Carmelo, ignorou a demanda de Davi de "proteção monetária". Para encobrir sua própria cobiça, recusando partilhar sua riqueza , nabal protestava que Davi tinha fugido de seu amo. Percebendo que a situação era grave, Abigail, a esposa de nabal, judiciosamente conjurou a vingança por uma apelação pessoal a Davi com presentes. Quando nabal se recuperou de sua intoxicação e compreendeu quão perto tinha estado da vingança a mãos de Davi, ficou tão impressionado que morreu dez dias depois. Como conseqüência, Abigail se converteu na esposa de Davi.

---

[141] 1 Sm 16-18 não está necessariamente em ordem cronológica. Para ulterior estudo da questão, ver E. J. Young "*Introduction to the Old Testament*" (Grand Rapids: Eerdmans, 1949), p, I79 e "*New Bible Commentary", pp. 271-272.*

[142] Para a discussão de Saul entre os profetas, ver "*New Bible Coinmentary",* p. 298.

[143] Ver Cyrus Gordon, "*The World of the Ancient Testament",* p. 163.

Davi temia que qualquer dia Saul pudesse surpreendê-lo inesperadamente. Para assegurar-se a si mesmo e a seu grupo de quase seiscentos homens, além de mulheres e crianças, lhe foi concedida permissão por Aquis para residir em território filisteu e na cidade de Ziclague. Permaneceu ali aproximadamente durante o último ano e meio do reinado de Saul. Perto do imediato deste período, Davi acompanhou os filisteus a Afeque para lutar contra Israel. Porém, foi-lhe negada sua participação. Então voltou a Ziclague, a tempo para recuperar suas possessões perdidas num ataque por surpresa realizado pelos amalequitas.

Os exércitos de Israel acampados no monte de Gilboa para lutarem contra os filisteus, aos que tinha derrotado outras várias vezes, se encontraram com que mais que o medo ao inimigo era a turbação do rei de Israel o que complicava as coisas naquele momento. Samuel, fazia tempo ignorado por Saul, não estava disponível para uma entrevista; Saul se voltou a Deus, mas não houve resposta para ele, nem em sonhos, nem por Urim ou por profeta. Estava doente de verdadeiro pânico. Em seu desespero se voltou aos médios espiritualistas que ele mesmo tinha banido no passado [144]. Localizando a mulher de En-Dor, que tinha um espírito similar, Saul perguntou por Samuel. Fosse qual for o poder que tinha esta mulher, se faz aparente o que se registra em 1 Sm 28.3-25, que a intervenção do poder sobrenatural em mostrar o profeta Samuel em forma de espírito estava além de seu controle. A Saul foi-lhe recordado mais uma vez, por Samuel, que a causa de sua desobediência tinha perdido o direito à legitimidade do reino. Em sua mensagem a Saul, o profeta predisse a morte do rei e de seus três filhos, assim como a derrota de Israel.

Com o coração endurecido e o pensamento de tais trágicos acontecimentos que iriam cair sobre ele, Saul voltou ao acampamento naquela funesta noite. No curso da batalha na planície de Jizreel, as forças israelitas foram derrotadas, retirando-se ao monte Gilboa. Durante a perseguição, os filisteus tomaram a vida dos três filhos do rei. O próprio Saul foi ferido por flecheiros inimigos. Para evitar um bestial tratamento a mãos do inimigo, se lançou contra sua própria espada, acabando assim com sua vida. Os filisteus venceram com uma vitória definitiva, ganhando o indisputável controle do fértil vale desde a costa do rio Jordão. Ocuparam também muitas cidades, das quais os israelitas se viram forçados a fugirem. Os corpos de Saul e seus filhos foram mutilados e pendurados na fortaleza filistéia de Bete-Sã, mas os cidadãos de Jabes-Gileade os resgataram para seu sepultamento. Mais tarde, Davi fez o necessário para transferir os restos à propriedade da família de Saul em Zela, na tribo de Benjamim (2 Sm 21.14).

Certamente trágica foi a terminação do reinado de Saul como primeiro rei de Israel. Embora escolhido por Deus e ungido pela oração do profeta Samuel, fracassou em pôr em prática aquela obediência que era essencial no sagrado e único princípio de fé que Deus lhe permitiu: o de ser "príncipe sobre seu povo".

[144] O ocultismo praticado pelas nações circundantes era contrário à Lei de Moisés. Ver Lv 19.31; 20.6,27; Dt 18.10-11. para mais detalhes, ver Cerril F. Unger *"Biblical Demonology",* pp. 148- 152.

• CAPÍTULO 8: UNIÃO DE ISRAEL SOB DAVI E SALOMÃO

A idade de ouro de Davi e Salomão não teve repetição nos tempos do Antigo Testamento. A expansão territorial e os ideais religiosos, como foram imaginados por Moisés, foram executados num grau máximo, superior ao que antes ou depois aconteceria na história de Israel. Em séculos subseqüentes, as esperanças proféticas para a restauração da fortuna de Israel repetidamente se remetem ao reino de Davi como ideal supremo.

A união davídica e a expansão

Os esforços políticos de Davi estiveram marcados com o selo do êxito. Em menos de uma década após a morte de Saul, todo Israel acudia em apoio de Davi, que tinha começado seu reinado com somente o pequeno reino de Judá. Mediante êxitos militares e amistosas alianças, logo controlou o território existente entre o rio do Egito e o golfo de Ácaba, até a costa fenícia e a terra de Hamate. O respeito internacional e o reconhecimento que Davi ganhou para Israel não foi desafiado por poderes estrangeiros até o final dos últimos anos de Salomão.

O novo rei também se distinguiu como líder religioso. Apesar de ter-lhe sido negada a permissão de construir o templo, ele fez as mais elaboradas provisões para sua ereção sob seu filho Salomão. Com a liderança real de Davi, os sacerdotes e levitas fora extensamente organizados para uma efetiva participação nas atividades religiosas da totalidade da nação [145]. O segundo livro de Samuel detalha e explica o reino de Davi com grande minudência. Uma longa seção (11-20) subministra o relato exclusivo do pecado, o crime e a rebelião na família real. A transferência do reinado a Salomão e a morte de Davi estão relatadas nos primeiros capítulos do primeiro livro de Reis. O primeiro livro de Crônicas também faz referência ao período davídico e representa uma unidade independente, enfocando a atenção sobre Davi como o primeiro governante de uma continuada dinastia. A modo de introdução para o estabelecimento do trono de Davi, o cronista traça o fundo genealógico das doze tribos sobre as quais governava Davi. Saul não está senão muito brevemente mencionado, após o qual Davi é apresentado como rei de Israel. A organização de Israel, tanto politicamente como no aspecto religioso, está mais elaborada e aprimorada, devido à supremacia de Davi sobre as nações circundantes, e recebe maior ênfase. Antes de concluir com a morte de Davi, os últimos oito capítulos neste livro dão uma extensa descrição de sua preparação para a construção do templo. Em conseqüência, 1 Crônicas é um valioso complemento para o registrado em 2 Samuel.

O bosquejo do reinado de Davi neste capítulo representa um arranjo cronológico sugerido dos acontecimentos conforme estão registrados em 2 Samuel e 1 Crônicas:

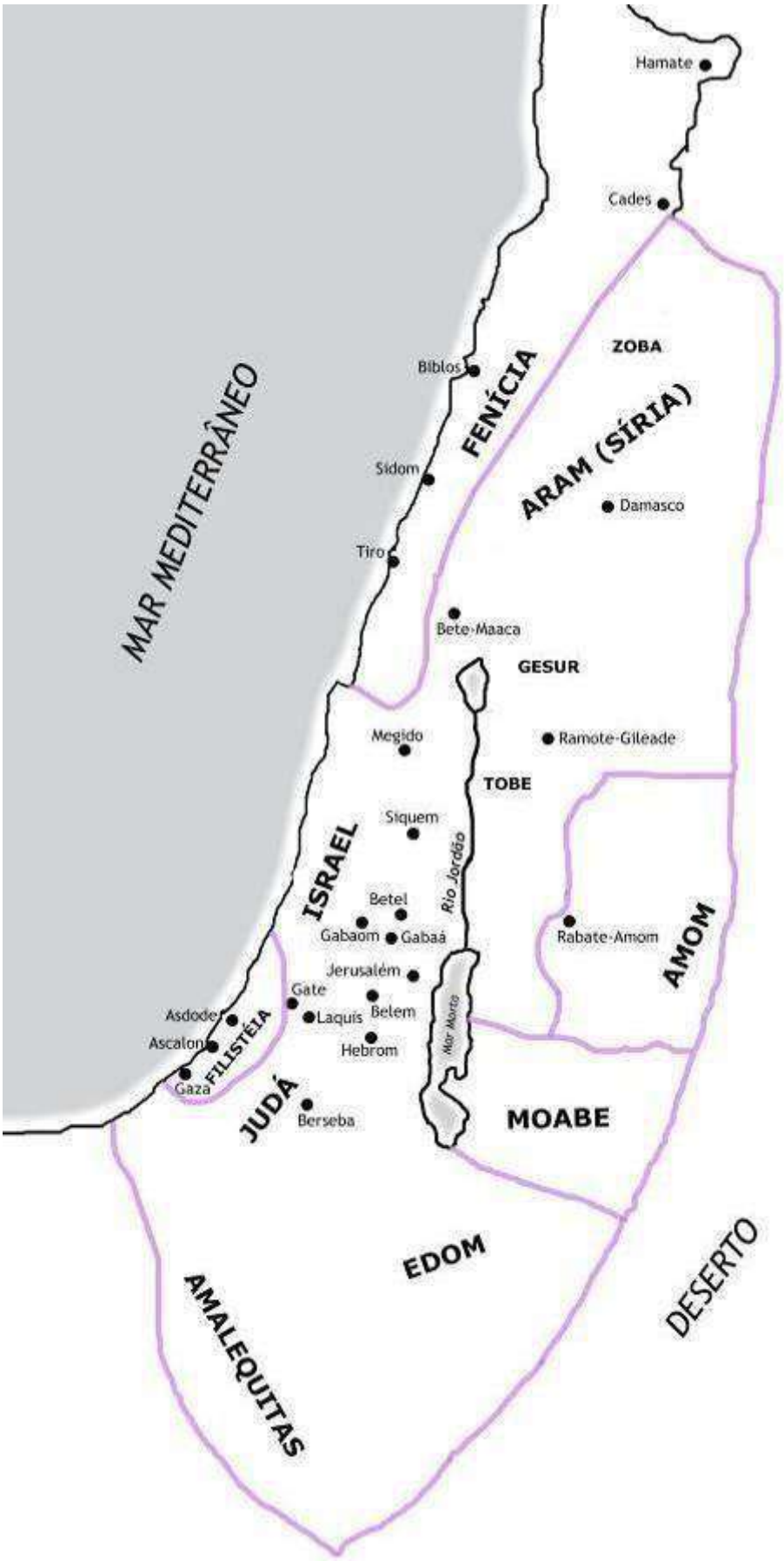
O rei de Judá

	2 Samuel	1 Crônicas
Fundo genealógico		1.1-9.44
Lamentos de Davi pela morte de Saul	1.1-27	10.1-14
Desintegração da dinastia de Saul	2.1-4.12	

Nascido em tempos turbulentos, Davi esteve sujeito a um rude período de treinamento para o reinado de Israel. Foi requerido pelo rei para o serviço militar após ter matado a Golias e ganho uma experiência inapreciável em façanhas militares contra os filisteus. Após ter sido forçado a deixar a corte, conduziu um grupo fugitivo e se ganhou o agrado dos latifundiários e donos de grandes rebanhos na parte meridional de Israel, proporcionando-lhes um eficaz serviço. Ao mesmo tempo, negociou com êxito diplomático as relações com os filisteus e os moabitas, enquanto era considerado em Israel como um indivíduo à margem da lei.

[145] Indubitavelmente, muitas das cidades entregadas aos levitas ou designadas como cidades de refúgio sob o mandato de Moisés e Josué não foram utilizadas até a época de Davi, quando os ocupantes pagãos foram desalojados delas. Ver Merrill F. Unger, "*Archaeology and the Old Testament*", pp. 210.211, y W. F. Albright, "*Archaeology and the Religion of Israel*", p. 123.

MAPA 5: PALESTINA EM TEMPOS DE 2 SAMUEL E 1 CRÔNICAS



Davi esteve na terra dos filisteus quando o exército de Saul foi decisivamente derrotado em monte Gilboa. Muito pouco tempo depois de que Davi resgatasse suas esposas e recuperasse o botim que tinha sido tomado pelos assaltantes amalequitas, um mensageiro o informou dos desgraçados acontecimentos que haviam tido lugar em Israel. Pasmado pela dor, Davi deu um

imortal tributo a Saul e a Jônatas numa das maiores elegias que existem no Antigo Testamento. Não só Israel tinha perdido a seu rei, senão que Davi tinha perdido seu mais íntimo amigo de sempre, a Jônatas. Quando o portador das notícias, um amalequita, reclamou uma recompensa pela morte de Saul, Davi ordenou sua execução por ter tocado no Ungido de Deus.

Após estar seguro da aprovação de Deus, Davi voltou à terra de Israel. Em Hebrom, os chefes de sua própria tribo (Judá) o escolheram e reconheceram como seu rei. Davi era bem conhecido em todos os clãs da zona, tendo protegido os interesses dos proprietários das terras e partilhado com eles o botim obtido ao atacar seu inimigos (1 Sm 30.26-31). Como rei de Judá, Davi enviou uma mensagem de felicitação aos homens de Jabes-Gileade por darem ao rei Saul um respeitável sepultamento. Não há dúvida de que este amistoso e gentil gesto tinha também implicações políticas, pois Davi sentia-se necessitado de procurar-se todo tipo de apoio.

Israel esteve em serias dificuldades quando acabou o reinado de Saul. A capital em Gabaá ou bem experimentou a destruição ou então, gradualmente foi caindo até ficar em ruínas [146]. Eventualmente Abner, o chefe do exército israelita, esteve em condições de restaurar o bastante a ordem para ter a Isbosete (Is-Bosete, Isbaal) ungido como rei. A coroação teve lugar em Gileade, já que os filisteus tinham o controle sobre a terra situada ao oeste do Jordão [147]. Devido a que o filho de Saul reinava sobre as tribos do norte só por dois anos (2 Sm 21), durante os sete anos e meio que Davi reinou sobre Hebrom aparece como que o problema com os filisteus demorou o acesso do novo rei por aproximadamente cinco anos.

Foi assim como o povo de Judá apoiou sua aliança com Davi, enquanto que o resto dos israelitas permanecia leal à dinastia de Saul, sob a liderança de Abner e Isbosete. O resultado foi que prevalecesse a guerra civil. Após ser severamente reprovado por Isbosete, Abner apelou a Davi e lhe ofereceu o apoio de Israel em sua totalidade. De acordo com a petição de Davi, Mical, a filha de Saul, lhe foi devolvida como esposa. Aquilo teve lugar sob a supervisão de Abner, com o consentimento de Isbosete. Daqui ficou patente publicamente que Davi não mantinha nenhuma animosidade para com a dinastia de Saul. o próprio Abner foi a Hebrom, onde prometeu a Davi a lealdade de seu povo. Após esta aliança e uma vez completada, Abner foi morto por Joabe em luta civil. A morte de Abner deixou Israel sem um forte e poderoso líder militar. Fazia tempo já que Isbosete tinha sido assassinado por dois homens procedentes da tribo de Benjamim. Quando os assassinos apareceram ante Davi, foram imediatamente executados. Desaprovava assim a morte de uma pessoa justa. Sem malícia nem vingança, Davi ganhou o reconhecimento de todo Israel, enquanto que a dinastia de Saul foi eliminada do poder político.

Jerusalém – a capital nacional

	2 Samuel	1 Crônicas
A conquista de Jerusalém	5.1-9	11.1-9
A força militar de Davi	23.8-39	11.10-12.40
Reconhecimento da Fenícia e da terra dos filisteus	5.10-25	14.1-17
Jerusalém: centro da religião	6.1-23	13.1-14 15.1-16.43
Um trono eterno	7.1-29	17.1-27

Não há indicação de que os filisteus interferiram com a ascendência de Davi como rei em Hebrom. É possível que eles o considerassem como a um vassalo, em tanto que o resto de Israel, revolvido pela guerra civil, não oferecia resistência unificada [148]. Porém se alarmaram seriamente quando Davi ganhou a aceitação da totalidade da nação. Um ataque filisteu (2 Sm 5.17-25; 1 Cr 14.8-17) teve lugar muito verossimilmente antes da conquista e ocupação de Sião. Davi os derrotou por duas vezes, prevenindo assim sua interferência na unificação de Israel sob o novo rei. Sem dúvida, a ameaça filistéia em si mesma teve um efeito unificador sobre Israel.

Buscando um lugar central para a capital do reino unido de Israel, Davi se voltou à Jerusalém. Era um lugar estratégico e menos vulnerável para ser atacado. Como uma fortaleza cananéia ocupada pelos jebuseus, tinha resistido com êxito a conquista e a ocupação pelos israelitas.

[146] G. L. Wright, *"Biblical Archaeology",* pp. 122-123.
[147] E. Mould, *"Essential of Bible History"* (ed. rev., Nova York, 1951), p.188, atribui esta eleição da capital à ocupação filistéia.
[148] B. W. Anderson, "Understanding the Old Testament". (Englewood Cliffs, N J., 1957).

Nos registros egípcios, por volta do 1900 a.C. esta cidade já era conhecida como Jerusalém. Quando Davi convidou seus homens a conquistar a cidade e expulsar os jebuseus, Joabe aceitou e foi recompensado com a nomeação de chefe dos exércitos de Israel. Com a ocupação da fortaleza por Davi, ficou conhecida como "a cidade de Davi" (1 Cr 11.7).

No período davídico, Jerusalém ocupava o topo de uma colina, diretamente ao sul da área do templo, a uma elevação aproximada de 762 m sobre o nível do mar [149]. O lugar era conhecido mais particularmente como Ofel. Ao longo da margem oriental estava o vale de Cedrom, reunindo-se ao sul com o vale de Hinom, que se estendia para o oeste. Separando-o de uma elevação ocidental que em épocas modernas é chamada de monte Sião, estava o vale Tiropeom. De acordo com Josefo, existia um vale na parte norte, separando Ofel do lugar ocupado pelo templo. Aparentemente esta zona Ofel-Sião era de uma elevação maior que o lugar ocupado pelo tempo na época da conquista de Davi. No século II a.C., porém, os macabeus arrasaram a colina, lançando os escombros da cidade davídica no vale existente embaixo. Como resultado, os arqueólogos foram incapazes de ligar devidamente qualquer objeto procedente do reinado de Davi.

Quando Davi assumiu o reinado sobre as doze tribos, escolheu Jerusalém como sua capital política. Durante seus dias como um marginado da lei, tinha sido seguido por centenas de homens. Tais homens foram bem organizados sob seu mando em Ziclague e mais tarde em Hebrom (1 Cr 11.10-12-.22). Aqueles homens tinham-se distinguido em façanhas militares de tal forma que foram nomeados príncipes e chefes. Quando Israel apoiou a Davi, a organização foi aumentada para incluir a totalidade da nação, com Jerusalém como centro (1 Cr 12.23-40). Mediante contrato com os fenícios, foi construído um magnífico palácio para o rei Davi (2 Sm 5.11-12).

Ao mesmo tempo, Jerusalém se converteu no centro religioso de toda a nação (1 Cr 13.1-17.27; 2 Sm 6.1-7.29). quando Davi tratou de levar a arca de Deus desde o lar de Abinadabe em Quiriate-Jearim por meio de um carro, em lugar de ser levada pelos sacerdotes (Nm 4), Uzá foi morto repentinamente. Em lugar de levar a arca a Jerusalém, Davi a deixou no lar de Obede-Edom, em Gabaá. Quando sentiu que o Senhor estava abençoando sua casa, Davi transferiu imediatamente o objeto sagrado a Jerusalém para ser alojado numa tenda ou tabernáculo, e um culto apropriado se restaurou então para Israel a escala nacional [150]. Com o renovado interesse na religião de Israel, Davi ficou desejoso de construir um local permanente para o culto. Quando partilhou sua idéia com Natã, o profeta, encontrou sua imediata aprovação. Na noite seguinte, contudo, Deus comissionou a Natã para informar o rei que a construção do templo seria posposta até que o filho de Davi fosse estabelecido em seu trono. Aquilo foi uma certeza divina para Davi, de que seu filho o sucederia e que ele não estaria sujeito a um fado tal fatal como tinha acontecido com o rei Saul. a magnitude desta promessa para Davi, não obstante, se estende muito além do tempo e do alcance do reinado de Salomão. A semente de Davi incluía mais que a Salomão, já que a ordem divina claramente estabelecia que o trono de Davi seria estabelecido para sempre. Inclusive se a iniqüidade e o pecado prevalecessem na posteridade de Davi, Deus temporariamente julgaria e castigaria, porém não deixaria que se perdesse o direito à promessa nem retiraria sua mercê definitivamente.

Nenhum reinado terrestre ou dinastia teve jamais duração eterna, tais como o céu e a terra. Tampouco a teve o reinado terreno do Davi, sem ligar sua linhagem com Jesus, quem especificamente está identificado no Novo Testamento como o filho de Davi. Esta certeza, dada a Davi mediante o profeta Natã, constitui outro elo na série de promessas messiânicas dadas nos tempos do Antigo Testamento. Deus ia desenvolvendo gradualmente o compromisso inicial de que a última vitória chegaria através da semente da mulher (Gn 3.15). Uma revelação completa do Messias e seu reinado eterno se dá pelos profetas em séculos subseqüentes.

Por que foi negado a Davi o privilégio de construir o templo? Nos anos de seu reinado, ele chegou à comprobação de que tinha sido comissionado como um homem de estado e um líder militar para estabelecer o reino em Israel (1 Cr 28.3, 22.8). enquanto que o reinado de Davi foi caracterizado por uma situação de estado de guerra, Salomão gozou de um extenso período de paz. Talvez a paz prevalecesse na época em que Davi expressou sua intenção de construir o templo, mas não há forma de discernir com certeza na Escritura como as guerras relatadas estão relacionadas cronologicamente a esta mensagem dada por Natã. Possivelmente, até que não chegasse o fim do reinado de Davi, não se perceberia que os dias de Salomão eram uma melhor oportunidade para a construção do templo.

[149] G. E. Wright, op. cit , p. 126.

[150] Jerusalém não foi o centro exclusivo do culto. O Tabernáculo mosaico e o altar dos sacrifícios permaneceram em Gabaá (2 Cr 1.3).

Prosperidade e supremacia

	2 Samuel	1 Crônicas
Lista de nações conquistadas	8.1-13	18.1-13
Davi comparte sem responsabilidade e as bênçãos	8.15-9.13	18.14-17
A fome	21.1-14	
Derrota dos amonitas, sírios	10.1-18	
e filisteus	21.15-22	19.1-20.8
Canto de libertação (salmo 18)	22.1-51	

A expansão do governo de Davi desde a zona tribal de Judá até um vasto império, estendendo seus domínios desde o Egito até as regiões do Eufrates, recebe escassa atenção na Bíblia. E contudo, este fato registrado é de básica importância historicamente, já que Israel era a nação na primeira fila no Crescente Fértil a começos do século X a.C.

Afortunadamente, as escavações arqueológicas têm proporcionado informações complementárias.

Davi foi imediatamente desafiado pelos filisteus quando foi reconhecido como rei de todo Israel (2 Sm 5.17-25). Os derrotou duas vezes, mas durante um longo período de tempo é completamente verossímil que houvesse freqüentes batalhas antes de reduzi-los a um estado tributário e submetido. A captura de um chefe de suas cidades, Gate, e a morte dos gigantes filisteus (2 Sm 8.1 e 21.15-22) não são mais que exemplos e mostras de encontros neste período crucial em que Israel ganhou sua hegemonia.

Bete-Sã foi conquistada durante este período [151]. Em Debir e em Bete-Semes, muralhas com casamatas [152] sugerem que Davi construiu uma línea de defesa contra os filisteus [153]. As observações de que os filisteus tinham o monopólio do ferro nos dias de Samuel (1 Sm 3.19-20) e de que Davi o utilizava livremente perto do final de seu reinado (1 Cr 22.3) sugerem que pôde ter sido escrito um longo capítulo na revolução econômica de Israel. O período de proscrição e a residência dos filisteus não só proporcionaram a Davi a preparação para a liderança militar, sena que indubitavelmente lhe deram um conhecimento de primeira mão com a fórmula e os métodos utilizados pelos filisteus na produção de armamento. Talvez muitos dos planos para a expansão econômica e militar tenham sido elaborados enquanto Davi estava em Hebrom, porém realmente executados depois de que Jerusalém foi convertida em capital. Os filisteus tinham razão para estarem alarmados quando a desolada e derrotada Israel foi unificada sob a proteção de Davi.

A conquista e a ocupação de Edom tiveram uma grande importância estratégica. Deu a Davi uma valiosa fonte de recursos naturais. O deserto árabe, que se estende para o sul do Mar Morto e até o golfo de Ácaba, era rico no ferro e o cobre necessário para quebrar o monopólio filisteu. Para estarem seguros de que todos estes fornecimentos não sofreriam perigos, os israelitas estabeleceram guarnições por todo o Edom (2 Sm 8.14).

Aparentemente, Israel teve pouca interferência procedente de Moabe e dos amalequitas naquela época. Estavam incluídos entre os estados tributários que enviavam prata e ouro a Davi.

No nordeste, o ressurgir do poderio de Davi expandindo o estado de Israel, foi desafiado pelas tribos amonitas e aramaicas. As primeiras tinham-se estabelecido desde Carquemis sobre o Eufrates até os limites orientais da Palestina. Já eram considerados como inimigos nos dias de Saul (1 Sm 14.47). Quando Davi foi considerado um homem fora da lei, pelo menos um daqueles estados aramaicos deve ter sido amigo dele, já que Talmai, o rei de Gesur, tinha-lhe dado sua filha Maaca como esposa (2 Sm 3.3). Depois que Davi derrotasse os filisteus e tivesse concluído um tratado com os fenícios, os arameus temeram o ressurgir do poder de Israel. A expansão de Israel colocou em perigo suas riquezas e desafiava seu controle das férteis planícies e seu grande comércio. Após a vergonhosa recepção e tratamento dos mensageiros de boa vontade enviados por Davi, os amonitas imediatamente implicaram os aramaicos em sua oposição a Israel, mas suas forças combinadas foram espalhadas pelas tropas de Davi.

Mais tarde, a cidade de Rabá, em Amom, foi capturada pelos israelitas (1 Cr 20.1). as forças aramaicas então se organizaram sob Hadade-ezer [154], que empregou e reuniu forças desde tão longe como Aram-Naharaim ou Mesopotâmia (1 Cr 19.6). Esta vez as forças israelitas avançaram para Elão, derrotando sua forte coalizão. Aquilo expandiu a condenação para a aliança amonita.

[151] G. E. Wright, *op. cit.,* p. 124.
[152] Casamata: abóbada muito resistente para instalar uma ou mais peças de artilharia. (N. da T.).
[153] W. F. Albright, "*The Biblical Period".* (Pittsburgh. 1950). pp. 24-25.
[154] M. F. Unger, "*Israel and the Arameans",* pp. 38-55.

Após isto, Davi atacou a Hadade-ezer uma vez mais quando os sírios [155] estavam ao alcance do Eufrates para reclamar o território sob controle assírio (2 Sm 8.3).

Damasco, que estava tão intimamente aliada com Hadade-ezer (1 Cr 18.3-8), caiu sob o controle de Davi, adicionando assim outra vitória para os israelitas. Suas guarnições ocuparam a cidade, colocando-a sob um forte tributo, e Hadade-ezer concedeu grandes quantidades de ouro e bronze a Davi. A dominação dos estados aramaicos de Hamate, sobre o Orontes, agregou grandemente muitos mais recursos que enriqueceram Israel. A administração de Damasco por parte dos israelitas não foi desafiado até os anos seguintes do reinado de Davi.

Nos dias da expansão nacional, as provisões feitas para Mefibosete ilustram a magnânima atitude de Davi para com os descendentes de seu predecessor (2 Sm 9.1-13). Quando Davi soube da desgraça que se havia abatido sobre o filho de Jônatas, Mefibosete, lhe concedeu uma pensão procedente de seu tesouro real. Ao invalido lhe foi entregue um lar em Jerusalém e foi colocado sob o cuidado do servo Ziba.

Mefibosete recebeu especial consideração numa crise subseqüente (2 Sm 21.1-14), quando a fome se produziu na terra de Israel. Deus revelou a Davi que a fome era um juízo pelo terrível crime de Saul de atentar com o extermínio dos gabaonitas com os que Josué tinha feito uma aliança (Js 9.3ss). percebendo que aquilo só podia ser expiado (Nm 35.31), Davi permitiu que os gabaonitas executassem a sete dos descendentes de Saul. Mefibosete, porém, foi excluído. Quando Davi foi informado do luto de Rispa, uma concubina de Saul, tomou as medidas necessárias para o adequado sepultamento dos restos daquelas vítimas no sepulcro familiar de Benjamim. Os restos de Saul e Jônatas também foram trasladados àquele lugar. com isso, a fome chegou a seu fim.

Como rei do império israelita, Davi não falhou em reconhecer que Deus tinha sido o único que garantira as vitórias militares de Israel, e o autor de sua prosperidade material. Num salmo de ação de graças (2 Sm 22.1-51), Davi expressa seu louvor ao Deus Onipotente pela libertação dos inimigos de Israel, ao igual que para as nações pagãs. Este Salmo também se cita no capítulo 18 do livro dos Salmos. Isto representa um exemplo de muitos dos que ele compôs em várias ocasiões durante sua acidentada carreira de jovem pastor, servo da corte real, proscrito de Israel, e finalmente como arquiteto e construtor do grande império de Israel [156].

O pecado da família real

O crime de Davi e seu arrependimento	2 Sm 11.1-12.31
O crime de Amnom e seus resultados	2 Sm 13.1-36
Derrota de Absalão na rebelião	2 Sm 13.37-18.33
Davi recupera o trono	2 Sm 19.1-20.26

As imperfeições no caráter de um membro da família real não estão minimizadas na Sagrada Escritura. um rei de Israel que caiu no pecado não podia escapar aos juízos de Deus. ao mesmo tempo, Davi, como pecador, arrependido, reconheceu sua iniqüidade e desta forma se qualificou como um homem que agradava a Deus (1 Sm 13.14).

Davi praticava a poligamia (2 Sm 3.2-5; 11.27), e embora isto esteja definitivamente proibido na mais ampla revelação do Novo Testamento, era tolerada no Antigo e em seu tempo, a causa da dureza de coração de Israel. A poligamia era igualmente praticada por todas as nações circundantes. Um harém na corte era uma coisa aceitável. Embora advertido da multiplicidade de esposas na lei de Moisés (Dt 17.17), Davi se fez de várias. Alguns daqueles matrimônios tinham, indubitavelmente, implicações de tipo político, tal como por exemplo o casamento com Mical, a filha de Saul, e com Maaca, a filha de Talmai, rei de Gesur.

Como outros, Davi teve de sofrer as conseqüências dos crimes de incesto, assassinato e rebelião efetuados na vida de sua família.

O pecado de assassinato e adultério de Davi constituía um crime perfeito desde o ponto de vista humano. Foram executados nos dias dos êxitos militares e da expansão do império.

Os filisteus já tinham sido derrotados e a coalizão aramaico-amonita tinha sido quebrantada no ano anterior. Enquanto Davi permaneceu em Jerusalém, os exércitos israelitas, sob o mando de Joabe, foram enviados a conquistar a cidade amonita de Rabá. Sendo seduzido por Bate-Seba, Davi cometeu adultério. Ele sabia que ela era a esposa de Urias, o heteu; um mercenário leal do exército de Israel. O rei enviou a Urias ao frente de batalha, e depois

[155] G. E. Wright, *op. cit.* Cronologicamente este acontecimento segue-se ao ataque que Davi fez sobre a aliança sírio-amonita em 2 Sm 10.1-14.

[156] As variações nestes dos capítulos são similares ao problema sinótico existente nos Evangelhos. C. F. Keil, "*The Books of Samuel",* sugere que esses dois capítulos procedem de uma mesma fonte.

mandou chamá-lo, ordenando a Joabe seu regresso mediante uma carta, arranjando as coisas para que fosse morto pelo inimigo.

Quando chegaram a Jerusalém os informes de que Urias tinha morrido na batalha contra os amonitas, Davi casou com Bate-Seba. Talvez os feitos que deram lugar ao repugnante crime de Davi ficaram no segredo, já que uma baixa na línea do frente de batalha era algo comum e corrente. Inclusive se isso era conhecido por Joabe, quem era o que reprovaria ou desafiaria o poder do rei?

Embora Davi não fosse responsável perante ninguém em seu reino, falhou em não perceber que este "crime perfeito" era conhecido por Deus. Numa nação pagã, uma ação criminosa de adultério e morte poderia ter passado ignorada; mas aquilo não podia acontecer em Israel, onde um rei sustentava sua posição de realeza mediante uma fé sagrada. Quando Natã descreve o crime de Davi na dramática história do homem rico que leva vantagem de seu pobre servo, Davi se enfureceu protestando de que semelhante fato pudesse acontecer em seu reino. Natã claramente declarou que Davi era o homem culpável de assassinato e adultério. Afortunadamente para Natã, o rei se arrependeu. As crises espirituais de Davi encontram sua expressão na poesia (Salmos 32 e 51). Foi-lhe concedido o perdão, mas as conseqüências foram certamente graves no doméstico (2 Sm 12.11).

A imoralidade e o crime dentro da família logo envolveram a Davi numa luta civil e uma rebelião. A falta de disciplina de Davi e sua auto-limitação foram um pobre exemplo para seus filhos. A conduta imoral de Amnom com sua meia-irmã acabou em seu assassinato por Absalão, outro filho de Davi. Naturalmente, Absalão incorreu no desfavor de seu pai. Como conseqüência, achou uma única saída em fugir de Jerusalém, refugiando-se com Talmai, seu avô, em Gesur. Ali permaneceu durante três anos.

Entretanto, Joabe estava buscando uma reconciliação entre Davi e Absalão. Empregando uma mulher de Tecoa (2 Sm 14), Joabe obteve a autorização do rei para que Absalão voltasse a Jerusalém, porém deixando bem claro que não poderia aparecer mais na corte real. Depois de dois anos, Absalão, finalmente, recebeu permissão para ir à presença de seu pai. Tendo ganhado de novo o favor do rei, se assegurou para si uma guarda real de cinqüenta homens com cavalos e carros de combate. Durante quatro anos [157], o galhardo Absalão foi ativo com excesso nas relações públicas nas portas de Jerusalém, vencendo e ganhando o favor e a aprovação dos israelitas. Pretendendo dar cumprimento a um voto, se assegurou de ter permissão do rei para marchar para Hebrom.

A rebelião que Absalão estabeleceu em Hebrom foi uma completa surpresa para Davi.

Espias foram enviados por toda a terra de Israel para proclamar que Absalão seria rei ao som das trombetas. Muito verossimilmente, muitas das gentes que tinham sido impressionadas por Absalão chegaram à conclusão de que, como filho de Davi, ia apossar-se do reino. A qualquer preço, eram muitos os que apoiavam Absalão, incluído Aitofel, conselheiro de Davi. As forças rebeldes, conduzidas por Absalão, marcharam sobre Jerusalém e Davi, que não estava preparado para resistir, fugiu a Maanaim, do outro lado do Jordão. Husai, um amigo devoto e conselheiro, seguiu o conselho de Davi e permaneceu em Jerusalém para repelir o conselho de Aitofel. Este último, que pôde ter planejado a totalidade da rebelião e oferecido seu apoio a Absalão desde o princípio, aconselhou que lhe for permitido perseguir a Davi imediatamente, antes que pudesse organizar uma oposição. Porém Absalão solicitou conselho a Husai, quem o persuadiu de pospor semelhante perseguição, ganhando assim um tempo precioso que necessitava Davi para organizar suas forças. Tendo-se convertido num traidor, e comprovando que Davi seria restabelecido em seu trono, Aitofel se enforcou.

Davi foi um brilhante militar. Preparou suas forças para a batalha e logo deu fuga aos exércitos de Absalão. Joabe, contrariamente às ordens de Davi, matou a Absalão enquanto perseguia o inimigo. Davi, tendo perdido o sentido da prioridade, levou luto por seu filho em vez de celebrar a vitória. Este desenrolar dos acontecimentos deram como resultado que Joabe encarasse o rei por descuidar o bem-estar dos israelitas que lhe haviam prestado seu mais leal apoio.

Com Absalão fora de combate, o povo voltou de novo a Davi, aceitando sua chefia. A tribo de Judá, que tinha apoiado a rebelião do filho sedicioso de Davi, foi o último grupo em voltar a ele, após ter feito uma rápida concessão de substituir Amasa por Joabe.

Quando Davi voltou à capital, outra rebelião surgiu como conseqüência da confusão reinante. Seba, um benjamita, tomando como base que Judá tinha trazido de novo a Davi a Jerusalém, fustigou a oposição contra ele. Joabe matou a Amasa e depois conduziu a perseguição de Seba, quem foi decapitado na fronteira assíria pelo povo de Abel de Bete-

[157] A Vulgata Síria e outras adotam "quatro" em vez de "quarenta". Absalão nasceu em Hebrom, o reinado total de Davi foi de quarenta anos,

Maaca. Joabe fez soar a trombeta, retornou a Jerusalém e continuou servindo como comandante do exército sob Davi.

Através de quase uma década do reinado de Davi, as solenes palavras pronunciadas por Natã foram realmente cumpridas. Começando com a imoralidade de Amnom e continuando com a supressão da rebelião de Seba, o mal tinha fermentado na própria casa de Davi.

Passado e futuro

	2 Samuel	1 Crônicas
O pecado de fazer um senso do povo	24.1-25	21.1-27
Salomão encarrega a construção do Templo		21.28-22.19
Deveres dos levitas		23.1-26.28
Oficiais civis		26.29-27.34
Últimas palavras de Davi	23.1-7	
Morte de Davi		29.22-30

Um projeto favorito de Davi, durante os últimos anos de sua vida, foi fazer os preparativos para a construção do Templo. Planos muito elaborados e arranjos dispostos em seus mais mínimos detalhes, foram cuidadosamente executados na aquisição dos materiais de construção. O reino estava bem organizado para o eficiente uso do trabalho local e estrangeiro. Davi inclusive perfilou os detalhes para o culto religioso na estrutura proposta.

A organização militar e civil do reino se desenvolveu gradualmente, durante todo o reinado de Davi, conforme o império se expandia. A pauta básica de organização utilizada por Davi pôde ter sido similar à praticada pelos egípcios [158]. O registrador ou cronista estava ao cuidado dos arquivos e, como tal, tinha a muito importante posição de ser o homem das relações públicas entre o rei e seus oficiais. O escriba ou secretário era o responsável da correspondência própria ou alheia, tendo grandes conhecimentos em questões diplomáticas.

Num período avançado do reinado de Davi (2 Sm 20.23-25), um oficial adicional estava encarregado dos trabalhos forçados. Muito verossimilmente, outros oficiais de alta categoria estavam agregados ao governo, conforme se multiplicavam as responsabilidades. As questões da judicatura parecem ter sido manejadas pelo próprio rei (2 Sm 14.4-17; 15.1-6).

O comandante em chefe das forças militares era Joabe. Homem sobressalente em capacidade e condições de liderança, não somente era responsável das vitórias militares, senão que exercia considerável influência sobre o próprio Davi. Uma unidade de tropas estrangeiras ou mercenárias, composta por quereteus e peleteus, sob o mando de Benaia, pôde ter sido o exército de Davi. O rei também tinha um conselheiro privado. Aitofel tinha servido neste posto até que apoiou Absalão com motivo da rebelião deste último. Os homens poderosos que se haviam agregado a Davi antes que se convertesse em rei, eram então conceituados como formando um Conselho ou Legião de honra (1 Cr 11.10-47; 2 Sm 23.8-39). Quando Davi organizou seu reino com Jerusalém como capital, havia trinta homens neste grupo. Com o tempo, foi aumentando a quantidade e a categoria dos homens que se distinguiram por feitos heróicos. Deste seleto grupo de heróis, foram escolhidos doze homens para encarregar-se do exército nacional, consistente em doze unidades (1 Cr 27.1-24).

Em todo o reino, Davi nomeou supervisores das granjas, dos cultivos e dos gados (1 Cr 27.25-31).

O censo militar de Israel e as punitivas conseqüências para o rei e seu povo estão detalhadamente relatados nos elaborados planos de Davi para a construção do Templo. A razão para o divino castigo sobre Davi, assim como para a totalidade da nação, não se estabelece explicitamente. O rei ordenou que se realizasse um censo. Joabe protestou mas foi ignorado a esse respeito (2 Sm 24). Em menos de dez meses, completou o censo de Israel com a exceção das tribos de Levi e Benjamim. A força militar de Israel era aproximadamente de um milhão e meio [159], o que sugere uma população total de cinco ou seis milhões de pessoas [160]. Davi estava firmemente consciente do fato de que tinha pecado aí realizar seu censo.

---

[158] W. F. Albnghl, "*Archaeology and the Religion of Israel",* p. 120. Para um analise mais detalhado, ver Wright, *op. cít.,* pp. 124-125.

[159] Esta cifra representa a gente qualificada para o serviço militar, já que o exército realmente estava cifrado em 288.000 homens em 1 Cr 27.1-15. Note-se a variação: 2 Sm 24.9 cifra 800.000 homens para Israel e 500.000 para Judá. 1 Cr 21.5 cifra 300.000 mais para Israel e 30.000 menos para Judá. Sendo que estes dados não estão cifrados nos registros oficiais do rei, 1 Cr 27.24, ambas fontes dão aproximadamente números redondos, sem exata razão para a variação da soma. Ver Keil, *op. cit.,* no comentário sobre 2 Sm 24.

[160] Albright sugere que a população total de Israel sob Salomão era somente de umas 750.000 pessoas. Considera a conta do censo em Nm 1 e 26 como recessões do censo de Davi. Ver "*Biblical Períod",* pp. 59-60 (fn. 75). A. Edersheim considera uma população para Israel de cinco ou seis milhões como não excessiva. Ver "*History of the Old Testament*" (Grand Rapids: re-editada en 1949), Vol. II, p. 40.

Já que ambos relatos precedem este incidente com uma lista de heróis militares, o censo pôde ter sido motivado por orgulho e uma seguridade e confiança sobre a força militar de Israel em seus logros nacionais [161]. Ao mesmo tempo, o estado da mente de Davi ao impor este censo foi considerado como um juízo sobre Israel (2 Sm 24.1 e 1 Cr 21.1). talvez Israel fosse castigado pelas rebeliões de Absalão e Seba durante o reinado de Davi.

Davi, arrependido de seu pecado, foi informado mediante Gade, o profeta, que podia escolher um dos seguintes castigos: a fome por três anos, um período de três meses de reveses militares ou uma peste de três dias. Davi se resignou a si mesmo e a sua nação à misericórdia de Deus, escolhendo o último. A peste durou um dia, mas morreram 70.000 pessoas em todo Israel.

Enquanto isso, Davi e seus anciãos, vestidos de saco, reconheceram o anjo do Senhor no lugar da eira, ao norte de Jerusalém, sobre o monte Moriá. Reconhecendo que era o anjo destruidor, Davi ofereceu uma oração intercessora por seu povo. Mediante instruções dadas por Gade, Davi comprou de Ornã (ou Araúna), o jebuseu, a eira. Enquanto oferecia o sacrifício ante Deus, Davi era ciente da divina resposta, quando cessou a peste, terminando assim o juízo sobre seu povo. O anjo destruidor desapareceu e Jerusalém foi salvada.

Davi ficou tão impressionado, que determinou fazer da eira o lugar para o altar dos holocaustos. Ali deveria ser erigido o Templo. Pôde muito bem ter sido o mesmo lugar onde Abraão, quase um milênio antes, se prestou a sacrificar seu filho Isaque, e igualmente teve a revelação e a aprovação divinas.

Ainda que o monte de Moriá estava no exterior da cidade de Sião (Jerusalém) em tempos de Davi, Salomão o incluiu na cidade capital do reino. Davi havia trazido previamente a arca a Jerusalém, alojando-a dentro de uma tenda. O altar do holocausto e o tabernáculo construído sob a supervisão de Moisés foram colocados em Gabaom, num lugar alto, a 8 km ao noroeste de Jerusalém. Já que a Davi fora-lhe negado o privilégio de construir realmente o templo, é muito verossímil que não se tivessem desenvolvido planos anteriormente, como a colocação do santuário central. Mediante a teofania da eira, Davi chegou à conclusão de que aquele era o lugar aonde deveria ser construída a casa de Deus.

Davi refletiu sobre o fato de que tinha sido um homem sangrento e guerreiro. Pôde que então comprovasse que, de haver tentado construir o templo, tudo teria ficado parado por uma guerra civil, que com tanta freqüência se acendera em seu reinado. Durante a seguinte década, Jerusalém ficou estabelecida como a capital nacional, enquanto a nação estava sendo unificada a conquista das nações circundantes. É muito possível que Salomão nascesse durante aquela época. Deve ter sido por volta do fim da segunda década do reinado de Davi, quando Absalão assassinou Amnom, já que Absalão nasceu enquanto Davi se encontrava em Hebrom. As dificuldades domésticas, que culminaram com a rebelião de Absalão, duraram quase dez anos e provavelmente coincidiram com a terceira década do reino de Davi.

Quando Davi houve estabelecido com êxito a supremacia militar de Israel e organizado a nação, parecia que tinha chegado a hora de concentrar-se nos preparativos para a construção do templo.

Com o monte Moriá como lugar do levantamento, Davi imaginou a casa do Senhor construída sob Salomão, seu filho. Fez um censo dos estrangeiros no país e imediatamente os organizou para trabalhar a pedra, o metal e a madeira. Anteriormente, e em seu reinado, Davi já havia tratado com o povo de Tiro e Sidom para construir seu palácio em Jerusalém (2 Sm 5.11). os cedros para o projeto do edifício foram subministrados por Hiram, rei de Tiro.

Salomão recebeu o encargo de acatar a responsabilidade de obedecer a lei como tinha sido promulgada através de Moisés. Como rei de Israel, contava com Deus e, se era obediente, gozaria de suas bênçãos.

Numa assembléia pública, Davi encarregou aos príncipes e aos sacerdotes reconhecerem a Salomão como seu sucessor. Então, procedeu a bosquejar cuidadosamente os serviços do templo. Os 38.000 levitas foram organizados em unidades e designados ao ministério regular do templo. Pequenas unidades receberam a responsabilidade de guardadores das portas e os músicos, todo o concernente à música vocal e instrumental. Outros levitas foram designados como tesoureiros para cuidarem dos luxuosos presentes dedicados pelos príncipes israelitas, procedentes de toda a nação (1 Cr 26.20ss). Aquelas doações eram essenciais para a execução dos planos cuidadosamente realizados para o templo (1 Cr 28.11-29.9). A realização se colocava assim sob o glorioso reinado de Salomão.

As últimas palavras de Davi (2 Sm 23.1-7) revelam a grandeza do herói mais honrado de Israel. Outro cântico (2 Sm 22), expressando sua ação de graças e louvor por toda uma vida repleta de grandes vitórias e liberações, pôde ter sido composto no último ano de sua vida e intimamente associado com este poema. Aqui, ele fala profeticamente a respeito da eterna

[161] Ver Keil, *op. cit.,* em comentários sobre 2 Sm 24.

duração de seu reino. Deus tinha-lhe falado, afirmando uma aliança eterna. Este testemunho por Davi teria constituído um apropriado epitáfio para seu túmulo.

A era dourada de Salomão

A paz e a prosperidade caracterizaram o reino de Salomão. Davi tinha estabelecido o reinado; agora Salomão ia recolher os benefícios dos trabalhos de seu pai.

O relato desta era está brevemente dado em 1 Reis 1.1-11.43 e 2 Cr 1.1-9.31. o ponto focal em ambos livros é a construção e dedicação do templo, que recebe muita mais consideração que qualquer outro aspecto do reinado de Salomão. Outros projetos, o comércio e os negócios, o progresso industrial e a sabia administração do reinado, estão só brevemente mencionados. Muitas dessas atividades, escassamente mencionadas nos registros da Bíblia, têm sido iluminadas através de escavações arqueológicas durante as passadas três décadas. Exceção no que diz respeito à construção do templo, que se atribui à primeira década do reinado, e à construção de seu palácio, que foi completado treze anos mais tarde, há pouca informação que possa utilizar-se como base para um analise cronológico do reinado de Salomão. Conseqüentemente, o tratamento indicado a continuação será puramente tópico, reunindo dados procedentes de duas fontes de informação, que estão entremeadas no seguinte esquema:

	1 Reis	2 Crônicas
I. Salomão estabelecido como rei		
Salomão emerge como governante único	1.1-2.46	
Oração pela sabedoria em Gabaom	3.1-15	1.1-13
Sabedoria na administração	3.16-4.34	
Comércio e prosperidade		1.14-17
II. O programa da construção		
O templo de Jerusalém	5.1-7.51	2.1-5.1
(Palácio de Salomão)	7.1-8	
Dedicação do templo	8.1-9.9	5.2-8.16
Estabelecimento com Hiram de Tiro	9.10-25	
III. Relações internacionais		
Aventuras navais em Eziom-Geber	9.26-28	8.17-18
A rainha de Sabá	10.1-13	9.1-12
Tributos e comércio	10.14-29	9.13-31
IV. Apostasia e morte		
As esposas estrangeiras e a idolatria	11.1-8	
Juízo e adversários	11.9-43	

Estabelecimento do trono

O acesso de somente ao trono de seu pai não foi sem oposição. Devido a que Salomão não tinha sido publicamente coroado, Adonias concebeu ambições para suceder a Davi. Em certo sentido, estava justificado. Amnom e Absalão tinham morrido. Quileabe, o terceiro filho mais velho de Davi, aparentemente tinha morrido também, já que não é mencionado, e Adonias era o seguinte na línea sucessória. Por outra parte, a debilidade inerente a Davi em seus problemas domésticos era evidente na falta de disciplina de sua família (1 Reis 1.6). Evidentemente, Adonias não tinha sido ensinado a respeitar o direito divinamente revelado de que Salomão devia ser o herdeiro do trono de Davi (2 Sm 7.12; 1 Rs 1.17). seguindo a pauta de Absalão, seu irmão Adonias se apropriou de uma escolta de cinqüenta homens com cavalos e carros de guerra, e pediu o apoio de Joabe, convidando a Abiatar, o sacerdote de Jerusalém, para proceder a ser ungido como rei. Este acontecimento teve lugar nos jardins reais de En-Rogel, ao sul de Jerusalém. Notavelmente ausentes naquela reunião dos oficiais governantes e da família real, estavam Natã o profeta, Benaia o comandante do exército de Davi, Zadoque o sacerdote oficiante em Gabaá e Salomão com sua mãe, Bate-Seba.

Quando as notícias daquela reunião de festa chegaram ao palácio, Natã e Bate-Seba imediatamente apelaram a Davi. Como resultado, Salomão cavalgou sobre a mula do rei Davi até Giom, escoltado por Benaia e o exército real. Ali, na ladeira oriental do monte Ofel, Zadoque ungiu a Salomão e assim, publicamente o declarou rei de Israel. O povo de Jerusalém se uniu na pública aclamação de "Viva o rei Salomão!". Quando o barulho da coroação ressoou pelo vale de Cedrom, Adonias e seus adeptos ficaram grandemente confundidos e consternados. A celebração cessou imediatamente, o povo se dispersou e Adonias buscou seguridade nas pontas do altar no tabernáculo de Jerusalém. Somente depois de que Salomão

lhe deu sua palavra de respeitar sua vida, sujeita a boa conduta, deixou Adonias o sagrado refúgio.

Em uma reunião subseqüente, Salomão foi oficialmente coroado e reconhecido como rei (1 Cr 28.1ss) [162]. Com os oficiais e homens de estado da totalidade da nação presente, Davi fez entrega de seu poder, confiando suas responsabilidades a Salomão, e explicou ao povo a realidade do realizado, já que Salomão era o rei escolhido por Deus.

Numa conversa privada com Salomão (1 Rs 2.1-12), Davi recordou a seu filho sua responsabilidade de obedecer a lei de Moisés [163]. Em suas últimas palavras no leito de morte, fez saber a Salomão o fato de que sangue inocente tinha sido derramada por Joabe na morte de Abner e Amasa, do tratamento desrespeitoso de Simei quando teve de fugir de Jerusalém, e da hospitalidade que lhe foi concedida por Barzilai, o gileadita, nos dias da rebelião de Absalão.

Após a morte de Davi, Salomão reforçou seu direito ao trono, eliminando qualquer possível conspirador. A petição de Adonias de desposar Abisague, a donzela sunamita [164], foi interpretada por Salomão como uma traição. Adonias foi executado. Abiatar foi suprimido de seu lugar de honra que tinha mantido sob o reinado de Davi e foi desterrado a Anatote. Devido a que era da linhagem de Eli (1 Sm 14.3-4), a deposição de Abiatar marcou o cumprimento das solenes palavras emitidas a Eli por um profeta sem nome que chegou a Siló (1 Sm 2.27-37).

Embora Joabe tinha sido culpável de conduta traiçoeira em seu apoio a Adonias, foi executado principalmente pelos crimes durante o reino de Davi. Simei, que estava em liberdade sob palavra, fracassou pelas restrições que lhe foram impostas e de igual forma sofreu a pena de morte.

Salomão assumiu a liderança de Israel a uma precoce idade. Certamente tinha menos de trinta anos, quiçá somente vinte. Sentindo a necessidade da sabedoria divina, reuniu os israelitas em Gabaom, onde estavam situados o tabernáculo e o altar de bronze, e fez um grande sacrifício. Mediante um sonho, recebeu a divina certeza de que sua petição para a sabedoria lhe seria concedida. Além de uma mente privilegiada, Deus também o dotou de riquezas, honras e uma longa vida, condicionado tudo isso a sua obediência (1 Reis 3.14).

A sagacidade de Salomão se converteu numa fonte de feitos maravilhosos. A decisão dada pelo rei quando duas mulheres contenderam pela maternidade de um bebê (1 Reis 3.16-28), sem dúvida representa uma amostra dos casos em que demonstrou sua extraordinária sabedoria.

Quando esta e outras notícias circularam por toda a nação, os israelitas reconheceram que a oração do rei em súplica por sabedoria tinha sido escutada e concedida.

Organização do reino

Comparativamente, é muito pouca a informação que se dá a respeito da organização do vasto império de Salomão. Aparentemente, foi simples em seus princípios, mas indubitavelmente se fez mais complexa com o passar dos anos, de responsabilidade sempre crescente. O próprio rei constituía por si mesmo o tribunal supremo de apelação, como está exemplificado na famosa contenda das duas mulheres. Em 1 Reis 4.1-6, as nomeações estão estabelecidas pelos seguintes cargos: três sacerdotes, dois escribas ou secretários, um chanceler, um supervisor de oficiais, um cortesão da casta sacerdotal, um supervisor de palácio, um oficial a cargo dos homens forçados e um comandante do exército. Isto não representa senão uma ligeira expansão dos cargos instituídos por Davi.

Para a questão tributária, a nação foi dividida em doze distritos (1 Rs 4.7-19) [165]. O oficial a cargo de cada distrito devia fornecer provisões para o governo central, em mês de cada ano. Durante os outros onze meses, devia coletar e depositar as provisões nos depósitos situados em cada distrito a tal efeito. A provisão de um dia para o rei e sua corte, o exército e o resto do pessoal, consistia em 11.100 litros de farinha, quase 22.200 de comida, 10 bois cevados, 20 bois de pasto e 100 ovelhas, além de outros animais e aves (1 Rs 4.22-23). Aquilo requeria uma extensa organização dentro de cada distrito.

Salomão manteve um grande exército (1 Rs 4.24-28). Além da organização do exército estabelecido segundo Davi, Salomão também utilizou uma força de combate de 1400 carros de batalha e 12000 cavalheiros, aos que instalou em Jerusalém e em outras cidades por toda a

[162] Edersheim, *op. cit.,* vol. II, p. 55.

[163] Para a interpretação da lei de Moisés, de que foi escrita depois do reinado de Salomão, ver Anderson, *op. cit.,* pp. 288-324.

[164] A enfermeira que proporcionou terapia física a Davi, pouco antes de sua morte. Aquilo não tinha implicação sexual. Ver Gordon, "*The World of the Old Testament",* p. 180.

[165] Ver um mapa da distribuição dos distritos no Apêndice 2 (adição da Tradutora).

nação (2 Cr 1.14-17). Aquilo adicionava à carga tributária um subministro regular de cevada e palha. Uma organização eficiente e uma sábia administração eram essenciais para manter um estado de prosperidade e progresso.

Construção do templo

O mais importante no vasto e extenso programa de construções do rei Salomão foi o templo. Enquanto que outros edifícios apenas se são mencionados, aproximadamente o 50% do relato bíblico do reinado de Salomão se dedica à construção e dedicação deste centro focal na religião de Israel. Isso marcou o cumprimento do sincero desejo de Davi, expressão nos começos de seu reinado em Jerusalém, o estabelecer um lugar central para o culto divino.

Os arranjos do tratado que Davi tinha feito com Hiram, o rei de Tiro, foram continuados por Salomão. Como "rei dos sidônios", Hiram governou sobre tiro e Sidom, que constituíam uma unidade política procedente dos séculos XII ao VII a.C. Hiram era um rico e poderoso governante com extensos contatos comerciais por todo o Mediterrâneo. Já que Israel tinha um poderoso exército e os fenícios uma grande frota, resultava de mútuo benefício manter relações amistosas. Como os fenícios estavam muito avançados em construções arquitetônicas e no manejo de custosos materiais de construção, que controlavam com seu comércio, foi particularmente um ato de sabedoria política atrair-se o favor de Hiram.

Arquitetos e técnicos da Fenícia foram enviados a Jerusalém. O chefe de todos eles era Hiram (Hurão-Abi, Hirão), cujo pai procedia de tiro e cuja mãe era uma israelita da tribo de Dã (2 Cr 2.14). Para ajudar os hábeis trabalhadores e abonar a madeira do Líbano, Salomão efetuou pagamentos em grão, vinho e óleo.

A labor para a construção do templo foi cuidadosamente organizada. Trinta mil israelitas foram recrutados para preparar os cedros do Líbano, com destino ao templo. Sob Adonirão, que estava a cargo daquela leva, somente dez mil homens trabalhavam cada mês, voltando a seus lares durante dois meses. Dos estrangeiros residentes em Israel, se utilizaram um total de 150.000 homens, como portadores de carga (70.000) e cortadores de pedra (80.000), além de 3600 capatazes (2 Cr 2.17-18). No segundo livro de Crônicas 8.10, um grupo de 250 governadores são mencionado como sendo israelitas. Sobre a base de 1 Reis 5.16 e 9.23, houve 3300 encarregados, dos quais 550 eram oficiais chefes. Aparentemente, 250 destes últimos eram israelitas. Ambos relatos têm um total de 3850 homens para supervisionar o ingente lavor de 150.000 trabalhadores.

Não existem restos do templo salomônico conhecidos pelas modernas escavações.

Além disso, e abundando no problema, nem um simples templo tem sido descoberto na Palestina que date das quatro centúrias durante as quais a dinastia davídica governou em Jerusalém (100-600 a.C.) [166]. O topo do monte Moriá, situado ao norte de Jerusalém e ocupado por Davi, foi nivelado suficientemente para o templo de Salomão. É difícil captar o tamanho de semelhante área naquele tempo, já que o edifício foi destruído no ano 586 a.C. pelo rei da Babilônia. Após ter sido reconstruído no 520 a.C., o templo foi de novo demolido no ano 70 de nossa era. Desde o século VII da era cristã, a mesquita maometana, a Cúpula da Rocha, tem permanecido nesse lugar, que é considerado como o lugar mais sagrado da história do mundo. Hoje, a zona do templo cobre uns 140.000 a 160.000 m², indicando que o topo do monte Moriá é consideravelmente maior agora que nos dias de Salomão.

O templo era duas vezes maior que o tabernáculo de Moisés em sua área básica de emprazamento. Como estrutura permanente era muito mais elaborado e espaçoso, com apropriadas adições e uma corte de entorno muito maior. O templo olhava para o leste, com um vestíbulo ou entrada de quase 5 m de profundidade que se estendia através de sua parte frontal. Uma dupla porta de 5 m de largura, laminada em ouro e decorada com flores, palmeiras e querubins, dava acesso ao lugar santo. Esta habitação de 9 m de largo e 14 de alto, estendendo-se 18 m de longitude, tinha o assoalho recoberto de madeira de cipreste e as paredes até o teto com cedro. Recoberta de laminas de ouro fino com figuras lavradas de querubins, enfeitavam os muros. A iluminação natural estava realizada mediante janelas em cada lado, na parte mais alta. Ao longo de cada lateral, nesta habitação havia cinco mesas de ouro para os pães da proposição, e cinco candelabros de sete braços, tudo isso feito de ouro puro. No final estava o altar do incenso, feito de madeira de cedro e chapeado em ouro. Além do altar, existiam duas portas dobradiças, que davam acesso ao Lugar Santíssimo, o lugar mais sagrado. Esta habitação também tinha 9 m de largura, porém somente 9 m de profundidade e outros 9 m de altura. Inclusive com aquelas portas abertas, um véu azul, púrpura e carmesim de linho fino escureciam o visual do objeto mais sagrado. A cada lado se elevava um enorme querubim com as asas abertas de 4,5 m, de forma tal que as quatro asas se estendessem pela totalidade da habitação.

[166] Wright, *op. cit.,* pp. 136-37.

Três séries de câmaras estavam aderidas às paredes do exterior do templo, nos lados norte e sul, igual que no final da parede oeste. Essas câmaras, sem dúvida deviam ter sido para armazenar objetos e para uso dos oficiais. A cada lado da entrada do templo surgia uma enorme coluna, uma chamada Boaz e a outra, Jaquim. De acordo com 1 Rs 7.15ss, tinham quase 8 m de altura, 5 m e meio de circunferência e estavam feitas de bronze, adornadas com romãs [167]. Por acima terminavam com um capitel feito em bronze fundido, de um pouco mais de 2 m de altura.

Estendendo-se para a parte oriental, na frente do templo havia dois átrios abertos (2 Cr 4.9). A primeira área, o átrio dos sacerdotes, tinha 46 m de largura e 9 m de longitude. Ali se levantava o átrio dos sacrifícios, de face ao templo. Feito em bronze com uma base de 9 m² e 5 m de altura, aquele altar era aproximadamente quatro vezes maior que o utilizado por Moisés em seus tempos. O mar de bronze fundido, levantado ao sudeste da entrada, era igualmente impressionante naquele átrio. Em forma de taça, tinha uns 2 m de altura, 5 m de diâmetro, com um perímetro de 14 m. estava feito de bronze fundido de 7,6 cm de espessura, e descansava sobre 12 bois, três dos quais olhavam para cada direção. Uma estimação razoável do peso daquela gigantesca fonte é de aproximadamente 25 toneladas. De acordo com 1 Reis 7.46, este mar de bronze, as altas colunas e os custosos recipientes e vasilhas foram feitos para o templo e fundidos em terra argilosa do vale do Jordão.

Além desta enorme fonte, que provia de água para os sacerdotes e levitas em seu serviço do templo, havia dez pias menores de bronze, cinco a cada lado do templo (1 Rs 7.38; 2 Cr 4.6). Estas eram de quase dois metros de altura e se apoiavam em rodas, com objeto de poder transportá-las aonde, no curso do sacrifício, se faziam necessárias para a lavagem das várias partes do animal sacrificado.

Também no átrio dos sacerdotes havia uma plataforma de bronze (2 Cr 6.13), o lugar onde o rei Salomão permanecia durante as cerimônias de dedicação.

Para o leste, uns degraus conduziam para abaixo, desde o átrio dos sacerdotes ao exterior do grande átrio (2 Cr 4.9). por analogia com as medidas do tabernáculo de Moisés, esta zona tinha 91 m de largura e 182 m de comprimento. Este grande átrio estava rodeado por uma sólida muralha de pedra com quatro portas maciças, chapeadas em bronze, para regular a entrada ao lugar do templo (1 Cr 26.13-16). De acordo com Ezequiel 11.1, a porta oriental servia como a entrada principal. Grandes colunatas e câmaras nesta parte proviam de espaço de armazenamento para os sacerdotes e os levitas, para que pudessem realizar seus respectivos deveres e serviços.

A questão da influência contemporânea no templo e sua construção tem sido reconsiderada nas recentes décadas. Os relatos bíblicos foram cuidadosamente examinados à luz dos restos arqueológicos com relação a templos e religiões das civilizações contemporâneas no Egito, na Mesopotâmia e na Fenícia. Embora Edersheim (1880) [168] escreveu que o plano e desígnio do templo de Salomão era estritamente judaico, é de geral consenso dos arqueólogos de hoje que a arte e a arquitetura eram basicamente fenícios. Está claramente indicado na Escritura que Davi empregou arquitetos e técnicos de Hiram, rei de Tiro. Enquanto que Israel provia o trabalho, os fenícios supriam o papel dos artesãos e supervisores da construção real. Desde a escavaca do sírio Tell Tainat (antiga Hattina) em 1936 pela Universidade de Chicago, ficou aparente que o tipo de arte e arquitetura do templo de Jerusalém era comum na Fenícia no século X a.C. Portanto, parece razoável conceder o crédito aos artesãos fenícios e a seus arquitetos pelos planos finais do templo, já que Davi e Salomão os empregavam para este serviço particular [169]. Com a limitada informação disponível, seria difícil marcar uma clara línea de distinção entre os plano apresentados pelos reis de Israel e a contribuição feita pelos fenícios na construção do templo.

Dedicação do templo

Devido a que o templo foi completado no oitavo mês do ano décimo segundo (1 Rs 6.37-38), é completamente verossímil que as cerimônias da dedicação tivessem sido efetuadas no sétimo mês do ano décimo segundo e não um mês antes de ser terminado. Isto teria permitido um tempo para o elaborado planejamento deste grande acontecimento histórico (1 Rs 8.1-9; 2 Cr 5.2-7.22). para esta ocasião, todo Israel estava representado pelos anciãos e os chefes.

A festa dos tabernáculos, que não somente lembrava os israelitas que uma vez foram peregrinos no deserto, senão que também era uma ocasião para agradecer depois do tempo

[167] Esta mesma medida, 8 m ou 18 côvados, é a da altura desta coluna em 1 Rs 25.17 e Jr 52.21. em 2 Cr 3.15 a altura é de 35 côvados. Keil, *op. cit.,* sugere que isto é devido à confusão de duas letras na transmissão do texto hebraico.

[168] Ver *ibid.,* p. 72.

[169] Ver Wright, *op. cít.,* pp. 136-145 e Unger, "*Archaeology and ihe Old Testament",* pp. 228-234

da colheita, que começava no dia décimo quinto do mês sétimo. Edersheim [170] conclui que as cerimônias da dedicação tiveram lugar durante a semana precedente à festa dos tabernáculos. A totalidade da celebração durou duas semanas (2 Cr 7.4-10), e valia para todo Israel, que acudiu por meio de seus representantes desde Hamate até a fronteira do Egito. Keil, em seu comentário sobre 1 Reis 9.63, sugere que houve 100.000 pais e 20.000 anciãos presentes. Isto explica o motivo pelo qual milhares de animais foram levados até ali para esta ocasião que não tinha precedentes [171]. Salomão era a pessoa clave nas cerimônias das dedicações. Sua posição como rei de Israel era única. Sob a aliança, todos os israelitas eram servos de Deus (Lv 25.42, 55; Jr 30.10, e outras passagens), e considerados como reino de sacerdotes em relação a Deus (Êx 19.6). mediante os serviços dedicatórios, Salomão toma o lugar de um servo de Deus, representando a nação escolhida por Deus para ser seu povo. Esta relação com Deus era comum ao profeta, ao sacerdote, ao laico, igual que ao rei, em verdadeiro reconhecimento da dignidade do homem. Nesta capacidade, Salomão ofereceu a oração, deu a mensagem dedicatória e oficiou nas oferendas dos sacrifícios.

Na história religiosa de Israel, a dedicação do templo foi o acontecimento mais significativo desde que o povo abandonou o Sinai. A repentina transformação desde a escravidão do Egito a uma nação independente no deserto, foi uma demonstração do poder de Deus em nome de sua nação. Naquele tempo, o tabernáculo foi erigido para ajudá-los em seu reconhecimento e serviço a Deus. Agora, o templo tinha sido levantado sob o poder de Salomão. Isto constitui a confirmação do estabelecimento do trono davídico em Israel. Como a presença de Deus era visível, mediante a coluna de fumaça sobre o tabernáculo, assim a glória de Deus pairava sobre o templo e significava a bênção de Deus. Isto confirmava de forma divina o estabelecimento do reino que tinha sido antecipado por meio de Moisés (Dt 17.14-20).

Projetos de construção extensiva

O palácio de Salomão (ou a casa do bosque do Líbano) não está senão brevemente mencionado (1 Rs 7.1-12; 2 Cr 8.1). foi completado em treze anos, havendo um período de construção de vinte anos para o templo e o palácio. Muito verossimilmente estava situado na ladeira meridional do monte Moriá, entre o templo e Sião, a cidade de Davi. Este palácio era complexo e elaborado, contendo escritórios de governo, habitações para a filha de Faraó, e a residência privada do próprio rei Salomão, e cobria uma área de 46 x 23 x 14 m.

Incluído neste grande edifício e seu programa de construções, estava a extensão das muralhas de Sião (Jerusalém) para o norte, de forma que se unissem o palácio e o templo dentro das muralhas da cidade capital de Israel [172]. O poderoso exército em armas de Salomão também requeria muita atividade nas construções por todo o reino. A construção de cidades de armazenamento para propósitos administrativos e de sistemas de defesa, foram intimamente integrados. Uma impressionante lista de cidades, que sugere o extenso programa de construções de Salomão, é dada em 1 Rs 9.15-22 e 2 Cr 8.1-11. Gezer, que tinha sido uma praça forte cananéia, foi capturada pelo Faraó do Egito e utilizada como fortaleza por Salomão, após tê-la recebido como dote. Escavações feitas no lugar de 5,8 hectares de Megido, indicam que Salomão tinha adequado ali acomodações para 450 cavalos e 150 carros de batalha. Esta fortaleza guardava a importante Megido ou o vale do Esdraelom, através do qual passava o caminho mais importante entre Egito e a Síria. Desde um ponto de vista militar e comercial, este caminho era vital para Israel. Igualmente foi escavada Hazor, primeiro por Garstang e mais recentemente sob a supervisão de Israel. Outras cidades mencionadas na Bíblia são Bete-Horom, Baalate, Tamar, Hamate-Zobá e Tadmor. Além destas, outras cidades funcionaram como quartéis ou capitais de distritos administrativos (1 Rs 4.7-19). Achados arqueológicos em Bete-Semes e Laquis indicam que existiam edifícios com grandes habitações nessas cidades para serem utilizados como armazéns [173]. Sem dúvida devem ter-se escrito longas descrições a respeito dos programas de construções executados pelo rei Salomão, porém os relatos bíblicos somente sugerem sua existência.

Comércio, negócios e rendas públicas

Eziom-Geber e Elate estão brevemente mencionadas em 1 Rs 9.26-28 e 2 Cr 8.17-18 como portos marítimos no golfo de Ácaba. Tell-el-Kheleifeh no extremo norte deste golfo é o único lugar conhecido que mostra a história ocupacional de Elate, Eziom-Geber. Tell-el-Kheleifeh, como um centro marítimo industrial, fortificado, de armazenamento e caravaneiro para tais

[170] Edersheim, *op. cit.,* p. 88.
[171] Keil, *op. cít.,* comentário sobre esta passagem.
[172] Milo (1 Rs 9.15,24) foi ou bem uma fortaleza ou uma fenda na muralha de Sião. Ver Davis, "*Dictionary of the Bible".*
[173] Wright, *op. al.,* p. 130.

cidades, pôde ter tido igual importância que outros distritos fortificados e cidades com guarnições de carros de batalha, tais como Hazor, Megido e Gezer [174]. Os jazigos de cobre e ferro eram numerosos por todo o Wadi-Arabah. Davi já tinha estabelecido fortificações por toda a terra de Edom quando instaurou seu reinado (2 Sm 8.14).

Numerosos centros de fundição em Wadi-Arabah puderam ter provido a Tell-el-Kheleifeh de ferro e cobre para processos de refinamento e a produção de moldes com propósitos comerciais. No vale do Jordão (1 Rs 7.45-46), e em Wadi-Arabah, Salomão deve ter comprovado a verdade das declarações de Deuteronômio 8.9, de que a terra prometida tinha recursos naturais de cobre.

Ao desenvolver e controlar a indústria dos metais na Palestina, Salomão esteve em posição de comerciar. Os fenícios, sob Hiram, tinham contatos com refinarias de metal em distantes pontos do Mediterrâneo, tais como a Espanha, e assim estavam em situação de construir não só refinarias para Salomão, senão também para aumentar o comércio. Os barcos de Israel traficaram com o ferro e o cobre tão longe como até o sudoeste da Arábia (o moderno Iêmen) e a costa africana da Etiópia [175]. Em troca, eles levaram ouro, prata, marfim e asnos a Israel. Aquela extensão naval com suas expedições levando ouro desde Ofir durou "três anos" (2 Cr 9.21), ou um ano completo e parte de dois anos mais. Proporcionou a Salomão tais riquezas, que foi classificado como o mais rico de todos os reis (2 Cr 9.20-22; 1 Rs 10.11-22).

Os israelitas obtiveram cavalos e carros de combate dos governantes heteus na Cilícia e seu vizinho Egito [176]. Os intermediários e agentes representantes dos cavalos e carros guerreiros entre a Ásia Menor e o Israel foram os arameus (1 Rs 10.25-29; 2 Cr 1.14-17).

Embora Davi lesava ou inutilizava todos os cavalos que capturava, com a exceção de uma centena (2 Sm 8.4), é obvio que Salomão acumulou uma força considerável. Aquilo resultava importante para a proteção, tanto como controle de todo o comércio que cruzava o território de Israel. As rendas e tributos de Salomão foram incrementados pelas vastas caravanas de camelos empregadas no comércio das especiarias procedente do sul da Arábia e encaminhado à Síria e a Palestina, assim como para o Egito.

O rei Salomão ganhou tal respeito internacional e reconhecimento, que suas riquezas foram grandemente incrementadas pelos presentes que recebia de lugares próximos e longínquos. Em resposta a sua petição inicial, tinha sido divinamente dotado com a sabedoria de forma tal que as gentes de outras terras iam ouvir seus provérbios, seus cantos e seus discursos sobre vários assuntos (1 Rs 4.29-34). Se o relato da visita da rainha de Sabá não é senão uma amostra do que acontecia freqüentemente durante o reinado de Salomão, pode apreciar-se o motivo pelo qual o ouro não cessava de chegar à capital de Israel [177]. O fato de que a rainha atravessasse diversos territórios e viajasse 1931 km em camelo pôde também ter sido motivado por interesses comerciais. As expedições navais desde Eziom-Geber podem ter estimulado as negociações para acordos favoráveis de intercâmbio comercial. Sua missão teve êxito (1 Rs 10.13). embora Salomão, além de garantir as petições da rainha, lhe devolveu tudo o que ela tinha levado, resulta duvidoso que fizesse o mesmo com todos os reis e governantes da Arábia, os quais lhe levavam presentes (2 Cr 9.12-14). Ainda que seja difícil valorizar o importe das riquezas descritas, não há dúvidas de que Salomão representou o epítome em riqueza e sabedoria de todos os reis que governaram em Jerusalém.

Apostasia e suas conseqüências

O capítulo final do reino de Salomão é trágico (2 Rs 11). O motivo pelo qual o rei de Israel, que alcançou o zênite dos êxitos em sabedoria, riqueza, fama e prestígio internacional sob a bênção divina, terminasse seus quarenta anos de reinado sob augúrios de fracasso, é mais que surpreendente. Com base nesta consideração, alguns têm achado que o relato não é confiável e até é contraditório, e buscaram outras explicações [178]. A verdade da questão é que Salomão, que jogou o papel mais destacado na dedicação do templo, se afastou da devoção que com todo o coração tinha dedicado a Deus; uma experiência paralela à de Israel no deserto após a construção do tabernáculo. Salomão rompeu o mesmíssimo primeiro mandamento por sua política de permitir a adoração dos ídolos e seu culto na própria Jerusalém.

A mistura de alianças matrimoniais entre as famílias reais era uma prática comum no Próximo Oriente. A princípios de seu reinado, Salomão fez uma aliança com Faraó, aceitando

[174] Ver Nelson Glueck, "Ezión-geber" em *Biblical Archaelogist* XXVIII (1965), pp. 69-87.

[175] A palavra "Târsis" parece que significa "refinaria". Ver Albright "*Archaelogy and the Religión of Israel",* p. 136. Desde que os fenícios controlavam o Mediterrâneo, e assim seu comércio, as empresas navais de Salomão ficaram limitadas ao Mar Vermelho. Ver também, Unger, *op. cit.,* p. 225.

[176] Se refere a uma província perto da Cilícia, que pode ter recebido seu nome como posto militar por Tutmose III.

[177] Mould, *op. cit.,* p. 199.

[178] Ver Keil, *op. cit.* como referência.

uma filha deste último em matrimônio. Embora a levou a Jerusalém, não existe indicação de que lhe fora permitido levar com ela a idolatria (1 Rs 3.1) [179]. Na cúspide de seus triunfos, Salomão tomou esposas dos moabitas, edomitas, sidônios e heteus. Além disso todo, se fez de um harém de 700 esposas e 300 concubinas. Se isto foi motivado por causas diplomáticas e políticas, para assegurar a paz e a segurança, ou por uma tentativa de superar os outros soberanos de outras nações, é algo que não está indicado. Não obstante, era contrário ao expressado nos mandamentos de Deus (Dt 17.17). Salomão permitiu que a multiplicidade de esposas fosse sua ruína, ao afastar seu coração de Deus [180]. Não somente tolerou a idolatria, senão que ele mesmo prestou reconhecimento a Astarote, a deusa da fertilidade dos fenícios, conhecida como Astarté entre os gregos, e Ishtar para os babilônicos. Para o culto de Milcom ou Moloque, o deus dos amonitas, e para Quemós, o deus dos moabitas, Salomão erigiu um lugar sobressalente numa montanha ao leste de Jerusalém, que não foram suprimidos como lugares desses cultos durante três séculos e meio, senão que permaneceram como uma abominação nas proximidades do templo, até os dias de Josias (2 Rs 23.13). Além disso, construiu altares para outros deuses estranhos não mencionados pelos seus nomes (1 Rs 11.8).

A idolatria, que era uma violação às palavras de apertura do Decálogo (Êx 20), não podia ser tolerada. A repulsa de Deus (1 Reis 11.9-13) foi provavelmente entregada a Salomão mediante o profeta Aías, que aparece mais tarde no capítulo. A causa de sua desobediência, o reinado de Israel devia ser dividido. A dinastia de Davi continuaria governando parte do reino por graça a Davi, com quem Deus tinha feito uma aliança, e porque Jerusalém tinha sido escolhida por Deus. Deus não romperia sua promessa, incluso apesar de que Salomão tivesse perdido seus direitos e suas bênçãos. Também, por amor a Davi, o reino não seria dividido enquanto vivesse Salomão, embora surgiriam adversários e inimigos que ameaçassem a paz e a segurança, antes da terminação do reinado.

Hadade, o edomita, foi um líder que se opus a Salomão. Na conquista do Edom por Joabe, hadade, que era um membro da família real, tinha sido resgatado por servos e levado ao Egito quando criança. Ali casou com uma irmã da rainha do Egito, e gozou do favor e dos privilégios da corte real. Depois da morte de Joabe e Davi, voltou ao Edom e com o passar do tempo se fez o suficientemente forte como para ser uma ameaça para Salomão em seus últimos anos (1 Rs 11.14-23). A posição de Salomão como "rei do cobre" ficou precária, igual que o lucrativo negócio da Arábia e o comércio sobre o Mar Vermelho.

Rezom [181] de Damasco significou talvez uma ameaça maior (1 Rs 11.23-25). A formação de um reino independente arameu ou sírio constituiu uma séria ameaça política que implicava conseqüências comerciais. Embora Davi tivesse conquistado Hamate, quando o poder de Hadade-ezer foi quebrado, Salomão o achou necessário para suprimir uma rebelião ali e construir cidades de armazenamento (2 Cr 8.3-4). Inclusive controlou Tifsa, sobre o Eufrates (1 Rs 4.24), que era extremamente importante para o domínio das rotas do comércio. no curso do reinado de Salomão, Rezom esteve em condições de estabelecer-se por si mesmo em Damasco, aonde chegou a ser o maior dos constantes perigos para a paz e a prosperidade de Israel nos últimos anos do reinado de Salomão.

Conforme mudavam as coisas, um dos homens do próprio Salomão, Jeroboão, filho de Nabate, demonstrou ser o fator real devastador em Israel. Sendo um homem verdadeiramente capaz, tinha sido colocado ao mando dos trabalhos forçados que reparavam muralhas de Jerusalém, e construiu Milo. Utilizou aquela oportunidade para sua própria vantagem política e para ganhar seguidores. Um dia Aías, o profeta, o encontrou e rasgou seu manto novo em doze pedaços, entregando-lhe dez deles. Mediante este ato simbólico, informou a Jeroboão que o reino de Salomão seria dividido, não sobrando senão duas tribos para a dinastia davídica, enquanto que as outras dez constituiriam um novo reino. Sob a condição de sua obediência de todo coração, Jeroboão recebeu a certeza de que seu reino ficaria permanentemente estabelecido, como o de Davi.

Aparentemente, Jeroboão não quis esperar os acontecimentos, o que implicava abertamente sua oposição ao rei. Por todas as coisas, Salomão suspeitou uma insurreição e buscou a Jeroboão para matá-lo. Em conseqüência, Jeroboão fugiu ao Egito, onde encontrou asilo com Sisaque, até a morte de Salomão.

Inclusive quando o reino se susteve e não foi dividido até depois se sua morte, Salomão esteve sujeito à angústia de uma rebelião interna e da secessão de várias partes de seu reino.

---

[179] Este matrimônio pôde ter estado relacionado com posteriores acontecimentos. Jeroboão achou refúgio no Egito. Quase imediatamente depois da morte de Salomão, o rei do Egito levou embora vários tesouros de Jerusalém.

[180] O comércio exterior também pôde ter tido algo a ver com isto. Ao prover lugares para estrangeiros e facilidades para seus cultos, isso promovia seu interesse em ir até Jerusalém.

[181] Unger, "*Israel and the Arameans*", pp. 51-55.

Como resultado de seu falho pessoal em obedecer e servir a Deus de todo coração, o bem-estar geral e a prosperidade pacífica do reino ficaram seriamente ameaçados e em constante perigo.

ESQUEMA 4: MONARQUIA NA PALESTINA

(desde Roboão até a queda de Jerusalém)

DATA	REINO DO NORTE	PROFETAS	REINO DO SUL	ASSÍRIA	SÍRIA
931	*Din. Jeroboão*	Aías	Roboão		REZOM
	Jeroboão	Semaías			
		Ido	Abias		
909	Nadabe		Asa		Ben-Hadade
	Din. Baasa	Azarias			
		Hanani			
		Jeú			
	Elá				
	(Zinri)				
885	*Din. Onri*				
	Onri (Tibni)	Elias	Josafá	Assur-Nassir-Pal II	
	Acabe	Micaías			
		Eliézer			
	Acazias	Eliseu	Jorão		
	Jorão	Joiada	Acazias (Jeoacaz - Joacaz)	Salmaneser III	
					Hazael
841	*Din. Jeú*		Atalia		
	Jeú	Zacarias	Joás		
	Joacaz		Amasias		Ben-Hadade
	Joás	Jonas	Azarias		
	Jeroboão II	Oséias	(Uzias)		
	Zacarias	Amós			
752	*Últimos reis:*		Jotão		
	Salum				
	Menaem	Isaias - Obede		Tiglate-Pileser III	
	Pecaías		Acaz		
	Peca	Miquéias	Ezequias	Salmaneser V	Rezim
	Oséias		Manassés	Sargão II	
722	*Queda de*		Amom	Senaqueribe	
	Samaria		Josias	Esar-Hadom	
		Jeremias	Joacaz	Assurbanipal	
		Hulda	Eliaquim (Jeoiaquim)		
640					
		(Ezequiel)	Joaquim	*Babilônia*	
		(Daniel)	Zedequias	Nabopolassar	
				Nabucodonosor	
586			*Queda de Jerusalém*		

• CAPÍTULO 9: O REINO DIVIDIDO

Os dois reinos que surgiram após a morte de Salomão são comumente conhecidos e diferenciados pelos apelativos de "Norte" e "Sul". Este único designa o estado mais pequeno, governado pela dinastia de Davi desde sua capital em Jerusalém até 586 a.C. consistia nas tribos de Judá e Benjamim, as que apoiaram a Roboão com um exército quando o resto das tribos se levantaram em rebelião contra as opressivas medidas de Salomão e seu filho (1 Rs 12.21). O Reino do Norte designa as tribos dissidentes, que fizeram a Jeroboão seu rei. Este reino durou até 722 a.C., com sua capital sucessivamente em Siquem, Tirsá e Samaria.

As designações bíblicas comuns para estes dois reinos são "Israel" e "Judá". A primeira está restringida usualmente em seu uso ao Reino do Norte, enquanto que a segunda se refere ao Reino do Sul. Originalmente o nome de "Israel" foi dado a Jacó (Gn 32.22-32). Durante toda sua vida já foi aplicado a seus filhos (Gn 44.7), e sempre, desde então, qualquer descendente de Jacó tem sido chamado "israelita". Desde os tempos patriarcais até a ocupação de Canaã, "Israel" tem especificado a totalidade da nação hebraica. Esta designação prevaleceu durante a monarquia de Davi e Salomão, inclusive quando estava dividida, a princípios do reinado de Davi.

A tribo de Judá, que estava estrategicamente situada e excepcionalmente forte, chegou a sua proeminência durante o tempo de Saul (ver 1 Sm 11.8, etc.). Depois da divisão em 931 a.C., o nome de Judá identificava o Reino do Sul, que continuou sua aliança com a dinastia davídica. A menos que não se indique outra coisa, os nomes de "Israel" e "Judá" neste volume representam respectivamente os reinos do Norte e do Sul [182]. Outro apelativo para o Reino do Norte é "Efraim". Embora este nome é originalmente dado a um dos filhos de José (Gn 41.52), designa especificamente a tribo que conduziu a nação à secessão. Estando situada no norte de Benjamim e Judá, "Efraim" representava a oposição a Judá e com freqüência incluía a totalidade do Reino do Norte (ver Isaias e Oséias).

Cronologia

Este é o primeiro período na história do Antigo Testamento em que algumas datas podem ser fixadas com virtual certeza. A história secular, descoberta mediante a investigação arqueológica, proporciona uma lista epônima [183] que conta para cada ano na história da Assíria desde 891 a 648 a.C. [184] Ptolomeu, um brilhante erudito que viveu aproximadamente em 70-161 a.C., compôs um cânon, relacionando os governantes babilônicos e persas, desde o tempo de Nabonassar (747 a.C.), até Dario III (332 a.C.) [185]. Além disso, também dá uma lista dos governantes gregos, Alexandre e Filipo da Macedônia, os governantes ptolemaicos do Egito e os governantes romanos que chegam até o ano 161de nossa era. Como astrônomo, geógrafo, historiador e cronologista, Ptolomeu proporciona uma vital informação. O mais valioso para os historiadores modernos é o material astronômico que fez possível comprovar a precisão de seus dados em numerosos pontos, de forma tal que "o cânon de Ptolomeu pode ser utilizado como guia histórica com a maior confiança" [186]. Dois fatos significativos subministram o elo entre a história assíria e o relato bíblico dos reis hebraicos durante o período do reino dividido. As inscrições assírias indicam que Acabe, rei de Israel, participou da batalha de Karkar (853 a.C.) contra Salmaneser III, e que Jeú, outro rei de Israel, pagou tributo ao mesmo rei assírio em 841 a.C. Ao equiparar os dados bíblicos concernentes aos reis hebraicos Acazias e Jorão com este período de doze anos da história assíria, Thiele tem sugerido uma pista para a

[182] "Israel" se usa também na Bíblia como um termo para identificar com ele o povo fiel a Deus. Conseqüentemente, seu uso na Escritura deve ser interpretado de acordo com o contexto, dessa forma.

[183] Epônimo: que dá nome a um povo, a uma cidade, uma época, etc. Por exemplo: Alexandre Magno e Alexandria.

[184] Para uma lista completa, ver E. R. Thiele, "*The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings*" (University of Chicago Press, 1951), pp 287-292. Também ver D. D. Luckenbill. *"Ancient Records of Assyria and Babylonia II"* (University of Chicago Press, 1927), pp. 430, ss.

[185] Ver Thiele, *op. cít.,* p. 293.

[186] *Ibíd.,* p. 47.

adequada interpretação da cronologia [187]. Com estas duas datas definitivamente estabelecidas no sincronismo entre a história hebraica e a assíria, propõe um esquema de absoluta cronologia para o período que vá desde a desagregação até a queda de Jerusalém. Isto serve como uma clave prática para as interpretações das numerosas referências cronológicas nos relatos de Reis e Crônicas.

Permitindo um ano como fator variável, as datas terminais para Israel (a queda de Samaria) e para Judá (a queda de Jerusalém) estão fixadas respectivamente como 722 e 586 a.C.

O mesmo pode dizer-se para a batalha de Karkar em 853 a.C. a data para o começo dos dois reinos está sujeita a maior variação.

Uma simples adição de todos os anos admitidos para os reis hebraicos totalizam quase quatro séculos. Sobre a base desta tabulação, muitos eruditos , tais como Hales, Oppert, Graetz e Mahler, têm datado a desagregação do reino salomônico dentro do período de 990-953 a.C. A data mais popularizada é a dada por Ussher, adotada por Edercheim, e incorporada na margem de muitas Bíblias durante o século passado. Os recentes descobrimentos arqueológicos relacionados com a história contemporânea do Próximo Oriente têm iluminado muitas passagens bíblicas que necessitavam uma reinterpretação dos dados bíblicos.

O período do reino dividido está adequado a um período aproximado de três séculos e meio. Sobre a base da cronologia assíria e a história contemporânea do Próximo Oriente, Olmstead, Kittel, Albright e outros datam o começo deste período dentro dos anos 937-922 a.C. [188] O mais amplo estudo da cronologia para o período do Reino Dividido está publicado no livro de E. R. Thiele, "The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings". Mediante um detalhado analise de ambos dados estatísticos, no relato bíblico e na história contemporânea, conclui que o 931 a.C. é a mais razoável data para o começo deste período. Enquanto que muitas cronologias foram construídas sob a presunção de que existem numerosos erros no presente texto de Reis e Crônicas, Thiele começa com o suposto de que o texto presente é confiável. Com isso em mente, o número de referências cronológicas que permanecem problemáticas à luz de nosso entendimento de tal período, é muito menor que os problemas textuais que implicam o resultado a priori da presunção de que o texto hebraico está errado [189].

Apesar de que permaneçam ainda sem resolver problemas na cronologia de Thiele, parece ser a mais razoável e completa interpretação das datas escriturísticas e dos fatos históricos contemporâneos que nos são conhecidos até o presente. De ser a data do ano 959 a.C. confirmada como correta para o começo do templo de Salomão, poderia apelar-se a uma reinterpretação de parte desta cronologia. Ao presente, esta data é aceita com um alto grau de probabilidade [190]. Através de todo este analise do reino dividido, a cronologia do período do reino dividido de Thiele é adotada como padrão. Qualquer desvio da mesma é indicado oportunamente.

Alguns dos fatores básicos que têm uma relação sobre a analise das datas cronológicas deste período merecem uma breve consideração [191]. Em Judá, o sistema do ano de acesso e sua contagem foi utilizado desde o princípio dos tempos de Jorão (850 a.C.), quem adotou o sistema do não acesso que se tem utilizado em Israel desde os dias de Jeroboão I [192]. Durante os reinados de Joás e Amasias (800 a.C.), ambos reinados mudaram ao sistema do ano de aceso [193]. A questão da co-regência deve ser considerada estabelecendo uma cronologia para este período. Às vezes, os anos durante os quais um pai e um filho governaram juntos foram acreditados a ambos reis, calculando a duração de seu reinado.

Datas importantes

Um certo número de datas são de importância para uma adequada compreensão de qualquer período histórico. Os três acontecimentos mais importantes desta era do reino dividido são os que se seguem:

---

[187] *Ibíd*., pp. 53-54. Admitindo para os reinos de Acazias e Jorão durante este período, parece necessário considerar 853 como o último ano de acabe e 841 como o do acesso de Jeú.

[188] Ver W. F. Albright, *"The Chronology of the Divided Monarchy of Israel"*, *Bulletin °T the American Schools of Oriental Research,* n° 100 (dezembro 1945), pp. 16-22.

[189] Ver a discussão de Thiele acerca disto no capítulo XI de "Sistemas cronológicos modernos". Note-se particularmente seu analise da cronologia de Albright, pp. 244-252.

[190] Ver Wright, "*Biblical Archaelogy",* p. 146.

[191] Para um estudo mais profundo, ler o capítulo 2, "Fundamental Principles of Hebrew Chronology" de Thiele, *op. cít.,* pp. 14-41.

[192] No sistema do ano do não acesso, um ano inicial do rei —tanto se tem ou não doze meses— é contado como um ano.

[193] O método do no acesso era comum ao Egito. Thiele atribui esta mudança à influência assíria, p. 41.

931 – A divisão do reino
722 – A queda de Samaria
586 – A queda de Jerusalém

Sem ter de acudir a listas tabulares para estes reinos, com datas para cada rei, resulta apropriado sugerir um índice cronológico para estes séculos. O desenvolvimento acontecido no Reino do Norte conduz por si mesmo a um esquema simples na ordem cronológica, como se segue:

931 – Dinastia de Jeroboão i
909 – Dinastia de Baasa
885 – Dinastia de Onri
841 – Dinastia de Jeú
752 – Últimos reis
722 – Queda de Samaria

Todos os reis, os profetas e importantes acontecimentos podem ser aproximadamente datados utilizando esta estrutura cronológica [194]. Os acontecimentos contemporâneos no Reino do Sul podem ser convenientemente relacionados a esta estrutura de referência. Colocando os quatro importantes reis de Judá em sua própria seqüência, e agregando uma data, se converte numa questão simples para desenvolver uma cronologia que preste de forma simplificada. As datas aproximadas ficam logo aparentes sobre a base da seguinte perspectiva:

931 – Dinastia de Jeroboão	I Roboão
909 – Dinastia de Baasa	
885 – Dinastia de Onri	Josafá
841 – Dinastia de Jeú	
752 – Últimos reis	Uzias
722 – Queda de Samaria	
	Ezequias
640 –	Josias
586 –	Queda de Jerusalém

Utilizando estas datas sugeridas como um esquema útil, a questão das datas cronológicas no relato bíblico pode ser reduzida a um mínimo. Embora as datas individuais para cada rei sejam dadas subseqüentemente, não são necessárias para uma compreensão do desenvolvimento geral. Para propósitos de exame, as datas acima citadas são suficientes, enquanto que as individuais se fazem de maior importância para um estudo detalhado.

O relato bíblico

A primeira fonte literatura da era do reino dividido é 1 Reis 11.1 até 2 Reis 25.30 e 2 Crônicas 10.1-36.23. Pode achar-se material suplementar em Isaias, Jeremias e outros profetas que refletem a cultura contemporânea.

A única fonte que apresenta um relato histórico contínuo do Reino do Norte é 1 Reis 12.1-2 Reis 17.41. integrado neste registro estão os acontecimentos contemporâneos do Reino do Sul. Com a terminação do Reino do Norte no ano 722 a.C., o autor do livro dos Reis continua o relato do Reino do Sul em 2 Reis 18.1-25-.30, até que a queda de Jerusalém em 586 a.C. Um registro paralelo para o Reino do Sul, desde 931 a 586 a.C., se dá em 2 Crônicas 10.1-36.23, onde o autor conclui com uma referência final ao cesse do cativeiro sob Ciro (538 a.C.). o relato em Crônicas suplementa a história registrada no Reino do Norte, e nos livros dos Reis, onde têm uma relação direta sobre os acontecimentos do Reino do Sul.

Devido a que cada reino teve aproximadamente uma lista de vinte governantes, é essencial uma simples analise para evitar a confusão. A memorização de duas listas de reis, com freqüência impede um cuidadoso analise deste período como fundo essencial no estudo das mensagens proféticas do Antigo Testamento. Já que um variado número de famílias governou o Reino do Norte, em contraste com uma única dinastia em Judá, sugere-se um simples bosquejo baseado nas dinastias reinantes em Israel. Isto pode ser utilizado como uma conveniente estrutura para a associação de outros nomes e acontecimentos. Veja-se o seguinte esquema:

[194] Os acontecimentos históricos durante o reino dividido e sua era são vitalmente importantes para uma conveniente compreensão dos livros proféticos do Antigo Testamento. Além disso, muitos outros profetas têm uma parte ativa na história de Israel.

ISRAEL	BOSQUEJO EM REIS	JUDÁ
Dinastia de Jeroboão	1 Reis 12-15	Roboão
		Abias
Dinastia de Baasa	1 Reis 15-16	Asa
Dinastia de Onri	1 Reis 16-22	Josafá
	2 Reis 1-9	Jorão
		Acazias
Dinastia de Jeú	2 Reis 10-15	Atalia
		Joás
		Amasias
		Uzias
Últimos reis	2 Reis 15-17	Jotão
	2 Reis 18-25	Acaz
		Ezequias a Zedequias

Já que Israel cessou de existir como governo independente, a última parte de Reis se dedica ao relato do Reino do Sul. Israel ficou reduzida a uma província assíria.

Para um detalhado bosquejo do relato bíblico para o período do Reino Dividido, como se dá em Reis e Crônicas, ver a seguinte relação:

ISRAEL – REINO DO NORTE	JUDÁ – REINO DO SUL
Jeroboão 1 Reis 12.25-14.20	**Roboão** 1 Reis 12.1-24 2 Cr 10.1-12.16
	Abias 1 Reis 15.1-8 2 Crônicas 13.1-22
Nadabe 1 Reis 15.25-31	**Asa** 1 Reis 15.9-24 2 Crônicas 14.1-16.14
Baasa 1 Reis 15.32-16.7	
Elá 1 Reis 16.8-20	
Zinri 1 Reis 16.8-14	
Onri 1 Reis 16.21-28	
Acabe 1 Rs 16.29-22-40	**Josafá (ou Jeosafá)** 1 Reis 22.41-50 2 Crônicas 17.1-20.37
Acazias 1 Reis 22.51-53 2 Reis 1.1-18	
Jorão (filho de Acabe) 2 Reis 1.17-8-15 2 Reis 9.1-37	**Jorão** (filho de Josafá) 2 Reis 8.16-24 2 Crônicas 21.1-20
Jeú 2 Reis 10.1-36	**Acazias** 2 Reis 8.25-29 2 Crônicas 22.1-9
Joacaz 2 Reis 13.1-9	**Joás** (filho de Acazias) 2 Reis 12.1-21 2 Crônicas 24.1-27
Joás (filho de Joacaz) 2 Reis 13.10-24	**Amasias** 2 Reis 14.1-22 2 Crônicas 25.1-28
Jeroboão II	**Uzias** (Azarias)

2 Reis 14.23-29	2 Reis 15.1-7 2 Crônicas 26.1-23
Zacarias 2 Reis 15.8-12	
Salum 2 Reis 15.13-15	
Menaém 2 Reis 15.16-22	
Pecaías 2 Reis 15.23-26	
Peca 2 Reis 15.27-31	
	Jotão 2 Reis 15.32-38 2 Crônicas 27.1-9
Oséias 2 Reis 17.1-41	**Acaz** 2 Reis 16.1-20 2 Crônicas 28.1-27
	Ezequias 2 Reis 18.1-20-21 2 Crônicas 29.1-32.33
	Manassés 2 Reis 21.1-18 2 Crônicas 33.1-20
	Amom 2 Reis 21.29-26 2 Crônicas 33.21-25
	Josias 2 Reis 22.1-23.30 2 Crônicas 34.1-35.27
	Joacaz (Salum) 2 Reis 23.31-34 2 Crônicas 36.1-4
	Jeoiaquim (Eliaquim) 2 Reis 23.35-24.7 2 Crônicas 36.5-8
	Joaquim (Jeconias) 2 Reis 24.8-17 2 Crônicas 36.9-10
	Zedequias (Matanias) 2 Reis 24.18-25.7 2 Crônicas 36.11-21
	O exílio e o retorno 2 Reis 25.8-30 2 Crônicas 36.22-23

Acontecimentos concorrentes

As relações internacionais são vitalmente significativas durante esses séculos, quando o império salomônico se dividiu em dois reinos, e que finalmente sucumbiu a forças e poderes estrangeiros. Estando estrategicamente situado no Crescente Fértil, entre o Egito e a Mesopotâmia, não podiam escapar à pressão de várias nações que surgiam com grande poder durante esse período. Conseqüentemente, para uma adequada compreensão da história bíblica, essas nações merecem consideração.

O reino da Síria [195]

O reino de Aram, com Damasco como capital, é melhor conhecido como Síria. Durante dois séculos gozou de poder e prosperidade a expensas de Israel. Quando expandiu seu reino, derrotou a Hadade-ezer, governante de Zobá, e estabeleceu amizade com Toí, rei de Hamate. Salomão estendeu a fronteira de seu reino a 160 km além de Damasco e Zobá, conquistando

[195] Para uma história da Síria, ver Merill F Ungel,"*Israel and the Arameans of Damascos*".

Hamate sobre o Orontes e estabelecendo cidades de aprovisionamento naquela zona. Durante a última parte de seu reinado, Rezom, que tinha sido um jovem oficial militar sob as ordens de Hadade-ezer em Zobá, com anterioridade a sua derrota por Davi, se apoderou de Damasco e pôs os cimentos para o ressurgir do reino arameu da Síria. A rebelião surgida sob Roboão serviu de pretexto para esta oportunidade. Durante dois séculos, Síria chegou a ser um serio adversário por o poder na zona sírio-palestina.

A guerra entre Judá e o Reino do Norte, com Asa e Baasa como respectivos governantes, permitiu à Síria, sob Ben-Hadade, a oportunidade de emergir como a nação mais forte em Canaã, por volta do final do século IX a.C. Quando Baasa começou a fortificar a cidade fronteiriça de Ramá, somente a 8 km ao norte de Jerusalém,Asa enviou os tesouros do templo a Ben-Hadade como um suborno, fazendo uma aliança com ele e contra o Reino do Norte. Embora isto fez com que se cumprisse o imediato propósito de Asa e fosse relevada da pressão militar procedente de Baasa, em realidade deu à Síria a superioridade, de tal forma que os dois reinos israelitas foram com o tempo ameaçados de invasão desde o norte. Tomando possessão de uma parte do reino de Israel no norte, Ben-Hadade esteve em condições de controlar as rotas das caravanas à Fenícia, que proporcionou uma imensa riqueza a Damasco, reforçando assim o reino da Síria.

A supremacia da Síria como poder militar e comercial foi moderada pelo Reino do Norte, quando a dinastia de Onri começou a governar no 885 a.C. Onri quebrantou o monopólio comercial com a Fenícia, ao estabelecer relações amistosas com Etbaal, rei de Sidom.

Isto resultou no matrimônio de Jezabel e Acabe. O crescente poder da Assíria no leste serviu como outra prova para a Síria nos dias de Acabe. Durante os anos em que Assurnasirpal, rei da Assíria, ficou tranqüilo sem passar pela Síria para o norte, estendendo seus contatos no Mediterrâneo, Acabe e Ben-Hadade freqüentemente se opuseram um ao outro. No curso do tempo, Acabe ganhou o equilibro do poder. No 853 a.C., contudo, Acabe e Ben-Hadade uniram suas forças na famosa batalha de Qarqar, no vale do Orontes, ao norte de Hamate [196]. Embora Salmaneser III afirmou haver obtido uma grande vitória, resulta duvidoso que isso for verdade, já que não avançou sobre Hamate nem sobre Damasco até vários anos mais tarde.

Imediatamente após isto, a hostilidade sírio-efrimítica continuou, sendo morto Acabe numa batalha. Como a Assíria renovou seus ataques contra a Síria, Ben-Hadade não pôde ter o apoio de Jorão. Quando morreu Ben-Hadade, aproximadamente por volta do 843 a.C., a Síria foi fortemente pressionada pelos invasores assírios, assim como sofreu a falto de apoio do Reino do Norte.

Hazael, o seguinte governante, usurpou o trono e se converteu em um dos reis mais poderosos, estendendo o domínio da Síria até a Palestina. Embora Jeú, o novo rei de Israel, se submeteu a Salmaneser III pagando impostos (841 a.C.), Hazael resistiu a invasão deste rei assírio com suas únicas forças. Em poucos anos, Hazael esteve em condições de expandir seu reino, quando os assírios retrocederam. Se anexou um extenso território do Reino do Norte a expensas de Jeú. Após o ano 841 a.C., Joacaz, rei de Israel, estava tão debilitado que os exércitos de Hazael passaram através de seu território e tomaram possessão da planície filistéia, destruindo Gate, exigindo tributo ao rei de Judá em Jerusalém.

Ben-Hadade (cerca de 801 a.C.) fracassou em manter o reino estabelecido por seu pai Hazael.

Durante os últimos anos de seu reinado, Hadade-Nirari III da Assíria submeteu a Damasco o bastante como para exigi-lhe um forte tributo. Além de tudo isso, Ben-Hadade deveu enfrentar-se com uma hostil oposição procedente dos estados sírios do norte. Isto deixou Damasco numa condição tão fraca que quando a pressão assíria continuou, Joás reclamou para Israel muito do território tomado por Hazael. Nos dias de Jeroboão II (793-753), Síria inclusive perdeu Damasco e "os acesso de Hamate", restaurando a fronteira norte amparada por Davi e Salomão (2 Sm 8.5-11).

Damasco teve uma vez mais uma oportunidade para afirmar-se quando o poderoso Jeroboão morreu em 753 a.C. Rezim (750-732 a.C.), o último dos reis aramaicos em Damasco, voltou a ganhar a independência síria. Com a acessão ao trono assírio de Tiglate-Pileser III (745 a.C.), tanto a Síria como o Israel estiveram sujeitas à invasão e a um pesado tributo. Enquanto Tiglate-Pileser (Pul) estava lutando na Armênia (737-735 a.C.), Rezim e Peca organizaram uma aliança para evitar o pagamento do tributo. Embora Edom e os filisteus se uniram à Síria e ao Israel numa espécie de aliança anti-assíria, Acaz, rei de Judá, enviou

[196] O rei da Síria identificado como Ben-Hadade nos registros bíblicos desde 900-843 a.C., pode referir-se a dois diferentes governantes com o mesmo nome. De ser assim, é verossímil que o segundo Ben -Hadade começasse a governar aproximadamente no 860 a.C. para por ponto de vista de que deveriam designar-se 57 anos a um rei, ver M. F. Unger, *"Archaeology and the Old Testament",* pp. 240-41.

tributo a Pul, rogando-lhe uma aliança. Em resposta a este convite, Pul executou uma campanha contra os filisteus, estabelecendo contato com Acaz, e em 732 tinha já conquistado Damasco. Samaria foi salva nesta época, quando Peca foi substituído por Oséias, quem voluntariamente pagou tributo como um rei marionete. Com a morte de Rezim e a queda de Damasco, o reino da Síria chegou a seu fim, para não voltar a levantar-se jamais.

O grande império assírio

No canto noroeste do Crescente Fértil, estendendo-se por uns 563 km ao longo do rio Tigre, e com uma largura aproximada de 322 km, se encontrava o país da Assíria. O nome provavelmente se deve ao deus nacional, Assur, e uma de suas cidades foi assim chamada. A importância da Assíria durante o período do reino dividido fica imediatamente aparente pelo fato de que no topo de seu poderio absorveu os reinos da Síria, Israel e Judá, e inclusive o Egito, até Tebas. Por aproximadamente dois séculos e médio exerceu uma tremenda influência sobre os acontecimentos da terra de Canaã, e daqui que com tanta freqüência apareça nos registros bíblicos.

Embora alguns eruditos traçam os começos da Assíria a princípio do terceiro milênio, se conhece pouco da época anterior ao século XIX, quando os agressivos estabelecimentos comerciais desta zona estenderam seus interesses comerciais na Ásia Menor. Nos dias de Samsi-Adã I (1748-1716), Assíria gozou de um período de prosperidade, com Assur com sua cidade mais importante.

Durante vários séculos a partir de então, Assíria foi escurecida pelo reino heteu na Ásia Menor e o reino mitanni que dominava a zona superior do Tigre-Eufrates.

A verdadeira história da Assíria tem seus começos aproximadamente no ano 1100 a.C., com o reinado de Tiglate-Pileser I (1114-1076 a.C.). De acordo com os anais próprios, estendeu o poder de sua nação para o oeste no mar Mediterrâneo, dominando as nações menores e fracas existentes naquela zona. Não obstante, durante os seguintes dois séculos o poderio assírio retrocede, enquanto que Israel, sob Davi e Salomão, surge como um poder dominante no Crescente Fértil.

Começando com o século IX, Assíria emerge como um poder crescente. As listas epônimas assírias desde aproximadamente o 892 a.C. ao 648 a.C. fazem possível correlacionar e integrar a história da Assíria com o desenvolvimento de Israel, como se registra no relato bíblico. Assurnasirpal II (883-859 a.C.) estabeleceu Calá como sua capital. Após ter desenvolvido um forte poderio militar, começou a pressionar para o oeste, aterrorizando as nações que se opunham com dureza e crueldade cruzando o Eufrates e estabelecendo contatos comerciais sobre o Mediterrâneo. Freqüentes contatos com os sírios no sul, tiveram com resultado a batalha de Qarqar, sobre o rio Orontes, em 853 a.C., nos dias de se filho Salmaneser III (858-824 a.C.). Na coalizão encabeçada por Ben-Hadade de Damasco e Acabe, rei de Israel, se uniram 2000 carros de guerra e 10.000 soldados, constituindo a maior unidade neste grupo. Embora o rei assírio afirmou sua vitória, resulta duvidoso que assim fosse, já que Salmaneser III evitou o contato com os sírios durante vários anos após a batalha. Em 848 e de novo em 845 a.C., Ben-Hadade resistiu duas invasões sírias mais, mas não se faz menção de qualquer força israelita que ajudasse os sírios nessas ocasiões. Jeú, quem usurpou o trono na Samaria (841 a.C.), fez proposições de subordinação a Salmaneser III, enviando-lhe tributo. Isto deixou a Hazael, novo rei de Damasco, com o problema de resistir a agressão assíria. Embora Salmaneser acossou a Síria durante uns poucos anos nos dias de Hazael, voltou sua atenção às conquistas de zonas no norte apor o ano 837 a.C., proporcionando a Canaã um respiro da pressão assíria durante várias décadas.

Por quase um século, o poder assírio se perde nas neblinas do fundo histórico. Samsi-Adã V (823-811 a.C.) se manteve muito ocupado suprimindo revoltas em várias partes de seu reino. Hadade-Nirari III (810-783 a.C.) atacou Damasco antes de terminar o século, capacitando os israelitas para obterem um respiro da pressão Síria. Salmaneser IV (782-773 a.C.), Assurdão III (772-755) e Assur-Nirari (754-745) mantiveram com êxito a importância da Assíria como nação poderosa, mas não foram o suficientemente fortes como para expandir seus domínios como tinha feito o precedente governante.

Tiglate-Pileser III (745-717 a.C.) foi um guerreiro sobressalente que conduziu sua nação à ulteriores conquistas. Na Babilônia, onde era reconhecido como rei, era conhecido como Pulu. 1 Reis 15.19 se refere a ele como Pul. Na conquista de territórios adicionais ao oeste, adotou a política de dividir a zona em províncias submetidas para um mais seguro controle. Embora esta prática já tinha sido utilizada anteriormente, ele foi efetivo em aterrorizar as nações ao trocar grandes grupos de pessoas de uma cidade conquistada com cativos de uma zona distante. Isto definitivamente eliminou a possibilidade de uma rebelião. Também serviu como processo de nivelação lingüística, de modo tal que a língua aramaica substituiu outros idiomas no grande

território do reino. Ao princípio de seu reinado, Pul exigiu tributo de Menaém, rei de Israel, e Rezim, rei de Damasco. Já que Judá era a nação mais forte em Canaã naquela época, é possível que Azarias pudesse ter organizado uma coalizão de forças para opor-se aos assírios. Parece que seus sucessores, Jotão e Acaz, resistiram a pressão procedente de Israel e a Síria unindo-se a elas, igual que os filisteus e o Edom, ao opor-se a Pul. Em seu lugar, Acaz iniciou amistosas relações com Pul, em resposta do qual as forças assírias avançaram até o país dos filisteus em 733 a.C., possuindo territórios a expensas dessas nações opostas.

Após um terrível assédio, caiu a grande cidade de Damasco, Rezim foi morto e o reino sírio capitulou. Samaria conjurou a conquista substituindo a Peca com Oséias.

Salmaneser V (727-722 a.C.) seguiu com os procedimentos e a política de seu pai. Nos dias de Oséias os israelitas estavam ansiosos em terminar com sua servidão da Assíria.

Salmaneser respondeu com uma invasão do país e por três anos assediou a Samaria. Em 722 a.C., Sargão II, que servia como geral no exército, usurpou o trono e fundou uma nova dinastia na Assíria. Nos registros se afirma que capturou a Samaria, embora alguns acreditem que Salmaneser V foi realmente quem tomou a cidade, e Sargão se adjudicou o êxito. Governando desde 721-705 a.C., utilizou a Assur, Calá e Nínive como capitais, porém finalmente construiu a grande cidade de Korsabade, pela qual é melhor lembrado. Sua campanha contra Asdode no 711 pode ser a que se menciona em Is 20.1. o reino de Sargão terminou abruptamente com sua morte numa batalha.

Senaqueribe (704-681 a.C.) fez famosa a cidade de Nínive como sua grande capital, construindo uma muralha de 12 a 15 metros em volta e de quatro quilômetros de longitude, ao longo do rio Tigre. Em seus anais, ele anota a conquista de Sidom, Jope, quarenta e seis cidades amuralhadas em Judá, e seu assalto a Jerusalém nos dias de Ezequias. Em 681 foi morto por dois de seus filhos.

Embora Senaqueribe tinha-se detido nas fronteiras do Egito, seu filho Esar-Hadom (681-668 a.C.) avançou ao Egito e derrotou Tiraca. Seu interesse na Babilônia está evidenciado pela reconstrução da cidade de Babilônia, possivelmente porque sua esposa pertencia à nobreza da Babilônia. Senaqueribe nomeou a Samasumukim como governante da Babilônia; mas este último se rebelou, após um período de governo de dezesseis anos, contra seu irmão Assurbanipal, e pereceu na queima da Babilônia (648 a.C.). Durante o reinado de Esar-Hadom, Manassés, rei de Judá, foi tomado cativo na Babilônia (2 Cr 33.10-13). A morte chegou a Esar-Hadom quando dirigia seus exércitos contra o Egito.

Durante o reinado de Assurbanipal (668-630 a.C.), o Império Assírio alcançou o zênite em riqueza e prestígio. No Egito levou seus exércitos até algo assim como 800 km pelo rio Nilo, capturando Tebas em 663 a.C. A guerra civil (652 a.C.) com seu irmão, que estava a cargo da Babilônia, resultou com a captura dessa cidade em 648. embora fosse cruel e rude como general e militar, Assurbanipal é melhor lembrado por seu profundo interesse na religião, no científico e em obras literárias. Enviando escribas por toda a Assíria e a Babilônia para copiar registros de criação, dilúvios e a antiga história do país, obteve uma grande quantidade de material na grande biblioteca real de Nínive.

Em menos de três décadas após a morte de Assurbanipal, o reino assírio, que havia exercido tão tremenda influência por todo o Crescente Fértil, se desvaneceu para não tornar levantar-se jamais. Os três governantes que o sucederam foram incapazes de enfrentar-se com os reinos que surgiam na Média e na Babilônia. Nínive caiu em 612 a.C. Comércio as batalhas de Harã (609) e Carquemis (605) desapareceu o último vestígio da oposição assíria. Expandindo-se para o oeste, o reino babilônico absorveu o Reino do Sul e destruiu Jerusalém no ano 586 a.C.

• CAPÍTULO 10: A SECESSÃO SETENTRIONAL

A união de Israel estabelecida por Davi terminou com a morte de Salomão. O primeiro entre a divisão resultante foi o Reino do Norte, localizado entre Judá e a Síria. Em menos de um século (931-841 a.C.) tinham surgido e caído três dinastias, para darem passagem ao novo reino.

A família real de Jeroboão

Jeroboão I se distinguiu como um administrador sob o reinado de Salomão, supervisionando a construção da muralha de Jerusalém conhecida como Milo (1 Reis 11.26-29).

Quando o profeta Aías transmitiu dramaticamente uma mensagem divina ao desgarrar seu manto em doze pedaços e deu dez a Jeroboão, isso significava que iria governar sobre dez tribos de Israel. Distintamente de Davi, quem também tinha sido escolhido rei antes de aceder ao trono, Jeroboão mostrou sinais de rebelião e incorreu no desfavor de Salomão. Conseqüentemente, fugiu ao Egito, onde encontrou refúgio até a morte de Salomão.

Quando Roboão, filho de Salomão, fez um chamamento para uma assembléia nacional em Siquem, Jeroboão foi convidado como campeão dos anciãos que solicitavam uma redução dos impostos. Ignorando-o, Roboão se enfrentou com uma rebelião e fugiu a Jerusalém. Enquanto Judá e Benjamim correram em seu apoio, as tribos separadas fizeram rei a Jeroboão. A guerra civil e o derramamento de sangue ficaram conjurados quando Roboão escutou a advertência do profeta Semaías para reter suas forças. Isto deu a Jeroboão a oportunidade para estabelecer-se como rei de Israel.

A guerra civil prevaleceu durante 22 anos do reinado de Jeroboão, embora a Escritura não indica a extensão dessa guerra. Indubitavelmente a agressividade de Roboão foi moderada pela ameaça da invasão egípcia, mas em 2 Crônicas 12.15 informa de uma constante situação de guerra. Inclusive cidades no Reino do Norte foram atacadas por Sisaque [197]. Após a morte de Roboão, Jeroboão atacou Judá, cujo novo rei, Abias, tinha rejeitado Israel até o extremo de tomar o controle de Betel e outras cidades israelitas (2 Cr 13.13-20). Isto pôde ter tido algum efeito sobre a eleição de Jeroboão de uma capital. No princípio, Siquem foi fortificada como a cidade capital. Se a fortificação de Penuel, ao leste do Jordão, teve a mesma implicância, é coisa que não parece certa [198]. Jeroboão residiu na bela cidade de Tirsá, que foi utilizada como a capital sob a seguinte dinastia (1 Reis 14.17) [199]. Aparentemente Jeroboão encontrou interessante o reter a pauta governamental do reino como tinha prevalecido em tempos de Salomão.

Jeroboão tomou a iniciativa em questões religiosas. Naturalmente não quis que seu povo acudisse às sagradas festividades de Jerusalém, se por caso voltassem a uma aliança com Roboão. Erigindo bezerros de ouro em Dã e Betel, instituiu a idolatria em Israel (2 Cr 11.13-15). Nomeou sacerdotes livremente, ignorando as restrições de Moisés e permitindo aos israelitas de oferecerem sacrifícios em vários lugares altos por todo o país. Como sacerdote, não somente oficiava ante o altar, senão que também trocou um dia de festa desde o mês sétimo ao oitavo (1 Rs 12.25-13.34).

A agressividade de Jeroboão em religião foi moderada quando foi advertido por um profeta sem nome de Judá. Este homem de Deus, intrepidamente advertiu o rei, enquanto estava em pé e queimava incenso ante o altar em Betel. O rei imediatamente ordenou seu arresto. A mensagem do profeta, porém, recebeu confirmação divina no destroço do altar e a incapacidade que teve o rei de retirar a mão com a qual apontava para o homem de Deus.

---

[197] Albright, "*Biblical Period",* p. 30.

[198] E. Mould, "*Essentials of Bible History",* na página 223 sugere que Jeroboão mudou a capital a Penuel como resultado da pressão militar procedente de Judá.

[199] A moderna Tell-el-Farah , a 11 quilômetros ao nordeste de Siquem sobre o caminho que conduz a Bete-Sã, se crê que é Tirsá. Não é certa a identificação. As escavações do padre R. de Vaux em 1947 favorecem esta tese. Ver Wright "*Biblical Archaeology".* Ver Js 12.24 e Ct 6.4.

Repentinamente, o mandato desafiante do rei mudou em súplica por sua intercessão. A mão de Jeroboão foi restaurada conforme o profeta orava a Deus. O rei desejou recompensar o profeta, mas este último não quis nem sequer aceitar sua hospitalidade. O homem de Deus estava sob ordens divinas de ir embora imediatamente.

MAPA 6: O REINO DIVIDIDO

A conseqüência para o fiel ministério deste homem de Deus é digna de ser notada.

Sendo enganado por um velho profeta de Betel, o profeta de Judá aceitou sua hospitalidade e assim precipitou o juízo divino. De regresso a seu lar, foi morto por um leão e levado a Betel para seu sepultamento. Talvez o túmulo desse profeta servisse como lembrança para as sucessivas gerações que a obediência a Deus era essencial. Certamente deve ter sido de grande significação para Jeroboão.

Outro aviso chegou a Jeroboão por mediação do profeta Aías. Quando seu filho, Abias, caiu gravemente doente, Jeroboão enviou sua esposa a consultar o ancião profeta em Siló.

Embora ela ia disfarçada, o profeta cego a reconheceu de imediato. Foi enviada de volta a Tirsá com a sombria mensagem de que seu filho não se recuperaria. Além disso, o profeta a advertiu que a falha em guardar os mandamentos de Deus precipitaria o juízo divino, o extermínio da dinastia de Jeroboão e o cativeiro para os israelitas. Antes que ela chegasse ao palácio, o menino morreu.

A despeito de todas as advertências proféticas, Jeroboão continuou praticando a idolatria. A luta civil sem dúvida debilitou tanto a Israel, que Jeroboão inclusive perdeu a cidade de Betel nos dias de Abias, o filho de Roboão.

Com o passar de poucos anos, o terrível aviso do profeta foi cumprido em sua totalidade. Nadabe, o filho de Jeroboão, reinou menos de dois anos. enquanto sitiava a cidade filistéia de Gibetom foi assassinado por Baasa.

A dinastia de Baasa

Baasa, da tribo de Issacar, se estabeleceu como rei sobre Israel em Tirsá. Embora a já crônica guerra prevalecia com Judá pela totalidade do reino, uma notável crise aconteceu quando tentou fortificar Ramá. Aparentemente, muitos israelitas desertaram para Judá no ano 896-895 a.C. (2 Cr 15.9) [200]. Para contrabalançar isto, Baasa avançou sua fronteira até Ramá, 8 km ao norte de Jerusalém. Ao ocupar esta importante cidade, pôde controlar as principais rotas procedentes do norte, que convergiam em Ramá e que conduziam a Jerusalém. Em troca de sua ação agressiva, Asa, rei de Judá, conseguiu uma importante vitória diplomática renovando sua aliança com Ben-Hadade I de Damasco. Como resultado, Ben-Hadade anulou sua aliança com Israel e invadiu o território norte de Baasa, tomando o controle de cidades tais

[200] E. R. Thiele, "*The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings",* pp. Unger, "*Israel and the Arameans of Damascos",* p.

59., que segue a Albright e data em 879 a. C. aproximadamente.

como Quedes, Hazor, Merom e Zefate. Também adquiriu o rico e fértil terreno ao oeste do mar da Galiléia, assim como as planícies que havia ao oeste do monte Hebrom. Isto também proporcionou a Síria o domínio do lucrativo comércio das rotas das caravanas para Acor, na costa fenícia. Em vista da pressão procedente do norte, Baasa abandonou a fortificação de Ramá, aliviando assim a ameaça de Jerusalém.

Nos dias de Baasa, o profeta Jeú, filho de Hanani, andou ativamente proclamando a mensagem do Senhor. Admoestou a Baasa para que servisse a Deus, quem o havia exaltado até o trono. Desafortunadamente, Baasa ignorou o profeta e continuou no mesmo caminho pecaminoso em que tinha andado Jeroboão.

Elá sucedeu a seu pai, Baasa, e reinou menos de dois anos (886-885). Tendo sido achado bêbado em casa de seu mordomo chefe, Elá foi assassinado por Zinri, que estava ao mando dos carros reais de combate. Em poucos dias, a palavra de Jeú achou seu cumprimento, ao perecer assassinados por Zinri todos os parentes e amigos da família de Baasa e Elá. O reinado de Zinri como rei de Israel foi estabelecido com pressa e acabado rapidamente, todo em sete dias. Sem dúvida, tinha falhado em aclarar seus planos com Onri, que estava ao frente do mando das tropas israelitas acampadas contra Gibetom. Resulta obvio considerar que Zinri não contava com o apoio de Onri, já que este último fez marchar suas tropas contra Tirsá.

Em seu desespero, Zinri se encerrou no palácio real, enquanto o mesmo ia sendo reduzido a cinzas. Devido a que somente foi rei durante sete dias, Zinri apenas merece menção como dinastia governante.

Os governantes onridas

Onri foi o fundador da mais notória dinastia do Reino do Norte. Embora o relato escriturístico de seu reinado de doze anos está confirmado em oito versículos (1 Rs 16.21-28), Onri estabeleceu o prestígio internacional do Reino do Norte.

Enquanto mandava o exército sob Elá (talvez também para Baasa), Onri ganhou uma exortação militar de grande valor. Com apoio militar, se encarregou do reino dentro dos sete dias depois de acontecido o assassinato de Elá. Aparentemente contava com a oposição de Tibni, quem morreu seis anos mais tarde, e deixou a Onri como único governante de Israel.

Samaria foi o novo lugar escolhido como capital. Sob suas ordens, se converteu na cidade melhor fortificada de todo Israel. Estrategicamente situada a onze quilômetros ao noroeste de Siquem, sobre o caminho que conduzia a fenícia, Galiléia e Esdraelom, Samaria estava assegurada como a inexpugnável capital de Israel e assim foi durante século e meio, até que foi conquistada pelos assírios em 722 a.C.

As escavações em Samaria deram começo em 1908 por dois grandes arqueólogos americanos, George A. Reisner e Clarence S. Fisher, quem supervisionou a expedição de Harvard que foi continuada em anos sucessivos [201]. Parece ser que Onri e Acabe construíram uma forte muralha em volta do palácio e terreno circundante. Com outra muralha sobre um terraço mais baixo e uma muralha adicional no fundo da colina, a cidade estava bem assegurada contra os invasores. O trabalho de construção (e os materiais empregados) era tão superior, que não tem sido achada outra igual em nenhuma outra parte da Palestina. Marfins utilizados como trabalhos de encaixe achados nas ruínas, datam os trabalhos nos tempos da dinastia Onri, indicando a importação e o comércio com Fenícia e Damasco.

Onri estabeleceu com êxito uma favorável política exterior. De acordo com a pedra moabita, que foi descoberta em 1868 na capital, Dibom, por Clemont-Ganneau, e que se encontra agora conservada no Museu do Louvre de Paris, foi Onri quem subjugou os moabitas para Israel [202]. Obtendo tributos e controlando o comércio, Israel obteve uma grande riqueza. Onri estabeleceu relações amistosas com a fenícia, que ficaram seladas no matrimônio de acabe, seu filho, e Jezabel, a filha de Etbaal, rei dos sidônios (1 Rs 16.31) [203]. aquilo foi de importância vital para a expansão comercial de Israel, e indubitavelmente iniciou uma política de sincretismo religioso que floresceu nos dias de Acabe e Jezabel. Esta última parece implicada em 1 Reis 16.25, onde Onri é acusado de ter feito mais maldade que todos os que haviam existido antes dele.

As relações sírio-israelitas nos dias de Onri são em certa forma algo ambíguo (1 Rs 20.34). parece improvável que Onri, que foi tão astuto e teve tanto êxito como militar e diplomático, tivesse concedido cidades à Síria e garantido direitos de comércio em sua cidade capital. Durante os dias de Baasa, os sírios, sob Ben-Hadade, obtiveram o controle das valiosas rotas das caravanas para o oeste e para Acor, mas sem dúvida Onri se opôs a este monopólio por

[201] Ver Wright *op. cit.,* 151-155 e J. P. Free, "Archaeology and Bible History", pp. 181-183.

[202] Ver J. B. Pritchard, ed. "*Ancient Near East Texts",* pp. 320-321.

[203] Acazias, o filho de Atalia, a filha de Acabe e Jezabel, tinha 22 anos em 842 a.C., portanto o matrimônio de Acabe

com Jezabel teve lugar durante o reinado de Onri. Ver Unger, para discussão da questão, *op. cit.,* p.63.

seu tratado com os fenícios e a construção de Samaria, com suas poderosas fortificações. Interpretando a palavra "pai" como "predecessor", no texto acima citado, e aplicando a palavra "Samaria" ao Reino do Norte, as concessões que Israel fez à Síria fazem referência aos dias de Jeroboão [204]. Sem conclusiva evidência para o contrário, parece razoável concluir que Israel não foi invadida pela Síria e não foi tributária para Ben-Hadade nos dias de Onri. É possível que Onri possa ter tido algum contato com a Assíria e que certamente tivesse moderado a atitude Síria para com Israel.

Embora a guerra civil tinha prevalecido entre Israel e Judá nos dias de Baasa, não há indicação na Escritura de que isto continuasse no reinado de Onri. Muito verossimilmente, o estado de guerra foi substituído por amistosas aperturas para o Reino do sul, que culminaram com o matrimônio entre as famílias reais de Israel e Judá.

Quando morreu Onri em 874 a.C., a cidade de Samaria se converteu num monumento permanente de seu governo. Inclusive tendo estabelecido o reino de Israel, seus pecados excederam os de todos seus predecessores.

Acabe (874-853) foi o mais sobressalente rei da dinastia Onri. Herdeiro de um reino que dispunha de política favorável a respeito das nações circundantes, Acabe expandiu com êxito os interesses políticos e comerciais de Israel durante os vinte e dois anos de seu reinado.

Casado com Jezabel de Sidom, Acabe alimentos as favoráveis relações com os fenícios. Incrementando o comércio entre aqueles dois países, representava uma seria ameaça ao lucrativo comércio da Síria. E pôde ser muito bem que Ben-Hadade levasse em conta esta afinidade fenício-israelita com uma manobra diplomática que resultasse ou bem num matrimônio real, ou em devoção religiosa para o deus de Tiro, Melcarth [205]. Entretanto que sua comparação com a Síria não deu lugar a que se abrisse um estado de guerra, Acabe astutamente levou vantagem da oportunidade de assegurar o bem-estar de sua nação.

Por todo Israel, Acabe construiu e fortificou muitas cidades incluindo Jericó (1 Rs 16.34; 22.39). Além disso, impôs pesados tributos em gados de Moabe (2 Rs 3.4)., que lhe proporcionaram um favorável equilíbrio no comércio com a Fenícia e a Síria. A respeito de Judá, assegurou uma política de amizade pelo matrimônio de sua filha Atalia com Jorão, filho de Josafá (865 a.C.) [206]. O apoio de Judá fortaleceu Israel contra a Síria. Mantendo a paz e desenvolvendo um lucrativo comércio, Acabe esteve em condições de continuar o programa de construções na Samaria. A riqueza que cobiçava para si mesmo, está indicada em 1 Reis 22.39, onde se faz referência a uma "casa de marfim". O marfim descoberto pelos arqueólogos nas ruínas de Samaria pode muito bem ser do tempo de Acabe.

Enquanto Onri pôde ter introduzido Baal, o deus de Tiro, em Israel, Acabe promoveu o culto a este ídolo. Em sua grande cidade capital, Samaria, construiu um templo a Baal (1 Reis 16.30-33). Centenas de profetas foram levados a Israel para fazer do baalismo a religião do povo de Acabe. Em vista disto, Acabe ganhou a reputação de ser o mais pecador de todos os reis que tinham governado Israel.

Elias foi o mensageiro de Deus nesta época de franca e aberta apostasia. Sem nenhuma informação concernente a seu chamamento ou a seu passado, emergiu subitamente de Gileade e anunciou uma seca [207] em Israel que terminou somente por sua palavra. Durante três anos e meio (Tg 5.17) Elias ficou recluso. Enquanto faltava a água no ribeiro de Querite, Elias foi alimentado por corvos. O resto deste período foi cuidado por uma viúva em Sarepta [208], cujas provisões foram miraculosamente multiplicadas a diário. Outro grande milagre executado foi a cura do filho da viúva.

Enquanto persistiu a fome em Israel, ocorreram drásticas repercussões. Incapaz de localiza a Elias, Jezabel matou alguns dos profetas do Sf, porém Obadias, o mordomo de Acabe, protegeu uma centena deles, escondendo-os em cavernas e ocupando-se de seu bem-estar. Por todo Israel e nas cidades circundantes, se produziu uma busca intensiva de Elias, mas não pôde ser achado. Então o profeta retornou a Israel e demandou a Obadias que o levasse ante Acabe.

Quando o rei culpou Elias do que agoniava a Israel, o corajoso profeta repreendeu a Acabe e a sua família por descuidar os mandamentos de Deus e por cultuar a Baal. Com Elias dando ordens, acabe admoestou os 450 profetas de Baal e os outros 400 profetas de Asera que eram apoiados por Jezabel. Como a fome assolava Israel e prevalecia sobre toda a nação, foi

[204] *Ibid.,* pp. 61-64.
[205] *Ibid., p.* 65.
[206] Note-se que Albright considera a Atalia a irmã, antes que a filha de Jezabel. Ver a discussão de Unger, *op. cit.,* p. 63, s. 2. Não obstante, a cronologia de Thiele permite suficiente tempo para que Atalia seja a filha de Acabe e Jezabel.
[207] Para a comprobação desta seca na história da fenícia, ver "*The World of the Old Testament".* p. 198
[208] é interessante notar que Deus não necessitava afastar Elias do ponto do perigo. Sarepta estava situada entre Tiro e

necessário tomar uma ação decisiva. Com todo Israel e os profetas reunidos no monte Carmelo, Elias valorosamente confrontou o povo com o fato de que não podiam servir o Senhor e Baal ao mesmo tempo. Os profetas de Baal foram desafiados para que conseguissem chuva de seu deus, ao queimá-lhe ofertas preparadas. Desde a manhã até bem tarde, cumpriram em vão rituais, enquanto Elias ridicularizava seus inúteis esforços. Elias, então, reparou o altar de Deus, preparou o sacrifício, o molhou com água e implorou a Deus para uma divina confirmação. A oferta foi consumida, e todo Israel reconheceu a Deus. imediatamente, os falsos profetas foram executados no ribeiro de Quisom. Após Elias ter permanecido em oração no topo da montanha, advertiu a Acabe que a chuva tão longamente esperada começaria logo. A toda pressa, Acabe realizou a viagem de 24 km a Jizreel, de carro, porém Elias, a pé, o precedeu.

Acabe subministrou a Jezabel um informe de primeira mão dos acontecimentos do monte Carmelo. Imediatamente, ela ameaçou Elias. Afortunadamente, ele recebeu a notícia com 24 horas de antecipação. Embora ele tinha desafiado corajosamente as centenas de falsos profetas o dia anterior [209], se dirigiu à fronteira mas próxima num esforço por abandonar Israel. Indo para o sul, deixou ser servo em Berseba e continuou uma jornada de um dia de duração mais longe, onde descansou sob um zimbro e orou para poder morrer. Um mensageiro angélico o proveu de refresco e o desalentado profeta recebeu instruções de continuar até o monte Horebe. Ali teve uma divina revolução, lhe foi dada a certeza de que havia 7000 em Israel que não haviam aceito o baalismo, e lhe deu uma missão tripla: ungir Hazael como rei da Síria, Jeú como rei sobre Israel e nomear Eliseu como seu próprio sucessor. Quando Elias retornou a Israel, transmitiu a chamada de Deus a Eliseu mediante a transferência de seu manto. Eliseu, então, se converteu em seu colaborador.

Mediante uma diplomacia efetiva e favoráveis tratados, Acabe esteve em condições de manter pacíficas relações com os países do entorno até a última parte de seu reinado. Não se menciona a razão do ataque da Síria contra o reino ressurgido de Israel (1 Rs 20.1-43). Talvez o rei sírio levou vantagem de Israel após que o país tiver padecido a fome. também é possível que a ameaça assíria motivasse uma ação agressiva de Ben-Hadade naquele tempo [210]. apoiado por trinta e dois reis vassalos, os sírios puseram cerco a Samaria. Avisado por um profeta, Acabe empregou seus governadores de distrito para montar uma força de 7000 homens para um ataque por surpresa. Com o apoio de tropas regulares, os israelitas desfizeram os sírios, que tiveram grandes perdas em homens, cavalos e carros de batalha. Ben-Hadade apenas se conseguiu fugir com vida.

Os sírios voltaram a lutar contra Israel novamente na seguinte primavera, de acordo com o aviso do profeta feito a Acabe. Com uma brilhante estratégia, Acabe derrotou uma vez mais a Ben-Hadade. Embora estava grandemente superado em número, Acabe acampou nas colinas, carregou com repentina fúria e ganhou uma decisiva vitória na captura de Afeque, 5 km ao leste do mar da Galiléia [211]. Ben-Hadade foi capturado, porém Acabe o deixou em liberdade e inclusive lhe permitiu estabelecer seus próprios termos e condições de paz, mediante as quais algumas cidades foram devolvidas a Israel e os direitos do comércio foram dados aos vitoriosos em Damasco. Este generoso e benévolo tratamento de Israel a seu pior inimigo era parte da política exterior de Acabe de estabelecer alianças amistosas com as nações circundantes. Acabe pôde ter antecipado a agressão assíria, e assim o tratado de Afeque representava seu plano para reter a Síria como estado-tampão amistoso.

Acabe falhou em reconhecer ante Deus esta grandiosa vitória militar (1 Rs 20.26-43). Em rota a Samaria, um profeta lhe lembrou de forma dramática que um soldado ordinário perde o direito a sua vida a causa da desobediência. Portanto, quanto mais o rei de Israel, que não tinha cumprido sua comissão quando Deus lhe assegurou a vitória. A ominosa advertência do profeta estragou a celebração da vitória de Acabe.

O encontro final entre Elias e Acabe teve lugar na vinha de Nabote (1 Rs 21.1-29).

Frustrado em seu intento de comprar aquela vinha, a decepção de Acabe foi logo aparente para sua esposa Jezabel. Esta não sentia o menor respeito pela lei israelita e desatendeu a rejeição consciente de Nabote de vender sua propriedade herdada, nem sequer a um rei. Acusado por falsas testemunhas, Nabote foi condenado pelos anciãos e apedrejado. Acabe teve pouca oportunidade de desfrutar sua cobiçada propriedade. Valentemente, o porta-voz de Deus inculpou Acabe de ter derramado sangue inocente. E ainda quando Acabe se arrependeu, o juízo somente foi amenizado e posposto para que acontecesse após a morte de Acabe.

Embora não se mencione na Escritura, a batalha de Qarqar (853 a.C.) teve uma grande significação, o bastante para ser narrada nos anais assírios, acontecendo durante a trégua de

[209] Ver E. Meyer, "*Geschichte des Alíertums*" II, 2 (1931), 332.

[210] Ver E. Kraeling, "*Aram and Israel".* Columbia University Oriental Studies, Vol H (1918), p. 51.

[211] Para a localização de Afeque, ver F. M. Abel, "*Geographie de Palestine*" (Park 1938), Vol II, p. 246

três anos entre a Síria e o Israel (1 Reis 22.1). os assírios, sob Assurnasirpal II (883-859 a.C.), tinham estabelecido contatos com o Mediterrâneo, mas evitado qualquer agressão para a Síria e o Israel. Salmaneser III (859-824 a.C.), não obstante, achou oposição. Após tomar numerosas cidades ao norte de Qarqar, os assírios foram detidos em seu avanço por uma forte coalizão, a qual Salmaneser registrou numa inscrição monolítica, como se segue: Hadade-ezer (Ben-Hadade) de Damasco tinha 1200 carros de combate, 1200 cavalheiros e 20.000 homens de infantaria; o rei Irhuleni de Hamate contribuiu com 700 carros, 700 cavalheiros e 10.000 soldados de infantaria; Acabe o israelita subministrou 2000 carros e 10.000 infantes [212]. Embora a Acabe não se atribui ter possuído nenhuma cavalaria, é lembrado por ter feito a grande contribuição dos carros de combate utilizados em Israel, a maior conhecida desde os tempos de Davi.

Salmaneser alardeou de uma grande vitória. Quão decisiva foi, é algo discutível, já que os assírios não avançaram para Hamate nem renovaram seu ataque durante os seguintes cinco ou seis anos.

Com o imediato perigo de uma invasão assíria conjurada, a trégua de três anos entre Israel e a Síria acabou quando Acabe tentou recuperar Ramote-Gileade (1 Rs 22.1-40). Thiele sugere que a batalha de Qarqar teve lugar em julho ou a princípios de agosto, de forma tal que esta batalha sírio-israelita aconteceu mais tarde no mesmo ano, antes que Acabe tivesse licenciado suas tropas [213]. A afinidade entre as famílias reais de Israel e Judá implicava a Josafá nesta tentativa de desalojar os sírios de Ramote-Gileade. Por três anos o fracasso de Ben-Hadade de recuperar a cidade, de acordo com o pacto de Afeque, sem dúvida deve ter sido descuidado por Acabe enquanto se enfrentava com a comum ameaça síria.

Josafá apoiou Acabe nesta aventura, mas seu interesse genuíno esteve no direcionamento divino. Os quatrocentos profetas de Acabe unanimemente asseguraram aos reis a vitória com Zedequias, inclusive usando um par de chifres de ferro para demonstrar como Acabe escorneava os sírios. Mas o rei Josafá teve uma incômoda intuição. Embora Micaías, sarcasticamente encorajasse os reis a aventurar-se contra a Síria, afirmou sinceramente que Acabe seria morto naquela batalha. Como resultado, Micaías foi colocado em prisão com ordens reais de deixá-lo em liberdade, se Acabe retornava em paz.

Sabendo disto, Acabe se mascarou, enquanto Israel e Judá se lançavam com seu ataque sobre Ramote-Gileade. Reconhecendo a capacidade de Acabe como líder triunfador de Israel, o rei da Síria deu ordens de matá-lo. Quando os sírios perseguiam o carro real, e perceberam que seu ocupante era Josafá, se acalmaram. Sem que os sírios soubessem, uma seta perdida atravessou Acabe, ferindo-o mortalmente. Não somente ficou Israel sem um pastor, como Micaías tinha predito, senão que as palavras de Elias, o profeta, foram literalmente cumpridas após a morte de Acabe (1 Rs 21.19).

Acabe foi sucedido por Acazias, que reinou aproximadamente durante um ano (853-852 a.C.).

Duas coisas devemos lembrar de seus assuntos com o estrangeiro. Não somente não teve exterior Acazias ao reclamar Moabe para a dinastia onrida (2 Rs 3.5), senão que sua expedição naval conjunta com Josafá no golfo de Acaba também terminou no fracasso (2 Cr 20.35). quando Acazias propôs outra aventura, Josafá, tendo sido admoestado por esta aliança pelo profeta Eliézer, recusou cooperar (1 Rs 22.47-49).

Com ocasião de uma grave queda, ignorou o profeta Elias e enviou mensageiros a Baal-Zebub em Ecrom [214]. Elias interceptou tais mensageiros com a solene advertência de que Acazias não se recuperaria. Após várias tentativas de capturas Elias, foi levado diretamente até o rei. Como com Acabe, seu pai, Elias advertiu pessoalmente a Acazias que o juízo de Deus o aguardava porque havia reconhecido deuses pagãos e ignorado o Deus de Israel. Esta pôde ter sido a última aparição de Elias ante um rei (852 a.C.) [215], já que não se faz nenhuma menção de qualquer ação com Jorão, rei de Israel.

Elias e Eliseu tinham cooperado, estabelecendo escolas para profetas. Quando Eliseu comprovou que seu ministério conjunto tocava seu fim, pediu uma porção dupla do espírito que tinha ficado sobre Elias. Uns cavalos de fogo e um carro separaram os companheiros, e Elias foi levado aos céus por um redemoinho. Quando Eliseu viu seu mestre desaparecer, recolheu o manto de Elias e tornou a cruzar o Jordão com a consciência de que sua solicitude tinha sido atendida. Em Jericó, o povo reconheceu em massa a Eliseu como o profeta de Deus. em resposta a sua petição, ele adoçou miraculosamente suas águas amargas. Indo a Betel, foi

[212] Pritchard, *op. cit.,* pp. 276-281.

[213] Ver Thiele, *op. cit., pp.* 62-63.

[214] Sob este nome, o deus do sol Baal foi reconhecido com o deus que produzia e controlava as moscas.

[215] A carta que Elias escreveu a Jorão, rei de Judá (2 Cr 21.12-15), pôde ter, possivelmente, uma data mais tardia. Esta é a única mensagem creditada a Elias.

ridicularizado por um grupo de rapazes, que foram devorados por ursos, por juízo divino. Dali, Elias foi ao monte Carmelo e à Samaria, tendo sido publicamente estabelecido como o profeta do Senhor em Israel.

Jorão, outro filho de Acabe e Jezabel, se converteu em rei de Israel, após a morte de Acazias em 852 a.C. Durante os doze anos deste último rei onrida em Israel, Eliseu esteve freqüentemente associado com Jorão. Conseqüentemente, o relato que se dedica a este período (2 Rs 3.1-9.26) está extensamente dedicado ao valioso ministério deste grande profeta.

A rebelião de Moabe foi um dos primeiros problemas que teve de encarar Jorão quando chegou a ser rei de Israel. Indo em apoio de Josafá, Jorão conduziu as unidades armadas de Israel e Judá numa marcha de sete dias em volta da parte sul do Mar Morto, onde Edom se ajuntou à aliança formada. Embora Israel controlava a terra moabita do norte do rio Arnom, Jorão planejou seu ataque desde o sul. Enquanto estava acampado na zona do deserto ao longo da fronteira edomita-moabita, os exércitos aliados se enfrentaram com uma escassez de água. Quando Eliseu foi localizado, assegurou aos três reis a provisão miraculosa de água a causa da presença de Josafá. Na manhã seguinte, atacaram os moabitam, mas foram rejeitados. Retirando-se dos invasores que avançavam, o rei de Moabe tomou refúgio em Quir-Haresete (a moderna Kerak), que foi construída sobre uma elevação de 1134 m sobre o nível do Mediterrâneo. Em seu desespero, Mesa, o rei moabita, ofereceu seu filho mais velho em holocausto como uma oferenda de fogo ao deus moabita Quemós. Aterrorizados, os invasores aliados deixaram Moabe sem que Israel pudesse subjugar essa cidade.

Eliseu tivera um muito efetivo ministério por toda Israel. Um dia, uma viúva, cujo marido tinha sido um dos profetas, apelou a Eliseu em ajuda de resgate para seus irmãos, de um credor que estava disposto a levá-los como escravos. Mediante uma miraculosa multiplicação de azeite, ela ficou em condições de ter o suficiente dinheiro para pagar sua dívida (2 Rs 4.1-7).

Enquanto viajava com seu servo Geazi, Eliseu gozou da hospitalidade de uma rica anfitriã de Sunem, a poucos quilômetros ao norte de Jizreel. Por esta boa ação, Eliseu lhe assegurou que a seu devido tempo ela teria um filho. O filho prometido devia nascer na seguinte primavera. Quando seu filho morreu de uma insolação, a sunamita foi até a casa de Eliseu em monte Carmelo, em demanda de ajuda. E a seu filho lhe foi devolvida a vida (2 Rs 4.8-37). Algum tempo mais tarde, quando ameaçava a fome, Eliseu avisou a sunamita que se trasladasse a uma comunidade mais próspera. Após uma permanência de sete anos em terra dos filisteus, ela voltou e foi ajudada por Geazi a recuperar suas propriedades (2 Rs 8.16).

Quando os profetas de Gilgal se enfrentaram com a fome, Eliseu proporcionou um antídoto para as plantas venenosas que estavam preparando para comer. Além disso, multiplicou vinte pães de cevada e umas quantas espigas de trigo de forma tal que foram alimentados cem homens e ainda sobrou alimentos (2 Rs 4.38-44).

O relato de Naamã (2 Rs 5.1-17) implica a Eliseu com os líderes políticos tanto da Síria como de Israel. Mediante uma donzela israelita cativa que tinha em seu lar, Naamã, o capitão leproso do exército sírio, ouviu falar do sagrado ministério curativo do profeta Eliseu.

Levando cartas escritas por Ben-Hadade, Naamã chegou à Samaria e suplicou a Jorão que o curasse da lepra que padecia. Jorão, aterrado, desgarrou suas roupas, porque temia que o rei sírio buscasse complicações. Eliseu salvou o problema, lembrando-lhe a Jorão que ele era profeta em Israel.

Aparecendo no lar de Eliseu, Naamã recebeu uma simples instrução de lavar-se no Jordão sete vezes. Após ser persuadido por seus servos para que o capitão executasse o que lhe havia sido dito, Naamã foi curado. Voltou para outorgar uma recompensa a Eliseu, que o profeta declinou. Com uma ordem de render culto ao Senhor que o havia curado por meio de Eliseu, o capitão sírio saiu para Damasco. O triste colorido da cura de Naamã é o fato de que Geazi, o servo de Eliseu, foi tocado pela lepra como castigo por haver tentado apropriar-se da recompensa que o profeta Eliseu tinha recusado aceitar.

Quando Eliseu visitou uma das escolas dos profetas, os estudantes do seminário propuseram edificar outro edifício, porque sua morada atual resultava demasiado pequena.

Acompanhados por Eliseu, foram até o Jordão para cortar árvores com tal propósito. Quando um deles perdeu a cabeça de seu machado na água, Eliseu realizou um milagre fazendo que o ferro flutuasse na água (2 Rs 6.1-7) [216]. O estado de guerra entre Israel e a Síria continuou intermitentemente durante o reinado de Jorão (2 Rs 6.8-17,20). Quando Ben-Hadade comprovou que seus movimentos militares em Israel eram conhecidos por Jorão, suspeitou que certo sírio tinha-se convertido em traidor. Não era tal o caso, senão Eliseu, quem

[216] Edercheim chama a atenção ao fato de que a palavra hebraica utilizada por "flutuar" é usada somente em outros dois lugares, Dt 11.4 e Lm 3.54, no Antigo Testamento. Ver "*Bible History", Vol.* VI, p.161.

em seu ministério profético tinha avisado o rei de Israel. Em conseqüência, os sírios ordenaram a captura de Eliseu. Quando o servo do profeta viu o poderoso exército da Síria rodeando Dotã, se encheu de medo; porém Eliseu lhe lembrou da presença dos terríveis carros de guerra e da cavalaria que estava em seu redor. Em resposta à oração de Eliseu, as hostes sírias foram cegadas de tal forma, que o profeta pôde conduzi-los até Samaria. Na presença do rei de Israel, a cegueira foi suprimida no instante.

Jorão recebeu instruções de prepará-lhes uma grande festa, e depois os despediu.

Mais tarde, Ben-Hadade acampou seu exército em torno de Samaria, cercando a cidade pela fome. quando a escassez de alimentos se fez insuportável e tão desesperada que as mães comeram seus próprios filhos, Eliseu anunciou que se produziria uma abundância de alimentos dentro das 24 horas seguintes. Entretanto, quatro leprosos das vizinhanças de Samaria decidiram aproveitar a oportunidade de aproximar-se ao acampamento sírio.

Estavam desesperados até o ponto de morrer literalmente de fome. ao entrar nos quartéis sírios, acharam que os invasores tinham ficado aterrados quando ouviram o som das trombetas, o ruído dos carros de guerra e o produzido por um grande exército. Quando os leprosos partilharam as boas notícias de abundantes provisões com os samaritanos, se abriram as portas e o povo da Samaria teve abundância de alimentos, de acordo com as palavras proféticas de Eliseu. O capitão que tinha recusado crer em Eliseu viu as provisões, porém nunca desfrutou delas, pois foi atropelado pela multidão até morrer nas portas de Samaria.

O ministério de Eliseu foi conhecido não só em toda Israel, senão na Síria, igual que em Judá e no Edom. Mediante a cura miraculosa de Naamã e o peculiar encontro dos exércitos sírios com este profeta, Eliseu foi reconhecido como "o homem de Deus" inclusive em Damasco, capital da Síria. Por volta do final do reinado de Jorão (843- ou 842 a.C.), Eliseu fez uma visita a Damasco (2 Rs 8.7-15). Quando Ben-Hadade o ouviu, enviou seu servo, Hazael, a Eliseu. Com impressionantes obséquios e presentes, distribuídos numa caravana de quarenta camelos, de acordo com o costume oriental, Hazael perguntou ao profeta se Ben-Hadade, rei da Síria, se recuperaria ou não de sua doença. Eliseu descreveu dramaticamente a Hazael a devastação e o sofrimento que esperava a seus amigos os israelitas. Então o profeta cumpriu parte da comissão dada a Elias no monte Horebe (1 Rs 19.15), informando a Hazael que ele seria o próximo rei da Síria. Quando Hazael retornou a Ben-Hadade, entregou a mensagem de Eliseu, asfixiando com um pano molhado o rei doente, no dia seguinte. Hazael, então, assumiu o trono da Síria, em Damasco [217]. Com a mudança de rei no trono da Síria, Jorão fez uma tentativa de recuperar Ramote-Gileade durante o último ano de seu reinado (2 Rs 8.28-29). Nesta tentativa foi apoiado por seu sobrinho, Acazias, quem havia estado governando em Jerusalém aproximadamente um ano (2 Cr 22.5). embora Jorão capturou suas fortalezas estratégicas, foi ferido na batalha. Enquanto estava recuperando-se em Jizreel, Acazias, rei de Judá, foi a visitá-lo. Jeú foi deixado ao cuidado do exército israelita estacionado em Ramote-Gileade, ao leste do Jordão.

Eliseu volta a converter-se no foco da cena nacional, novamente, ao dar cumprimento às outras missões não cumpridas ainda, dadas a Elias no monte Horebe (1 Rs 19.15-16). Desta vez não foi ele em pessoa, senão que enviou um dos estudantes do seminário a Ramote-Gileade, para ungir a Jeú como rei de Israel (2 Rs 9ss). Jeú foi encarregado da responsabilidade de vingar a sangue dos profetas e servidores do Senhor. A família de Acabe e Jezabel devia ser exterminada como as dinastias de Jeroboão e Baasa o tinham sido ante Onri. Com o som da trombeta, Jeú foi proclamado rei de Israel. Num rápido assalto a Jizreel, Jorão foi fatalmente ferido e lançado no mesmo terreno que Acabe havia tomado a expensas do sangue de Nabote. Nisto foi cumprida a palavra de Elias (1 Reis 21). Acazias tentou fugir, mas também foi mortalmente ferido. Escapou a Megido, onde morreu, e foi levado a Jerusalém para ser sepultado. Embora Jezabel fez um chamamento a Jeú, ela foi brutalmente jogada por uma janela, e assim morreu. Seu corpo foi comido pelos cães. O juízo caiu assim sobre a dinastia dos Onri, cumprindo-se literalmente as palavras do profeta Elias.

[217] Para confirmação desta sucessão na Síria, em fontes seculares, ver Ungel, *. cít.* p. 175.

• CAPÍTULO 11: OS REALISTAS DO SUL

O quebrantamento do reino salomônico deixou a dinastia davídica com um pequeno fragmento de seu antigo império. Com Jerusalém como capital, a línea real de Davi manteve uma ininterrumpida sucessão, governando o pequeno reino de Judá durante quase um século. Somente seis reis reinaram durante essas nove décadas (931-841 a.C.).

O reino de Roboão

Reunindo-se os israelitas em 931 a.C. sob a liderança de Jeroboão, apelaram a Roboão, herdeiro do trono de Salomão, para reduzir os tributos. Três dias esperaram para o veredicto. Enquanto que os ancião aconselharam a Roboão aligeirar os grandes tributos existentes, os homens mais jovens sugeriram que os impostos deviam ser incrementados.

Quando Roboão anunciou que continuaria a política sugerida pelos últimos, se enfrentou com uma rebelião aberta. Escapando a Jerusalém, apelou à milícia para suprimir o levantamento, mas somente os homens de Judá e Benjamim responderam a seu chamado. Aceitando o conselho de Semaías, Roboão não suprimiu a rebelião.

Embora a política tributária de Roboão foi a causa imediata da desagregação do reino, são dignos de ser levados em conta um certo número de outros fatos. A inveja tinha existido durante algum tempo entre as tribos de Judá e as de Efraim (ver Juízes 8.1-3; 12.1-6; 2 Sm 2.9; 19.42-43). Embora Davi tinha unificado todo Israel num grande reino, a pesada contribuição em tributos e a lavor realizada pelas outras tribos para Jerusalém precipitou a rebelião. A morte de Salomão deu a oportunidade para que essas e outras tribos se rebelassem contra Judá.

Egito pôde ter sido uma parte vital na desagregação do reino salomônico. Ali foi aonde Jeroboão achou refúgio durante os últimos dias de Salomão. Hadade, o edomita, encontrou asilo no Egito nos primeiros anos, porém retornou a Edom, inclusivo durante o tempo do rei Salomão (1 Rs 11.14-22). Ainda não se forneçam detalhes, pôde muito bem ter acontecido que o Egito apoiasse a Jeroboão na rebelião contra a dinastia davídica [218]. Outro fator que contribuiu com a divisão do reino está explicitamente mencionado no relato davídico —a apostasia de Salomão e a idolatria—(1 Rs 11.9-13). Por consideração a Davi, o juízo foi posposto até a morte de Salomão. Roboão teve de sofrer as conseqüências.

Como a divisão atual do reino chegou a ser uma realidade, os sacerdotes e os levitas procedentes de várias partes da nação vieram ao Reino do Sul. Jeroboão substituiu a verdadeira religião de Israel pela idolatria. Afastou e separou os que tinham estado no serviço religioso, pelo que muitos deveram abandonar suas propriedades e estabelecer-se em Judá. Aquilo promoveu um real e fervoroso sentimento religioso por todo o Reino do Sul durante os três primeiros anos do reino de Roboão (2 Cr 11.13-17).

Durante os primeiros anos de seu reinado, Roboão foi muito ativo na construção e na fortificação de muitas cidades por toda Judá e Benjamim. Em cada uma situava comandantes, estabelecendo e reforçando assim seu reinado. Tais cidades tinham, também, como motivação o estabelecimento de suas famílias e sua distribuição, já que Roboão, seguindo o exemplo de seu pai, praticou a poligamia.

Roboão começou seu reinado com uma sincera e religiosa devoção. Quando o reino esteve bem estabelecido, ele e seu povo cometeram apostasia (2 Cr 12.1). Como resultado, Sisaque, rei do Egito, invadiu Judá no ano quinto do reinado de Roboão e tomou muitas das cidades fortificadas, chegando inclusive até Jerusalém. Quando Semaías anunciou que isto era um juízo de Deus caído sobre eles, o rei e os príncipes se humilharam. Em resposta, o profeta lhes assegurou que a invasão egípcia seria moderada e que Judá não seria destruída. De acordo com a lista de Karnak, Sisaque o Egípcio, apoiado por bárbaros procedentes da Líbia e da Etiópia, submeteu umas 150 praças no Edom, na Filistéia, Judá e inclusive no Israel, incluindo

[218] Albright, W. F., "*The Biblical Período",* pp. 29-31.

Megido [219]. Além de sua devastação em Judá, Sisaque atacou Jerusalém, assolando-a, e apropriando-se dos tesouros do templo. A esplêndida visão dos escudos de ouro puro deu passo a outros de bronze nos dias de Roboão.

A despeito de seu inicial fervor religioso, Roboão sucumbiu à idolatria. Ido, o profeta que escreveu uma história do reino de Roboão, pôde ter sido o mensageiro de Deus para avisar o rei. Além da idolatria e a invasão do Egito, uma intermitente situação de guerra entre o Reino do Norte e o Reino do Sul converteram os dias de Roboão tempos de ansiedade constante. O Reino do Sul declinou rapidamente sob seu mandato real.

Abias, continuador da idolatria

Durante seu reinado de três anos, Abias (913-910 a.C.) apenas se persistiu nas líneas de conduta de seu pai, tão de curto alcance (1 Rs 15.1-8; 2 Cr 13.1-22). Ativou a crônica situação de estado de guerra entre Israel e Judá, desafiando agressivamente a Jeroboão dentro do território efraimita. Um movimento envolvente levou as tropas de Israel a uma vantajosa posição, mas no conflito que se seguiu, as forças de Abias, superadas em número, derrotaram os israelitas. Ao tomar Betel, Efraim, Jesana, com os povoados das redondezas, Abias debilitou o Reino do Norte.

Abias continuou na tradição do sincretismo religioso começado por Salomão e promovido por Roboão. Não aboliu o serviço religioso no templo; porém, simultaneamente, permitia o culto a deuses estranhos. A extensão desta ação se encontra melhor refletida nas reformas de seu sucessor. Deste modo, a idolatria se fez mais forte e se estendeu com mais amplitude por todo o reino de Judá nos dias de Abias. Esta política idolátrica teria como resultado a supressão e mudança da família real em Jerusalém, de não ter sido por causa da promessa que na Aliança foi feita a Davi (1 Reis 15.4-5).

Asa inicia a reforma

Asa governou em Jerusalém durante quarenta e um anos (910-869 a.C.). Umas condições de paz prevaleceram, pelo menos, nos primeiros dez anos de seu longo reinado. Considerações de tipo cronológico implicam que era muito jovem quando morreu Abias. Pode ser por esta causa o fato de que Maaca continuou como rainha-mãe durante os primeiros quatorze ou quinze anos do reinado de Asa. A despeito de sua influência, adotou um programa de reforma no qual os altares estrangeiros e os lugares altos foram suprimidos, e os pilares e os aserins [220], destruídos. O povo foi admoestado para que guardasse zelosamente a Lei de Moisés e os mandamentos. Politicamente, este tempo de paz foi utilizado vantajosamente pelo jovem rei para fortificar as cidades de Judá e reforçar seu exército.

No décimo quarto ano de seu reinado (897-896 a.C.), Judá foi atacada no sul por um poderoso exército dos etíopes. Pode que Zerá, seu líder, fizesse isso sob a pressão de Osorkão I, sucessor de Sisaque no trono do Egito [221]. Com a ajuda divina, Asa e seu exército repeliram os invasores, perseguindo-os além de gerar, e voltaram a Jerusalém com abundante botim de guerra, especialmente gado bovino, ovelhas e camelos.

Exortado pelo profeta Azarias após tão grande vitória, Asa ativou valorosamente sua reforma por todo seu reino, suprimindo ídolos em várias cidades. No terceiro mês do décimo quinto ano, fez uma grande assembléia com seu próprio povo, assim como com muita gente procedente do Reino do Norte que tinha desertado, quando reconheceram que Deus estava com ele, e fizeram abundantes sacrifícios durante aquelas festas, após a reparação do altar do Senhor. Alentado pelo profeta e o rei, o povo se aveio a uma aliança de servir a Deus de todo coração.

Sem dúvida, foi com apoio público com o qual foi eliminada de seu posto Maaca, como rainha-mãe, e a imagem de Asera, a deusa cananéia da fertilidade, foi esmagada, destruída e queimada no vale do Cedrom. Devido ao apoio popular, estas festividades religiosas foram as maiores que quaisquer das havidas em Jerusalém desde a dedicação do templo de Salomão.

Tais celebrações religiosas em Judá indubitavelmente perturbaram a Baasa. Israel tinha sido derrotada por Abias pouco antes que Asa se convertesse em rei. Desde então, tinha sido ainda mais debilitado pela revolução, quando a dinastia de Jeroboão foi suprimida.

Contemporaneamente, Baasa estabeleceu seu reinado durante uma era de paz. A deserção de seu povo a Jerusalém, no décimo quinto ano de Asa (896-895 a.C.) induziu-o com presteza a fortificar Ramá (2 Cr 16.1) [222]. Devido a que os caminhos que procediam desde o Reino do Norte convergiam em Ramá, a 8 km ao norte de Jerusalém, Asa considerou a questão como

[219] *Ibíd.*, p. 30.

[220] Poste ou árvore junto ao altar, objeto de culto, da deusa Asera. Nas versões portuguesas da Bíblia são também chamados de postes-ídolo.

[221] *Ibid.,* p. 32.

uma ação agressiva estratégica. Enviando a Ben-Hadade, rei da Síria, um presente de ouro e prata tomado do templo, Asa anulou a agressão israelita. Ben-Hadade, então, se apoderou de território e cidades no Norte de Israel. Quando Baasa se retirou de Ramá, Asa utilizou a pedra e a madeira recolhida ali para construir e fortificar Geba e Mispá.

Embora a aliança de Asa com Ben-Hadade parece que teve êxito, Hanani, o profeta, admoestou severamente o rei por sua afiliação ímpia. Valentemente lembrou a Asa que tinha confiado satisfatoriamente em Deus ao opor-se com êxito aos líbios e etíopes de Zerá. Quando se encarou com este problema, havia ignorado a Deus. em conseqüência, se veria sujeito a guerras a partir de então. Ouvindo aquilo, Asa se enfureceu de tal modo que pôs Hanani em prisão.

Outras pessoas igualmente sofreram a causa de seu antagonismo.

Não há registros a respeito das guerras ou atividades durante o reinado de Asa, que foi longo e dilatado. Dois anos antes de sua morte, caiu doente de gravidade fatal. Nem sequer nesta situação e neste período de sofrimento buscou o Senhor. Embora Asa era um piedoso e justiceiro governante durante os primeiros anos de seu reinado, não há indicação nos relatos bíblicos de que jamais se recuperasse de sua atitude de desafio ante as palavras do profeta.

Aparentemente, o resto de seu reinado de 41 anos não foi caracterizado pela positiva e justa atitude que tinha marcado seu começo. O encarceramento de Hanani, o profeta, parece implicar que não tinha temor do Senhor nem de seu mensageiro (2 Cr17.3).

Josafá – Um administrador piedoso

O reino de 25 anos de Josafá (872-848 a.C.) foi um dos mais alentadores, e marcou uma era de esperança na história religiosa de Judá. Nos primeiros anos de ser reinado, Josafá fez reviver a política da reforma religiosa que tinha sido tão efetiva na primeira parte do reinado de Asa. Devido a que Josafá tinha trinta e cinco anos de idade quando começou a governar, deve ter permanecido, muito provavelmente, sob a influência dos grandes líderes religiosos de Judá durante sua infância e juventude. Seu programa esteve bem organizado. Cinco príncipes, que estavam acompanhados por nove levitas principais e dois sacerdotes, foram enviados por todo Judá para ensinar a lei. Além disto, suprimiu os lugares altos e os aserins pagãos, para que o povo não fosse influenciado por eles. Em lugar de buscar a Baal, como o povo provavelmente tinha feito durante as últimas duas décadas do reinado de Asa, este rei e seu povo se voltaram para Deus.

Este novo interesse com Deus teve um amplo efeito sobre as nações circundantes, ao igual que sobre Judá. Conforme Josafá fortificava suas cidades, os filisteus e os árabes não declararam a guerra a Judá, senão que reconheceram a superioridade do Reino do Sul, levando presentes e tributos ao rei. Este providencial favor e apoio o animaram a construir cidades para armazéns e fortalezas por todo o país, estabelecendo nelas unidades militares. Além disso, contava com cinco comandantes do exército de Jerusalém, ligados e responsáveis diretamente a sua pessoa (2 Cr 17.1-19). Como natural conseqüência, sob o mandado de Josafá o Reino do Sul prosperou política e religiosamente.

Existiam relações amistosas entre Israel e Judá. A aliança matrimonial entre a dinastia de Davi e Onri deve ter-se realizado, verossimilmente, na primeira década do reinado de Josafá (cerca de 865 a.C.), já que Acazias, o filho desta união, tinha vinte e dois anos quando ascendeu ao trono de Judá em 841 a.C. (2 Rs 8.26) [223]. Este nexo de união com a dinastia governante do Reino do Norte, assegurou a Josafá do ataque e a invasão procedente do Norte. Aparentemente transcorreu mais de uma década do reinado de Josafá sem notícias entre os primeiros dois versículos de 2 Cr 18. o ano era 853 a.C. Depois da batalha de Qarqar, na qual Acabe tinha participado na aliança síria, para opor-se à força expansiva dos assírios, acabe homenageou a Josafá muito suntuosamente em Samaria. Enquanto Acabe considerou a recuperação de Ramote-Gileade, que Ben-Hadade, o rei sírio, não lhe havia devolvido de acordo com o tratado de Afeque, convidou a Josafá a unir-se a ele na batalha. O rei de Judá respondeu favoravelmente; porém insistiu em assegurar-se os serviços e o conselho de um verdadeiro profeta. Micaías predisse que Acabe seria morto na batalha. Ao ter conhecimento daquilo, Acabe se disfarçou. Ao ser mortalmente ferido por uma flecha perdida, Josafá conseguiu escapar, voltando em paz a Jerusalém.

Jeú confrontou a Josafá valentemente com as palavras do Senhor. Sua fraternização com a família real de Israel estava desgostando o Senhor. O juízo divino viria a seguir, sem dúvida. Para Jeú, isto foi um grande ato de valor, já que seu pai, Hanani, tinha sido encarcerado por

[222] Ver a discussão de Thiele em "*The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings",* pp. 60. O 36º ano data desde o começo do Reino do Sul.

[223] Note-se que 2 Cr 22.2 dá sua idade como de 42 anos, porém, à luz de 2 Cr 21.20 e 2 Rs 8.17, o número 42 é um erro de transcrição.

Asa por ter admoestado o rei. Concluindo sua mensagem, Jeú felicitou a Josafá por tirar do meio os aserins e submeter-se e buscar a Deus.

Em contraste com Asa, seu pai, Josafá respondeu favoravelmente a esta admoestação.

Pessoalmente foi por toda Judá, desde Berseba até Efraim, para alentar o povo a voltar-se a Deus. completou esta reforma, nomeando juízes em todas as cidades fortificadas, admoestando-os a que julgassem com o temor de Deus, antes que com base em juízos particulares ou aceitando subornos. Os casos em disputa deviam apelar-se a Jerusalém, onde os levitas, os sacerdotes e os cabeça de família importantes, tinham a seu cargo o render justas decisões [224]. Amarias, o chefe dos sacerdotes, era em última instancia responsável de todos os casos religiosos. As questões civis e criminosas estavam a cargo de Zebadias, o governador da casa de Judá.

Pouco depois de tudo isto, Josafá se viu enfrentado a uma terrífica invasão procedente do sudeste. Um mensageiro informou que uma grande multidão de amonitas e moabitas se dirigia a Judá, procedentes da terra do Edom, ao sul do Mar Morto. Se aquilo era o castigo implicado na predição de Jeú sobre a pendente ira de Deus, então se viu que Josafá tinha sabiamente preparado a seu povo [225]. Quando proclamou o jejum, o povo de todas as cidades de Judá respondeu imediatamente. Na nova corte do templo, o próprio rei conduziu a oração, reconhecendo que Deus lhes havia entregado a terra prometida, manifestando sua presença no templo dedicado nos dias de Salomão, e prometido a liberação se se prostrassem humildemente diante dEle. Nas simples palavras *"não sabemos o que faremos; porém os nossos olhos estão postos em ti",* Josafá expressou sua fé em Deus, quando concluiu sua oração (2 Cr 20.12). Mediante Jaaziel, um levita dos filhos de Asa, a assembléia recebeu a certeza divina de que inclusive sem ter de lutar eles veriam uma grande vitória. Em resposta, Josafá e seu povo se inclinaram e adoraram a Deus, enquanto os levitas, audivelmente, louvavam o Senhor.

Na manhã seguinte, o rei conduziu seu povo pelo deserto de Tecoa e os alentou a exercer sua fé em Deus e nos profetas. Cantando louvores a Deus, o povo marchava contra o inimigo. As forças inimigas foram lançadas numa terrível confusão e se massacraram uns aos outros. O povo de Judá empregou três dias em recolher o botim e os despojos de guerra. No quarto dia, Josafá reuniu seu povo no vale de Beraca, para uma reunião de ação de graças, reconhecendo que só Deus lhes havia dado a vitória [226]. Numa marcha triunfal, o rei os conduziu a todos de volta a Jerusalém. O temor de Deus caiu sobre as nações dos arredores quando souberam desta miraculosa vitória. Josafá de novo tornou gozar de paz e quietude.

Com um novo rei, Acazias, sobre o trono onrida de Israel, Josafá entrou uma vez mais em íntima afinidade com esta malvada família. Num esforço conjunto, tentaram fretar barcos em Eziom-Geber, para propósitos comerciais. De acordo com a predição do profeta Eliézer, os barcos naufragaram (2 Cr 20.35-37). Quando Acazias lhe propôs outra nova aventura, Josafá declinou a proposição (1 Rs 22.47-49).

Antes do fim de seu reinado, Josafá de novo entrou em aliança com um rei de Israel. Desta vez foi Jorão, outro dos filhos de Acabe. Quando Acabe morreu, Moabe cessou de pagar tributos a Israel. Aparentemente, Acazias, em seu curto reinado, nada disse a este respeito. Quando Jorão se converteu em rei, convidou Josafá a unir suas forças com ele numa marcha através do Edom, para submeter a Moabe (2 Rs 3.1-27) [227]. Josafá de novo teve consciência do fato de que estava aliado com reis ímpios, quando o profeta Eliseu salvou os três exércitos da destruição.

Josafá morreu no ano 848 a.C. em agudo contraste com a dinastia onrida, conduziu a seu povo na luta contra a idolatria em todos seus aspectos. Por sua íntima associação com ao reis malvados e ímpios de Israel, todavia, foi severamente admoestado por vários profetas.

Esta política de aliança matrimonial não afetou seriamente sua nação, enquanto ele viveu, porém foi causa de que fosse quase eliminada a dinastia davídica de Judá, menos de uma década após sua morte. Esta complacência de sua política sincrética anulou, com muito, os esforços de toda uma vida, no bom e piedoso rei Josafá.

Jorão volta à idolatria

Jorão, o filho de Josafá, governou sobre Judá durante oito anos (848-841 a.C.). embora era co-regente com seu pai, não assumiu muita responsabilidade até depois de morrer Josafá.

No relato escriturístico (2 Cr 21.1-20; 2 Rs 8.16-24) se dão certas datas sobre a base de seu acesso ao trono no 853, enquanto que outros se referem ao 848 a.C., quando assumiu o

[224] Para o fundo histórico desta questão, ver Êx 18.21-22; Dt 1.13-17; 16.18-20.
[225] Edershein interpreta isto como o juízo anunciado por Jeú. Ver "*Bible History",* Vol. VI, pp. 78.
[226] Desde a partição da Palestina, o doutor Lambie tem erigido o Hospital Beraca, neste mesmo vale.
[227] Para maiores detalhes e discussão, ver capítulo 10.

completo domínio do reino [228]. A morte de Josafá precipitou rápidas mudanças em Judá. O pacífico governo que tinha prevalecido sob Josafá foi logo substituído pelo derramamento de sangue e uma grande idolatria. Tão logo como Jorão esteve seguro em seu trono, assassinou a seis de seus irmãos, aos que Josafá tinha designado no mando de cidades fortificadas. Muitos dos príncipes levaram a mesma sorte. O fato de que adotasse os mesmos caminhos pecaminosos de Acabe e Jezabel parece razoável atribuí-lo à influência de sua esposa, Atalia. Restaurou os lugares altos e a idolatria, que seu pai tinha suprimido e destroçado. Também se produziram mudanças em outras questões e aspectos. De acordo com Thiele, Jorão, nesse tempo, inclusive adotou para Judá o sistema do ano de não-acessão e sua numeração, utilizado no Reino do Norte [229]. Elias, o profeta, repreendeu severamente a Jorão por escrito (2 Cr 21.11-15). Mediante aquela comunicação escrita, Jorão foi advertido de estar pendente de juízo por seu crime de matar seus irmãos e conduzir a Judá pelos perversos caminhos do Reino do Norte. O tenebroso futuro supunha uma praga para juiz e uma doença incurável para o próprio rei.

Edom se revoltou contra Jorão. Embora ele e seu exército estavam rodeados pelos edomitas, Jorão fugiu e Edom ganhou assim sua independência. Os filisteus e os árabes que tinham reconhecido a Josafá pagando-lhe tributos, não somente se rebelaram, senão que avançaram à Jerusalém, chegando a atacar e a destrocar o próprio palácio do rei. Levaram com eles um enorme tesouro e tomaram cativos os membros da família de Jorão, com a exceção de Atalia e um filho, Joacaz ou Acazias.

Dois anos antes de sua morte, Jorão foi tocado com uma terrível e incurável doença. Após um período de terríveis sofrimentos, morreu no 841 a.C. Os trágicos e surpreendentes efeitos deste curto reinado se refletem no fato de que ninguém lamentou sua morte. Nem sequer se lembraram de dar-lhe a honra usual de ser enterrado no túmulo destinado aos reis.

Acazias promove o baalismo

Acazias teve o mais curto dos reinados durante este período, sendo rei de Judá menos de um ano (841 a.C.) [230]. Enquanto que Jorão tinha assassinado a todos seus irmãos quando chegou ao trono, os filhos de Jorão foram todos mortos pelos árabes, com a exceção de Acazias.

Conseqüentemente, o povo de Judá não teve mais alternativa que coroar rei a Acazias. Sob o conselho pessoal de sua mãe, a maldade de Acabe e Jezabel encontrou completa expressão quando Acazias se converteu em rei de Judá. Sob a dominação daquela mulher e a influência de seu tio, Jorão, que governava a Samaria, Acazias teve pouco que escolher. A pauta já tinha sido estabelecida por seu pai.

Seguindo o conselho de seu tio, o novo rei se uniu aos israelitas na batalha contra a Síria. Devido a que Hazael acabava de substituir a Ben-Hadade como rei de Damasco, Jorão decidiu que aquela era a oportunidade de recuperar Ramote-Gileade dos sírios. No conflito que se seguiu, Jorão foi ferido. Acazias estava com Jorão em Jizreel, o palácio de verão da dinastia onrida, quando a revolução estourou em Israel. Enquanto Jeú marchava contra Jizreel, Jorão foi mortalmente ferido, e Acazias buscou refúgio em Samaria. Numa perseguição posterior, foi fatalmente ferido e morreu em Megido. Como sinal de respeito por Josafá, seu neto, Acazias, foi enterrado com as honras de rei em Jerusalém.

Sem um herdeiro qualificado para encarregar-se do reino de Judá, Atalia ocupou o trono em Jerusalém. Para assegurar sua posição, começou com a execução da família real (2 Cr 22.10-12). O que Jezabel, sua mãe, tinha feito com os profetas em Israel, Atalia o fez com a família de Davi em Judá. Através de uma aliança matrimonial arranjada por Josafá com o malvado Acabe, esta neta de Etbaal, rei de Tiro, se convertera na esposa do herdeiro do trono de Davi.

Indubitavelmente, ela não se manteve todo o tempo que viveu Josafá. O que ela fez em Judá, após sua morte, fica tragicamente revelado nos acontecimentos que se desenvolveram nos dias de seu marido, Jorão, e de seu filho, Acazias. A isto se seguiu um período de terror que durou seis anos.

---

[228] Note-se que a discussão de Thiele acerca disto clarifica aparentes contradições, tais como 2 Reis 1.17 e 8.16; ver "*Mysterious Numbers of the Hebrew Kings",* pp. 61-65. Jorão foi feito, talvez, co-regente antes de que Josafá vencesse com Acabe na batalha contra a Síria, no 853 a.C.

[229] Thiele, *op. cit., p.* 62. Este sistema era usado no Israel, enquanto que, por sua parte, Judá utilizava o sistema do ano de acessão.

[230] Note-se que ele é chamado de Acazias em 2 Cr 22.1,6, enquanto que em 2 Cr 21.7 é chamado de Joacaz.

• CAPÍTULO 12: REVOLUÇÃO, RECUPERAÇÃO E RUÍNA

A línea de Jeú ocupou o trono por quase um século, mais tempo que qualquer outra dinastia no Reino do Norte (841-753 a.C.). Quando Jeú foi entronizado mediante uma revolução, Israel estava debilitado e reduzido a sua menor área geográfica, cedendo terreno a seus agressivos vizinhos. Sob o quarto rei desta família, o Reino do Norte alcançou sua cima em questão de prestígio internacional. Esta efêmera prosperidade se diluiu no esquecimento em menos de três décadas, sob o crescente poder dos assírios.

A dinastia de Jeú

Uma sangrenta revolução teve lugar em Israel quando Jeú, um capitão do exército, desalojou a dinastia onrida. Em sua ocupação de Jizreel, dispôs de Jorão, o rei israelita, Acazias, o rei de Judá, e Jezabel, a única responsável de fazer do baalismo parte tão efetiva na religião de Israel.

Marchando a Samaria, Jeú matou a setenta filhos da família de Acabe e dirigiu a execução de todos os entusiastas de Baal que tinham sido deslumbrados em celebrações massivas no templo erigido por Acabe. Dado que a religião e a política tinham estado tão intimamente fusionadas pela dinastia onrida, a brutal destruição do baalismo foi uma questão de utilidade e conveniência para Jeú.

Jeú logo teve problemas por todas partes. Ao exterminar a dinastia onrida, perdeu o favor de Judá e da Fenícia, cujas famílias reais estavam intimamente aliadas com Jezabel. Nem tampouco se uniu ao novo rei sírio, Hazael, opondo-se ao avanço assírio pelo oeste.

No famoso Obelisco Preto descoberto por Layard em 1846, Salmaneser III informa que percebia tributos de Jeú. Após cinco ataques sem resultado sobre Damasco, o rei assírio conduziu seus exércitos até a costa do Mediterrâneo, ao norte de Beirute, e obteve tributos de Tiro e Sidom, igual que do rei de Israel [231]. Por esta ação conciliatória, Jeú conteve a invasão assíria de Israel, mas incorreu no antagonismo de Hazael, por ter aplacado a Salmaneser III.

Durante os primeiros anos deste período (841-837 a.C.), Hazael resistiu a agressão assíria por si só. Enquanto foram conquistadas algumas das cidades do norte, Damasco se manteve com êxito naquela crise. Os assírios não renovaram seus ataques por quase duas décadas. Isto permitiu a Hazael o dirigir seu poderio militar para o sul, numa renovação de sua guerra contra Israel. A expensas de Jeú, os sírios ocuparam a terra de Gileade e Basã, ao leste do Jordão (2 Rs 10.32-33). Tendo chegado ao trono de Israel por meios sangrentos, Jeú aparentemente nunca foi capaz de unificar sua naca o suficientemente como para enfrentar o poderio de Hazael. Resulta duvidoso que Hazael reduzisse a Jeú à vassalagem síria, mas pelo resto dos dias de Jeú, Israel foi acossada e perturbada pelo citado e agressivo rei sírio.

Embora Jeú suprimiu o baalismo, não conformou a questão religiosa com a lei de Deus. a idolatria ainda prevaleceu desde Dã até Betel, e daí o aviso divino de que seus filhos reinariam após ele somente até a quarta geração.

• *Joacaz*

Joacaz, o filho de Jeú, teve o mesmo rei sírio com quem enfrentar-se por todo seu reinado (814-798 a.C.). Hazael levou vantagem do novo governante de Israel, estendendo o domínio sírio até a terra das colinas de Efraim. O exército de Israel ficou reduzido a 50 cavalheiros, 10 carros de combate e 10.000 soldados de infantaria. Em tempos de Acabe, Israel tinha proporcionado 2000 carros de combate na batalha de Qarqar. Hazael inclusive avançou além de Israel para capturar Gate, e ameaçou com a conquista de Jerusalém, durante o reinado de Joacaz (2 Rs 12.17).

A gradual absorção de Israel pela Síria debilitou o reino do Norte até o extremo de que Joacaz foi incapaz de resistir a outros invasores. As nações circundantes, tais como os edomitas, os amonitas, os filisteus e os tírios, também adquiriram vantagem dos apuros de Israel. Isto se reflete em Amós (1.6-15) e Isaias (9.12).

[231] O retrato desta transação pode ver-se ainda sobre o precipício que existe na boca do rio Dog, perto de Beirute, no Líbano. (Ver G. E. Wright, "*Biblical Archaeology",* pp 156-157.)

Sob a tremenda pressão estrangeira, Joacaz se voltou a Deus, e desta forma Israel não foi completamente subjugada pelos sírios. Apesar deste alívio, não se afastou por completo da idolatria de Jeroboão nem destruiu os aserins na Samaria (2 Rs 13.1-9).

• *Joás*

Joás, o terceiro rei da dinastia de Jeú, governou Israel durante dezesseis anos (798-782 a.C.). Comércio a morte de Hazael, perto e com anterioridade à mudança de século, foi possível começar a restauração de Israel e suas riquezas sob a liderança de Joás.

Eliseu, o profeta, ainda vivia quando Joás ascendeu ao trono. O silêncio das Escrituras garante a conclusão de que nem Jeú nem Joacaz tiveram muito a fazer com Eliseu.

Quando o profeta estava próximo da morte, Joás ascendeu ao trono. Chorando em sua presença, o rei expressou seu temor pela segurança de Israel. Em seu leito de morte, Eliseu instruiu dramaticamente o rei para que disparasse sua flecha, assegurando-lhe que isto significava a vitória israelita sobre a Síria. O milagre final associado com o profeta Eliseu aconteceu após sua morte. Um homem morto, lançado na tumba de Eliseu durante um ataque moabita, foi devolvido à vida.

Com a mudança de reis na Síria, Joás esteve em condições de reconstruir uma grande força combatente. Ben-Hadade II foi definitivamente colocado numa posição defensiva, enquanto Joás voltou a conquistar muito do território ocupado pelos sírios sob Hazael.

A recuperação da zona leste do Jordão pôde não ter sido executada até a época de seu sucessor; mas este foi um período de preparação no qual Israel começou a levantar-se em poder e prestígio.

Durante o reinado de Joás, Amasias, rei de Judá, tomou um exército mercenário israelita para ajudar a subjugar os edomitas (2 Cr 25.6); contudo, seguindo o conselho de um profeta, o despediu antes de ir à batalha. Ao retornar a Israel, estes mercenários rapinaram as cidades na rota desde Bete-Horom até a Samaria, matando 3000 pessoas (2 Cr 25.13). regressando em triunfo da vitória edomita, Amasias desafiou Joás à batalha. Este último respondeu com uma advertência a respeito da sorte que corria um cardo que fez uma petição de um cedro do Líbano. Evidentemente, Amasias não captou o significado de tais palavras. No encontro militar que aconteceu a continuação, Joás não só derrotou Amasias, senão que invadiu Judá, destruiu parte da muralha de Jerusalém, derruiu o palácio e o templo e tomou reféns com os que voltou à Samaria. Sobre a base da sincronização da cronologia deste período, Thiele chegou à conclusão de que esta batalha teve lugar em 791-790 a.C. [232] Embora Joás sentiu-se turbado pela perda de Eliseu, não esteve sinceramente interessado em servir a Deus, senão que continuou em seus idolátricos passos. Seu curto reinado marca o ponto de mudança na fortuna de Israel, como Eliseu havia predito.

• *Jeroboão II*

Jeroboão, o quarto governante da dinastia Jeú, foi o rei mais sobressalente do Reino do Norte. Reinou quarenta e um anos (793-753 a.C.), incluindo doze anos de co-regência com seu pai. Pela época em que tomou as rédeas do poder absoluto do reino (781 a.C.), se encontrou numa posição de levar completa vantagem das oportunidades para a expansão.

Como Onri, o rei mais forte que existira antes dele, a historiografia de Jeroboão II é muito breve na Escritura (2 Rs 14.23-29). A vasta expansão política e comercial ocorrida com este rei está sumariada na profecia de Jonas, o filho de Amitai, que pôde ter sido o profeta de tal nome que foi enviado com uma missão a Nínive (Jonas 1.1). Jonas predisse que Jeroboão restauraria Israel desde o Mar Morto até as fronteiras de Hamate.

Fontes seculares confirmam as referências bíblicas de que Ben-Hadade II não foi capaz de reter o reino estabelecido por seu pai, Hazael [233]. Dos ataques sobre Síria executados por Hadade-Nirari III (805-802 a.C.) e Salmaneser IV, a debilitaram consideravelmente a expensas da Assíria. Além disso, Zakir de Hamate formou uma coalizão que derrotou a Ben-Hadade II e afirmou a independência da Síria durante este período. Isto deu a Jeroboão a oportunidade de recuperar o território ao leste do Jordão, que os sírios haviam controlado por quase uma centúria. Depois do ano 773 a.C., os reis assírios estiveram tão ocupados com problemas locais e nacionais, que não tentaram realizar nenhum avanço sobre a Palestina, até depois da época de Jeroboão. Em conseqüência, o reino israelita gozou de uma pacífica prosperidade, inigualada desde os dias de Salomão e Davi.

Samaria que tinha sido fundada por Onri, foi então fortificada por Jeroboão. A muralha protetora da cidade foi alargada até dez metros em alguns lugares estratégicos.

---

[232] Thiele, *"The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings",* pp. 68-72.

[233] Ver Unger, "*Israel and the Arameans of Damascus",* pp. 83-95.

As fortificações estavam tão bem construídas, que quase meio século mais tarde os assírios empregaram três anos em conquistar a cidade.

Amos e Oséias, cujos livros aparecem na lista deserto profetas menores, refletem a propriedade daqueles dias. O êxito militar e comercial de Jeroboão levou Israel a uma abundância de riqueza. Com este luxo, chegou também um declínio moral e uma indiferença religiosa, tudo isso denunciado valentemente pelos profetas. Jeroboão II tinha feito o mau aos olhos do Senhor, e assim havia motivado que Israel caísse no pecado, como o havia feito o primeiro rei de Israel.

• *Zacarias*

Quando Jeroboão II morreu no ano 753 a.C., foi sucedido por seu filho Zacarias, cujo reinado somente durou seis meses. Foi assassinado por Salum (2 Rs 15.8-12). Com isto acabou bruscamente a dinastia de Jeú.

Os últimos reis

O povo que ouviu a Amós e a Oséias, comprovou quão logo o juízo que ameaçava Israel cairia sobre o país. Num período de somente três décadas (752-722 a.C.), o poderoso Reino do Norte cessou de existir como nação independente. Sob a expansão do império da Assíria, capitulou para não voltar jamais a ser um reino israelita.

• *Salum*

(752 a.C.). Salum teve o mais curto reinado no Reino do Norte, excetuando o governo de sete dias de Zinri. Após ter matado a Zacarias e ocupado o trono, governou durante um mês. Foi assassinado.

• *Menaém*

(752-741 a.C.). Menaém teve melhores propósitos. Esteve em condições de estabelecer-se no trono, com êxito, por aproximadamente uma década. Se conhece muito pouco de sua política domestica, exceto que continuou na pauta idolátrica de Jeroboão I.

O mais serio problema de Menaém foi a agressão assíria. No 745 a.C., Tiglate-Pileser ou Pul começou a governar na Assíria como um dos mais poderosos reis da nação [234]. Aterrorizou às nações, introduzindo o sistema de apoderar-se de pessoas de territórios conquistados, trocando-as de lugar em grandes distâncias. Cidadãos eminentes, diretivos e oficiais políticos, eram substituídos por estrangeiros, com o objetivo de prevenir qualquer ulterior rebelião após a conquista. Nos anos 743-738, Tiglate-Pileser III empreendeu uma campanha rumo ao noroeste, que implicava as nações da Palestina. A evidência arqueológica favorece a teoria de que Uzias, rei de Judá, conduziu as forças da Ásia Ocidental contra o poderoso avanço assírio [235]. Nas crônicas assírias, Menaém está citado como tendo sido reposto no trono sobre a condição de que pagasse tributos [236]. Embora o tempo exato para este pagamento não possa ser estabelecido, Thiele avança a idéia em favor de que os começos da campanha no noroeste coincidissem com o fim do ano do reinado de Menaém [237]. Pacificado por estas concessões, Pul voltou à Assíria e Menaém morreu em paz, com seu filho ostentando a liderança do Reino do Norte.

• *Pecaías*

(741-739 a.C.). Pecaías seguiu a política de seu pai. Continuando na recolhida de tributos como vassalo da Assíria, Pecaías deve ter achado uma forte resistência de seu próprio povo. Muito verossimilmente, Peca se ergueu como campeão em favor do movimento para rebelar-se contra a Assíria, e foi o responsável do assassinato de Pecaías.

• *Peca*

(739-731 a.C.). O reinado de oito anos de Peca marcou um período tanto de crise nacional como internacional. Embora a Síria, com sua capital em Damasco, possa ter estado submetida à Israel nos dias de Jeroboão II, se assegurou a si mesmo sob o mando de um novo rei, Rezim, durante este período de declive de Israel. Tendo como inimigo comum os assírios, Peca se encontrou apoiado em sua política antiassíria por Rezim. Enquanto os assírios estavam

[234] Ver 1 Cr 5.26. ver a discussão de Thiele a este respeito, *op. cit.,* pp. 76-77. Aparentemente, "Pul" era o nome tomado por Tiglate-Pileser quando acedeu ao trono da Babilônia.
[235] Ver Wright, *op. cit.,* p. 161.
[236] Ver Winton Thomas, "*Documents from Old Testament Times*" (Nova York: Nelson &), 1958, pp. 53- 58.
[237] Thiele, *op. cit.,* pp. 75-98.

principalmente ocupados com uma campanha militar em Urartu (737-735 a.C.), estes dois reis se propuseram tentar uma sólida aliança ocidental para enfrentar os assírios.

Em Judá, a corrente pró-assíria aparentemente teve êxito (735 a.C.), colocando a Acaz ao frente do governo, incluso ainda quando Jotão vivia ainda. Conseqüentemente, resistiu pressões de Israel e da Síria para cooperar com eles contra a Assíria. Em 734, Tiglate-Pileser III invadiu os filisteus. Acaz pôde ter apelado aos assírios para que o aliviassem da pressão filistéia (2 Cr 28.16-21), ou talvez já fosse tributário de Tiglate-Pileser. Unger sugere que foi durante esta invasão filistéia quando os assírios tomaram cidades no Reino do Norte (2 Rs 15.29) [238]. A pressão sírio-israelita sobre Judá terminou em luta verdadeira, conhecida como a guerra Sírio-Efrainita (2 Rs 16.5-9; 2 Cr 28.5-15; Is 7.1-8.8). Os exércitos sírios marcharam contra o Elate para recuperar esse porto de mar das mãos Judá para os edomitas, os que indubitavelmente apoiaram a coalizão contra a Assíria. Embora Jerusalém estava assediada e os cativos procedentes de Judá eram levados a Samaria e a Damasco, o Reino do Sul não estava subjugado nem obrigado nesta aliança antiassíria.

Dois importantes acontecimentos afetaram a retirada das forças invasoras procedentes de Judá. Quando os cativos eram levados à Samaria, um profeta chamado Odede declarou que aquilo era um juízo divino sobre Judá e advertiu os israelitas da ira de Deus.

Graças à pressão dos príncipes e de uma assembléia israelita, os cativos foram deixados em liberdade pelos oficiais do exército.

Outro fato importante foi que Acaz recusou ceder às demandas sírio-efraimitas, apelando diretamente a Tiglate-Pileser em demanda de auxílio. O rei assírio tinha formulado sem dúvida seus planos para subjugar a terra do oeste. Tal convite o estimulou para entrar logo em ação. Damasco se converteu no ponto focal do ataque nas campanhas de 733 e 732 a.C., e Tiglate-Pileser blasona ter tomado 591 cidades nesta zona síria, seguido pela capitulação de Damasco, no 732. Síria ficou impotente para poder intervir ou obstaculizar o avanço da Assíria para o oeste. Durante o século seguinte, Damasco e suas províncias, que por duzentos anos tinham constituído o reino influente da Síria, ficaram submetidos ao controle da Assíria.

A queda de Damasco teve as subseqüentes repercussões na Samaria. Peca, que tinha cegado ao poder como o campeão da política antiassíria, ficou humilhado. Com Síria prostrada ante o poder assírio, as oportunidades de sobrevivência de Israel eram quase nulas e carentes de toda esperança. Peca se converteu na vítima de uma conspiração executada por Oséias, o seguinte rei. Sem dúvida, foi a supressão de Peca o que salvou a Samaria da conquista naquela ocasião.

• *Oséias*

(731-722 a.C.). Ao converter-se em rei do Reino do Norte no 731 a.C., Oséias tinha pouco que escolher em sua política inicial. Foi simplesmente um vassalo de Tiglate-Pileser, quem se jactava de tê-lo colocado sobre o trono da Samaria.

O domínio de Oséias foi confinado ao território das colinas de Efraim. Galiléia e o território ao leste do Jordão tinham estado sob o controle assírio desde a campanha do ano 734.

Tiglate-Pileser III pôde ter conquistado Megido durante esta série de invasões desde o oeste, e utilizado como capital administrativa para as províncias galiléias [239]. No ano 727 a.C., Tiglate-Pileser III, o grande rei da Assíria, morreu. Esperando que Salmaneser V não estaria em condições de manter o controle de seu extenso território, Oséias dependeu do apoio do Egito, ao interromper seus pagamentos tributários à Assíria. Não obstante, não foi assim o caso. Salmaneser V pôs em marcha seus exércitos contra o Israel, pondo cerco à cidade mais fortemente fortificada da Samaria no 725 a.C. Durante três anos, Oséias foi capaz de suportar a tremenda pressão do poderoso exército assírio, porém finalmente se rendeu no 722 [240]. Comércio aquilo, terminou o Reino do Norte. Sob a política assíria de deportação, os israelitas foram levados às regiões da Pérsia. De acordo com os anais assírios, Sargão, sucessor de Salmaneser, afirmava ter feito 28.000 vítimas [241]. Os colonos da Babilônia foram estabelecidos na Samaria, e o Reino do Norte ficou reduzido à situação de uma província assíria.

Durante dois séculos, os israelitas tinham seguido a pauta estabelecida por Jeroboão I, fundador do Reino do Norte. Inclusive na mudança de dinastia, Israel nunca se divorciou da idolatria que era diametralmente oposta à lei de Deus, como estava prescrito no Decálogo.

---

[238] Unger, *op. cit.,* p. 100.

[239] Ver Wright, *op. cit.,* p. 161.

[240] Embora Sargão II ganhou fama pela conquista de Samaria, Salmaneser V era ainda rei da Assíria. É possível que Sargão fosse general do exército e estivesse a cargo do cerco. Para mais detalhes na discussão do particular e datas, ver Thiele, *op. cit.*

[241] Thomas, *op. cit.* pp. 58-62.

Ao longo de todo este período, os fiéis profetas proclamaram a mensagem de Deus, advertindo os reis tanto como o povo acerca do juízo divino que pendia sobre eles. Por sua grande idolatria e o fracasso em servir a Deus, os israelitas ficaram sujeitos ao cativeiro em mãos dos governantes assírios.

• CAPÍTULO 13: JUDÁ SOBREVIVE AO IMPERIALISMO ASSÍRIO

O governo de noventa anos da dinastia davídica em Jerusalém foi bruscamente terminado com a acessão ao poder de Atalia no ano 841 a.C. A fruição da política praticada de forma ímpia por Josafá levou a malvada filha de Acabe e Jezabel ao trono de Judá, menos de uma década depois da morte de Josafá. De acordo com a divina promessa feita a Davi, a linhagem real foi restaurada após um interlúdio de sete anos.

Durante este período, quando oito reis da dinastia davídica governaram sobre Judá, a etapa religiosa mais significativa foi a do reino de Ezequias. O relato histórico de esses dois séculos está registrado em 2 Reis 11.1-21.26 e 2 Crônicas 22.10-33-25. contemporâneo de Ezequias foi o grande profeta Isaias, que também proporciona uma informação suplementar.

Atalia – Um reinado de terror

Com o sepultamento de seu filho Acazias, Atalia se encarregou do trono no Reino do Sul no 841 a.C. Para assegurar sua posição como governante, ordenou a execução de todos os descendentes reais, iniciando assim um reinado de terror. Aparentemente não escapou nenhum dos herdeiros ao trono, exceto Joás, o menino filho de Acazias. Durante o reinado de sete anos de Atalia, Jeoseba, irmã de Acazias, escondeu o herdeiro real no templo.

Uma drástica mudança no clima religioso se seguiu à morte de Josafá. Sendo uma fanática seguidora de Baal, como o foi sua mãe Jezabel, Atalia promoveu este culto idolátrico para ser praticado em Jerusalém e por toda Judá. Os tesouros e objetos do templo foram tomados e aplicados ao culto de Baal. Matã serviu como sumo sacerdote em Jerusalém.

Sem dúvida o derramamento de sangue e a perseguição do baalismo no Reino do Norte, sob Jeú, fez que Atalia empreendesse com mais ardor o estabelecimento do culto à fertilidade naquela época de Judá.

Joiada, um sacerdote que tinha sido testemunho do ressurgimento religioso na época de Asa e Josafá, foi o instrumento na restauração da linhagem real. A seu devido tempo, assegurou o apoio da guarda real e Joás foi coroado rei na corte do templo. Quando Atalia ouviu as aclamações, tentou entras, porém foi detida, arrestada e executada no interior do palácio.

Joás – Reforma e reincidência

Joás não era senão um menino se sete anos quando começou seu longo reinado (835-796 a.C.). Devido a que Joiada instigou a coroação de Joás, a política de estado foi formulada e dirigida por ele enquanto viveu.

Com a execução de Atalia, o culto de Baal também ficou destruído. Os altares de Baal foram destroçados e Matã, o sacerdote, morto. Joiada iniciou uma aliança na que o povo prometeu servir a Deus. enquanto viveu, o interesse geral prevaleceu no verdadeiro culto a Deus, embora alguns dos lugares altos ainda ficaram em uso.

O templo e seus serviços tinham ficado grandemente abandonados durante o reinado do terror, e Joás, de acordo com o conselho de Joiada, apoiou a restauração dos holocaustos.

Como o templo devia ser utilizado novamente, e de forma oficial, ficou obvio que devia ser reparado. Para tal propósito, os sacerdotes foram instruídos para coletar fundos por toda a nação, porém seus esforços foram infrutíferos. No vigésimo terceiro ano do reinado de Joás (cerca de 812 a.C.), se adotou um novo método para obter fundos. Foi colocada uma caixa no átrio, ao lado direito do altar. Em resposta a uma proclama pública, o povo dava com entusiasmo no princípio, como o havia feito quando Moisés pediu donativos para construir o tabernáculo.

Artesãos e artistas puseram mãos à obra, reparando e embelezando os lugares escolhidos.

Do ouro e da prata que ainda restavam, fizeram os ornamentos apropriados. A liberalidade do povo para este propósito não diminuiu as contribuições regulares em favor dos sacerdotes.

O apoio popular à verdadeira religião alcançou uma nova altura sob a influência de Joiada, com a restauração do templo.

Pouco tempo depois, o juízo divino caiu de novo sobre Judá. Após a morte de Joiada, a apostasia surgiu novamente, conforme os príncipes de Judá persuadiam a Joás de voltar aos ídolos e aos aserins. Embora os fiéis profetas advertiram o povo, este ignorou as admoestações dos santos varões. Quando Zacarias, o filho de Joiada, advertiu ao povo que não prosperaria se continuavam desobedecendo aos mandamentos do Senhor, foi lapidado no átrio do templo. Joás nem sequer se lembrou da bondade de Joiada, podendo ter salvado a vida de Zacarias.

Hazael já havia estendido seu reino sírio-palestino para o sul, a expensas do Reino do Norte. Após a conquista de Gate, na planície filistéia, se encarou com Jerusalém, somente a 53 km terra adentro (2 Rs 12.17-18). Para evitar uma invasão deste rei guerreiro, Joás despojou o templo dos tesouros que tinham sido dedicados desde os tempos de Josafá, e os enviou a Hazael juntamente com o ouro do tesouro do palácio. A causa deste sinal de servidão, Jerusalém ficou livre da humilhação de ter sido sitiada e conquistada. Presumivelmente deve ter sido o falho em pagar tributo o que empurrou o rei arameu a enviar um contingente de tropas contra Jerusalém, algum tempo depois (2 Cr 24.23-24) [242]. Devido a que o "rei de Damasco" não está identificado pelo nome, é altamente provável que Ben-Hadade II já tivesse sido substituído por Hazael sobre o trono da Síria. Desta vez, o exército sírio entrou em Jerusalém [243]. Após matar alguns dos príncipes, e deixando a Joás ferido, voltaram a Damasco com o botim. Os servidores do palácio aproveitaram-se da situação para vingar o sangue de Zacarias, assassinando seu rei. Joás foi sepultado na cidade de Davi, mas não no túmulo dos reis.

Nesse ínterim, Asa tinha derrotado um grande contingente armado com seu pequeno exército, porque se colocou ao serviço de Deus, depositando nEle toda sua fé. Joás tinha sido destruído por uma pequena unidade armada inimiga. Aquilo foi um claro juízo de Deus. após a morte de Joiada, Joás permitiu a apostasia que se infiltrou em Judá, e inclusive tolerou o derramamento de sangue inocente.

Amasias – Vitória e derrota

Com a brusca terminação do reino de Joás, Amasias foi imediatamente coroado rei de Judá.

Embora reinou um total de vinte e nove anos (796-767 a.C.), foi o único governante somente durante um curto período. Após o 791 a.C., Uzias, seu filho, começou a reinar como co-regente sobre o trono de Davi.

Tanto Judá como Israel tinham sofrido muito seriamente sob o agressivo poder de Hazael, rei da Síria. Sua morte na virada do século marcou o ponto crucial na fortuna dos reinos hebraicos. Joás, que ascendeu ao trono de Samaria no 798 a.C., organizou um forte exército que em seu momento desafiou o poder sírio. Amasias adotou uma política similar para Judá, capacitando sua nação para recuperar-se da invasão e do sangue real vertido.

Um dos primeiros atos de agressividade de Amasias foi recuperar o Edom. Jorão tinha derrotado os edomitas, porém havia falhado em submetê-los a Judá. Embora Amasias dispunha de um exército de 300.000 homens, se fez com uma tropa mercenária de outros 100.000 homens procedentes de Joás, o rei de Israel. Um homem de Deus veio adverti-lo que se utilizasse tais soldados israelitas, Judá seria derrotado na batalha. Em conseqüência, Amasias descartou os contingentes do Reino do Norte, ainda quando tinha pagado por seus serviços. Com seu próprio exército, derrotou os edomitas e capturou o Seir, a capital. Ao voltar a Jerusalém, Amasias introduziu os deuses edomitas em seu povo e lhes prestou culto. Sua idolatria não ficou impune, já que um profeta anunciou que Amasias sofreria a derrota por seu extravio no reconhecimento de Deus (2 Cr 25.1-16).

Amasias, com uma vitória sobre o Edom em seu Haber, se confiou tanto em seu poder militar que desafiou Joás à batalha. As tropas israelitas, que tinham sido rejeitadas sem realizar o serviço militar, foram tão provocadas que rapinaram as cidades de Judá desde Bete-Horom até a Samaria (2 Cr 25.10-13). Isto pôde ter sido a causa da deliberada decisão tomada por Amasias de romper a paz que havia existido entre Israel e Judá por quase um século. Joás acusou bruscamente a Amasias de ser demasiado arrogante e o advertiu de que o cardo, que tinha realizado uma presunçosa demanda ao cedro do Líbano, seria esmagado por uma besta selvagem.

Amasias não prestou atenção que persistiu em confrontar seu exército contra o do Reino do Norte. Na batalha de Bete-Semes, Judá foi completamente derrotado. Os vencedores

[242] Enquanto que E. L. Curtis, "*International Critical Comrnentary",* interpreta esta passagem como uma diferente versão do acontecimento mencionado na citada passagem, Unger, em "*Israel and the Arameans of damascos",* pp. 79-80, advoga por dois diferentes acontecimentos em seqüência.

[243] A data da morte de Hazael e o acesso ao trono de Ben-Hadade II não estão definitivamente determinadas, além do 800 a.C.

derrubaram parte da muralha de Jerusalém, rapinaram a cidade, e tomaram cativo a Amasias (2 Rs 14.11-14).

Com reféns reais e um grande botim, Joás retornou jubiloso a Samaria. Quão desastrosa pôde ter sido esta derrota para Amasias, é algo que não se detalha na Sagrada Escritura. o ato de abrir uma fenda na muralha sanguinária uma total submissão na linguajem do mundo antigo.

Thiele data a invasão de Israel em Jerusalém no 791-790 a.C. [244] Isto coincide com o tempo em que Uzias, com dezessete anos de idade, começou a reinar. Com a captura de Amasias, que tinha realizado tal fanfarronada em seu estúpido desafio a Israel, os líderes de Judá fizeram a Uzias co-regente. O fato de que Amasias vivesse até quinze anos após da morte de Joás (2 Rs 14.17), sugere que possivelmente o rei de Judá foi retido como prisioneiro no trono de Judá, enquanto que Uzias continuava como co-regente [245]. Naquele tempo, Jeroboão II, que já tinha sido co-regente com seu pai desde 793, assumiu o mando total da expansão do Reino do Norte.

A liberação de Amasias pôde ter sido parte de sua política de boa vontade para com Judá, conforme dirigia seus esforços a recuperar o território que tinha sido perdido para a Síria.

A íntima associação de Israel e Judá nos dias de Joás e Amasias, verossimilmente conta pela mudança no sistema de datas. O sistema do ano de não acessão tinha sido usado em Israel desde os tempos de Jeroboão I, e em Judá desde o reinado de Jorão. Então ambos adotaram o sistema do ano de acessão. Se Judá for tributária de Israel, segue-se logicamente que ambas adotassem o sistema de calcular que se fez comum na Ásia Ocidental sob a crescente influência da Assíria [246]. Embora a princípios de seu reinado Amasias tinha abrigado esperanças de melhorar a fortuna de Judá, seus propósitos para o êxito da empresa foram desfeitos com sua captura por Joás. Quando foi restaurado no trono de Davi em Jerusalém, bem fosse no 790 ou no 781, deve ter sido completamente ineficaz em conduzir sua nação para um lugar de supremacia, como anteriormente tinha sido. Por todo o resto de seu reino, Judá foi escurecida pela expansão israelita. Amasias, finalmente escapou a Laquis, onde foi vítima de assassinos que o perseguiram.